

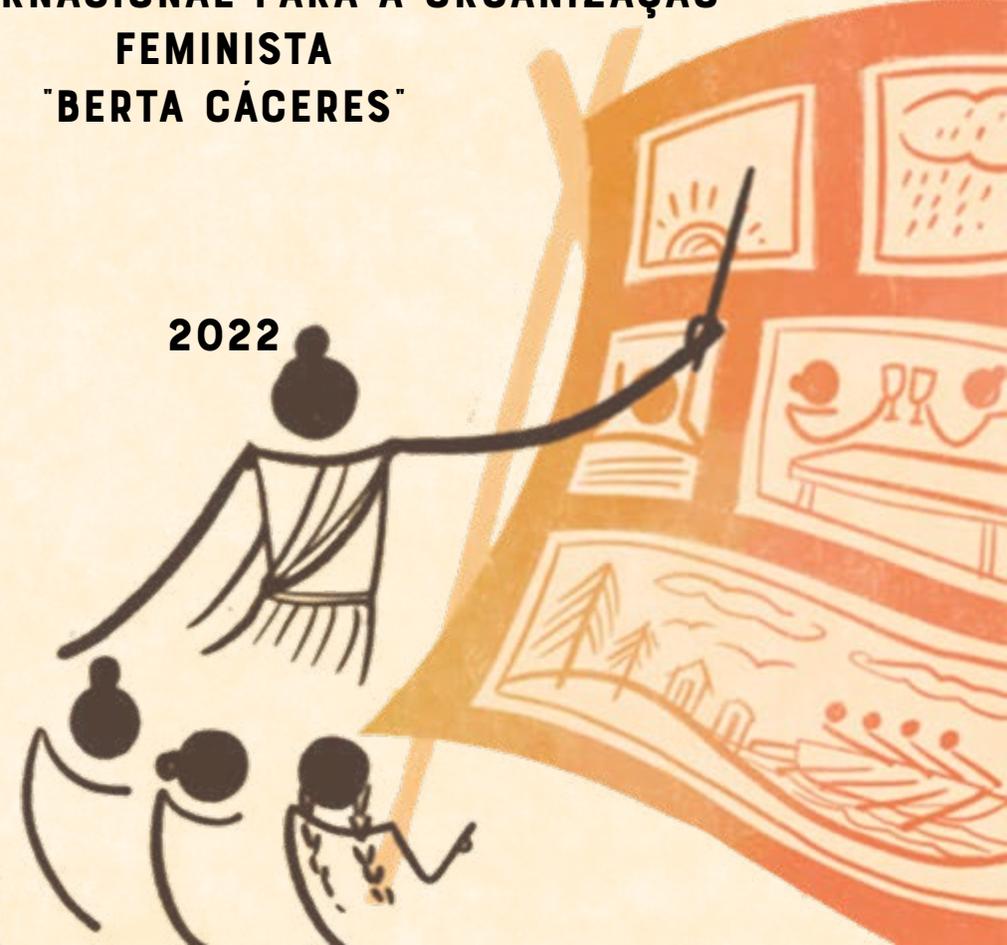


EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA DECOLONIAL



**ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO
FEMINISTA
"BERTA CÁCERES"**

2022





CRÉDITOS

Esta é uma produção da Grassroots Global Justice Alliance (GGJ).

O conteúdo político e metodológico foi desenvolvido em colaboração com a Marcha Mundial das Mulheres e Grassroots Global Justice Alliance (GGJ).

Agradecemos às organizações e pessoas que contribuíram com seus materiais para o desenvolvimento da Escola para Facilitadoras/es 2022 da “Escola Internacional para a Organização Feminista Berta Cáceres”.

Coordenação e produção: Sandra Morán

Ilustração da capa: Emily Simons

Layout e design: Rosario Orellana

Edição: Sylvia Escárcega Zamarrón

Tradução: Elyda de Freitas Healy, Colin Andrew Cook-Miller, Patricia Cornejo, Michel Berger Ribeiro, Ahed Abu Khdeir, Serene Husni, Eduardo Simas, Yasmine Haj, Nefertiti Charlene Altan e Sylvia Escárcega Zamarrón

Agradecemos o apoio financeiro da NoVo Foundation - Radical Hope Fund e da Coordenação da Grassroots International.

ISBN : 979-8-9858527-4-5

2022

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1: SÍNTESE	8
Como fazer uma síntese no trabalho das oficinas: Yohanka León del Río	9
Síntese final	11
Práxis da escola	12
Grupos de prática	14
Sobre o papel das/es facilitadoras/es	15
Como construir processos de formação em nossas organizações?	17
Materiais e metodologia	18
CAPÍTULO 2: TEORIA	21
Mística	22
Educação Popular e Formação Política. Roteiro: algumas ideias para discussão CEPIS	25
Educação Popular Feminista. Alianza Feminista Guatemala	43
A educação popular como criação coletiva de saberes e de ações. Claudia Korol	69
Educação popular. Ranulfo Peloso	78
Mesa redonda Outras contribuições para a educação popular feminista decolonial	82
Apontamentos para uma visão metodológica. Sandra Morán	94
Mediação pedagógica em uma oficina. Gina Alfonso	104
Práticas gráficas para construção de movimento. Emily Simons	105
Instruções para usar o Mentimeter e o Jamboard. Samudra Kiné Weerasekara Randazzo	139
Como usar o Telegram. Yaima Alomar	148
Recomendações da equipe de justiça linguística. Sylvia Escárcega Zamarrón	150
CAPÍTULO 3: PROPOSTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO	167
Documento de trabalho oficina n° 1	168
Documento de trabalho contínuo a partir da oficina n° 2	170
Proposta para a volta à prática	172
Ferramentas visuais interativas para facilitadoras/es da IFOS	176
Defesa da Mãe Terra e da natureza	184
Corpo e sexualidade	185
Estado e democracia	189
Economia feminista	191
Construção de movimento	193
A árvore social: ferramenta de análise social	199
Convite para explorar e responder	204
Informações de experiências de formação política	206
CAPÍTULO 4: GUIAS METODOLÓGICOS	208
Encontro e aprendizagem de ferramentas para o espaço virtual	209
Nossa Prática Comum, a metodologia da IFOS “Berta Cáceres”	213
Educação Popular feminista decolonial: uma concepção prática para despertar consciências	222
Introdução à facilitação	230
Novas propostas para facilitar as oficinas da IFOS	235
Mediação pedagógica, uma ferramenta para a educação popular	242

Organização e logística dos processos ou ações formativas
Espaço aberto para esclarecer, revisar e construir coletivamente

247
250

INTRODUÇÃO

O contexto político e econômico global é um território de luta que nos desafia a fortalecer os movimentos sociais e encontrar maneiras de resolver os graves problemas que vivemos e enfrentamos no dia-a-dia. Constituir-nos como sujeitos políticos e sociais, e fazer avançar nossas propostas, continuam sendo desafios, razão pela qual a formação política e os processos de formação são ações e decisões estratégicas dos movimentos sociais que fortalecem a organização, a articulação e a formação de movimentos capazes de mudar a realidade em que vivemos e de construir uma alternativa de vida

Num contexto de pandemia muito adverso em nível global, mas com muitos sinais de esperança e força provenientes dos povos, mulheres de base, indígenas, afro-descendentes de muitas nacionalidades e diversidades sexuais e de gênero, estamos desenvolvendo a Escola Internacional para a Organização Feminista “Berta Cáceres” durante o ano de 2021, uma escola de formação política feminista destinada a companheiras e companheiros que exercem sua liderança em organizações como a Marcha Mundial das Mulheres, a Rede Ambiental Indígena (IEN), a Grassroots International e a Aliança Popular pela Justiça Global (GGJ). Esta escola tem como objetivos desenvolver o pensamento e compreensão política da realidade global das mulheres, dos povos e das diversidades sexuais e de gênero, fortalecer as alianças e o trabalho organizativo, e propor a economia feminista como uma alternativa ao capitalismo neoliberal que atualmente impera e destrói o mundo.

Com o desenvolvimento do currículo para esta escola, e sua publicação em março de 2022, tivemos condições de desenvolver uma Escola para Facilitadoras/es como um processo complementar. Esse segundo processo concentrou-se em enriquecer os conhecimentos e experiências dos participantes para facilitar processos de treinamento contextualizados em suas comunidades e regiões. O objetivo era, acima de tudo, quem tinha participado da escola 2021 para que, com a experiência adquirida em Educação Popular, pudesse assumir o compromisso de promover e facilitar os processos de formação em suas organizações, tomando como base o conteúdo de formação política da Escola Internacional para Organização Feminista “Berta Cáceres”.

Com o objetivo de ampliar e fortalecer os conhecimentos das/es companheiras/es em Educação Popular feminista decolonial, organizamos e desenvolvemos em cinco idiomas, de abril a agosto de 2022, o processo de formação de facilitadoras/es. Se inscreveram 105 companheiras/es provenientes de 38 países das Américas, África, Europa, Oriente Médio e Ásia, no entanto, por falta de tempo, mudanças de trabalho, sobrecarga de tarefas ou doenças, entre outras razões, 61 companheiras, ou 58% das/es inscritas/es, finalizaram o processo inteiro.

Como já sabemos, o uso da metodologia da Educação Popular nos processos formativos implica enriquecer os conhecimentos e experiências que todas/es temos para nos preparar a viver novas experiências. Por sua vez, mediante um processo de sistematização e síntese dessas experiências, se amplia o conhecimento que já temos e o conteúdo da própria escola. Esperamos que essa ideia política nos permita gerar processos contextualizados para seguir enriquecendo a experiência de todas/es e que essa experiência seja mais uma contribuição as nossas lutas.

Estamos certas/es de que conseguiremos multiplicar Esse processo iniciado com a escola de 2021 em diferentes territórios do planeta e em diferentes comunidades em luta, já que somos todas/es participantes de organizações e/ou comunidades que estão trabalhando para enfrentar os problemas que enfrentamos e estão na luta para superá-los. De fato, durante o curso da escola, algumas das/es participantes fizeram propostas para acompanhar Esse processo, facilitando replicações do conteúdo da escola em suas regiões ou comunidades. A continuação dessas práticas também acompanhará as conexões desenvolvidas entre os participantes durante a escola ou dentro das alianças que já possuem em nível local, o que contribuirá para fortalecer o movimento feminista popular do local para o global.

Neste livro você encontrará uma compilação de materiais sobre Educação Popular feminista e decolonial, incluindo uma reflexão sobre mediação pedagógica, assim como guias metodológicos e oficinas. Esta compilação é

uma contribuição para todas/es aquelas/es que utilizam a Educação Popular como uma ferramenta para processos formativos em aldeias e comunidades. Além disso, você encontrará as diferentes sínteses elaboradas durante o desenvolvimento da escola que dão conta das reflexões e conhecimentos coletivos construídos por todas/es nós. Finalmente, também compartilhamos algumas ideias práticas sobre como desenvolver as oficinas de treinamento político da Escola “Berta Cáceres”, que é o objetivo dessas escolas. Esperamos que estas contribuições guiem o trabalho daquelas/es de nós que estão neste caminho de luta e transformação em direção a uma vida digna em outro mundo possível.

Sandra Morán
Coordenadora 2022

CAPÍTULO 1

SÍNTESE

Na Educação Popular se define que as oficinas de formação são espaços de construção de conhecimento coletivo. Por meio de técnicas de escuta participativas, compartilhamento de saberes, aprofundamento do saber-compreensão e das conclusões das oficinas, essa ação criativa é possível. Porém, para fazê-lo como um ato consciente que contribui com o processo, precisamos sintetizar as discussões nas oficinas e o próprio processo. Este capítulo compartilha uma primeira contribuição sobre como fazer uma síntese com o objetivo de divulgar as construções coletivas desse grupo de lideranças que, a partir de seus territórios, saberes, experiências e linguagens participaram desse processo. É um documento que contém a síntese das discussões da Escola para Facilitadoras/es e documentos que contém a síntese das discussões de cada um das oficinas realizadas.

COMO FAZER UMA SÍNTESE NO TRABALHO DAS OFICINAS? YOHANKA LEÓN DEL RÍO

“SEPARADA DA PRÁTICA, A TEORIA É PURO VERBALISMO INOPERANTE; DESVINCULADA DA TEORIA, A PRÁTICA É ATIVISMO CEGO” -PAULO FREIRE

Essas ideias são fruto da experiência de trabalho na comissão de síntese da Escola Internacional para a Organização Feminista “Berta Cáceres”. Chegamos a ela, a partir da nossa participação voluntária no espaço formativo e assumimos o papel no trabalho em equipe, onde a aprendizagem norteou um percurso e acumulou saberes.

O QUE É UMA SÍNTESE?

É uma coisa complexa que resulta de reunir diferentes elementos que estavam dispersos ou separados, organizando-os e relacionando-os. É uma breve apresentação, escrita ou oral, que como resumo contém um conjunto de ideias fundamentais relacionadas a um assunto ou matéria e que foram dispersadas.

MÉTODO DE PESQUISA

A síntese é um método de conhecimento da realidade e faz parte de um binômio: análise e síntese. O ato de sintetizar é um passo no conhecimento da realidade e é precedido pela análise. Se parte de ter um objetivo de conhecer, levando em conta todo o contexto para fazer um resumo do essencial de todo o processo.

A síntese considera os objetos como um todo, a inter-relação dos elementos que identificam o objeto. O método utilizado pela análise e síntese consiste em separar o objeto de estudo em duas partes e, uma vez compreendida sua essência, construir um todo.

A análise lida com julgamentos, é um processo de conhecimento que se inicia com a identificação de cada uma das partes que caracterizam uma realidade, podendo estabelecer a relação causa-efeito entre os elementos que compõem o objeto de pesquisa.

Análise e síntese são dois processos que se complementam em um.

O que assumimos para o nosso trabalho

- Quando ouvimos um discurso, uma exposição falada, testemunhamos um processo, vivemos uma aprendizagem coletiva, lemos textos, mensagens, intervenções escritas, estamos sempre nos inclinando a resumir tudo, tanto mentalmente, como na forma escrita ou oral, em uma ou duas ideias, ou pensamentos (pode haver outras maneiras).
- Essas ideias são formuladas em conceitos, termos, palavras geradoras, perguntas, afirmações, dúvidas, propostas, discordâncias, etc. Tudo isso nos leva a discernir o que ouvimos, lemos, vimos ou experimentamos.
- Fazer uma síntese é a forma de apresentar as múltiplas determinações de uma situação, problema, processo, etc. Com ela, ideias e propostas são apresentadas afirmativamente por meio de argumentação e contexto.
- Fazer uma síntese nos leva ao processo de extrair, organizar e relacionar entre si as informações contidas em documentos, debates e diálogos participativos, cujas memórias foram registradas ou também anotadas, a fim de obter um relatório sumário que satisfaça uma complexa necessidade de informação.
- As sínteses podem conter dados estatísticos, conceitos-chave, experiências de boas práticas, sempre respeitando as informações, os conhecimentos e os saberes compilados e fornecidos por quem participa do processo de diálogo, debate, intercâmbio, etc.
- As sínteses em nossos processos formativos funcionam como resumos úteis; como uma mescla de extratos de documentos; como informações avaliadas sobre um tópico; e como conclusões para acordar ações, agendas e estratégias colocadas em comum. O resultado das informações sintetizadas facilita a tomada de decisões, o desenho e a execução de ações nos processos internos das organizações e movimentos.

- O valor da informação analisada e sintetizada reside no seu grau de aceitação e utilização, devido à sua pertinência. É necessário adaptar a informação sintetizada às necessidades de quem a recebe e a quem se destina, ao seu nível, às suas capacidades e ao tempo disponível para a sua compreensão e, sobretudo, aos objetivos do processo a partir do qual deriva a síntese.
- Elaborar uma síntese é um ato de produção coletiva de conhecimento, onde há uma complementaridade entre o conhecimento científico especializado sobre o tema específico e o conhecimento gerado a partir da prática popular e organizacional. Seu objetivo é a promoção e o desenvolvimento do pensamento crítico reflexivo daqueles que lideram os processos.
- A síntese deve expressar a produção, reconstrução e reelaboração de significados expressos e compartilhados nos processos, bem como a mobilização de sentimentos.
- Um trabalho de síntese é um insumo para a elaboração de materiais comunicativos, educativos e de formação para organizações e movimentos.
- Você deve respeitar as diversas opiniões expressas, destacar as informações mais importantes, descrever as principais ideias, argumentos e abordagens expressas na troca.
- A síntese pode ser um texto descritivo, analítico, organizando as ideias do ponto de vista de quem se dirige e respeitando os objetivos para os quais a troca foi direcionada.
- A síntese também pode facilitar a leitura de um texto, documento, etc. Para isso devemos ter à disposição todas as informações com as quais vamos trabalhar, fazer uma seleção das ideias-chave, os conceitos geradores, os significados compartilhados.
- A síntese deve ser um texto organizado, claro, com uma linguagem acessível à sua leitura, não muito extensa, onde as ideias sejam expressas de forma independente. Deve permitir o reconhecimento pelas participantes das ideias que foram trocadas no processo.
- A estrutura de uma síntese deve respeitar a ordem do desenho do trabalho ou processo que se resume, mas também deve organizar os conteúdos, as informações e contribuir para a conceituação e argumentação das ideias e significados expressos.
- Toda síntese deve fornecer conclusões, fechamentos de análise, propostas e projeções.

Passos

1. Tenha o máximo de informações sobre o que vai ser sintetizado: programa, desenho, objetivos, documentos base, participantes, organizações e territórios.
2. Analise todas as informações necessárias, classifique por temas, níveis de significância, argumentação.
3. Sintetize os elementos essenciais do objetivo, slogan, diretriz dada para isso.
4. Intercâmbio com as organizadoras e facilitadoras.

Exercício

Pegue um texto, debate, diálogo, troca oral ou escrita e elabore uma síntese em uma única página.

SÍNTESE FINAL

O processo de formação, que decorreu de maio a agosto de 2022, reuniu ativistas, líderes sociais, organizações e processos de mais de 38 países e regiões. Inspirado pelo legado ético e político de Berta Cáceres, o objetivo era fortalecer as capacidades das/es participantes para avançar na construção do feminismo popular através da ação da MMM nas regiões e no mundo, fortalecendo alianças entre as organizações e conectando várias realidades.

Com base na partilha de visões da Educação Popular feminista decolonialista, buscou-se construir um marco interpretativo e uma proposta política de emancipação, baseada na transformação pessoal e coletiva. As oficinas foram desenvolvidas através da criação de um espaço inclusivo para compartilhar e assimilar linguagem, tecnologias, concepções de tempo e diversidades culturais. Os espaços coletivos para a construção colaborativa do conhecimento a partir da diversidade de saberes, da cura do corpo e da incorporação do conhecimento ancestral dos povos originários e suas cosmovisões, contribuíram para o cuidado, a confiança, a auto-estima e a esperança no que somos juntos.

Os desafios para o a formação/capacitação (uno o otro) de facilitadoras/es (...) o processo de formação/capacitação a partir da base, da luta popular, das campanhas e das histórias de vida, bem como de aprender com demonstrações e ações de rua. Partindo dos diversos contextos, o desafio era estruturar os resultados e objetivos para ter um impacto ético e político, assim como tecer uma agenda de luta, uma abordagem unida, uma frente unida para romper os circuitos da violência patriarcal e, desta forma, enfrentar a exclusão e a vitimização.

A modalidade de ter formação on-line, gerenciada por plataformas digitais, é um desafio e um risco, pois é necessário compreender o significado e o poder dessas ferramentas para quebrar hierarquias e brechas digitais, rumo a uma maior horizontalidade e participação igualitária no processo de formação.

Entretanto, podemos reforçar nosso aprendizado e reunir ferramentas para retornar presencialmente às nossas comunidades.

O resultado alcançado posicionou pessoas com conhecimento e capacidade de transformação como sujeitos políticos para o bem comum e fortaleceu a dimensão internacionalista de nossas articulações políticas.

A formação de Facilitadoras/es priorizou elementos práticos, baseados em experiências vividas, a fim de refletir sobre como desenvolver processos de formação em nossas organizações.

As perguntas como método durante a escola obtiveram elementos centrais como, por exemplo:

- A construção da formação em um espaço virtual ou presencial começa com a decisão que é tomada com as pessoas com quem trabalhamos, diante das opressões que enfrentamos, e em termos de como podemos nos aproximar e pensar coletivamente juntos.
- Estabelecer processos de formação com objetivos políticos claros, para a construção do sujeito político, a fim de quebrar as barreiras do senso comum imposto, da resistência à mudança e dos paradigmas.
- O trabalho é organizado em equipes: técnica, Facilitadoras/es, de metodologia, mística, síntese e os temas a serem desenvolvidos.
- A dinâmica simbólica, a abertura e as técnicas são decididas pelos objetivos, agendas e questões a serem abordadas.
- A dinâmica das oficinas começa com o corpo, seu reconhecimento, com a amplitude de experiências e práticas, com tecnologias mais integrais e a partir de sentimentos.
- A mística é o momento central, de natureza político-ideológica, que vem das lutas, do conhecimento ancestral, do conhecimento dos símbolos e das energias.
- A dinâmica dos jogos é o momento performativo do desempenho de formas de resistência que vêm de nossas

raízes e identidades.

- A síntese em seus diversos formatos (visual, escrito, etc.) é uma construção coletiva de conhecimento e expressa os conflitos e possíveis soluções, a evolução de um conceito, as contribuições dos participantes e o respeito à prática das organizações e suas experiências..
- Técnicas participativas são diversas e essenciais, tais como trabalho em grupo, reconstrução de histórias pessoais, exercícios físicos, e assim por diante.
- A articulação com outras metodologias, a partir da construção coletiva, oferece várias opções na aprendizagem e na descoberta de novas ferramentas.
- A avaliação é fundamental para saber como estamos progredindo no caminho, para avaliar horários e cronogramas e para visibilizar as/es facilitadoras/es.
- A facilitação deve ser capaz de lidar com momentos de conflito, conversas difíceis, questões complexas e resistência dentro dos próprios movimentos sociais, interligando todas as questões.
- Os processos de formação são uma prática coletiva, onde a avaliação e auto-avaliação, sistematização, síntese e metodologia estão interligadas com as lutas transformadoras.
- O impacto da formação sobre o futuro não é imediato, mas através da continuidade e acompanhamento a longo prazo das/es participantes.

O principal objetivo da formação em nossa escola era compartilhar sentimentos e saberes sobre quais são as características da facilitação como uma prática educativa. Alguns dos elementos compartilhados foram:

- Aprendizagem de diferentes modalidades.
- Reflexão/autocrítica como facilitadoras/es.
- Equilíbrio na participação e as ferramentas metodológicas.
- Visualizar o trabalho da Educação Popular a partir do feminismo na diversidade de territórios.
- Reconhecimento mútuo e abertura para reconhecer todas as contribuições.
- Formação como estratégia para fortalecer nossos movimentos.
- Necessidade da formação política como caminho imprescindível.
- Organização mais consciente da formação a nível local.
- Ampliação e aprofundamento do marco de referência para construir coletivamente, com as lutas e resistências de mulheres e pessoas da diversidade sexual e LGBTQ2E+ de diversos países.
- Conexão dos conteúdos das oficinas específicas com uma proposta de transformação mais ampla.
- Desaprender, aprender e reaprender a partir da troca de práticas e experiências compartilhadas por outras/es.
- Articulação solidária para desafiar o modelo capitalista, os bloqueios injustos e a criminalização de nossas lutas.
- Condensar em sínteses compreensíveis os conteúdos e priorizar as propostas.

É essencial tornar as ferramentas metodológicas significativas para a comunidade com a qual estamos trabalhando, tais como teatro ou narração de histórias, por exemplo, se elas fazem parte das tradições. A formação de educadoras/es é sobre o direito de reconstruir um conceito de corpos de mulheres e pessoas de diversidade sexual e LGBTQ2E+, a partir do poder que temos de descolonizar-nos. Também está empenhada em encontrar o fogo entre nós e defender a possibilidade de conectar nosso trabalho com nossos calendários pessoais, corporais e coletivos.

Facilitar processos de formação é um processo pedagógico, educativo, de aprendizagem e desaprendizagem, para que a partir do debate e da troca de opiniões se construa um conhecimento coletivo, um diálogo coletivo para a interpretação da linguagem visual, idioma e contexto. A escola feminista está empenhada em construir um horizonte de luta e em imaginar um mundo diferente.

PRÁXIS DA ESCOLA

Na segunda oficina, Aprendendo criticamente com nossa experiência da IFOS, foram trocadas reflexões sobre metodologia,

facilitação, conteúdos temáticos, organização logística e técnica; e se identificaram escopos, desafios, impactos dos objetivos e propostas políticas.

Escopos

1. Participação de 35 países e territórios.
2. Metodologia inclusiva.
3. Interpretação e tradução das palavras e do contexto
4. Justiça linguística
5. Atividade das comissões: mística, justiça linguística, metodologia e facilitação, comunicação, síntese.
6. Ambiente agradável, de confiança, tudo importante e inter relacionado.
7. Construções comuns e coletivas de temas.
8. Economia feminista e interconexão com outros temas.
9. Informações atraentes em vídeo, depoimentos, síntese de cada oficina.
10. Página do Website e Padlet.
11. Denúncia de todas as lutas, a luta contra o bloqueio contra Cuba.
12. Espaços emancipadores, inclusão das diversas culturas, valores, estilos de comunicação, capacidades e necessidades de privacidade.

Desafios

1. Tensão constante entre as plataformas digitais e os objetivos do processo.
2. Desigualdades nas possibilidades e condições de conexão à internet, e a capacidade dos dispositivos tecnológicos.
3. Limitação de idioma.
4. Maior representatividade de outras regiões e de suas lutas, para uma luta global.
5. Aprofundar em: economia feminista, corpo e sexualidade, colonialismo, fundamentalismos, comunidades queer, mulheres e refugiadas, a partir das particularidades das regiões.
6. Valorizar mais os tempos, o ambiente de trabalho doméstico, a segurança, os locais e horários para a participação de todas.
7. Maior diversidade de expressões da mística para ter um melhor diálogo.
8. Mais dinâmicas e aprendizagens coletivas.
9. Sessões de aprendizagem sobre as várias ferramentas das plataformas tecnológicas.

Objetivo político

1. A partir do legado e da luta de Berta Cáceres.
2. Livro digital.
3. Pensar em forma comum a economia feminista, o cuidado e as violências.
4. Fortalecer a organização da MMM nas regiões e no mundo.
5. Fortalecer as alianças, entre as organizações, conectar diversas realidades, promover a unidade.
6. Multiplicar conteúdos e experiências.
7. Recuperação de saberes ancestrais, cultura ancestral e experiência de mulheres indígenas e camponesas.
8. Denunciar a criminalização da luta das mulheres, o impacto da geopolítica nos territórios, e os desafios da luta de classes.
9. Posicionar o conhecimento e a capacidade de transformação, como sujeitos políticos para o bem comum.
10. Dimensão internacionalista de nossas articulações políticas.

Sugestões

1. Atividades assíncronas para realizar fora do horário da escola.
2. Compilar glossários regionais e coletivos.
3. Experimentar com novas ferramentas digitais.
4. Equipe técnica que gere a escola em pequenos formatos, para apoiar a coordenação geral e a participação.
5. Visibilizar teorias e paradigmas desenvolvidos nos processos de aprendizagem com a nossa articulação intelectual.

GRUPOS DE PRÁTICA

A partir de nossas reflexões e práticas temos contribuído para a educação popular feminista:

- Conhecer, aprender e compartilhar as experiências e memórias das mulheres.
- Concepção do lúdico, do prazer, do movimento, o trabalho com o corpo, a cura (de experiências passadas) com uma consciência das assimetrias entre nós.
- Cuidar de todes, das meninas/es durante as reuniões, garantir o alimento do dia, o café, o pão.
- Desvendar as armadilhas do capitalismo, na sobreposição das opressões: de gênero, patriarcado, colonialismo, racismo, classismo.
- Visibilizar as formas de opressão sobre as trabalhadoras domésticas e outros corpos racializados e migrantes.
- Denunciar o colonialismo, a discriminação racial, étnica, colonial, anti-indígena, bem como o deslocamento territorial.
- Desenvolver a pesquisa-ação participativa sobre o capitalismo, o patriarcado e o imperialismo para a transformação do pensamento como indivíduos em sujeitos políticos com força para impulsionar o movimento.
- A construção política, ideológica e pedagógica dos nossos processos e organizações, para a ação, organização política e o sujeito político militante
- Caracterizar os inimigos comuns das lutas feministas populares em diferentes regiões, a partir dos espaços dos grupos de trabalho, para discutir as ideias e as diferenças políticas.
- Vincular as lutas pelas defesas dos territórios contra as transnacionais e as lutas pela soberania alimentar.
- Reivindicação dos conhecimentos ancestrais, a partir da agroecologia, o diálogo entre o conhecimento ancestral e científico sobre a saúde das mulheres.
- Envolver mulheres sem instrução, refugiadas, mães, esposas menores de idade, pessoas queer e trans, agricultoras, mulheres rurais, etc.
- Romper a segregação de classe/privilégios de classe, diferenças de credos, educação, de idade, níveis sociais e trabalhar para eliminá-los.
- Traduzir o pensamento feminista anticolonialista interseccional, em oposição ao feminismo liberal.
- Valorizar a herança feminista local da África e do mundo árabe. Aumentar a quantidade de debate teórico no Norte de África.
- Integrar a história do movimento feminista e as lutas das mulheres da região do sul da Ásia, as minorias femininas, as mulheres imigrantes, as mulheres das zonas rurais, as mulheres com deficiências.
- Mapear nossas ideias, experiências e contextos, o uso de exemplos e imagens para aprender e conectar com as/es outras/es.
- Construir comunicação, informação, acesso a tecnologia, habilidades e processos no espaço virtual para outras comunidades, culturas e movimentos de base.
- Criar currículos interativos, planos e módulos de estudo que sejam indígenas no intelectual e com nossos corpos, mentes e corações, como ferramentas para o ativismo.
- Correlacionar os tempos de aprendizagem nas discussões, debates, ações e práticas, com maior espaço para os intercâmbios intergeracionais.
- Aperfeiçoar a prática de fazer uma síntese, incluindo linguagens não coloniais para entender melhor nossas lutas, com base no que aprendemos.

Problemas encontrados no exercício prático

- Dinâmica das atividades virtuais e as interferências.
- Condições estruturais da conexão que exigem mais trabalho prévio.
- Tempo e espaço para a sensibilização tecnológica.
- Pouco tempo das pessoas e incorporar as famílias para resolver desafios.
- Diversidade territorial e quantidade de participantes.
- Medo de participar em um espaço virtual e das lógicas de atividades presenciais.

Propostas

- Organizar reuniões individuais e cursos de formação a nível local para o acesso.
- Divisão etária das meninas e das mulheres. Meninas menores de 18 anos. Mulheres adultas com mais de 18 anos.
- Tradução do material IEC no idioma local.
- Utilizar a linguagem de sinais.
- Incluir e compreender mais profundamente os feminismos indígenas.
- Compreensão e reflexão sobre os fundamentalismos religiosos em seu contexto.
- Compreender a diferença entre o conteúdo e o processo, manter a energia do espaço e responder de acordo.
- Treinar para desenvolver a habilidade de tomar notas.

Perguntas

- Como funciona a Educação Popular a nível de base?
- Quais são as formas de definir a Educação Popular?
- Que benefícios a educação popular pode trazer à comunidade, na região e de acordo com a língua?
- Até que ponto a tecnologia desempenha um papel no desenvolvimento da educação popular?
- Como a falta de acesso à tecnologia em áreas remotas afeta as oportunidades para as mulheres e meninas?
- Como a educação popular promove a igualdade de gênero?
- Como o patriarcado cria obstáculos na promoção da educação popular?
- Como permitir que a treinadora (capacitadora) sustente e navegue no conflito?
- Como criamos um espaço onde seja seguro debater?
- Quai são os elementos de formação que devemos desenvolver para lidar com as diferenças políticas durante os debates?
- Para onde queremos levar as pessoas?
- O que queremos que as/es participantes tirem disso?
- Quais são os nossos objetivos?

SOBRE O PAPEL DAS/ES FACILITADORAS/ES

Nossas frases:

Crescimento, abertura, compartilhamento, preparação, construção, coerência, paciência, curiosidade, empatia, perguntar, conhecer o tema, contextos e significados do silêncio, capacidade de diálogo e escuta, compreender dinâmicas de poder nas discussões, o papel da síntese, desfrutar da alegria e do bom humor, visão política, gerar mudanças...

Em um constante processo de autoformação e descolonização, transformar a hegemonia.

Traços da facilitação:

- Poder falar e conhecer sobre os temas propostos.
- Garantir um processo em que todas as pessoas possam participar e avaliar a dinâmica que o grupo gera para ajudar a construir a confiança.
- Fazer com que as pessoas se reconheçam nas suas relações pessoais e grupais e a partir das experiências que cada uma traz, da razão, do sentimento e do contexto.
- Liderar o grupo e ajudar as pessoas durante a troca para uma construção grupal das respostas; e confiáveis para que o grupo as alcance.
- Dar ao grupo espaço e tempo para garantir a desconstrução e reconstrução de um pensamento crítico a partir

do entendimento sobre os problemas que enfrentamos.

- Elevar valores de liberdade, solidariedade, mística, símbolos; desde entrar em contato com nossos corpos nos momentos de recepção ou ponto de entrada para eliminar as tensões e ansiedades com que chegamos aos processos de formação.
- Começar com perguntas relacionadas ao problema que enfrentamos, com informação fornecida e condensada para trabalhar na percepção e imagens.
- Usar diversas dinâmicas de reconhecimento e relacionamentos grupais com desenhos de tempo para falar sobre o funcionamento e os conflitos do grupo, e chegar a acordos e consensos de trabalho a partir do respeito e o amor.
- Atender a todas/es e a cada uma/e, contribuir com a integração de uma maneira equitativa, propiciar apoio à participação para criar essas conexões importantes.
- Saber como intervir com as pessoas que vêm ao nosso espaço contra nós e como fazer que o mesmo grupo solucione os conflitos.
- Ter consciência de que não são responsáveis por resolver os conflitos que surgem, mas são responsáveis por promover espaços e soluções, compreender seus diferentes lados e, como grupo, poder resolvê-lo.
- Ter flexibilidade e paciência para ajudar em outro processo que acontece nesses espaços: o autoconhecimento como educadoras/es e avaliar a nossa participação na organização a que pertencemos e os espaços que disponibilizamos.
- Promover a avaliação participativa e coletiva sobre o que funcionou bem, o que não funcionou, o que foi difícil de entender, porque me sinto impaciente com algumas pessoas. A avaliação deve ter como objetivo saber como se sentiram, o que pensaram e avaliar a metodologia.
- Criar uma caixa de ferramentas para abordar diversos temas, sem receitas pré-estabelecidas, mas que contribuam para que temas e conteúdos sejam discutidos de forma pedagogicamente popular.
- Ser inclusiva, dar tempo, espaço necessário e silêncios para digerir a informação; o silêncio também é importante.
- Aprender umas/es com as/es outras/es; as/es facilitadoras/es aprendem com o grupo e o grupo com elas/elus.
- Na África e no Oriente Médio nós nos chamamos as artistas revolucionárias, dessa forma expressamos nosso sofrimento e raiva, essas são nossas místicas.
- Reconhecer como principais dificuldades nossa própria autoformação, as necessidades de trabalhar melhor a metodologia, a logística e aprimorar habilidades tecnológicas.
- Gerar círculos coletivos de aprendizagem, imaginar e construir um vínculo onde todas aprendemos e participamos, como espaços amorosos.

Facilitação como prática educativa

- Aprendizagem de diferentes modalidades.
- Reflexão/autocrítica como facilitadoras.
- Equilíbrio na participação e as ferramentas metodológicas.
- Visualizar o trabalho da educação popular a partir do feminismo na diversidade de territórios.
- Reconhecimento mútuo, abertura para reconhecer as contribuições.
- Formação como estratégia para fortalecer nossos movimentos.
- Necessidade da formação política como caminho imprescindível.
- Organização mais consciente da formação a nível local.
- Ampliação e aprofundamento do marco de referência para construir coletivamente, com lutas e resistências de mulheres de diversos países.
- Conexão dos conteúdos das oficinas específicas com uma proposta de transformação mais ampla.
- Desaprender, aprender e reaprender a partir da troca de práticas e experiências compartilhadas por outras.
- Articulação solidária para desafiar o modelo capitalista, os bloqueios injustos e a criminalização de nossas lutas.
- Condensar os conteúdos em sínteses compreensíveis e priorizar as propostas.

Desafios metodológicos no formato online

- Compreender e ajustar as atividades à diversidade de fusos horários em que as oficinas se desenvolvem.
- Dificuldades de acesso à internet e tecnologia.
- Conciliar a virtualidade com o necessário relacionamento entre as companheiras, adequando os benefícios da presencialidade, o que é vital para a relação entre as mesmas.

COMO CONSTRUIR PROCESSOS DE FORMAÇÃO EM NOSSAS ORGANIZAÇÕES?

Guia metodológico das oficinas

- Ter uma visão global da escola a partir da metodologia da Educação Popular: Partindo do contexto, rumo às nossas experiências, produzindo conhecimento, voltando à prática.
- Considerar processos de formação com objetivos políticos claros, no sentido da construção do sujeito político para romper as barreiras do senso comum impostas, a partir de resistências e paradigmas.
- A organização do trabalho é em equipes: técnica, facilitadoras/es e sistematizadoras/es, metodologia, mística, síntese, pelos os temas a serem desenvolvidos e pela interpretação e tradução.
- Organizar as oficinas com base nos objetivos, nas agendas, no problema a ser abordado, é o que decide a dinâmica simbólica, a abertura e as técnicas.
- As dinâmicas das oficinas devem estar relacionadas aos princípios da Educação Popular feminista, ancoradas na descolonização, a partir do corpo, seu reconhecimento, e daí desenvolvendo conexões com outras temáticas, com amplitude de experiências, práticas e tecnologias mais abrangentes e a partir de sentimentos.
- O momento central da mística é político ideológico: faz parte das lutas dos saberes ancestrais conhecer outros símbolos, energias, o que nos une e nos faz estar presentes.
- A dinâmica dos jogos, momento performativo de atuação como continuidade das brincadeiras da nossa infância, tem como objetivo resistir a partir de nossas raízes e identidades, e compartilhá-las com as novas gerações e essencial para o processo de formação.
- A síntese é uma construção coletiva de conhecimento e expressa os conflitos e possíveis soluções, a evolução de um conceito, as contribuições das/es participantes e o respeito à prática das organizações e experiências.
- Devem ser sínteses mais visuais e implementadas em diferentes linguagens, pois tem a ver com a visão de mundo, e são o elo entre as oficinas; permitem o reconhecimento de experiências e territórios, onde se situam os processos formativos.
- As técnicas devem ser diversas e essenciais para a dinâmica da participação a partir do trabalho de grupo, a reconstrução de histórias pessoais, exercícios físicos, etc.
- Articulação com outras metodologias: a partir da construção coletiva temos várias opções no aprendizado para ir encontrando outras ferramentas.
- A avaliação é fundamental para saber como estamos indo ao longo do caminho, para avaliar horários e dar visibilidade às facilitadoras.
- A formação online demanda preparação e diagnóstico das competências tecnológicas e informáticas para apoiar as/es participantes e nos permite reforçar a nossa aprendizagem, recolher ferramentas para regressar às nossas comunidades presencialmente.
- O uso da tecnologia é um desafio e um risco, para conhecer os sentidos e o poder dessas ferramentas para romper hierarquias e lacunas digitais, rumo a uma maior horizontalidade e participação equitativa no processo de formação.
- O uso de ferramentas tecnológicas é um caminho de aprendizagem que devemos confrontar com a realidade para discutí-las e adaptá-las de acordo com os diferentes contextos de formação de base e popular.
- A construção da formação no espaço virtual e presencial começa com a decisão que tomamos com as pessoas com que trabalhamos, diante das opressões que enfrentamos, e a partir de como podemos nos aproximar e pensar coletivamente juntas/es.
- Partir de pensar e colocar os temas como expressões de processos que vêm de antes, de diferentes

entendimentos sobre qualquer tema, de levar em conta a percepção de pessoas que falam.

- A Educação Popular feminista quebra com a dicotomia do sentir e do pensar, trabalha a dimensão corpo durante o processo de formação, e proporciona momentos de reflexão.
- A facilitação deve saber lidar com os momentos de conflito, as conversas difíceis, os temas complexos e as resistências dentro dos próprios movimentos sociais a partir da inter-relação de todas as questões.
- Os processos formativos são uma prática coletiva, onde a avaliação e a autoavaliação, a sistematização, a síntese, a metodologia estão interligadas com as lutas transformadoras.
- O impacto da formação futura não é imediato, mas sim através do acompanhamento e seguimento das/es praticantes a longo prazo.

Propostas

- O problema do tempo para a experiência prática; trabalhem em pequenos grupos de WhatsApp para poder aprofundar mais.
- Aproveitar o tempo entre as oficinas, porque somos de regiões, realidades diferentes, estamos em um momento desafiador, e essa prática nos ajuda; vamos trabalhar em grupos entre as oficinas.

MATERIAIS E METODOLOGIA

Propostas de intercâmbio em subgrupos

Reconhecemos a importância do trabalho em grupo do qual estão sendo levantadas algumas dicas de trabalho, entre elas a realidade de não criticar as religiões, mas defender o direito de reconstruir um conceito sobre os corpos das mulheres; avaliamos a forma como as corporações e a mídia usam os corpos das mulheres.

Devemos entender o poder que temos como mulheres para nos descolonizar; com atitudes para não nos deprimirmos, encontrar o fogo entre nós e defender a possibilidade de conectar nosso trabalho com nossos calendários.

Fazer com que as ferramentas tenham sentido para a comunidade com a qual estamos trabalhando e não isolar as pessoas; entre elas o teatro, contando histórias como parte das tradições. A escola feminista deve construir um horizonte de luta, imaginar um mundo diferente.

Mediação pedagógica:

Compreender que qualquer processo de formação, em si, é um processo pedagógico, educativo, de aprendizagem e de desaprendizagem.

Todas as pessoas que participam, sejam elas estudantes e/ou as que facilitam, coordenam ou são docentes destes processos, se transformam nesse processo a partir de diferentes responsabilidades.

Um dos elementos principais que devem ser abordados é qual será a responsabilidade, qual será a tarefa, como será organizada e como será assimilado o conhecimento ou o saber das experiências de vida das pessoas que participam desse processo formativo.

Primeiro critério pedagógico: as experiências de vida, os saberes acumulados, a capacidade crítico- avaliativa de quem participa nesse processo.

Atender o seu elemento dialógico, o debate, a troca de opiniões que nos permite construir, no processo formativo, um saber e um diálogo coletivo.

Um novo conhecimento é construído, não imposto. A capacidade pedagógica de quem conduz o processo pedagógico reside em saber por onde puxar os diferentes fios que se vão sendo colocados no processo de construção da formação para o objetivo que se deseja alcançar.

Facilitar a assimilação consciente do que é debatido, do que é construído, do novo conhecimento.

Esses processos têm de enfrentar uma lógica de dominação, pelo que é importante nesta mediação pedagógica que as linhas de trabalho sejam definidas coletivamente, quais são os pressupostos pedagógicos que vão ser assumidos e assimilados por quem participa deste processo formativo.

Sobre como fazer síntese com o uso de imagens

Fazer materiais usando a imaginação, criatividade, folhas, flores, tudo o que a natureza nos dá para usar como materiais, para gerar discussões é uma ferramenta imprescindível para nossas organizações.

Acabam por ser formas de conectar, fazendo com as nossas mãos. Permite a interpretação de uma linguagem, que embora não seja universal, conta com uma alta carga cultural.

A interpretação da linguagem visual depende do idioma, do contexto, mas podemos aproveitar o uso das imagens mais simples e associá-las às nossas emoções, sobretudo quando foram criadas com amor.

Isso pode se tornar uma ferramenta poderosa quando nos une com nossas emoções, desejos e o que desejamos. Eles nos ajudam a saber o que está acontecendo, a nos organizar e entender o processo.

As imagens são processadas de uma maneira diferente da linguagem escrita e da comunicação oral. Ficam gravadas na nossa memória por mais tempo.

Esse pode ser um processo interativo com o uso de imagens acabadas e outras usadas de maneira estratégica para poder chegar ao nosso povo e criar significados.

São um remédio comum para nossas decepções, frustrações, principalmente quando fazemos juntas coisas úteis, como os cobertores.

A arte intimida muita gente porque, assim como o design, é mercantilizada; mas precisamos dessas ferramentas para o nosso pessoal, então temos que correr riscos, torná-las familiares.

Não é necessário ser artista profissional, todas temos a capacidade de fazer arte e imagens, de poder sentir, de contar histórias, de trabalhar coletivamente com outras pessoas. Podem usar ferramentas tradicionais.

Podemos chegar a um propósito comum onde o olhar crítico pode convidar as pessoas a pensar em imagens individualmente. “Coloque-a num espaço onde se encontrem regularmente, pergunte o que vê, o que pensa que está acontecendo, como se conecta a ela, como nos faz sentir e por fim o que o provoca.”

O propósito não é encontrar a resposta, mas construir habilidades críticas políticas, conhecer nossas histórias e conectá-las ao processo político que estamos vivenciando.

Nos processos de criação artística coletiva podemos confeccionar diversos materiais, mas é importante não impor limites as/es participantes.

Escolher insumos, mapear conexões entre insumos e materiais, explicar o cerne da questão, esclarecer a essência do que queremos dizer e comunicar, praticar o pensamento crítico e compartilhar com o contexto.

CAPÍTULO 2

TEORIA

Para a realização da escola fizemos uma compilação de documentos elaborados por educadoras populares, por organizações feministas e por organizações de Educação Popular em Abya Yala (América Latina). Neste capítulo compartilhamos essa riqueza de conhecimentos e a complementamos com documentos elaborados para a escola como uma contribuição para as organizações que buscam ampliar seus conhecimentos sobre a Educação Popular Feminista Decolonial.



Margarita
Murillo

MÍSTICA

Escuela de formación campesina Margarita Murillo
Yasmin Beczabeth López - Coordinadora Pedagógica

A mística é um espaço de construção política e ideológica que engloba a luta pelos direitos humanos das mulheres, homens, meninos, meninas, mulheres idosas, indígenas, comunidades locais, camponeses(as) migrantes, sem-terra e trabalhadores sazonais do movimento camponês e das massas das pessoas.

A mística é fundamental para nossas vidas, sem ela nossa vida cotidiana perde a alegria e a motivação de viver; sem mística na luta perdemos combatividade, a criatividade e o amor pela causa.

Através da mística se fortalece a identidade, o sentimento de pertencimento organizacional; é mais do que um ritual ou uma celebração, deve expressar um ideal coletivo, deve resgatar a memória histórica da luta dos movimentos sociais, reafirmar nossa convicção política e o compromisso de defender nosso território e bens comuns, denunciar, repudiar ações permanentes do sistema capitalista e patriarcal.

A mística, na conjuntura atual, significa recuperar o espírito da militância e liderança popular que é refugiada, desanimada diante de uma situação de crise política, ética, econômica, ambiental e de valores. Todas essas crises são causadas por um sistema de sociedade baseado em um modelo de produção capitalista de exploração das riquezas da natureza, dos homens e das mulheres. Crise que acelera a produção em massa para o consumo em massa, crise dos valores de identidade, do sentimento de pertencimento, de perda de perspectiva para a mudança de rumo.

A mística é mais do que um ritual ou uma celebração; deve expressar um ideal coletivo, deve resgatar a memória das lutas, dos lutadores, reafirmar nossa convicção e compromisso político, deve refletir ou denunciar nosso repúdio às ações do sistema capitalista dominante.

Elementos que compõem a mística:

- Música
- Imagens: fotos, pinturas, murais, desenhos
- Poesia, poemas, arte
- Significado das velas
- Memória histórica; resgate dos saberes ancestrais como a medicina natural, flores, frutas, verduras, cheiros, água, terra, velas.
- Símbolos: as bandeiras das organizações e dos países que podem ser usadas, ferramentas de trabalho, fogo.
- Forma, expressão, a mística não se explica.
- Conteúdo: socialização o tema do dia.
- Conhecimento
- Prática genuína
- Hino das organizações ou pode ser A Internacional, O Povo Unido.
- O tempo marca o nosso compromisso.

- As pessoas vão cobrar a nossa prática.
- A mística nos encoraja em nossa luta.
- E se errarmos na construção de um futuro melhor, a história nos absolverá.
- Sempre apresente slogans: por exemplo, “Vamos globalizar a luta, vamos globalizar a esperança”!

Significado das velas:

1. Vermelho: lugar do nascer do sol, o leste, se acende para pedir luz, compreensão. Se associa ao sangue e ao milho vermelho. (No Maya o vermelho não está relacionado ao amor).
2. Preto ou roxo: lugar de descanso, a oeste, da noite. Se acende para que não haja dificuldades e problemas. Se associa com o lugar da noite e do milho preto.
3. Amarelo: lugar do ar e do sul. Se acende para que tenhamos equilíbrio em nosso jeito de ser e que o vento sagrado tire os problemas. Está associado ao local da chuva, à cor da pele, à ligação com os povos originários.
4. Branco: lugar do frio, geadas e o norte. Se acende para pedir que os nossos ossos não fiquem frios, ar.
5. Azul: Coração do céu. Se acende para agradecer ao Criador e Formador pelo que ele nos tem dado. Para pedir proteção do céu.
6. Verde: Coração da terra. Se acende para agradecer ao coração da terra por nos sustentar e alimentar. Se pede abundância de penas de quetzal e jade (riqueza espiritual e material).



Que coisas não devem entrar na mística? Por exemplo, o plástico, o nylon.

HINO DE NOSSA ORGANIZAÇÃO CODIMCA

Vou contar-lhes, senhores, a história
Do que faz a CODIMCA em Honduras
Para promover a mulher camponesa
Prestando serviços sem fins lucrativos

E em setembro de 1988
Marcam sua etapa de constituição
Em um congresso fraterno e unido
Decidem formar-se em organização

A CODIMCA é a resposta do povo

Que as mulheres queriam saber
Sobre proclamar seus direitos negados
Que tanto tempo queriam saber

Que todinhas se levantem
Que se chamem a todas, viva a mulher
Que não haja uma entre nós
Que fique atrás de todas as demais

Em sua estrutura que tem formada
Como é saúde e alfabetização

Mulheres claras convencem e incentivam
Como resultado da educação

Em toda luta dizemos presente
Quando se trata de paz e liberdade
Pela conquista social do trabalho
Que tanto quisemos poder alcançar

Agradecemos aos nossos amigos
De dentro e fora do nosso país
Que com o seu apoio nos tem demonstrado
Confiança e respeito que está do seu lado

Que todinhas se levantem
Que se chamem a todas, viva a mulher
Que não haja uma entre nós
Que fique atrás de todas as demais.

A Internacional (L'Internationale em francês) é a canção mais famosa do movimento operário. É considerada o hino oficial dos trabalhadores do mundo inteiro. A letra original é de Eugène Pottier e foi escrita em 1871 dentro de sua obra Cantos Revolucionários. Em 1888 Pierre Degeyter a musicalizou.

Arriba los pobres del mundo,
de pie los esclavos sin pan
y gritemos todos unidos:
¡Viva la Internacional!

Removamos todas las trabas
que nos impiden nuestro bien,
cambiemos el mundo de base
hundiendo al imperio burgués.

Agrupémonos todos
en la lucha final
y se alcen los pueblos con valor
por la Internacional.

El día que el triunfo alcancemos
ni esclavos ni hambrientos habrán,

la tierra será el paraíso
de toda la Humanidad.

Que la tierra dé todos sus frutos
y la dicha en nuestro hogar,
el trabajo es el sostén que a todos
de la abundancia hará gozar.

Agrupémonos todos
en la lucha final
y se alcen los pueblos
por la Internacional.

Agrupémonos todos
en la lucha final
y se alcen los pueblos con valor
por la Internacional.

**Globalizemos a luta
Globalizemos a esperança**

EDUCAÇÃO POPULAR E FORMAÇÃO POLÍTICA ROTEIRO: ALGUMAS IDEIAS PARA DISCUSSÃO CEPIS FEVEREIRO DE 2018

CONCEPÇÃO DA FORMAÇÃO POLÍTICA

1. **Formação.** Certas visões reduzem a formação a cursos, seminários e palestras, que transformam o treinamento num **evento**. É verdade que na formação há aulas, cursos, seminários e palestras; mas se um evento não faz parte de um processo ou não se torna um evento político podemos compará-lo a um incêndio: por maior que seja, só deixa cinzas. Pior do que isso é acreditar que a formação é a panaceia, o remédio para curar todos os males e fracassos da organização popular.
2. **A formação faz parte de um tripé: Organização, Ação e Formação.** Ou seja, a formação tem uma intenção: qualificar as pessoas que já estão lutando ou que se dispõem a lutar. Por esse motivo, a formação é definida como: a) instrumento/ferramenta de uma organização para compartilhar uma causa comum, uma visão de mundo e uma estratégia. b) ajuda a desenvolver ou implementar uma intenção, implícita ou explícita. c) faz com que a ação se torne uma prática, que é a ação pensada a serviço de uma determinada proposta.
3. **Tríplice tarefa de formação política:** A formação por si só não transforma a realidade, mas sem formação não há transformação. A formação contribui para: a) **a elaboração** ou implantação de uma estratégia de poder; b) **a qualificação** (técnica, política e cultural) de militantes para disputar a hegemonia numa sociedade dividida em classes (ou seja, preparar a militância para a luta de classes); c) **na elevação** da consciência - seu papel é incorporar a massa como ator político e não como massa de manobra.
4. **A formação é um ato político**, pois o ato político é educativo. Política tem a ver com PODER. Quem fala de poder fala de uma disputa pelo poder, da FORÇA necessária capaz de possibilitar a realização dos interesses de uma classe e manter a classe adversária sob controle. Por isso há disputas de poder e o mais importante é de que LADO cada um se posiciona.
5. **Não há formação politicamente neutra.** Numa sociedade com classes, não pode haver educação para todas/es, sempre será a favor de alguém e contra alguém. A educação serve para a pessoa se acomodar ao mundo ou envolver-se em sua transformação. Sendo transformadora, é contra quem ganha com a situação atual e a favor de quem é prejudicado por ela. Sendo conservadora, coloca-se a serviço de grupos que se beneficiam com a manutenção da dominação.
6. **A formação ocorre na escola.** A escola, em sua origem, significa ócio, espaço de pensamento criativo. Uma oficina diabólica ou simbólica. A elite tinha comida e podia filosofar - criou-se a separação entre quem pensa e quem trabalha. Hoje a escola pode educar ou escolarizar. A escolarização simples nega o ócio (nec+ocio) [latim nec+otium, sem ócio], serve para formar e alienar sujeitos passivos que vendem sua força de trabalho no mercado em troca de um salário para garantir sua sobrevivência e continuidade.
7. **A escola trata do saber.** Apenas o conhecimento liberta quando não se reduz à mera instrução, à assimilação e repetição de conceitos. A escolarização pode levar à erudição e não à formação. “Desde pequeno tive que interromper minha educação para entrar na escola.” A informação é conhecimento quando se torna parte da vida de uma pessoa, quando ajuda a conhecer o mundo e fornece ferramentas para transformá-lo. Quem sabe como fazer, mas ainda não fez, ainda não sabe. A formação transforma a ação em prática, em ação pensada e intencional. O conhecimento pressupõe apreensão, assimilação da realidade e aplicação do saber na vida concreta.
8. **O ensino da dominação** se torna verdades que são transmitidas por instituições como a família, ou repetidas pelo senso comum na forma de repressão física, moral e psicológica. A dominação também usa a religião para legitimar a exploração e moldar a classe oprimida. É o próprio sistema escolar que confere caráter científico à visão dos fatos que atende aos interesses da classe que detém o poder. Os meios de comunicação controlados se encarregam de impor o padrão cultural em favor dos novos e antigos colonizadores.

9. Não se pode **ignorar nem negar dimensões** importantes na educação “tradicional” como as tradições saudáveis, o espaço educativo familiar, o espírito libertador, a escola de formação de espírito crítico, os meios de comunicação que revelam a opressão e incentivam a participação. Famílias, igrejas, escolas e os meios de comunicação foram e podem ser espaços importantes para despertar a consciência e o compromisso com a luta pela transformação social.

SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR

- A educação popular não se reduz** a procedimentos, dinâmicas de grupo, uso de recursos audiovisuais. O pedagogismo e o metodologismo infantiliza quando produz a euforia do participativo e não prepara os sujeitos políticos para compreender a realidade e se comprometer com sua transformação. Quem só faz pedagogia, metodologia sem visão política, faz contra-educação popular. Porque não há Educação Popular fora dos processos de luta popular.
- Alguns **procedimentos “participativos”** manipulam as pessoas criando a impressão de que são parte de algo. Há grupos que praticam o sócio-negócio, ou seja, ganham dinheiro - por ideologia ou oportunismo - promovendo oficinas, laboratórios, workshops, palestras motivacionais que domesticam (capacitam) cidadãos, os novos escravos que sustentam a continuidade e o sucesso do mercado capitalista com sua força de trabalho.
- A educação popular usa **recursos pedagógicos** para estimular a participação, a cooperação e a assimilação de conceitos abstratos e do próprio método. O uso de imagens (desenhos, vídeos, poemas, piadas) são formas de atingir um objetivo. São instrumentos que auxiliam no processo de tradução, reconstrução e criação coletiva do conhecimento da realidade. Eles nunca podem ser vistos como receitas mágicas que sozinhas alcançarão esse objetivo.
- Educação Popular são todos os esforços de mobilização, organização e qualificação** (política, técnica e cultural) **que preparam as classes populares para o exercício do poder que devem necessariamente conquistar.** Educadores despertam e ajudam a desatropiar o corpo, a mente e o coração, e com isso devolvem a voz e transformam o povo em sujeito político capaz de decidir seu destino e o destino coletivo de toda a sociedade.
- Educação Popular **é uma** de formação política a serviço da classe explorada. Esse processo longo e difícil requer **comprometimento** e responsabilidade da pessoa na construção, apropriação e multiplicação do conhecimento. A educação popular **desperta e qualifica** o campo popular para quebrar a lógica do capital e construir a ordem socialista. Essa experiência de aprender e ensinar só pode interessar à classe oprimida - no capitalismo não há lugar para ela.
- A **formação popular é uma ferramenta** de organização popular para: a) Traduzir, difundir e recriar o saber; b) Elaborar e acompanhar a estratégia da organização; c) Qualificar militantes para transformar, desde a raiz, o sistema capitalista; d) Elevar o nível de consciência da classe oprimida; e) Incorporar a massa como sujeito político; f) Facilitar a assimilação e aplicação da metodologia participativa; g) Engajar a pessoa na multiplicação criativa da aprendizagem.

EDUCAÇÃO POPULAR E DIALÉTICA

- A Educação Popular adota a concepção dialética do conhecimento. Afirma que ideias não caem do céu nem vêm de berço, e que afirmações idealistas e fatalistas servem para justificar o privilégio de pessoas e classes. As ideias nascem da prática social - a luta pela produção, a luta de classes, as experiências científicas - e tornam-se uma força material capaz de transformar as pessoas e o mundo; e num movimento sem fim para renovar e revolucionar o conhecimento e a realidade.
- A Educação Popular afirma que **toda história tem dois lados.** Segue, então, o método **dialético** que vê a realidade como uma **tensão permanente** e um intenso processo de luta. O **conflito está na essência da vida** minerais, vegetais, animais e humanos. O conflito cria o **movimento**, que gera a **mudança**, a vida social, a história, a possibilidade de destruir e reconstruir. Portanto, não há necessidade de temer o conflito e a **luta**

dos opostos. Em vez de ignorar, esconder ou conciliar, vê a contradição como favorável à transformação da realidade.

- O olhar dialético desperta** a classe explorada para que perceba que no capitalismo há uma **luta** entre o **capital** e o **trabalho**. Vê a contradição como desafio e possibilidade: a contradição torna possível a mudança. O movimento gerado pelo conflito nos dá a certeza de que o mundo não foi e nem sempre será assim: que tudo pode mudar porque tudo que foi construído pode ser desconstruído e reconstruído.

UMA PEDAGOGIA DE CLASSE

- A Educação é Popular porque é uma pedagogia que tem lado, que serve à classe trabalhadora em seu caminho para construir uma nova ordem social, uma alternativa à exploração e à dominação. Essa concepção opta por um dos pólos da luta de classes (a classe oprimida) e se coloca a seu serviço, a serviço da classe que tem condições de transformar, desde a base, a estrutura da sociedade capitalista.
- A Educação Popular tem uma intenção explícita. O conhecimento tem objetivo, direção e finalidade. A intencionalidade dá direção ao conhecimento e à ação desse conhecer. A intencionalidade política da educação popular é direcionar a ação com base numa ideologia, valores e o direcionamento que dá às forças sociais e políticas presentes entre os pobres.
- A Educação Popular é uma ferramenta na estratégia da organização popular. Você não forma uma pessoa e depois vê o que ela vai fazer. Você aposta em quem já luta ou está disposto a lutar. O seu conteúdo, método e ritmo respondem a uma concepção do mundo, uma visão da sociedade e uma opção por determinados princípios e valores. A educação está a serviço de uma ideologia e de uma proposta, como instrumento para formular e realizar sua estratégia. Portanto, contribui para a formulação, aprimoramento e implementação da estratégia.
- Na luta popular, as pessoas não formam um clube de amigos. Isso não as impede de se tornarem amigas. Mas o que une pessoas e grupos é a realização de um desejo, a defesa de um interesse ameaçado ou a busca de uma causa comum. Para dar coesão à sua proposta, a organização constrói processos de convencimento para fortalecer o grupo que luta para viabilizar a conquista ou a implantação de um sistema que garanta seus interesses de forma permanente.
- A Ed Popular é uma disputa de hegemonia. A hegemonia de uma classe é necessária para exercer um processo de liderança, seja no plano político, cultural ou ideológico. Essa hegemonia da classe no poder é construída e recriada no cotidiano. É por meio dela que os valores são internalizados e se constroem sujeitos domesticados ou críticos. O capitalismo, por exemplo, mesmo sem resolver os problemas da maioria, consegue convencer o povo de que não há alternativa de vida fora desse sistema.

MÉTODO NA EDUCAÇÃO POPULAR

- Para a Educação Popular, educar é **extrair do povo o que o povo já sabe** apesar de não estar sistematizado. Às vezes o povo sabe o que quer, mas querem o que não conhecem - Não sabe que sabe, não tem consciência. A Ed Popular acolhe o saber do senso comum e **problematiza as “certezas”**, além de compartilhar o **saber acumulado** da prática social. Tudo isso contribui para a criação permanente de novos conhecimentos, para responder às questões da vida e às ansiedades da existência.
- Guiado pela concepção dialética, a Educação Popular utiliza o método **indutivo e dedutivo**. É indutivo quando observa as partes e através de um processo de construção e síntese supera a ingenuidade e a alienação e consegue apreender o todo. É dedutivo quando parte da visão global para entender as particularidades. Em ambos os métodos, é fundamental considerar a realidade concreta e a participação das pessoas como atores que se apropriam do conteúdo e do método.
- A tarefa educativa consiste em: a) ir para o meio do povo, aprender com ele, extrair princípios e métodos das experiências; b) recolher as ideias dispersas do povo; c) transformá-las em ideias sistematizadas; d) voltar e divulgar essas ideias para o povo para que as assumam e as transformem em ação; e) verificar a relevância

dessas ideias na vida concreta; f) ajudar o povo a colocá-las em prática para resolver seus problemas e alcançar a libertação e a felicidade.

- d. A pedagogia popular considera: a) a **vontade do educador**, sua visão de mundo e experiência acumulada; b) o **desejo do povo** expressa em potencialidades e demandas; c) o contexto das pessoas em sua rede de relações econômicas, históricas, culturais, políticas e sociais; d) a **disposição para troca** de educadores/aprendizes em papéis complementares de “parturiente” ou de “parteira”
- e. Alguns **princípios metodológicos** orientam a pedagogia da EP: a) Toda pessoa é capaz; b) a classe oprimida pode se interessar pelo processo de libertação; c) as pessoas que trabalham têm condições objetivas de realizar transformações; d) Somente aqueles dispostos a lutar para mudar as coisas devem ser incluídos nos programas de formação.

“Imagine-se como uma parteira. Você acompanha o nascimento de alguém, sem exibição ou alarde. Sua tarefa é facilitar o que está acontecendo. Se você deve assumir o comando, faça-o de forma a ajudar a mãe e deixá-la continuar livre e responsável. Quando a criança nascer, a mãe dirá com razão: nós três fizemos esse trabalho”.

Ad. de Lao Tse, séc. V a. c.

PEDAGOGIAS

Esquemáticamente, fala-se em três modelos de metodologia que dialeticamente se repelem e se atraem:

- O **autoritário**, usado para “domesticar” as pessoas; ensinar a **obedecer e reproduzir um padrão** de comportamento adequado à ordem dominante. Convém distinguir aqui autoridade de autoritarismo, que é a imposição de uma decisão por alguém que se considera superior. Autoridade é a firmeza em cumprir e fazer cumprir os acordos. Para o povo, profetas e revolucionários assumiram uma posição vertical, aparentemente contra a maioria. Porque a maioria não garante justiça na posição, pode significar que há mais pessoas erradas.
- O **libertador** potencializa a participação, nem “para”, nem “sobre”, mas “com” as partes envolvidas. Desperta o senso crítico, a autoestima e combate o modelo de formação que naturaliza a existência de superiores e inferiores, via “consensos”, imposições e preconceitos. Um certo respeito pelo popular, o horizontalismo, pode ser uma reação à concepção autoritária; mas pode ser confundido com o tratamento que infantiliza o povo ao enaltecer o atraso. O basismo é a aceitação do senso comum contraditório sem problematizá-lo; essa postura pode tender ao oportunismo e à demagogia.
- O **populista** usa o discurso da metodologia libertadora e a prática da metodologia autoritária para manter as pessoas dominadas e criar nelas o sentimento de que fazem parte. Essa postura perpetua a dependência, o sentimento de inferioridade, o servilismo. Mas, cuidado, fazer “para” nem sempre é manipulação, assistência ou paternalismo. Há os gestos de quem faz sem exigir nada em troca, e o fato de ser “contra” nem sempre significa ser menos amoroso ou mais arrogante.

EFICIÊNCIA E EFICÁCIA DA EDUCAÇÃO POPULAR

A eficiência e eficácia da Educação Popular é visível quando: a) anima e apaixonava o oprimido resgatando sua identidade e autoestima; b) mobiliza rompendo a letargia e o sentimento de impotência gerados pela dominação em suas diversas formas: individualismo, consumismo e fatalismo; c) qualifica a militância para atuar na realidade social; d) obtém resultados que beneficiam a vida e elevam o nível de consciência, conquistando e politizando; e) causa a multiplicação criativa, partindo da particularidade para chegar à massividade; F) canaliza os processos legítimos de luta pela emancipação para o Projeto de Transformação; g) articula práticas num nível cada vez mais amplo.

SOBRE O TRABALHO DE BASE

“Se encontravam agrupados e presos ao solo, por uma raiz comum, como uma moita de bambu. E, como esse vegetal,

se inclinavam e se curvavam. Mas sobreviviam às maiores tempestades”.

“Morris West, “O Embaixador”

INTRODUÇÃO

1. Uma pessoa entra na política, ou se dedica a uma causa quando se sente **um sujeito político** com potencial para construir uma nova ordem social, livre e feliz. O Trabalho Popular é ajudar as massas a soltar sua voz e a se assumir enquanto **ator político**. A massa não é auxiliar, mas decisiva na conquista, construção e manutenção do poder. Quando o Trabalho Popular tiver objetivo, estratégia, planejamento, disciplina, método, continuidade, grau de organização, e estiver vinculado à luta concreta... ele se difundirá, sustentado pela massa reunida em inúmeros pequenos grupos.
2. Todo grupo (empresa, escola, igreja, movimento, time de futebol) que tem seus objetivos claros busca, prepara, acompanha e sustenta uma base para garantir sua realização e continuidade. Não existe “trabalhinho de base”, mas sim um combate vigoroso contra o campanismo, o eventismo e o ativismo em torno de ondas e modismos. Quando o campo popular está em crise de direção, seu “trabalho de base” torna-se pedagogismo: uso de metodologias e dinâmicas “participativas”, insuficientes para implantar um projeto de mudança na base.
3. O trabalho de base não é uma obra caridosa ou assistencialismo; é uma estratégia de luta e organização popular. Não pode ser reduzido à agitação e propaganda, mobilização, panfletos, reuniões, visitas de casa em casa, ...ainda que você faça essas ações. Quando a organização tem um objetivo e um caminho claros, o trabalho de base não se confunde com a metodologia de fazer o trabalho na base. É um erro opor conteúdo e metodologia, no trabalho na base - a estratégia certa exige a melhor metodologia e vice-versa. Quando o campo popular está em crise de direção, seu “trabalho de base” torna-se pedagogismo: uso de metodologias e dinâmicas “participativas”, insuficientes para implementar um projeto de mudança, na base.

CONCEPÇÃO ESTRATÉGICA

1. O **capitalismo não pode** nem se propõe a resolver os problemas do povo. Sua preocupação é a reprodução e acumulação de capital. Só o sistema **socialista se propõe a enfrentar** e resolver as contradições da luta de classes. Por isso, não pode se tornar um discurso, tem que ser algo que possa ser vivido e sentido, no plano econômico, político, cultural e espiritual.
2. Como instrumento da nova ordem social, o trabalho de base tem uma causa justa, um método de leitura da realidade e um projeto de país, traduzido num programa popular. Isso requer uma estratégia de poder, um caminho para alcançá-lo, uma organização que o dirija e lhe dê coesão política e ideológica, e militantes que se entreguem ao processo de transformar a sociedade capitalista desde a raiz.
3. O trabalho de base é a **implementação de uma estratégia de poder**, feita por membros de uma organização, numa base social. Sua intenção é **plantar sua bandeira num território**. Sua tarefa nessa base social é: a) **resolver, com o povo**, os problemas cotidianos; b) **relacionar a luta imediata**, econômica e local, com a luta geral e política; c) **incorporar a massa** como sujeito político; d) preparar novos/as militantes.
4. Assim, o trabalho de base é **o enraizamento da ação política de militantes de uma organização para materializar um projeto de transformação social**. Para isso, constrói sua própria força (seu “exército”) que, ao se tornar referência, **torna-se força** social que atrai e envolve outros atores, no apoio a Esse projeto de transformação. O trabalho de base transforma a **força potencial** da classe trabalhadora **em força real** capaz de conduzir à mudança. Isso cria uma profunda relação entre o trabalho de base e o trabalho de massa na luta contra o projeto do capital, pois sem hegemonia não é possível derrotar o capitalismo, como um sistema que se alimenta da exploração.

AFIRMAÇÕES DO TRABALHO DE BASE

O Trabalho de Base não é um **evento ou debate acadêmico abstrato**. É uma experiência de vida, longa e difícil, num determinado processo e num contexto de luta de classes. Por isso, para entrar nesse processo de luta e

organização popular, a militância, além da disposição pessoal, precisa **trazer em sua mochila um punhado de convicções** e “certezas” já acumuladas pela prática popular:

1. O Trabalho de Base acredita **numa utopia**. Ainda que sua forma e horários não estejam definidos, essa utopia alimenta **o projeto de sociedade onde a produção social de riqueza também tem uma apropriação social**. Quem faz o Trabalho de Base torna-se um trabalhador de *uma utopia que fundamenta a esperança coerente, criativa e subversivamente transformadora*.
2. O trabalho de base tem **ideologia**, tem a aspiração política de fazer o país **avançar para uma sociedade sem exploração**. Para isso, resolve **problemas concretos** das pessoas, de uma categoria profissional ou de um setor social, e produz **quadros militantes capazes** de dirigir a luta econômica e social pela transformação da realidade.
3. O Trabalho de Base é orientado por uma ética. Essa atitude perante a vida leva à dedicação por um mundo feliz, fraterno e livre. Pois essa herança, que vem de longe, se vive, se marcha e se canta. A ética é a mistura de sonho, ciência e arte, que **quando concretizado supera o discurso, o romantismo e o idealismo**.
4. O Trabalho de Base é **inserção no Projeto Popular**, em cada formação social e cultural. A análise concreta da realidade concreta faz com que o projeto se expresse num programa capaz de mobilizar diversos setores de um povo e de um país. Não pode ser a repetição de uma formulação teórica de outras experiências históricas.
5. O trabalho de base traduz **a estratégia em táticas adequadas**, nas bandeiras de batalha e no planejamento com metas, prazos e responsabilidades. A estratégia traduzida é o caminho que envolve os atores interessados, desde o conhecimento da realidade até a solução de desafios individuais e coletivos.
6. O trabalho de base **requer uma organização com força própria** que se enraíza e se torna referência por sua capacidade de dedicação, de reunir, organizar e articular alianças, de conquistar direitos econômicos e sociais e de educar a classe trabalhadora para um mundo novo, no exercício do poder e rumo à emancipação de classe.
7. O trabalho de base **usa o método dialético** que vê a realidade em permanente tensão e intenso processo de luta. Acredita que o conflito gera o movimento, a vida social, a história e as possibilidades de solução. Então, a militância perde o medo do conflito, da luta dos contrários. Em vez de ignorar, esconder ou conciliar, ele vê a contradição como uma possibilidade de transformação.
8. O trabalho de base aplica uma matriz orgânica que une o movimento de massa com uma estrutura de quadros. Essa matriz orgânica aposta na qualidade para atingir a massa organizada, única força capaz de transformar a realidade social. A massa, uma vez fermentada, torna-se a sementeira para renovar as sementes e multiplicar as lutas.
9. O Trabalho de base exige **direção coletiva** que sistematiza o saber que o povo traz desorganizado, pois sua missão é educar e elevar seu nível de consciência, organização e luta. A direção é escolhida pela confiança e reconhecimento por seus méritos: inserção na massa, iniciativa, vontade, coragem, disposição, clareza no rumo, leitura da realidade e propostas justas e adequadas à conjuntura.
10. **Só o militante faz o trabalho de base** porque carrega a proposta e a estratégia da organização popular. A militância desperta a classe para se assumir como sujeito político e transformá-la no “exército” popular, que enraizado num “território” dá sustentação ao sonho, projeto, plano, ideologia. O/a militante está imerso/a numa base social concreta e, com ela, formula o plano de trabalho.

“Como seria a condição humana se não houvessem militantes? Não é porque os militantes são perfeitos, estão sempre certos, são super-homens ou super-mulheres, ou porque nunca erram. Não é isso. É que os militantes não vêm atrás do seu”. Eles vêm dar sua alma por um punhado de sonhos. “Afim, o progresso da condição humana, fundamentalmente, depende da existência de pessoas que se contentam em passar a vida a serviço do progresso humaNº. Ser militante não é carregar uma cruz de sacrifício. É viver a glória interior de lutar pela liberdade em seu sentido mais transcendente”

Pepe Mujica

MÉTODO DE TRABALHO DE BASE

A concepção do mundo define o objetivo estratégico, o inimigo e o caminho de combate. Enfrentando o inimigo, forte e preparado, **a luta popular aposta na parcela de classe com condições de derrotá-lo**. Nesse sentido, são os operários, os trabalhadores do território urbano e os camponeses a força principal, capaz de travar a produção, a acumulação e a apropriação capitalista da riqueza gerada pelo trabalho. Por isso, o eixo do método popular destaca:

- a. **Inserção, enraizamento real na classe**, com uma perspectiva de transformação social. Isso significa: a) **romper** com a prática da casta, da elite; b) **se aproximar** do povo para disputar e controlar o território; c) **incorporar** a parcela da população com condições de chegar ao poder; d) **intrometer-se** no setor industrial (greve geral), no território urbano (a massa) e no território camponês (comida). É uma aposta em **atores sociais com condições de mudar a realidade**. Sem mudar o ambiente em que se vive, a raiz da exploração não é atacada. A pobreza não gera consciência, gera conformismo. Quando a classe trabalhadora se conscientiza de seu potencial, ela pode lutar pelos interesses da classe: é a **força potencial que se torna real** para superar a exploração.
- b. **Exemplaridade e irradiação** – O principal critério para investir num processo é a sua eficácia: se investe em processos com condições de serem universalizados. Na experiência exemplar, o quantitativo encontra o qualitativo, a eficiência, a eficácia, o concreto, o permanente. Essa prática é aquela que se irradia, se multiplica, se reproduz, se recria, segundo os tempos e as culturas. Isso é o que **produz impacto**. É fundamental, então, **priorizar pessoas, áreas e processos que podem ser expandidos**. Priorizar não é excluir, é limitar o alcance da atenção e concentrar esforços na experiência a irradiar. Esse será o ponto de partida para chegar à multidão, como ponto de chegada.
- c. **Engajar todos os atores**, de forma corresponsável, em todas as fases do processo, é a garantia de sucesso de uma proposta. A prática populista e autoritária cria clientes e eleitores; A prática paternalista cria plateia e seres dependentes. Despertar e qualificar o potencial das pessoas cria sujeitos políticos multiplicadores.
- d. **Relacionar luta** (conquista) e **consciência** (organização). O povo se mobiliza quando pensa que pode ganhar ou sente que pode perder. Para engajar a cada participante no processo de luta e organização popular, é necessário partir da porta que o povo oferece e sempre problematizar para que Esse veja os problemas e suas raízes.

METODOLOGIA - COMO TRABALHAR NA BASE

Em primeiro lugar, o trabalho de base é fazer fazer. É se aproximar, colocar o corpo na realidade. É mergulhar numa base social, é traçar e acompanhar um plano de trabalho com tarefas permanentes a serem realizadas. Não existe receita para fazer o trabalho de base, depende do contexto, da situação e da criatividade. Às vezes, é o próprio inimigo que determina o caminho a seguir. A militância deve conhecer e trocar experiências, mas é o amor pela causa que a leva a experimentar, criar, inventar. No entanto, comparando a prática em vários lugares é possível se animar e descobrir pontos em comum que podem inspirar novas práticas.

- **Planejamento, incluindo custos financeiros**
- **Aproximação de uma base popular significativa.**
- **Conhecimento da realidade, leitura permanente do contexto.**
- **Descoberta de pessoas para o núcleo inicial**
- **Plano de ação para resolver, com o povo, seus problemas**
- **Organização das pessoas, distribuição de poder e tarefas**
- **Plano de sustentabilidade política e financeira**
- **Divulgação da intenção e organização da proposta**
- **Plano de treinamento político, técnico e cultural**
- **Conhecimento de outros trabalhos de base.**
- **Articulação de práticas e iniciativas na mesma direção**

NOTAS

MANUAL DE EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA

1. Muitas das reflexões sobre o assunto foram extraídas de guias elaborados pelo Cepis (Centro de Educação Popular do Instituto Sedes Sapientiae, SP, Brasil).

Semear justiça de gênero para dismantelar o patriarcado



 Amigos de la Tierra Internacional

MANUAL DE EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA: SEMEAR JUSTIÇA DE GÊNERO PARA DESMANTELAR O PATRIARCADO

Amigos da Terra Internacional
DEZEMBRO | 2020

Amigos da Terra Internacional é a maior federação ambientalista de base do mundo, com 73 grupos membros nacionais e milhões de membros individuais e seguidores em todo o planeta.

Nossa visão é de um mundo pacífico e sustentável baseado em sociedades que vivem em harmonia com a natureza. Queremos uma sociedade de pessoas interdependentes que vivam com dignidade e em plenitude, onde a equidade e os direitos humanos e dos povos sejam efetivos. Será uma sociedade fundada na soberania e participação dos povos. Estará fundada na justiça social, ambiental, econômica e de gênero, livre de todas as formas de dominação e exploração como o neoliberalismo, a globalização, o neocolonialismo e o militarismo.

Acreditamos que nossas filhas e filhos terão um futuro melhor graças ao que fazemos.

Autoras: Johanna Molina & Patricia Cornils. **Compilação:** Celia Alldridge. **Agradecimentos:** Agradecemos sinceramente pelas contribuições de educação popular feminista da Marcha Mundial das Mulheres e do Grupo de Trabalho de Amigos da Terra Internacional sobre justiça de gênero e dismantelamento do patriarcado 2020: Celia Alldridge, Dipti Bhatnagar, Isabelle Geuskens, Ivana Kulic, Kirtana Chandraskeran, Kwami Kpdonzo, Mai Taqueban, Marília Gonçalves, Natalia Salvático, Peruth Atukwatse, Rita Uwaka, Sam Castro, Silvia Quiroa. **Design:** Paulina Veloso e Natalia Salvático, **Ilustrações:** Natalia Salvático. **Tradução ao francês:** Joelle Bêlard Ruchonnet. **Tradução ao inglês:** Gwen Billet.

A reprodução ou disseminação parcial ou completa de qualquer informação contida nesta publicação está autorizada para fins educativos ou outros usos não-comerciais, desde que se faça a citação completa do título da publicação, a data de publicação e as/os titulares dos direitos autorais da publicação. **Publicado por:** Amigos da Terra Internacional. Todos os direitos reservados © Dezembro de 2020, Amigos da Terra Internacional

www.foei.org/es
web@foei.org

Amigos de la Tierra Internacional
Secretaría
P.O. Box 19199, 1000 GD Amsterdam
Países Bajos

Teléfono: +31 (0) 20 622 1369
info@foei.org
Síguenos en: twitter.com/FoEint_es
www.facebook.com/foeint.es

 Amigos de la Tierra Internacional

3. OFICINAS INCLUSIVAS, EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA E DIÁLOGO DE SABERES

Quando falamos de **educação popular feminista**, falamos de um processo rico e estimulante de crescimento e desenvolvimento coletivo e pessoal que permite adquirir uma visão crítica sobre a realidade na qual estamos imersos/as/es sob as lógicas de um sistema capitalista, patriarcal, racista, colonial e heteronormativo, assim como dos sistemas educativos formais que, longe de serem emancipatórios, contribuem para manter e aprofundar as desigualdades culturais, sociais e econômicas. O objetivo da educação popular é a transformação dessa realidade social através da ação educativa, de onde surge e cresce o poder, para passar da passividade à consciência e ação.

Sob esse prisma, cada pessoa pode chegar a ser sujeito de sua própria aprendizagem. Para isso, a educação popular feminista nos dá elementos substanciais para o despertar de consciência e ação política para transformar a realidade de exploração e opressão na qual vivemos - principalmente as mulheres dentro deste sistema (Pérez, Amaso y Morán, 2013)

Nessa linha, está a proposta que descreveremos a seguir, entendendo que não é uma receita estática, mas uma base dinâmica na qual se integram os próprios saberes e criatividade e que considere os distintos contextos e comunidades com as quais se trabalha. Nem sempre o que funciona bem com alguns grupos serve para outros. Ao mesmo tempo, é um chamado para gerar processos de transformação e aprendizagem contínuos para as/os/es facilitadoras/es, aberto às possibilidades de expressão do saber e à cultura popular, para construir coletivamente novos conhecimentos e saberes.

Estrutura geral de uma oficina inclusiva

Quando dizemos oficina inclusiva, falamos de um espaço onde todas/os/es tenham seu espaço, sejam genuinamente escutadas/os/es e possam participar livremente, compreendendo os temas tratados e trocando ideias em confiança, respeito e valorizando cada uma/uns. Para isso, é fundamental romper as barreiras idiomáticas, usar uma linguagem clara e simples e promover reflexões partindo do cotidiano das pessoas.

Uma/um/uns facilitador/a/e inclusivo/a/e, deve procurar então gerar essas condições colocando no centro o sentipensar (sentir/pensar) de quem participa da oficina, facilitando a todo momento a expressão da diversidade de ideias, visões, experiências, etc, através da linguagem (oral, desenhos...), sem descuidar da corporalidade (formas de expressão diversas que utilizem o corpo: teatro, encenações...). Deve-se preparar nos temas que serão trabalhados, apresentar conteúdos geradores, guiar a discussão e recolher as reflexões coletivas para devolvê-las em forma de conclusão e estar atento e disposto para enfrentar situações complicadas para apoiar a outros/as/es quando for necessário. Também pode e deve participar com suas próprias ideias e experiências como parte do diálogo.

Para desenvolver uma oficina inclusiva, deve-se considerar ao menos os seguintes passos e elementos:



- Preparação Prévia
- Preparação do Local da reunião
- Mística
- Boas-vindas e nivelamento de expectativas
- Exercício de apresentação
- Desenvolvimento dos Conteúdos

A seguir, descrevemos cada um deles:

1. Preparação prévia: pensar nossa oficina

Quando desenhamos uma oficina devemos realizar uma série de passos prévios para que nos preparemos enquanto equipe e criemos todas as condições necessárias para um diálogo e aprendizagens frutíferas.

Em primeiro lugar devemos definir se é uma oficina isolada - com princípio, meio e fim - ou uma série de oficinas que fazem parte de um processo pedagógico maior. Ambas as opções são possíveis, no entanto, recomendamos a última já que os conteúdos contidos neste manual estão estreitamente relacionados, da mesma forma que as opressões que sofremos são sistêmicas. Sendo assim, sua compreensão requer um olhar holístico. Os processos pedagógicos de mais longo prazo por sua vez permitem uma melhor apreensão dos conhecimentos tendo espaços de tempo para a reflexão individual e coletiva nas organizações e comunidades. Também permite gerar novas perguntas para expor ao longo do processo.



Quem facilita o processo deverá avaliar os avanços obtidos em cada oficina, as dificuldades e identificar novos passos. Por sua vez, deverá retomar as reflexões e conclusões prévias para complementar conceitos e saberes e construir sobre bases já consolidadas.

Uma vez definido isso, o mais importante é ter um **objetivo** claro: para que realizamos a ou as oficinas? Quando fazemos educação popular buscamos transformar uma realidade. Para isso, necessitamos identificar essa realidade, suas causas estruturais e como nos vemos, agimos e fazemos propostas frente a ela. Sendo assim, é vital refletir coletivamente sobre os temas que nos convocam. Para isso, sempre que desenhamos uma oficina, devemos ter nosso objetivo muito claro e aproveitar ao máximo o tempo disponível com uma metodologia coerente que nos permita alcançá-lo.

A **metodologia**, ou seja, como fazemos, responderá ao nosso objetivo, assim como quem serão nossas/os/es interlocutoras/es, quer dizer, com quantas pessoas trabalharemos, quais são seus contextos, suas idades, seus níveis de formação, se são grupos mistos ou só mulheres, etc.

Com isso podemos lançar a **convocatória**, com antecipação suficiente para que as pessoas consigam se planejar e em respeito a seus afazeres. Esta deve ser clara, precisa e motivadora; e indicar junto com o objetivo, o lugar e endereço da atividade, a data, o horário de início e de término, e outras informações relevantes que ajudarão as/os/es participantes a acolherem a convocatória. Por exemplo: se existe financiamento para os deslocamentos, se haverá alimentação, se requer levar algum implemento, se o espaço contará com uma creche para as crianças, etc. Além disso, deve indicar um nome e número de telefone ou email para resolver as dúvidas.

Para continuar devemos nos ocupar:

- do local
- da alimentação
- dos materiais
- do apoio audiovisual
- da mística
- do programa e metodologia
- dos registros
- dos papéis e responsabilidades da equipe

O **local**: deve ser confortável e adequado para o número de participantes. Este pode ser na mesma comunidade ou organização, - a qual pode fazer parte da preparação - ou fora dela. Quando fazemos educação popular feminista e diálogo de saberes, privilegiamos a horizontalidade de tal maneira que a disposição do salão deve permitir isso, por exemplo, colocando as cadeiras em círculo. Também deve haver espaço para realizar trabalhos em grupo, plenárias e outros exercícios que exigem mobilidade.

Um aspecto importante é com o cuidado e beleza do espaço. Que se perceba que houve uma preocupação, que esteja limpo e organizado é básico, mas também se pode enfeitar com flores, bandeirinhas, fotografias, ambientar com música, etc. e contar com um espaço adequado para o cuidado das crianças para que suas mães e pais possam participar tranquilamente sabendo que suas filhas/os/es estão seguras/os/es, com atividades pertinentes às suas idades.

A **alimentação**: deve se planejar: haverá café da manhã, um café no meio da manhã ou da tarde, almoço, etc? Em quantidade suficiente e saudável, que permita desenvolver o trabalho de maneira ativa. Perguntar se existem necessidades especiais ou restrições alimentares.

Os **materiais**: dependerão da metodologia e técnicas, o básico é contar com cartolinas, marcadores, canetas, papéis coloridos, folhas brancas e fita adesiva;

mas também se podem agregar tintas, tesouras, cola, recortes ou outros, dependendo da atividade. Se recomenda contar com um livro de presença e etiquetas autocolantes para colocar o nome de cada pessoa e colocar em sua roupa para que todas/os/es possamos nos identificar.

Apoio audiovisual: eventualmente podemos compartilhar material audiovisual se as atividades o pedem. Para isso devemos contar com computador, projetor, tela e os arquivos preparados e testados (vídeos, powerpoint, áudios, etc.). Também dispor de um equipamento de som. Sempre é bom ter música para amenizar os espaços e estimular estados de espírito de acordo com as atividades.

A **mística**: é ao mesmo tempo um ritual e um sentimento. Pequenas amostras de manifestações diversas nas quais prevaleçam a confiança, a unidade, a alegria e a força coletiva para manter a motivação e as energias no trabalho do dia e gerar um espaço de confiança entre todas/os/es participantes, incluindo a equipe de coordenação e de facilitação da oficina. Tem também um caráter político, lúdico e espiritual. Nesse sentido, através da mística colocamos nossos ideais e visões ideológicas; incorporamos o jogo e a criatividade orientados para desmontar preconceitos e estereótipos adultocêntricos; e encurtamos a distância entre a esperança e o cotidiano (Lueiro, s/i).

Existem diferentes formas de realizar uma mística. Uma delas é se apoiar nos elementos da natureza (água, terra, ar e fogo) e/ou nas práticas culturais das comunidades ou territórios com os quais trabalhamos e/ou no tema da oficina ou exercício. Deve se considerar a emoção, a afetividade e a disposição do corpo.

Por exemplo, compartilhar uma música significativa, colocar as bandeiras das organizações como símbolo, compartilhar poesia, dança, imagens, histórias, reflexões, entre outras.



Programa e metodologia: finalmente devemos preparar o programa de atividades e a metodologia, ou seja: o que vamos fazer? Que atividades vamos desenvolver? Como faremos? É fundamental não improvisar. No entanto, devemos ao mesmo tempo ser flexíveis e estar abertas/os a modificar em função do que acontecer na oficina em si, às mudanças nas condições previstas e inclusive nos consensos e propostas do coletivo. É muito importante considerar a gestão do tempo para que possamos fazer tudo o que propusemos, sem descuidar dos conteúdos e da profundidade das reflexões.

Lembre-se que pode planificar uma oficina com início, meio e fim numa mesma jornada ou em várias, e também desenvolver uma série de oficinas ao longo do tempo. O importante é ter um fio condutor que seja coerente com os objetivos, que permita ir sempre de temas e níveis de reflexão mais básicos ou simples para outros mais complexos. Para isso, quem facilita deve estar conectado com os temas e retomando as reflexões para dar o olhar holístico e interconectado que buscamos.

Registros: num processo de aprendizagem é fundamental registrar e documentar as reflexões feitas. As cartolinas são, muitas vezes, um registro importante da discussão e aprendizagem coletivas, mas não são suficientes. É importante então que a equipe defina previamente uma ou mais pessoas que devem fazer anotações, que devem ser claras e com argumento (não basta um conjunto de ideias soltas). Se possível, essa informação sistematizada deve ser devolvida às/aos participantes. Dessa forma reforçamos os conteúdos aprendidos, enquanto damos visibilidade e validamos o que foi compartilhado.

Papéis e responsabilidades da equipe: é importante conhecê-los antecipadamente para que nos preparemos em função deles, que podem ser desde a limpeza do lugar, a provisão de materiais, facilitar, registrar, etc. Toda tarefa deve ter um/uma responsável e sua distribuição deve também fazer parte da formação/ação política, enquanto nos permite questionar e quebrar a divisão sexual do trabalho imposta pelo patriarcado. Por exemplo: homens e mulheres limpam, organizam e cuidam das crianças.

2. Preparação do local da reunião

Junto com o que já foi sinalizado, para preparar a sala antes da chegada das/dos/ des participantes: :

- colocar as cadeiras em círculo
- definir o lugar onde ficarão os elementos da mística
- definir um espaço ou parede onde colar as cartolinas ou outros materiais para que fiquem à vista de todos/as/es
- escrever bem grande o programa e os objetivos do dia (num cartaz ou cartolina) e colar na parede
- instalar computador, projetor e tela
- organizar os materiais num mesmo lugar
- preparar a música (pode-se pedir às/aos/es participantes que compartilhem a música que gostem ou que as/os/es represente)
- colocar letreiros em outros espaços (salas de trabalho, banheiros, refeitório...)

3. Mística

Duração: de 10 a 15 minutos (o tempo vai depender do objetivo da mística e do que queremos aprofundar com ela, se é a motivação, energização, etc, em coerência com os temas que trataremos no dia).

Exemplos:

- Caminhar em círculo no compasso da música - escolhida especialmente para a ocasião - e ir colocando as bandeiras das organizações e/ou países num espaço central - onde se considere conveniente - para que permaneça ao longo do dia. Também pode-se pedir às/aos/es participantes que levem um objeto significativo que as/os/es represente e permita falar de si no momento das apresentações.
- Ler relatos e/ou poesia enquanto parte da equipe e/ou as/os/es participantes levam para um lugar pré-definido: terra, água, flores, frutas, velas acesas.....
- Relembrar nossas/os/es lutadoras/es presentes e ausentes mostrando suas fotografias ou imagens de vídeo.

4. Boas-vindas e nivelamento de expectativas

Na medida em que as/os/es participantes das oficinas forem chegando, a equipe deve dar as boas-vindas pessoalmente e colocar seus nomes na lista de presença. Então, depois da mística, a equipe ou o/a facilitadora/a dá as boas-vindas a todas/os/es, compartilhando os objetivos da oficina e o programa de atividades, assim como outros assuntos de interesse. Este é também o espaço para nivelar e administrar expectativas, ou seja, que o que se espera da oficina esteja de acordo com o que a equipe preparou. Ler em conjunto os objetivos e discuti-los servirá para isso. Por que estamos abordando este tema? É uma pergunta orientadora.

É bom perguntar se há dúvidas, se estão todas/os/es de acordo com os objetivos e o programa da jornada, para incorporar as modificações necessárias em consenso.

Outras formas de nivelar e administrar expectativas:

- Pode-se colocar na parede um cartaz ou cartolina para que as/os/es participantes respondam: que esperam da oficina? Conforme forem chegando. A pessoa que facilita lê e compartilha essas expectativas com o grupo e vai aterrizando nos objetivos.
- Se formam grupos de duas ou três pessoas que falam sobre suas expectativas durante 2 minutos. Um/uma integrante partilha o conversado com a plenária. Para terminar se compara aos objetivos.

Também é importante indicar que estamos num espaço de confiança, que devemos cuidar do lugar que nos acolhe, cuidar umas/uns das/dos outras/os/es e convidar à participação efetiva em todas as atividades que foram desenhadas com um objetivo.



5. As apresentações

Existem múltiplas e diferentes maneiras de se apresentar. O objetivo é se conhecer, mas também revelar as identidades de quem participa da oficina. Na educação popular faz diferença quem leva adiante os processos de aprendizagem, por isso implica em conhecer-nos (quem somos, que sentimos, que fazemos, que pensamos) para que possamos nos valorizar e estabelecer relações livres e autênticas.

Propomos alguns exercícios que podem eventualmente ser complementados e implementados ao longo da jornada:

⚡ Apresentações rápidas:

Duração: 2 a 3 minutos por pessoa
Se não houver muito tempo, apresentamos dois exercícios rápidos e simples:

- Num círculo formado por todas/os/es participantes, cada pessoa acende um fósforo e enquanto está aceso diz seu nome e compartilha alguma característica ou informação relevante.
- Também em círculo se pede a cada pessoa que apresente quem está à sua direita dizendo: 1. Seu nome (ou perguntando se não souber); 2. "Uma coisa que sei sobre você é..." (o que a pessoa responde com uma frase breve); 3. "Uma coisa que eu gostaria de saber sobre você é..." (idem). Tudo de forma muito dinâmica.

💡 Quem é quem?

Duração: 15 minutos. Acompanhados/as/es por música pede-se que as pessoas caminhem em diferentes direções, encontrando com o olhar quem passa ao seu lado, sem falar. Para amenizar, podem ir incorporando uma reverência, um aperto de mãos e finalmente um abraço. Com a pessoa que abraçamos, paramos e nos apresentamos, cada um/a/e dispõe de 1 minuto para falar de si mesmo/a/e, o que faz, de onde vem, etc. Isso pode ser repetido duas ou mais vezes para que nos encontremos com diferentes pessoas. Dependendo dos objetivos da oficina podem ser incorporados temas ou perguntas específicas

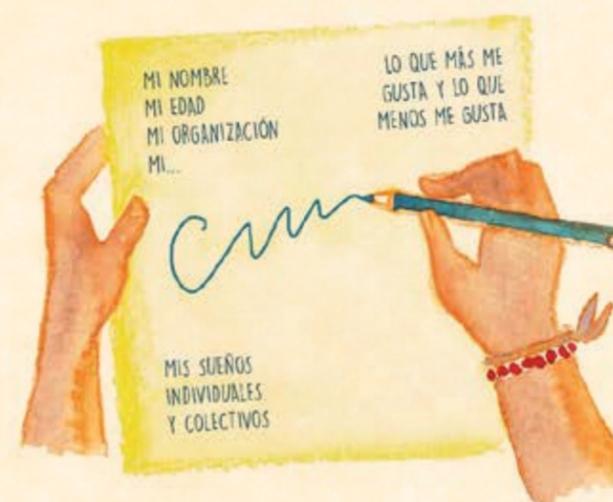
que reúnam expectativas, saberes... Por que estou participando desta oficina? O que me motivou a vir? Que espero levar desta oficina? São alguns exemplos.

Ao finalizar se passa a palavra para compartilhar. Se não houver tempo para que todos/as/es falem, pode-se perguntar se alguém tem algo novo para contribuir. Isso é fundamental - neste e em outros exercícios - perguntar sobre como se sentiram ao fazer esse exercício, que acharam, etc. Para se colocar em confiança para compartilhar.

💡 Apresentação individual com desenhos

Duração: pelo menos 35 minutos, em grupos pequenos de 10 a 15 pessoas. Pede-se a cada participante que faça um desenho no centro de uma folha que a/o/e represente e que complete os dados como se mostra no exemplo (uma variação é simplesmente desenhar). Depois compartilha em plenária.

Este exercício permite um aprofundamento maior no autoconhecimento, no conhecimento do/a/e outro/a/e e permite estabelecer relações de confiança. Permite, de forma simples e lúdica pensar sobre quem sou? E os objetivos e sonhos que se tenha na vida.



💡 Nossos saberes

Duração: exige tempo para escrever e depois se apresentar (45 minutos). Para grupos pequenos.

Quando fazemos um diálogo de saberes, uma forma de se apresentar é se auto-reconhecendo e valorizando seus diversos saberes, que podem ser gerais ou específicos, conforme os objetivos da oficina. Este último nos permite entrar nos temas de interesse. Serve também para o fortalecimento organizacional.

Se dá um tempo de 5 a 7 minutos para escrever e depois cada participante se apresenta em 3 minutos. Finalmente, quem facilita abre uma reflexão sobre a incomensurabilidade dos saberes, suas origens, diferenças e valores.



6. Desenvolvimento de conteúdos

Tendo clareza sobre os temas e conteúdos a serem trabalhados, corentes com nossos objetivos, a metodologia dependerá: do número de pessoas, do tempo, dos materiais e do espaço disponível, da profundidade que queiramos dar aos temas, entre outros fatores.

Qualquer que seja a metodologia, entendendo que a construção do conhecimento é social, deve permitir incentivar a participação de todas/os/es e promover "a troca de ideias, sentires, imagens, crenças, noções, conceitos, práticas, histórias, desejos, vivências e emoções para alcançar a compreensão comum e a plenitude da vida" (Salas, 2013), a través do uso de diferentes dispositivos, favorecendo processos de reflexão conjunta e a partir daí introduzir e construir conceitos, conteúdos e novas propostas.

Uma recomendação inicial é "se perguntar", fazer perguntas a partir do cotidiano para ir desentranhando ideias de nossas próprias categorias para entender um tema específico. E gerar espaços de diálogo propícios, que rompam as estruturas de poder entre quem supostamente sabe e quem não sabe.

Se recomenda, também, trabalhar em pequenos grupos que depois apresentem suas reflexões em plenária. Na maioria dos casos os grupos serão mistos para promover uma troca maior. No entanto, em certas ocasiões devemos nos separar entre homens e mulheres e/ou dissidências para problematizar sobre como o patriarcado impacta de maneiras diferentes os corpos e vidas de uns/umas e outros/as/es, e/ou garantir espaços seguros para compartilhar experiências.

Para criar os grupos podem ser usadas também técnicas lúdicas, de forma que as pessoas possam ir se misturando para conhecer a várias, assim como diversas ideias, experiências, etc. Uma forma é distribuir cartões coloridos ou com desenhos de animais, que depois devem se reunir; outra forma muito simples é enumerar todo o grupo de 1 a... (dependendo do número de grupos que queiramos formar), de forma que se reúnam todos os 1, os 2, e assim por diante; ou também brincando. Por exemplo, pode-se fazer um relato de um naufrágio onde as/os/es participantes devem subir num bote salva-vidas para se salvarem, e cada bote só comporta um número específico de pessoas. Pode-se mencionar vários números para desenvolver o jogo e finalmente o número necessário para os grupos.

São muitas as metodologias citadas na literatura para promover a reflexão e análise. Algumas opções que utilizamos na nossa prática como ATI são: o cochicho, a chuva de ideias, a dramatização ou teatro, trabalho com cartões, desenhos, entre outras.

- **O cochicho** (5 a 10 minutos): consiste na troca rápida de opiniões entre duas ou três pessoas. Esta troca pode ser orientada com base em diversas perguntas específicas, por exemplo: O que entendemos sobre feminismo de base? Depois uma pessoa expõe sobre o que foi conversado.
- **A chuva de ideias** (10 minutos): serve para colocar em comum o conjunto de ideias, conhecimentos ou significados que as pessoas tem sobre um tema, para chegar, de forma coletiva, a uma síntese. Para isso, quem facilita deve fazer uma pergunta clara. Por exemplo, se fazemos reuniões só de mulheres ou se vamos trabalhar sobre gênero, podemos perguntar: Por que fazemos uma reunião só de mulheres? Por que fazemos uma formação sobre gênero? O que é gênero? As respostas vão sendo anotadas num cartaz ou cartolina à vista do coletivo.
- **Trabalho com cartões:** similar à chuva de ideias, porém as ideias fortes são escritas em cartões (uma ideia por cartão), em grupo ou de forma individual. Depois se lê e vai colando na frente da plenária, agrupando-as por afinidade. Pode ser usada para realizar diagnósticos, elaborar conclusões, planejar ações, avaliar, entre outros. Esta técnica permite que todas/os/es expressem suas opiniões.



- **Dramatização ou teatro:** se divide o total de participantes em grupos para conversar sobre um tema específico e preparar a representação de uma situação que mostre como se apresenta ou se expressa no cotidiano, qual é o comportamento das diferentes pessoas frente à mesma, quais são as possíveis soluções. Por exemplo, se falamos de discriminação, pode-se representar uma situação da vida diária que tenha acontecido com algum/a participante.
- **A plenária:** é feita com todas/os/es participantes da oficina presentes, para expor os resultados dos trabalhos em grupos e problematizar e refletir em torno deles, para então estabelecer conclusões.
- **Desenhos ou "colagens":** individualmente ou em pequenos grupos, se discute sobre um tema ou se responde a uma pergunta, cujas conclusões são expressas através de um desenho ou colagem (com imagens, palavras, letras... recortadas de revistas velhas). Os desenhos (ou colagens) elaborados por cada grupo são apresentados na plenária.
- Com esses exemplos podemos trabalhar diferentes temas, inclusive justiça de gênero e desmantelamento do patriarcado, no entanto, algumas técnicas mais específicas serão abordadas no próximo capítulo.

7. Exercícios dinamizadores

Quando se planeja uma oficina, devemos contar com uma bateria de exercícios que permitam desencadear estados de ânimo no grupo, gerar vontade de se conhecer, estabelecer diálogos, confiança, trabalhar em equipe, etc. São usados para relaxar o ambiente depois de trabalhar muito tempo sobre um mesmo tema, para mudar de atividades depois de uma pausa ou depois do almoço, ou quando se sintam a necessidade de dar uma quebrada na dinâmica do grupo.

É importante se preocupar com o bem-estar de todas/os/es, para isso, cada exercício é um convite, não se deve obrigar ninguém a participar, sobretudo naqueles em que se use o corpo, como dar e receber massagens, dançar, etc, pois nem todo mundo se sente à vontade. Nesses casos, pode-se propor funções alternativas, como por exemplo, ajudar na facilitação, cuidar do tempo, etc.

14

Manual de Educação Popular Feminista: rumar justiça de gênero para desmantelar o patriarcado

Alguns deles podem ser:

- **Massagem em grupo** (5 minutos): numa roda onde todas as pessoas olham para a nuca de quem está na frente, se convida a massagear as costas do/a/e companheiro/a/e: como se estivesse limpando um espelho, amassando pão, caminhando com os dedos, entre outras formas. Pode-se integrar a cabeça. É útil para aliviar o cansaço da jornada e revitalizar os ânimos
- **Aquecimento inicial** (10 minutos): se convida o grupo a caminhar pela sala respirando profundamente, alongando e sentindo o corpo, cumprimentando as/os/es outras/os/es. Podem formar duplas e imaginar que uma pessoa é um balão e a outra a enche com uma bomba. Há uma série de variações que podem ser incorporadas. Use sua criatividade.
- **Rodas** (15 minutos): se formam duas rodas, uma por dentro e outra por fora. Pede-se às/aos/es participantes que comecem a girar, uma roda para a direita e a outra para a esquerda. Quando as/os/es facilitadores dizem: "Alto", param de girar e cada pessoa se apresenta ou conversa com a que está a sua frente. Se faz várias vezes para que mais pessoas possam se encontrar.
- **Maria foi pra lua** (10 minutos): cada pessoa comenta com quem está ao seu lado direito: Maria foi pra lua. A outra responde: Não sabia, como ela foi pra lua? E responde: Ela foi assim... (fazendo a mímica de alguma ação qualquer). Descontra e gera bom humor, indispensável quando o trabalho é árduo.

Lembre de indagar sobre o estado de ânimo do grupo, perguntando depois de realizada a dinâmica, como se sentiram? Ou se querem compartilhar alguma reflexão.

8. Conclusões

Duração: 20 a 30 minutos. Depois de cada atividade ou dinâmica que trate sobre um tema em particular, deve-se abrir uma discussão coletiva e tirar conclusões orientadas a sintetizar o conversado, recolher todas as ideias-força e destacar os aspectos mais importantes de um conceito ou tema, para garantir que sejam apreendidos.

Deve ser feito sobretudo no fim da jornada. Para isso, é importante que o/a facilitador/a se prepare para que não fiquem de fora os temas e reflexões fundamentais, guiando a discussão para alcançar os objetivos da oficina.

Além disso, um processo contínuo de aprendizagem deve permitir que a organização se desafie permanentemente, ainda mais quando nosso objetivo é a despatriarcalização e o fim das desigualdades e da violência. Quais são as propostas de mudança que trazemos para o interior das nossas organizações? E para o nosso trabalho com outras/os/es? São algumas das perguntas que devemos fazer a nós mesmos.

9. Encerramento da oficina

Duração: 10 a 15 minutos
Da mesma forma que a mística inicial, o encerramento da oficina é um momento importante para valorizar e agradecer os aprendizados, as trocas, às pessoas que participaram e estabelecer compromissos e continuidade nos processos.

Pode ser feito de várias formas, mais ou menos complexas, e se conectar com a mística. por exemplo:

- **Abraço coletivo:** se forma uma roda com todas/os/es abraçadas/os/es pelos ombros e se abre a palavra para aquelas/es que queiram manifestar uma intenção, um aprendizado, uma emoção, uma mensagem, etc.
- **Encerramento da mística:** em círculo ao redor dos objetos da mística, cada um/a/e pega de volta o que trouxe no início (bandeira, objeto, etc) e compartilha algumas palavras sobre o que leva da oficina (aprendizagens, reflexões, sentimentos...) Também podem ser colocadas sementes ou flores na mística que, ao finalizar a oficina cada um/a/e pode levar enquanto compartilha algumas palavras.

10. Avaliação

Duração: 15 a 20 minutos É fundamental fazer uma avaliação do processo de aprendizagem, para ter elementos que nos permitam aperfeiçoar futuras intervenções. Pode ser feita antes ou depois do encerramento da

oficina e de forma mais ou menos complexa. Também pode ser anônima. Algumas opções são:

- que todas/os/es participantes expressem sua avaliação numa única palavra que compartilham em voz alta - ou em cartões - com todo o grupo.
- escrever a avaliação em palavras simples: o bom/o ruim, o que gostei/o que não gostei, o que melhoraria, o que aprendi.
- Avaliações mais complexas podem incorporar percepções sobre diferentes componentes da oficina, os conteúdos e tempos dedicados a cada atividade, a profundidade dos temas, conceitos aprendidos, etc.

11. Registros da atividade

Os registros são feitos para sistematizar o que foi trabalhado, entendendo que quando sistematizamos estamos produzindo saberes a partir de nossas práticas e aprendendo dos processos para melhorar nosso fazer. O fundamental é ordenar e reconstruir esse processo, fazer uma interpretação crítica e extrair as aprendizagens.

Para isso, um ou vários elementos do grupo devem fazer anotações, guardar os cartazes e, se as pessoas estiverem de acordo (perguntar no início da oficina), filmar e/ou fotografar.



EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA ALIANZA FEMINISTA GUATEMALA

Esse documento contém várias partes de uma versão anterior à publicação do livro Educación Popular Feminista elaborado no ano de 2013 pela Aliança Feminista, formada pela Alianza Política Sector de Mujeres, Asociación Feminista La Cuerda e Asociación de Mujeres de Petén Ixqik na Guatemala, como resultado de um processo de formação política.

Esse documento que aqui se apresenta foi condensado por Sandra Morán, coordenadora geral da Escola Internacional de Organização Feminista “Berta Cáceres”, para a Escola de Facilitadoras/es. Alguns trechos foram modificados para esse fim, respeitando sempre a mensagem do original. Também foram feitas traduções ao inglês, francês, português e árabe deste documento com o mesmo propósito.

EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA GUATEMALA, 2013

INTRODUÇÃO 1

Quem somos?

A aliança constituída pela Asociación Feminista La Cuerda, Alianza Política Sector de Mujeres e Asociación de Mujeres de Petén Ixqik se baseia no interesse comum de desenvolver processos que contribuam ao fortalecimento do movimento de mulheres e feminista como sujeito político e assim se somar a uma corrente política social emancipadora.

A equipe “motor” que impulsiona esse processo multidisciplinar, interveio no desenho desse processo a partir de nossa formação em antropologia, psicologia, sociologia, direito e algumas com experiência em educação popular feminista, porém nenhuma é pedagoga de formação.

Ainda que compartilhem visões sobre nossa realidade, sobre nossos sonhos, nosso olhar não é unitário e nem homogêneo e às vezes pode ser contraditório. Temos vontade de transcender nossas realidades e a nossa objetividade reside em reconhecer as subjetividades que marcam nossas relações e os processos que impulsionamos.

O QUE QUEREMOS COM O DOCUMENTO

Esse documento tem o objetivo de compartilhar a concepção e a metodologia de Educação Popular Feminista que construímos e colocá-las em discussão para seu enriquecimento, pois consideramos que a educação é um processo inacabado, em constante construção.

1 O QUE É

Concebemos a Educação Popular Feminista como um processo de transformação pessoal e coletivo, como uma ferramenta política que contribui para que as mulheres e suas organizações se constituam em sujeitas políticas.

Para quem participa de um processo de EPF de forma sistemática, [este] facilita uma compreensão da realidade e de suas complexidades, visibilizando os mecanismos de subordinação e opressão, assim como os vínculos entre [o] patriarcado, colonialismo, [a] violência, as distintas expressões de discriminação (racismo, machismo, misoginia, lesbofobia, homofobia, etc) e o capitalismo neoliberal globalizado; contribui para alinhar nossa proposta de sociedade, para definir caminhos a seguir para tornar realidade tal proposta política; para fazer uma análise crítica

das ações propostas e redefinir-las.

A EPF, é uma proposta que intervém na transformação do pensamento, sentimento e ação. Portanto, a Educação Popular Feminista é uma ação política, porque traz implícita a transformação das pessoas, seus coletivos e realidades.

É uma educação para a liberação onde a Vida se coloca no centro da ação referida.

1.1 FONTES DA EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA

Para desenvolver nossa concepção de Educação Popular Feminista e sua aplicação na prática, na Aliança Feminista combinamos propostas de feminismos distintos e as que vêm dos propulsores da Educação Popular.

1.1.1 FEMINISMOS

Do feminismo radical dos anos sessenta chegou até nós a metodologia dos grupos de autoconsciência formados por mulheres que se reúnem periodicamente. Nessas reuniões cada mulher explica as formas em que vivencia e sente a opressão. O objetivo desses grupos é despertar a consciência latente que todas nós mulheres temos sobre nossa opressão e propiciar uma re-interpretação política da vida. Outra função desses grupos é contribuir para a revalorização da palavra e das experiências de um coletivo como o das mulheres, historicamente subvalorizado. Nesses grupos se pensa sobre o corpo e a sexualidade das mulheres, se reflete sobre a medicalização do corpo e a violência como estratégias de controle político, se desenvolvem novas interpretações e formas de conceber a saúde das mulheres.

A ideia de nos reunirmos para pensar sobre nós, compartilhar nossas reflexões e nossas estratégias como movimento também se nutre dos Encontros Feministas que vêm sendo realizados na América Latina desde 1981.

Também nos nutrimos das reflexões e necessidades da pesquisa feminista, que como indica Patricia Castañeda, está ancorada na teoria feminista que tem como objetivos a análise das condições de opressão das mulheres, explicar a multiplicidade de fatores que se combinam para sustentar a desigualdade entre mulheres e homens; e que tem como intencionalidade, contribuir, a partir do pensamento complexo e ilustrado, para a erradicação de tal desigualdade através da geração de conhecimentos que permitam concretizar projetos emancipatórios¹.

Nesse contexto, identificamos a necessidade de recuperar os saberes das mulheres e as resistências de nossas ancestrais. Contar com uma memória histórica se converte num elemento aglutinador que nos fortalece como movimento.

1.1.2 EDUCAÇÃO POPULAR

Na Educação Popular Feminista – EPF– converge a abordagem da educação para a libertação da Educação Popular proposta por Paulo Freire, e outros, portanto traz elementos da Concepção Metodológica Dialética – CMD– fundamentada na epistemologia crítica marxista. A partir dessa concepção, se compreende a realidade como um processo histórico, uma criação humana, que é possível transformar com pensamentos e ações; essa realidade se compreende como um todo integrado, ou seja, os aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais estão estreitamente relacionados, assim como o pessoal e o coletivo, o “objetivo” e o “subjeto”. Essas dimensões

¹ Castañeda Salgado, Martha Patricia. Metodología de la investigación feminista. Centro de Investigaciones Interdisciplinarias en Ciencias y Humanidades –CEIHC- de la Universidad Autónoma

não podem ser entendidas sem sua relação com o conjunto.

Uma característica da CMD é que concebe a realidade em permanente movimento, mutável, nunca estática nem uniforme, devido às tensões que exercem incessantemente as contradições entre seus membros. Em todo processo histórico, se produzem tendências contraditórias, cuja confrontação gera a mudança e o movimento. A origem das transformações se encontra, assim, no interior dos próprios processos históricos, em cujo seio se trava uma relação de oposição recíproca entre aspectos ou pólos contraditórios, que, ao se ligarem entre si, tendem a se excluir mutuamente. Esse paradigma é o que fundamenta a proposta da educação popular que postula “tomar a realidade (e a prática transformadora sobre essa realidade) como fonte de conhecimentos, como ponto de partida e de chegada permanente, percorrendo o caminho entre a prática e sua compreensão sistemática, histórica, global e científica e fazer a relação entre a teoria e a prática”². Nuñez propõe partir do diagnóstico integral, do que pensamos (concepção), do que fazemos (prática) e das circunstâncias nas quais agimos (contexto). Partir do autodiagnóstico permite refletir, teorizar e optar por soluções, conclusões e ações que voltem a essa realidade que se deseja transformar.

Ainda que o marxismo seja uma epistemologia crítica, na prática, muitas de suas ferramentas se baseiam em critérios positivistas, priorizam o “objetivo”, que se traduz em priorizar situações repetíveis, mensuráveis, quantificáveis e portanto generalizáveis, e tradicionalmente tem deixado de fora de suas análises as emoções e a subordinação e opressão das mulheres.

1.1.3 CURA

Para alcançar a constituição de sujeitas de transformação, a metodologia que propomos como Educação Popular Feminista, toma elementos e se retroalimenta de técnicas e metodologias provenientes de perspectivas holísticas, que colocam a cura como uma condição para a transformação pessoal e social.

Partindo de uma perspectiva holística se assume que nós seres humanos somos feitos de energia e somos sustentados por ela; que nosso corpo é um campo de energia mutável e dinâmico, não uma estrutura física e estática. A física quântica tem revelado que em nível subatômico, a matéria e a energia são intercambiáveis; algumas pessoas chamam esse nível de espírito e se interpreta que a mente e o pensamento cotidianos formam parte desse espírito, por isso se pode considerar que o corpo é uma manifestação de energia espiritual. Os fatores psíquicos e emocionais influenciam a saúde física porque as emoções e os pensamentos são sempre acompanhados por reações bioquímicas no corpo. Por isso, curar significa valorizar nosso corpo, escutá-lo, respeitar suas mensagens e não nos sentirmos vítimas delas. [Curar] implica aprender a ler os distintos sintomas do corpo³. Coletivos como Mujeres Mayas Kaqla, Actoras de Cambio ou o Centro Qánil trabalham nesse campo.

1.1.4 COSMOVISÕES DOS POVOS ORIGINÁRIOS

No caso da Guatemala, além da epistemologia feminista e da proposta de educação popular estamos utilizando termos, conceitos, categorias e práticas provenientes das cosmovisões dos Povos Originários, criando pontes entre sujeitas e sujeitos construídos em culturas distintas.

1.2 PRINCÍPIOS

A EPF se fundamenta numa epistemologia feminista que reconhece que o conhecimento se produz em condições

² Nuñez Hurtado, Carlos. Educar para transformar, transformar para educar. 1998.

³ Northrup, Christiane. Cuerpo de mujer, sabiduría de mujer. Una guía para la salud física y emocional. España: Ediciones UraNº. 1999. Pág.

específicas, por isso o sujeito cognoscente, ou seja, quem conhece, adquire relevância.

As mulheres que participam desses processos, ao sistematizar e analisar sua experiência, produzem conhecimentos.

Refletir sobre a realidade com novos conhecimentos contribui para identificar ações que podem ter o potencial de transformar realidades íntimas, privadas e coletivas.

Assim a EPF se constitui ela mesma em uma fonte epistemológica para construir um novo pensamento feminista que sustenta a emancipação das mulheres e dos povos. A partir da qual se criam categorias e formas particulares de analisar a história, as realidades e construir propostas.

A EPF visibiliza a condição e posição de subordinação das mulheres, a análise da exclusão e discriminação se utiliza para construir conhecimento [liberador]⁴ e para a busca de alternativas de vida. É um processo de conscientização e sensibilização, como proposta política própria e autônoma que busca a transformação cultural e socioeconômica, na medida em que o sujeito político mulheres feministas se nutre do pensamento feminista e assume as implicações do processo de transformação individual e coletiva.

Partindo da própria realidade e história de mulheres, essa proposta se enraíza na resistência histórica construída pela mulheres frente às problemáticas que enfrentaram, recupera como ferramenta política os saberes ancestrais e as ações que as mulheres e os povos desenvolveram na sobrevivência, e sistematiza a prática política das mulheres em seus movimentos.

Ao analisar bem a opressão, se coloca em destaque as resistências e as estratégias para não cair na vitimização. A análise da exclusão e da discriminação é um lugar propício para contruir conhecimento [liberador] de alternativas de vida para as mulheres, a sociedade e a natureza.

A partir da epistemologia feminista é possível observar aspectos das realidades que partindo de outras correntes de pensamento ficam invisíveis ou minimizados e para identificá-los é preciso nomeá-los. Às vezes se criam novos conceitos e outras vezes resignificamos os existentes; e assim se pode gerar uma compreensão integral do sistema que desejamos transformar, por exemplo, podemos visibilizar a classificação hierárquica que se faz dos seres humanos.

A Educação Popular Feminista utiliza como referência as chaves epistêmicas que feministas acadêmicas aplicam em suas pesquisas; implica desenvolver a filosofia da suspeita, o descobrimento, a compreensão da nossa história e das realidades. Para isso propõem como chaves epistemológicas a desconstrução e a desmontagem e como procedimentos a visibilização, desnaturalização e historização; a construção da alternativa. E esse métodos e procedimentos se aplicam tanto ao nosso pensamento como à sua colocação em prática como metodologias práticas da vida. Cada um desses elementos se desenvolve na parte sobre o Como, na qual se aborda a metodologia da proposta.

1.3 A EXPERIÊNCIA E O SUBJETIVO

A reflexão sistemática sobre nossas experiências é fundamental na Educação Popular Feminista. A experiência de um corpo sexuado, nesse sistema, coloca politicamente as mulheres numa condição de opressão e subordinação, por isso os saberes, emoções, desejos, sentimentos e decisões são dimensões da vida que constituem temas

¹ Nota do Tradutor: No texto original seria “libertário”. Consultando a Sandra Morán ela esclareceu que elas queriam dizer “liberador”, e não “libertário”.

geradores de [saberes para a] EPF. Por isso, revelar a subordinação, seus mecanismos e valorizar as experiências de resistência das mulheres, se tornam fontes de conhecimento. O subjetivo é o que conecta cada pessoas com o mundo, com suas redes afetivas, com seu desejo, com o que faz e com quem o faz. Esse fazer cotidiano, individual ou coletivo pode contribuir para reproduzir o sistema ou transformá-lo, por isso a importância da reflexão crítica sobre a experiência pessoal sistematizada.

O lema feminista “O pessoal é político” se concretiza na EPF quando a subjetividade se torna fonte de reflexão e análise e ponto de partida para empreender lutas e ações.

Outro aspecto da subjetividade são as emoções; estas constituem formas de discernimento que nos permitem distinguir entre o tático e o estratégico, entre o substantivo e o acessório, o urgente e o necessário, são avisos das possibilidades e ameaças para a vida.

A EPF se baseia na afirmação de que as pessoas conhecem todo o tempo com o corpo todo (pensamento, emoção, sentimento e ação). Essas ações podem contribuir para reproduzir realidades ou transformá-las de forma emancipatória; é por isso que para a EPF é importante essa reflexão crítica que se faz sobre a experiência pessoal sistematizada; é essa reflexão crítica que pode contribuir para mudar a forma como as pessoas se relacionam com seu mundo, com si mesmas e assim se emanciparem.

As propostas feministas de formação questionam as relações de poder baseadas na dominação, por isso analisam, entre outras, as relações entre mulheres, entre homens, entre mulheres e homens e entre os seres humanos e a natureza considerando as esferas econômicas, sociais, políticas; e portanto nos confrontam com nós mesmas, o que pensamos, sentimos, desejamos e fazemos.

A EPF é uma ferramenta útil para que avancemos na construção de um sistema de vida, é uma educação para nossa liberação e das comunidades e sociedades nas quais interagimos.

Como colocamos no Módulo 6 Metodologia de Educação Popular Feminista da Escola de Formação Política Feminista, uma educação popular pode se considerar como tendo uma perspectiva política feminista quando: Evidencia e denuncia sistematicamente as opressões das mulheres por sua condição de gênero no marco das relações de poder patriarcais, em todas as dimensões da vida pessoal, social e em relação com a natureza.

Visibiliza relações de poder patriarcais que tenham sido naturalizadas (assumidas como parte da natureza e portanto imutáveis) e que outras abordagens, ainda que se inspirem em visões políticas e epistemológicas contestatórias não conseguem visualizar.

Materializa tanto no temático como no metodológico, que o pessoal é político. Por isso, do ponto de vista metodológico sempre ancora as reflexões no pessoal e na subjetividade como um vínculo pessoal com o mundo.

Desafia permanentemente o pensamento binário dicotômico, impugnando a divisão público-privado; natureza-cultura; produtivo-reprodutivo/não produtivo; econômico-não econômico; trabalho-não trabalho; objetivo-subjetivo; homem-mulher.

Evidencia e questiona a heteronormatividade e a heterorealidade presente nos processos de conhecimento e transformação da realidade.

Recupera as subjetividades, as emoções, o corpo e as espiritualidades como lugares de conhecimento e de transformação da realidade

Reconstrói as relações políticas entre mulheres e alimenta rebeldias pessoais e coletivas.

Visibiliza as diversidades, as brechas, as assimetrias e as opressões entre mulheres e as “pedagogiza” a partir de um olhar amoroso de irmãs

Pedagogiza e politiza todas as dimensões da vida, especialmente as pessoais e das relações (as maternidades, a nutrição, as sexualidades, as relações de “amizade” entre mulheres, o uso do tempo livre, o consumo, as espiritualidades, etc.)

Nos protege da cooptação patriarcal.

Relativiza o conhecimento centrado patriarcal na racionalidade patriarcal (a partir do governo do hemisfério esquerdo)

Visibiliza as múltiplas opressões que nós mulheres enfrentamos (gênero, classe, idade, etnia, opção sexual, incapacidade, condição migratória, etc.) e ajuda a crescer na compreensão sobre como se reforçam umas às outras.

Não favorece a mais-valia das mulheres como forma de estar no mundo e de ser mulher.

Legitima os saberes e conhecimentos das mulheres. Lhes dá crédito, crêem que dão conta da realidade. Reconhece que nós mulheres sabemos dar conta das ameaças à vida. Sabem por onde transitam e sobre a morte.

Se pensa sobre as emoções e desejos, se desenvolve sentipensar.

Estimula e favorece o bem-pensar (estabelecer conexões, integrar olhares em vez de excluí-los, repensar a noção e a experiência do tempo como passado, presente e futuro, etc.)

Provoca ressonâncias entre mulheres presentes e não presentes; conecta passado e presente com o futuro.

Se coloca de forma consistente a tarefa ética e política de incubar novos conceitos para nomear as novas práticas que estamos criando.

Vai vinculando os tempos políticos, metodológicos e pedagógicos com o tempo dos corpos (o sonho, a vigília, a fome, o cansaço, a menstruação, a menopausa, as gestações, os ciclos menstruais, a idade) e com os tempos da natureza (as estações, o dia, a noite, a luz, a escuridão, as fases da lua...).

Estimula, promove e reconhece transformações pessoais e promove ações organizadas com objetivos estabelecidos.

2 PARA QUÊ

Nosso objetivo é a emancipação, por isso a educação popular feminista intervém em nossa forma de pensar, de sentir, de agir nos transformando pessoalmente, os coletivos e organizações em que participamos, o movimento social e nossas realidades.

A EPF também tem a intenção de gerar autonomia pessoal, coletiva e comunitária através da qual se concretiza a emancipação.

Nesse processo dinâmico de constituírem-se enquanto sujeitas, a EPF contribui para irmos compreendendo as realidades de opressão, identificando as realidades que queremos construir e desenvolvendo pensamento estratégico, [o] que se evidencia na definição de caminhos a seguir para alcançar nosso sonho de sociedade e ações para transformar o nosso ambiente.

2.1 PARA TOMARMOS CONSCIÊNCIA DO NOSSO POTENCIAL ENQUANTO SUJEITAS POLÍTICAS

Ao analisar a realidade, nós mulheres que participamos desse tipo de processos formativos tomamos consciência das capacidades que temos para transformar nossas realidades, ou seja, para mudar as relações de poder, de domínio que se dão em nosso entorno. Como Aliança Feminista aplicamos a educação popular feminista para fortalecer o movimento de mulheres e feminista como sujeito político.

Para nós, o sujeito político é “uma coletividade diversa de mulheres/pessoas que forma a si mesma como posição e proposta política emancipadora frente a uma postura hegemônica, com a qual se desenvolvem estratégias de disputa de poder, mas não de dominação. Conta com organicidade própria e através de alianças acumula força para definir, construir, empurrar, semear, constituir um projeto político emancipatório centrado na potencialização do ser humano e da natureza. Se fundamenta em sua história/memória, é autônomo, se constitui uma referência com voz e pensamento próprio - se pensa a si mesmo - e desenvolve capacidades de ler sua realidade, gerar caminhos a seguir para avançar em seu objetivo estratégico: a construção da vida plena para as mulheres e os povos”.

2.2 PARA DESENVOLVER PENSAMENTO PRÓPRIO

O sistema patriarcal gera conhecimentos que deixam de fora as mulheres de tal interpretação, invisibilizando as mulheres ou justificando a subordinação. Precisamente um dos objetivos da educação popular feminista é que possamos desenvolver nossa interpretação do mundo, reivindicando nossos olhares. Reivindicamos que a posição de subordinação (de gênero, de classe, étnica ou outra) nos dá a possibilidade de criar conhecimento a partir da situação que cada uma experimenta.

A partir do feminismo foram elaborados conceitos e categorias que nos permitem evidenciar o sistema patriarcal, nomear seus mecanismos e como esses se fundamentam e se reproduzem. Elaborar é criar explicações conceituais complexas, inovadoras e pertinentes sobre o que já é conhecido ou fenômenos emergentes. Às vezes resignificamos ou reconstruímos conceitos que, como disse Patricia Castañeda, foram criados com uma orientação androcêntrica, e que com uma perspectiva feminista adquirem outro conteúdo, reivindicativo.

Com esses novos conceitos e categorias podemos explicar elementos históricos e atuais do sistema e também podemos nomear e descrever o sonho de sociedade. Com a educação popular feminista tomamos consciência dos saberes, conhecimentos que acumulamos a partir da nossa experiência pessoal e coletiva. Promove exercícios que deem conta dos saberes que temos, das ações que realizamos para sobreviver, para resistir, para explicar o sistema.

A EPF baseada na epistemologia feminista também contribui para desenvolver nosso pensamento estratégico, ou seja, para identificar caminhos a seguir para nos fortalecer enquanto sujeitas de forma pessoal, enquanto organizações, enquanto movimento social.

2.3 PARA ANALISAR NOSSAS REALIDADES

Ao participar em processos de educação popular feminista, aplicando conceitos e categorias que nos permitem ver outros elementos das realidades, aprofundamos e tornamos mais complexa a análise da realidade.

Também nos permite caracterizar o sistema visibilizando, analisando e explicando de que maneira atinge as

mulheres e por quê. Definimos esse sistema como “patriarcal, colonialista e capitalista neoliberal, que fomenta a heterorrealidade como sua cosmovisão e o machismo, sexismo, misoginia, racismo, lesbofobia, exploração e consumismo como elementos e mecanismos de sua cultura. Está estruturalmente constituído na maioria dos países do mundo e sua hegemonia também está presente na vida de pessoas que estão se esforçando para transformá-lo a partir de suas práticas”. Os efeitos desse sistema são a destruição da vida no planeta, o controle dos corpos, sexualidades e capacidade reprodutiva, a alienação da vida humana, a violência, a discriminação, o empobrecimento, o analfabetismo, as doenças e a imposição da concorrência, o consumismo e o enriquecimento como aspirações humanas e os conflitos que emanam daí. O sistema fortaleceu sua opressão, sua violência e sua rigidez, gerou uma crise civilizatória na qual estamos vivendo, o que implica que a humanidade e o planeta estão em risco de destruição. Por isso, a busca por alternativas a esse sistema de morte e destruição parte da busca pela vida e uma oportunidade para construir a partir de uma raiz distinta que a torne possível.

2.4 PARA DESCREVER, VISIBILIZAR E DESENVOLVER NOSSO SONHO

A EPF baseada na epistemologia feminista também contribui para pensar, imaginar o sonho de sociedade.

[...]

Os momentos de formação contribuem para conectar-se pessoal e coletivamente com as propostas, para construí-las e colocá-las em prática.

Para nós feministas que impulsionamos esses processos, o sonho implica em imaginarmos uma ordem simbólica e uma organização social e política [liberadoras]. Repensar para nós uma outra forma de ser e de estar no pessoal e no coletivo, como as redes de afeto, a rede de produção, uso, consumo e troca. Vai do intrapsíquico ao comunitário e social. São propostas mudanças em diferentes âmbitos e com intensidades distintas.

Dimensões para descrever nosso sonho

Ordem simbólica-cultural

Processos de aprendizagem e construção de conhecimento: caracterizamos processos de construção de pensamento e formadores que geram pessoas livres, erradicando os mecanismos e conteúdos que o sistema hegemônico atual desenvolveu para a alienação das pessoas e das mulheres.

Cultura: aspectos simbólicos, estéticos e de criação cultural que reproduzem o sistema e aquelas propostas que contribuem para sustentar a vida.

Comunicação: linguagens, símbolos, mecanismos, formas [de comunicação] e meios atuais, assim como aqueles que contribuem para informar, escutar, entender, conhecer, refletir, opinar e enriquecer análises e propostas.

Expressão do sentido da vida - espiritualidade: análise daquelas expressões institucionalizadas ou não, que manipulam a espiritualidade e contribuem para reproduzir os sistemas de opressão; além disso, propostas humanistas e espirituais que gerem condições para o sustento da vida e o sentido de liberdade nas pessoas.

Organização social e política

- Sexualidade
- Reprodução biológica e social
- Redes de cuidado e afeto
- Produção e intercâmbio para o cuidado da vida

2.5 PARA QUE IDENTIFIQUEMOS CAMINHOS A SEGUIR

Promover exercícios que refletem os saberes e as ações que realizamos para sobreviver, para resistir de forma ideológica, política, cultural e econômica.

Para a construção do alternativo também definimos estratégias, em concordância com algumas chaves epistemológicas feministas como a desconstrução e a desmontagem.

A desconstrução implica em situar as elaborações conceituais em seu contexto, aprofundar em suas implicações até chegar na raiz de como um determinado conceito se converte num mecanismo de controle, dominação ou exclusão das mulheres e do feminiNº. Significa desenvolver uma visão crítica, não podemos somar novos conceitos, valores, crenças, maneiras de ver a vida às que já temos; primeiro é necessário desenvolver essa capacidade crítica, para depois desmontar aqueles elementos culturais que reproduzem a subordinação e a opressão.

É necessária a desmontagem de todos os mecanismos que apreendemos ou internalizamos e que contribuem para que sejamos reprodutoras de um sistema que nos subordina ou oprime. Com a metodologia EPF propomos desmontar, entre outros, o androcentrismo, o sexismo e a misoginia.

Para renovar-nos como sujeitas, enquanto realizamos ações desconstrutivas, devemos aprender a construir alternativas para todas as experiências de vida. Essa construção do novo, se constrói a partir da aspiração concreta e consciente da aspiração humana por liberdade, autonomia, bem-estar pessoal, coletivo e comunitário. E a educação popular feminista é uma das ferramentas para que possamos nos conectar com essa aspiração, fortalecê-la e encontrar os caminhos para avançar na desconstrução e construção como processo permanente em nossas vidas.

Em contraposição ao que o sistema impulsiona e como parte das resistências, resiliência e esperanças, há comunidades e pessoas que estão na busca, ação e organização permanentes para a construção de um sistema alternativo que retome, recupere, revalorize e fomente um sistema para a vida.

[O processo formador] prepara para a vida [e para] desenvolver em que sentido [ir]. O processo formador ajuda a conectar você com as propostas, para construí-las.

Se trata de uma educação para desconstruir⁵ o poder de domínio e de submissão internalizado, por isso dizemos que sai da lógica da carência para identificar potencialidades. Cria condições para desvelar o sistema patriarcal, colonialista, capitalista y neoliberal, visibilizando as relações e mecanismos de subordinação e opressão.

É uma educação para construir o alternativo, ou seja, liberdades, pensamento emancipatório, criar poder de liberação, poder de autonomia e poder vital. Implica portanto em identificar ações e realizar aquelas que contribuem para transformar realidades. Nesse processo definimos uma proposta política organizada em dimensões nas quais requer analisar as realidades para desconstruí-las, definir que realidades queremos construir e definir que caminhos seguir.

2.6 PARA ACUMULAR FORÇA POLÍTICA

Também contribui para dar caminhos a seguir para nos fortalecer enquanto sujeitas no plano individual, como organizações e como movimento social.

⁵ O propósito da tarefa de-construtiva consiste em des-fazer, des-montar o que foi edificado. Por esse trabalho não se pretende destruí-lo todo, mas compreender a forma como esse “algo” foi construído, articulado, e qual é o sentido que traz entranhado.

É uma educação para criar pessoas e coletivos com vocação, desejo e necessidade de exercer poderes para a vida das pessoas e da natureza. Em outras palavras, é uma formação política para quem foi excluída e excluído nesse mundo capitalista e patriarcal de diversos poderes: econômicos, sociais, políticos, culturais, espirituais, sexuais, corporais e ideológicos.

É uma educação para aumentar o poder liberador disponível; não para repartir o poder de domínio hoje concentrado em tão poucas mãos.

Sabemos que a transformação integral da sociedade requer a interação de múltiplos sujeitos. Nesse sentido, as mulheres constituídas em sujeitas se sabem parte do movimento de mulheres e feminista e desse sujeito plural no qual confluem outros sujeitos com os quais se identificam lutas emancipatórias comuns.

É um movimento que traz olhares, caminhos, análises e ações particulares para outros movimentos para a construção de uma sociedade emancipatória com sua particularidade própria e plural, ao que contribuem a partir de sua prática pessoal e coletiva. E que junto com outras e outros geram, através de suas práticas cotidianas e organizativas, elementos de emancipação que mostram ou alinham o que significa a vida em plenitude, o bem viver ou o bem estar em seus contextos afetivos, organizativos, comunitários e territoriais.

Essas outras e outros são expressões ou conglomerados sociais conjunturais conscientes e inconformados com o sistema hegemônico que, a partir de sua consciência política, suas próprias identidades e correntes ideológicas diversas, convergem enquanto sujeitas políticas feministas em objetivos estratégicos comuns.

A EPF proporciona elementos para fundamentar e argumentar seu posicionamento político frente a outras e outros e para assumir a conflituosidade que as mudanças provocam, se vendo a mesma como possibilidade de aprendizagem, enquanto promove a busca por soluções para a crise.

O processo de educação popular feminista contribui para fortalecer as capacidades das mulheres em colocar seus olhares. Permite identificar coincidências políticas e estratégicas com outros movimentos sociais e realizar ações coordenadas sem comprometer seus princípios éticos e políticos.

3 QUEM

A EPF que promovemos a partir da Alianza Política Sector de Mujeres, Asociación de Mujeres de Petén Ixqik, e Asociación La Cuerda está dirigida inicialmente às mulheres que desejam transformar algum aspecto da realidade. É essa intenção que nos leva a dedicar tempo a esta ação.

Somos mulheres diversas que participamos de diferentes partes do país: jovens, adultas, idosas, mayas, garifunas, xinkas, mestizas, ladinas⁶; com escolaridade diferenciada, a maioria sem ter tido a possibilidade de terminar o primário e outras com pós-graduação; de diferentes condições de classe; urbanas, rurais; com distintos campos de ação, interesses e motivações para participar nestes processos formadores: violência contra mulheres, a saúde, as alternativas econômicas, geração de renda, direitos sexuais e reprodutivos, comunicação, atenção a mulheres privadas de liberdade e defesa do território.

⁶ Nota da Editora: A população “ladina” é reconhecida como um grupo étnico distinto na Guatemala. Embora os termos “ladina” e “mestiza” sejam normalmente utilizados para se referir a pessoas de etnicidade múltipla, também podem ser utilizados em relação a pessoas não-indígenas em particular. “Não-indígena” pode se referir não só à ancestralidade familiar, mas também à não-identificação como indígena independente da ancestralidade. Status socioeconômico é um fator importante nas condições de identificação. Uma mestiza de classe média por exemplo, pode ser chamada de “ladina”. Portanto, os termos “ladina” e “mestiza” são identidades políticas complexas que precisam ser explicadas e só podem ser entendidas nos contextos específicos em que são utilizadas.

Nós mulheres que impulsionamos a EPF compartilhamos o interesse de transformar nossas realidades, esse potencial de transformação se leva a cabo em âmbitos pessoais e coletivos, a partir do cotidiano e da organicidade nos territórios.

As buscas compartilhadas pelas que hoje tentamos descobrir o que é uma educação popular feminista, passam também pela vontade política de impugnar e de nos rebelar contra todas as formas de dominação, exclusão e discriminação das mulheres. A partir da prática, contribuimos para a construção de movimentos que chegam a ser emancipatórios, tornando-se sujeitos políticos que transformam.

4 COMO? NOSSA METODOLOGIA

A proposta metodológica da EPF tem a intenção de provocar mudanças nos horizontes conceituais de quem participa, em sua maneira de conhecer e de fazer e, se possível, em sua maneira de sentir e se emocionar.

Nossa proposta metodológica se define a partir da diversidade das que participamos nos processos de formação. A partir de nossas realidades, a partir de nós mesmas, promove espaços de liberdade, ações de responsabilidade e desconstrução, de encontros, descobrimentos, propostas e práticas permanentes, que, em processos de espiral, geram mudanças nas nossas realidades. Retificamos erros, preenchemos vazios e reformulamos. Esses critérios metodológicos estão presentes em todo o processo político nos quais estão implicados os momentos de reflexão, análise e ação.

O processo de educação popular feminista é realizado através de várias mediações. Há várias instâncias que mediam os processos de aprendizagem: o grupo, formado pelas participantes e pelas facilitadoras, o processo com suas diferentes metodologias, técnicas, ferramentas e materiais.

4.1 O GRUPO COMO FONTE DE APRENDIZAGEM

Para isso, propõe-se partir da experiência individual e coletiva da mulher, de nossa memória, do que sentimos e fazemos com nosso corpo, do nosso cotidiano pessoal e coletivo; essa experiência sistematizada produz conhecimento coletivo, que é utilizado para analisar situações concretas para então definir ações transformadoras.

Como mulheres no processo de construção, de sujeitas no individual, nós nos tornamos parte de um sujeito coletivo transformador. A EPF concentra-se na formação para a intervenção e como a ideia é que sejamos nós que transformemos, usando um enfoque emancipador, na EPF nós mulheres nos tornamos sujeitos cognoscentes e cognoscíveis; isto é, somos as sujeitas dos processos de aprendizagem e também, observando e analisando nossas experiências, nos tornamos nossas sujeitas de estudo e análise.

4.1.1 NO GRUPO SE PROBLEMATIZA

São geradas situações, momentos nos quais nós participantes analisamos ações e opiniões sobre eventos em nossas vidas, vistos como normais e por isso convertidos em habituais, ou percebidos como inevitáveis por serem considerados naturais. Com esse tipo de reflexão, toma-se consciência da situação de subordinação, exclusão, menosprezo, opressão; reprodução acrítica de um conhecimento recebido ou imposto, que não responde à condição em que se vive. Fazendo isso, se examina a relação entre esse conhecimento e outras possibilidades de viver e de conhecer contextualizadas, ou seja, situadas no tempo e no espaço, com possibilidade de serem transformadas. Problematizar é uma estratégia para desenvolver a consciência crítica que, uma vez que se desdobra em reflexão e na ação, produz através de ambas a transformação das circunstâncias naturalizantes e alienadoras. A problematização sensibiliza, desnaturaliza, estabelece as bases cognitivas e afetivas para produzir

uma motivação de mudança que se traduz em ações concretas de transformação⁷.

Com essa metodologia nos enriquecemos pois facilita a troca de palavras, conceitos, categorias, saberes, conhecimentos, experiências, desafios, resistências e práticas. Nesse processo o grupo consegue ser mediador e propulsor do processo, porque cada uma tem algo para trazer para a reflexão e para as propostas de ação.

4.1.2 AS FACILITADORAS

Têm a responsabilidade de promover o aprendizado, já que são as que contam com a informação, métodos e experiências para tal. Ainda sendo parte do grupo que está em processo de se constituírem em sujeitas, possuem a responsabilidade de trazer as propostas de conteúdos, assim como o desenho dos eventos. Dependendo do objetivo do encontro, são as responsáveis por identificar outras facilitadoras que participem do desenho e facilitação da oficina.

No processo de educação popular feminista as facilitadoras têm o objetivo de educar, para isso, têm a responsabilidade de mediar, de possibilitar o acesso aos conteúdos das que estão nesse momento como participantes. Mediar de forma apropriada requer escuta; relação empática, ou seja, a possibilidade de se colocar no lugar da outra. É isso o que possibilita o aprofundamento num tema e abre caminhos de aprendizagem; de desenvolver a oficina, o encontro, de acordo com o ritmo de quem está no processo de aprendizagem; implica conjugar interesses de aprendizagem com as características do grupo; cabe a ela impregnar o processo de entusiasmo. A essência da participante, que cabe a ela educar, gerar aprendizagem. Cabe a ela saber comunicar e fazer com que as outras se comuniquem⁸.

4.1.3 OS MATERIAIS

Materiais de leitura, materiais audiovisuais.

4.2 O PROCESSO: SEUS MOMENTOS PRESENCIAIS E A VIDA COTIDIANA

A formação é um processo permanente e consciente. A oficina, o encontro, a reunião, são os momentos presenciais, coletivos, de síntese, nos quais se confronta a realidade com as fortalezas, os objetivos e gerar novas ideias para avançar rumo à emancipação, o bem viver e o bem estar. Combinam a suspeita, o descobrimento, a compreensão, a desconstrução, a desmontagem e a construção como metodologias práticas de vida que são praticadas e propostas.

Breves reflexões sobre o metodológico nessa outra educação popular possível⁹.

A educação popular com uma visão política da metodologia afirma que os processos de produção coletiva de conhecimento passam por três momentos: partir da prática, teorizar sobre ela e voltar à prática para transformá-la.

Do ponto de vista de uma educação popular com perspectiva política feminista, afirmamos a necessidade de desenvolver processos de formação política sistemáticos e baseados numa ética feminista que não improvisa, que

⁷ Montero, Maritza. Hacer para transformar. El método en la psicología comunitaria. Argentina: Paidós. Tramas sociales. 2006.

⁸ Gutiérrez Pérez, Francisco y Daniel Prieto Castillo. La mediación pedagógica para la Educación Popular. 1. Ed. San José, C.R.: Radio Nederland Training Centre, División de Radio Nederland Internacional, 1994.

⁹ Torres, Ana Felicia. Módulo 6: Metodología de Educación Popular Feminista. Escuela Política Feminista. Alianza entre Asociación Feminista La Cuerda, Asociación de Mujeres de Petén – Ixqik y Alianza Política Sector de Mujeres. La Otra Cooperativa/Editorial La Trilla, Guatemala, 2010.

interioriza, que prepara as condições. Nesse sentido, nos parece importante aderir a essa perspectiva da produção coletiva de conhecimento.

Acreditamos ser indispensável ressaltar que uma educação popular feminista visa que nós mulheres possamos crescer no exercício de “poderes para e com” e também na manifestação de “poderes sobre”. Isso passa por estimular a autonomia de pensamento e ação entre as participantes.

Não se trata então de lançar processo formadores para construir “novas igrejas”, novas clientelas e novas militâncias. Trata-se de estimular em todas as que participamos, incluindo as educadoras populares, a capacidade de pensar e de colocar em dúvida qualquer tipo de afirmação apresentada na forma de uma ortodoxia. Por mais feminista que pareça...

Do ponto de vista metodológico, isso significa mover-se com grande desenvoltura e liberdade entre os distintos momentos metodológicos do processo de produção coletiva de conhecimento. Também a certeza de que a divisão nesses três momentos tem um caráter instrumental, pois estamos sempre na prática, estamos sempre pensando sobre ela e modificando. Ainda que o indício de mudança não seja necessariamente aquele que precisamos.

A prática como ponto de partida é uma condição indispensável para iniciar um processo de produção coletiva em educação popular.

É o que permite que todas as pessoas participem, já que todas e todos temos práticas. As práticas são formadas pelo que fazemos, pelo que pensamos sobre o que fazemos, e os contextos nos quais o fazemos. São três dimensões de toda prática que com frequência nos permitem fazer o que chamamos de tríplice diagnóstico. É importante assinalar que esse partir da prática pode ser feito a partir das ações, das concepções e dos contextos. Escolher por onde “entrar” na prática é o que chamamos de definição do ponto de entrada.

A teorização como momento metodológico na educação popular consiste na capacidade de ver além do aparente, do superficial.

Mais do que um esforço para descolar da realidade, usando conceitos raros e rebuscados, a teorização é um esforço que busca aprofundar na prática, por entendê-la de dentro. E para fazer esse esforço precisamos de lentes. Como a realidade não se apresenta com transparência, por causa do peso dos costumes, da ideologia, da naturalização, precisamos construir um olhar que nos permita ver o que não se vê à primeira vista. Por exemplo, a opressão das mulheres através da sexualidade e da expropriação da nossa capacidade de trabalho e de cuidado, quando aparece sob a forma da família heterossexual e monogâmica.

“mover-nos com grande desenvoltura e liberdade entre os distintos momentos metodológicos do processo de produção coletiva de conhecimento”

“As técnicas participativas têm uma orientação política e não são neutras, de modo algum...”

Para conseguir isso, selecionamos teorias, que são formas de ver, compreender e interpretar as realidades. Como mencionamos em páginas anteriores, a maior parte das teorias sociais, políticas e econômicas não servem para ver o que utilizamos para historicizar, desnaturalizar e visibilizar o que acontece conosco enquanto mulheres. Também é importante sinalizar que já faz muito tempo que percebemos que a teorização não tem a ver com procurar causas e efeitos. Esse é um trabalho inútil, que não nos ajuda a perceber as conexões entre as situações que vivemos e, sobretudo, a mudá-las.

Mas também não se trata de só identificar as contradições, com a expectativa que tornando-as mais agudas a história mudará. Isso não funcionou para as grandes maiorias excluídas e funcionará muito menos para nós, que

⁸ Torres, Ana Felicia. Módulo 6: Metodología de Educación Popular Feminista. Escuela Política Feminista. Alianza entre Asociación Feminista La Cuerda, Asociación de Mujeres de Petén – Ixqik y Alianza Política Sector de Mujeres. La Otra Cooperativa/Editorial La Trilla, Guatemala, 2010.

nem sequer somos percebidas enquanto as outras diversas¹⁰. Por último temos que assinalar que teorizamos o tempo todo. Da mesma forma também sempre estamos na prática.

Voltar à prática para transformá-la é uma forma de sublinhar uma dimensão muito importante da intenção da educação popular. Porque é uma educação para desconstruir as opressões e reconstruir rebeldias e liberações.

Nesses processos de educação popular sempre destinamos algum tempo para descobrir ações concretas que podemos levar a cabo buscando a transformação. No entanto, também temos que dizer que no momento em que começamos a pensar criticamente sobre o que fazemos, o que pensamos e os contextos nos quais fazemos e pensamos, vamos visualizando mudanças possíveis. Por isso temos que ter flexibilidade pedagógica e sensibilidade humana para ir captando essas luzes no fim do túnel no momento em que aparecem, e não só nos momentos destinados a isso nos desenhos metodológicos.

O uso de técnicas participativas: meio e não fim

Consideramos de suma importancia analisar brevemente o uso de técnicas participativas nos processos de educação popular entre mulheres e com perspectiva política feminista. Mais que instrumentos para criar condições para que as mulheres falem e expressem suas opiniões, as técnicas participativas podem ser utilizadas primeiramente como meios para permitir que as mulheres se conectem com sua própria prática. E só então, uma vez criada essa conexão, se poderá alcançar a participação ativa em todas as reflexões.

As técnicas participativas procuram encontrar pontos de entrada nas práticas pessoais e coletivas que permitam a todas as participantes, inclusive aquelas que facilitam ou acompanham, tocar em pontos ou nós nevrálgicos e sinérgicos de nossas experiências que nos causam confortos ou desconfortos. Mas principalmente, que mobilizam nossas emoções e pensamentos e nos colocam na direção da mudança.

Por isso, a determinação de um ponto de entrada na prática e a seleção de procedimentos e técnicas participativas não é um exercício técnico. Requer um processo de interiorização profunda de quem faz o desenho metodológico e facilita o processo de formação. Mais que uma decisão, isso se refere a uma descoberta. É importante tomar em conta que as técnicas participativas têm uma orientação política e não são neutras. Sua forma, seus procedimentos e seus conteúdos transmitem mensagens e permitem determinadas dinâmicas de relações.

Não são jogos para entreter as participantes, ainda que existam técnicas específicas para estimular experiências lúdicas, de troca, e de lazer. Também não são dispositivos para que as pessoas falem e se sintam tomadas em conta, independente do sentido e pertinência de suas contribuições. As técnicas participativas reúnem fatos, situações, conteúdos, conceitos, valores; refletem a realidade em seus diversos aspectos e/ou interpretações que se tenha sobre ela.

“Contém um ou vários elementos que ‘se comunicam’ ao grupo, na forma de códigos estimuladores de análise e interpretação. Esse aspecto da realidade, esse conceito que se quer utilizar, é ‘traduzido’ quando se desenha ou se aplica uma técnica a um determinado tipo de códigos (visual, audiovisual, auditivo, vivencial, etc.) que não é fechado - e portanto um transmissor verticalizado - senão ‘aberto’, provocador e gerador de um processo participativo de ‘descodificação’”¹¹.

Por isso, as reflexões elaboradas em coletivo a partir da utilização de uma técnica participativa, podem ser razoavelmente intuídas por quem conduz o processo formativo como educadora popular, facilitadora ou capacitadora. Isso será possível na medida em que cada pessoa tenha experiência nesse tipo de atividades, porém,

¹⁰ Nota do Tradutor: no sentido de que não são tomadas em conta nem mesmo enquanto antagonistas.

¹¹ Núñez, Carlos. Educar para transformar. Transformar para educar. 5a Edición. San José, Costa Rica: Red Alforja, 1989. p. 66.

requer sobretudo de uma disposição intelectual, de uma abertura afetiva e de uma atitude de contemplação por parte delas para descobrir por onde orientar uma reflexão construtiva e potencializadora de subjetividade de poderes de liberação nas mulheres. A educadora popular ou facilitadora não sabe de antemão o que as técnicas participativas vão provocar e o que as participantes vão dizer. Também não se trata de adivinhações que colocam as participantes no lugar de opinar para ver se acertam.

As reflexões e contribuições das mulheres participantes também não são pretextos para desenvolver um tema preparado. São o texto fundamental a decifrar, a entender. O texto que estamos lendo no coletivo é nossa vida pessoal e coletiva enquanto mulheres. É um texto que queremos enriquecer, adornar e desfrutar com novos poderes.

Assim como foi mencionado anteriormente, as técnicas participativas utilizam códigos visuais, auditivos e vivenciais. E é preciso decodificar esses códigos, já que eles provocam reações, olhares, sentimentos e pensamentos distintos nas participantes.

Nesse mesmo sentido parece importante pontuar que as técnicas participativas não devem estimular a concorrência entre as mulheres. Essa concorrência entre mulheres é uma prática da cultura política patriarcal que não deve ser estimulada em processos que queriam construir relações políticas entre as mulheres.

Por outro lado, é necessário evitar o uso de técnicas que ativem a participação das mulheres partindo da manipulação de suas emoções. Ou seja, que mexem com experiências e emoções das mulheres alojadas para além de sua consciência. Um exemplo desse tipo de situação seria de propor para as mulheres exercícios e atividades que estimulem a concorrência entre elas e depois censurá-las por terem feito assim.

A VIDA COTIDIANA

As sínteses feitas nos momentos presenciais continuam a ser pensadas na vida cotidiana e é aí que se apresenta a possibilidade de fazer coisas de outra forma ou conteúdo e quando conseguimos é que podemos dizer que estamos transformando a realidade.

[Por isso explicitamos que a metodologia dos eventos e espaços de síntese, devem estar em concordância com as metodologias de processo. Ou seja, que as metodologias que nos ajudam a construir movimentos devem ser coerentes com as metodologias de momentos presenciais, que são as que nos ajudam a ser conscientes e aprender de nossas ações políticas para voltar a nossa prática enriquecida]¹².

5 EXPERIÊNCIAS, TÉCNICAS E FERRAMENTAS

A seguir algumas reflexões e experiências que se constituem em exemplos de nossa proposta metodológica.

5.1 PROCESSOS COM ÊNFASE NO FORTALECIMENTO DE PENSAMENTO PRÓPRIO

Utilizar a proposta feminista como marco de interpretação de nossas vidas, contextos e realidades é um dos objetivos que traçamos. Desde quando foram feitos os encontros feministas, no marco do que foi chamado de Agenda Feminista, se viu a necessidade de estabelecer linguagens comuns entre nós e de debater a partir do ponto de vista de distintas correntes feministas; observamos que nossos pontos de vista diferentes e as estratégias de ação distintas e às vezes divergentes, ocorrem não só por posicionamentos políticos diferentes, [mas também] por causa do acesso desigual às reflexões, conceitos e categorias feministas; e da influência do pensamento linear e

¹⁰ A redação desse parágrafo foi modificada numa versão que não foi publicada.

patriarcal para interpretar nossas vidas, os fatos. Se viu também como uma necessidade desenvolver a capacidade para analisar nossos contextos de uma forma mais complexa.

Na Assembleia Feminista realizada entre 15 e 18 de julho de 2010, na capital, nós, participantes, assumimos que a construção e aprofundamento do nosso pensamento político feminista e a acumulação de força política eram elementos substanciais para nos formar enquanto sujeito coletivo com a capacidade de intervir na transformação da realidade.

Nesse sentido conduzimos diferentes iniciativas que tinham como objetivo fortalecer nosso pensamento. A seguir compartilhamos três experiências: 1) Comunidades epistêmicas; 2) Círculos de análise; 3) Escola de Formação Política Feminista.

5.1.1 COMUNIDADES EPISTÊMICAS

Nesse sentido concordamos em criar comunidades epistêmicas, ou seja, grupos específicos de feministas que comprometem a ler e analisar, a partir de uma postura epistemológica particular e assim aprofundar no pensamento feminista para nomear o que não foi nomeado, e para criar um piso comum que permita que nos comuniquemos. Colocamos a criação de tais comunidades através de processos de formação política, círculos de estudo e pesquisa para a construção de cosmovisões a partir de nós mesmas¹³. Nesse momento se alinharam três possíveis comunidades epistêmicas interessadas em aprofundar o vínculo entre feminismo e marxismo; o desenvolvimento de uma proposta lésbica e o feminismo comunitário. Em dezembro de 2012, das três que haviam se colocado, observamos que foram as feministas comunitárias de Santa María Xalapán que tiveram a possibilidade de se definirem como comunidade epistêmica.

5.1.1.1 HIKAAJLI HINIKI TECEDERAS DE SABERES E APRENDIZAGENS

As mulheres Xinkas da montanha de Xalapán – AMISMAXAJ – dizem que foi no final do ano de 2010 que se organizou a comunidade epistêmica do feminismo comunitário. As integrantes de AMISMAXAJ tomaram consciência de que “Há um lugar de enunciação para nós, de onde olhamos para o mundo e de uma realidade que se une à de outras mulheres do mundo. Isso nos levou a colocar que nós mulheres originárias também somos sujeitas de direito epistêmico e que podemos criar, construir pensamento, categorias, ou seja, nossa própria comunidade epistêmica”.

Em julho de 2013 as feministas comunitárias de Santa María Xalapán, tinham um espaço que chamam de “Hikaajli Himik’i”, que significa em idioma xinka: “Tecederas de saberes e aprendizagens”. O definem como: “um espaço que convida à análise de conhecimentos e experiências, acompanhando as reflexões do processo com experiências de mulheres originárias que se assumem feministas, e também com teorias do feminismo crítico”, é um espaço para a construção coletiva de mulheres [com] um pensamento liberador.

É uma proposta construída a partir de cosmovisões originárias, um espaço no qual se pesa sobre as relações de poder existentes nas relações indígenas, no mundo originário. É um espaço de reflexão, debate, produção de conhecimento e onde são feitas propostas de pensamento a partir da análise da realidade das opressões de mulheres indígenas e que se vai costurando com a proposta emancipadora.

lwsa, “os fios que nos movem” ou objetivos do espaço são:

- Questionar, analisar, debater sobre a identidade étnica designada pelo sistema patriarcal originário e ocidental às mulheres indígenas.

¹³ Acuerdos de la Asamblea Feminista. Guatemala del 15 al 18 de julio de 2010.

- Fortalecer o processo de construção da identidade política das mulheres xinkas a partir do feminismo comunitário.
- Recuperação da memória histórica das mulheres xinkas, criando espaços para promover a oralidade, refletindo sobre o cotidiano com as teorias feministas críticas e a partir do enfoque do feminismo comunitário, para seguir fortalecendo a epistemologia feminista comunitária.
- Criar vínculos com outros espaços de mulheres indígenas e feministas que assumam, reconheçam ou valorizem nossa proposta feminista comunitária para compartilhar e revitalizar as ações de lutas anti-sistema da ordem estabelecida.
- Contribuir [a partir] das mulheres feministas comunitárias, para a construção da proposta emancipadora da construção de um Mundo Novo, para a Plenitude da Vida das mulheres e dos povos.¹⁴.

Dois fios tecem esse processo: a identidade étnica escolhida pelas mulheres e a identidade política feminista comunitária, por isso essa proposta coloca ênfase em vários elementos, alguns dos quais são: 1) a resignificação e revitalização do idioma e da identidade territorial das mulheres xinkas, por isso a numeração, os momentos metodológicos, o nome dos módulos e os processos, são feitos em xinka; 2) a calendarização do hikaajli Hinik’i se realiza de acordo com o calendário lunar xinka, vinculando os ciclos lunares e as energias com os corpos e pensamentos das mulheres; 3) Liki, tuyuhak’i xa altepet Kwerpo-narú “recuperação e defesa do território corpo-terra. Nessa proposta é importante considerar a relação do corpo das mulheres com os elementos naturais do cosmo, por isso o conteúdo e a metodologia do processo formativo começa com a reflexão sobre o corpo e sua relação com a terra. Implica nomear as opressões internalizadas para saná-las e para reconhecer em que lugar geográfico se vivem [as opressões] para reconhecê-lo, defendê-lo e recuperá-lo. A alegria é concebida como emancipadora pois busca de forma intencional a recuperação e revitalização de potencialidades, pensamentos, resistência.

Para estruturar metodologicamente as sessões se baseiam em quatro dimensões cosmogônicas, que se movem em espiral, iniciam com a dimensão do corpo, seguem com a dimensão da mente para passar à social/comunitária e finalizam com a espiritual. A partir de cada dimensão as participantes compartilham suas experiências, sentimentos, pensamentos e práticas. São criados espaços para compartilhar as experiências das avós; para fazer análises, debates e reflexões a partir de teorias feministas e feminismo comunitário e se entrelaça com um espaço para a cura; se consideram momentos para acompanhar o luto, a perda ou a dor de forma coletiva e individual quando se considere adequado fazê-lo. Por isso, cada sessão está integrada por um caminho que tem cinco momentos: 1) Naali ii’si “nossas vivências”: kwuerpo = corpo, tan’ik = mente, saw’u = social/comunitário, wunak = espiritual; 2) wirkiki’i naali nooyajli, naali cusayajli “recuperação da memória histórica das avós, das ancestrais e femealogía”¹⁵ comunitaria a partir da oralidad”; 3) Im’ilaala “cosmogonia xinka e sua relação com o feminismo comunitário. Teorizando desde la vivencia su relación con el feminismo comunitario. Teorizando desde a vivência; 4) Ayajli xinkali um’aki “Cura como aposta política; 5) Im’ili “sistematização de nossos pensamentos feministas comunitários,

O Hikaajli Hinik’i está estruturado para uma duração de dois anos. Tem oito módulos temáticos, além de [um] módulo introdutório da escola, [um] de fechamento do primeiro ano, [um] de recapitulação no início do segundo ano e um de encerramento. Cada sessão é realizada em um dia e meio por mês, e cada módulo tem oito sessões, por isso o processo de reflexão tem uma duração de dois anos. Os lwsa, “módulos” de reflexão, análise, debate e construção de pensamento coletivo feminista comunitário são: 1) Introdução, rota temática, metodologia, temporalidade e acordos; 2) Conexão patriarcal; patriarcado ancestral originário e patriarcado ocidental; 3)

¹⁴ Asociación de Mujeres Indígenas de Santa María Xalapán. Hikaajli Hink’i “Tejedoras de saberes y aprendizajes” Diseño metodológico. Guatemala 2,012.

¹⁵ “Término que alude al planteamiento de la elaboración de una memoria histórica de las mujeres como una condición necesaria para construir una identidad política que sustente la acción política de las mujeres”. Monzón, Ana Silvia. Entre mujeres: la identidad étnica, factor de tensión en el movimiento de mujeres en Guatemala, 1990-2000. Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales Maestría en Ciencias Sociales. Programa Centroamericano de Postgrado. Guatemala, 2004. p.8.

Território corpo; recuperação e defesa do nosso primeiro território corpo; 4) Opressão colonialista, mulheres xinkas, sobreviventes, em resistência e se libertando dos sistemas de opressão; 5) Opressão racista e capitalista; racismo vivido, racismo internalizado e reproduzido. Mulheres pobres ou empobrecidas? 6) Módulo de fechamento do primeiro ano, reafirmando nossos pensares; 6) Replanteio de pensamentos: continuamos fiando [o] percurso temático do ano anterior; 7) Feminismo comunitário, nossa vivência e história epistêmica enquanto mulheres originárias de Abya Yala¹⁶. Contribuindo para o movimento feminista mundial e para nossos povos; 8) Violências ancestrais, violências atuais. Os efeitos históricos e cotidianos das violências sobre a vida das mulheres originárias; 9) Recuperação e defesa de território terra. Neoliberalismo, resistência, memória contra a mineração das mulheres xinkas de Xalapán; 9) Proposta emancipadora de construção plural do Mundo Novo. Emancipando-nos para o prazer, a alegria; 10) O replanteio do processo. Continuamos... Alianças, com quem mais tecemos o ponto? Cores plurais das alianças. Celebremos os saberes, o tecido epistêmico das mulheres originárias.

[As participantes e facilitadoras] agregam: “A prática cotidiana que temos do feminismo em nossas vidas é contribuir para uma cosmovisão liberadora, onde também estão presentes os corpos invocados e evocados das mulheres. A cura como aposta política em sua integralidade: do corpo, da mente, da comunidade até a relação que temos com a terra” “...não podemos curar nossa relação com a terra senão curamos também a relação patriarcal histórica de dominação”.

Como resultado de vários anos de reflexão e trocas com outras feministas comunitárias do sul, como as feministas aymaras da Bolívia, [as participantes e facilitadoras] fazem uma análise crítica da história, propõem a existência de um patriarcado originário ancestral, consideram que durante a invasão espanhola e a colônia e até a data atual, o que se consolidou foi um encontro de patriarcados; questionam a interpretação heterossexual da cosmogonia originária; colocam que quando se interpreta que o machismo e o patriarcado são heranças únicas da invasão espanhola se nega a responsabilidade, enquanto povos originários, de erradicar as relações patriarcais. O fazem desde uma posição vitimizante, que se entrelaça com o que chama de racismo internalizado e reproduzido. Dessa comunidade epistêmica vem um chamado para construir um estado de paz e harmonização e para desconstruir o racismo internalizado; para a recuperação e defesa do território corpo-terra; e portanto para construir uma cosmovisão liberadora e para colocar a necessidade de tecer pensamentos com outras mulheres, indígenas ou “ocidentais”¹⁷.

5.1.2 CÍRCULOS DE ESTUDO

Desde 2011 La Cuerda colocou como uma de suas prioridades organizacionais estabelecer alianças políticas com jovens. Decidimos que uma forma de fazer isso era convocá-las a formar círculos de estudo com o objetivo de refletir, conhecer e conversar sobre as realidades, inquietudes e necessidades para assim contribuir para transformar as situações que enfrentamos.

Foram convidadas jovens ativas de outros movimentos sociais, como [dos movimentos por] Memória, Direitos Humanos e Educação, etc. De uma perspectiva participativa se consideraram as condições, necessidades e [as] formas [nas] quais cada uma [se] expressou no espaço.

As jovens identificaram que podiam se dedicar a sessões de 4 a 5 horas nos sábados ou domingos, uma vez a cada mês ou a cada dois meses.

O primeiro momento de conversa foi para mapear os problemas que enfrentam e explicar que poderiam

¹⁶ Palavra no idioma do povo Kuna do Panamá que nomeia a territorialidade do continente americano, e que foi tomada por diferentes povos articulados no movimento de nacionalidades e povos indígenas nas Cumbres Continentais.

¹⁷ Cabnal, Lorena. Acercamiento a la construcción de la propuesta de pensamiento epistémico de las mujeres indígenas feministas comunitarias de Abya Yala en ACSUR Las Segovias. Feministas Siempre. Feminismos Diversos: el feminismo comunitario. España, 2010.

identificar os temas de seu interesse para discutí-los posteriormente. Se identificam as distintas realidades, o que as integrantes fazem de suas vidas, seu cotidiano, suas resistências e suas lutas.

Depois foram realizadas várias sessões para falar das principais categorias trazidas pelo feminismo como o patriarcado, gênero, divisão sexual do trabalho, mulher-mulheres¹⁸, direitos das mulheres, sexualidade, violência contra as mulheres; Para essa conversa, nos apoiamos na leitura do texto: “Feminismos para principiantes” de Nuria Varela e um resumo sobre as lutas das mulheres e feministas na Guatemala. Depois de várias sessões de debate, se concretizou um mapa de situações e de problemas que as jovens enfrentam e um esquema das discussões a serem feitas.

O círculo de estudos passou por vários momentos, no primeiro debatemos sobre sexualidade, no segundo sobre identidade e no terceiro sobre o estado.

MOMENTO I

Começou com a discussão sobre sexualidade. Foram entregues textos com diferentes teorias feministas e foram feitas perguntas geradoras que permitiram vincular a leitura com as experiências; também foram usadas ferramentas que estimularam a criatividade como o uso de “nus” de mulheres, desenho e escrita. Se discutiu sobre as estruturas de gênero e para que servem, a diferença entre sexo e gênero; as instituições que normatizam a diferenciação por sexo; também se aprofundou sobre a conceitualização do corpo como um território político. Inicialmente estimamos que essa discussão seria feita entre 3 e 4 sessões, mas se viu que havia muita necessidade de falar sobre sexualidade e por isso utilizamos 8 sessões.

As jovens participantes não liam muito e comentaram sobre sua falta de hábito de leitura, por isso concordamos que daríamos a elas o documentos para que utilizassem o material de leitura quando quisessem aprofundar; Por isso mesmo, foram usadas várias técnicas para promover o debate, como filmes por exemplo. Nas últimas sessões se organizou a participação das jovens no Festival pela Memória que a coletiva Actoras de Cambio organizou para falar sobre a memória e a violência sexual na guerra; Isso permitiu ter acesso e escutar testemunhos tanto da experiência da violência como da resistência, de como as mulheres podem se assumir enquanto atoras frente a esse tipo de violência. [...]

MOMENTO II

No segundo momento se abordou a identidade cultural, isso porque a maior parte das participantes do círculo eram ladinas/mestizas e porque essa discussão quase nunca acontece nos espaços políticos. Para gerar a discussão se utilizou o texto Mayanización y Vida Cotidiana de Aura Estela Cumes, que foi lido de forma coletiva e as dúvidas sobre a leitura foram o tema da discussão. Se discutiu sobre culturas, etnias e identidades na Guatemala. Com essa reflexão foi possível vincular o processo de colonização com o patriarcado na Guatemala. Em uma das sessões se contou com o acompanhamento de uma pesquisadora feminista com experiência em colonização. Contar com essa especialista contribuiu para o aprofundamento das discussões.

[...]

MOMENTO III

Depois de entender o vínculo entre patriarcado e colonialismo, se evidenciou a necessidade de falar sobre o Estado

¹⁸ Nota da editora: Faz referência à ideia de que havia a necessidade de falar sobre “mulher” no sentido coletivo, ao invés do individual. Indica uma mudança de um pensamento individualista para um pensamento coletivo, que é mais representativo dos feminismos do sul global.

e sua conformação histórica, para isso foram usados três filmes: 1) 1984 de Michael Radford, 1984; 2) La isla de Uli Stelzner, 2009; 3) Flores do Oriente de Zhang Yimou, 2011. Com esse material foi possível ilustrar parte da história da Guatemala e vinculá-la com outros lugares.

Nessa oportunidade foi convidada uma companheira com experiência em construção de memória histórica para contribuir no aprofundamento do debate. Com sua participação foi possível complexificar a discussão sobre Estado e suas instituições, evidenciando que estas foram desenhadas para exercer o controle e dominação sobre a população.

Se analisou o sentido e a possível contradição que existe por parte do movimento social em lutar para que o Estado reconheça a condição de cidadania de pessoas e comunidades, quando o que se busca é o controle e dominação.

Foi realizado um mapa de atores e poderes para identificar quem está no governo e que poderes administram. Para essa análise se utilizou a revista El Observador N°. 34 – 35 Janeiro-Junho de 2013. A informação foi sistematizada de forma que se pudesse identificar os possíveis cenários político-sociais.

MOMENTO IV

Produção e reprodução. Momento para falar sobre o sistema capitalista na estrutura patriarcal por meio da leitura de “El Calibán y la Bruja: cuerpos, mujeres y acumulación originaria” de Silvia Federici, Editorial Traficantes de Sueños, 2010; os capítulos foram divididos entre as participantes para que cada uma apresentasse uma síntese para o debate e as contribuições que considerassem importantes para esse processo.

Em resumo, a metodologia de círculos de estudo com jovens urbanas que participam em outros movimentos sociais, [leva em consideração] sua disponibilidade de tempo e suas características e interesses, monta um roteiro de debate, mas o tempo que se dedica a cada tema não tem limites, depende da necessidade sentida pelo grupo e de quando se percebe que se esgotou o assunto. O pouco hábito de leitura foi abordado através de leituras coletivas, distribuindo partes dos textos, e com filmes. Outro recurso utilizado foi a participação de especialistas nos temas ou metodologias a serem tratados, o que contribui para focar a discussão nos debates que ocorrem atualmente em torno dos temas discutidos.

[...]

5.3 PROCESSOS E METODOLOGIAS PARA IDENTIFICAR CAMINHOS A SEGUIR

Para organizar os caminhos a seguir, alinhamos os eixos e as dimensões do sonho; isso permitiu que nós organizássemos os caminhos a seguir em termos de desconstrução, desmontagem, resistência e construção de proposta.

5.3.1 DESCONSTRUÍMOS

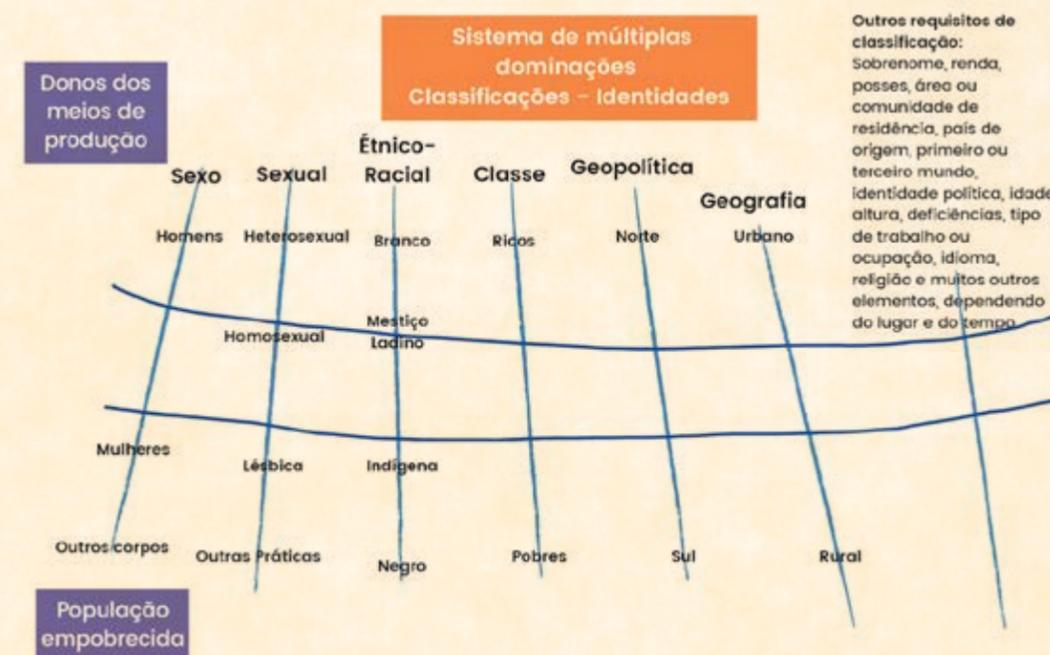
Através de processos de formação, encontros, oficinas, críticas às nossas ações e coletivo, espaços de cura. Podemos fazer a desconstrução e a desmontagem quando visibilizamos, desnaturalizamos e historicizamos.

5.3.1.1 VISIBILIZAMOS

O feminismo, como teoria crítica tem como objetivo “fazer ver”, se baseia na filosofia da suspeita, da dúvida. Para isso precisa tornar visível, documentar a exclusão, a injustiça; trazer à luz os conhecimentos, saberes, valores,

formas de produção das mulheres, assim como sua participação na produção e na reprodução, a estética, os conceitos filosóficos, o que acontece com os corpos e as sexualidades; suas concepções e posições políticas sobre o mundo; contribuições econômicas, materiais e simbólicas como as criações artísticas e expressões do ser e do fazer das mulheres [que] permanecem desconhecidas, ignoradas, silenciadas ou omitidas. Visibilizar também significa desvelar, tirar as aparências, tirar os véus androcêntricos, machistas, heterossexistas, [etnocentristas], racistas e classistas que naturalizam ou justificam a subordinação e opressão contra as mulheres. Mostrar contradições, desacordos, rupturas, entre as mulheres individuais enquanto sujeitos e os estereótipos construídos sobre as mulheres. Uma ferramenta que tem sido fundamental para a visibilização é a árvore de análise estrutural.

Outra ferramenta que tem servido para visibilizar a relação entre os diferentes sistemas de opressão e como [se expressam] num sistema que hierarquiza as pessoas, é o sistema a seguir. Esta é uma forma gráfica que ajuda a explicar o que chamamos de sistema classificatório.



5.3.1.2 DESNATURALIZAR:

Historicamente o sistema recorre a justificativas de aparência científica, religiosa ou cultural para justificar a subordinação. A naturalização torna desnecessária a reflexão sobre a existência e leva a pensar em identidades essenciais que terminam justificando a subordinação. Partindo de uma perspectiva feminista implica: desconfiar de tudo aquilo que disfarçado de ciência, religião ou cultura, justifica de alguma maneira a subordinação.

5.3.1.3 HISTORICIZAR

Significa reconstruir a situação social, as mentalidades, os valores e o sistema normativo que orienta a definição das relações sociais e políticas. Revelar o conjunto de processos inerentes à naturalização e à invisibilização mostrando

os mecanismos sutis ou abruptos através dos quais se subordinam as mulheres.

Historicizamos quando reconhecemos as contribuições das mulheres mayas na história através [de uma] linha de tempo, pesquisas comunitárias, familiares, de povos, de uma identidade xinka ou garífunas [como lugar de fala]; quando reconhecemos nossas ancestrais e herdeiras, [pois] não basta nomeá-las; quando visitamos sítios arqueológicos, lugares sagrados [e] históricos com informação crítica.

Mapa da dor, historicidade do corpo e história
Valorizar a palavra, os saberes ancestrais, falar com as anciãs.

5.3.1.4 RESISTIMOS

Dos nossos territórios-corpo, negociamos com nós mesmas e com os outros em âmbito pessoal e coletivo. Somos parte dos processos e acompanhamos as comunidades em resistência.

Construímos ao visibilizar, difundir e potencializar aquelas práticas individuais e coletivas que potencializam o sonho de sociedade, nomeando o bem viver, vida em plenitude. Elaboração de um documento que desenhe, sintetize os elementos do projeto político emancipador que chamamos de bem viver, vida em plenitude, para impulsioná-lo.

Resta ver como a alternativa se torna o novo modelo econômico. Como o movimento constrói uma ferramenta política que lhe permita analisar as ações pertinentes, as que precisam ser reforçadas, etc.

Na EPF é fundamental desenvolver nas participantes uma visão crítica da cultura hegemônica e desmontá-la. Se propõe a fazer a crítica a partir de sua própria cultura, sua própria subjetividade e portanto a forma em que vivem são parte da construção de um pensamento que organiza o estratégico, a curto, médio e longo prazo e conecta o que fazemos hoje com o que desejamos para o futuro, considerando nossa memória histórica. A seguir, alguns exemplos.

5.3.2 PENSAMENTO ESTRATÉGICO

Produção de pensamento que nos permite organizar, ter critérios para selecionar ações que contribuem para a construção do sujeito e do seu projeto político. Resistência, desmontagem e construção.

5.3.2.1 DIMENSÕES DA DESMONTAGEM DO SISTEMA

Dimensões para a construção	Âmbitos	O que desmonta
Ordem simbólica-cultural	Novo imaginário sobre as pessoas e a natureza	Desmonta as ideias hegemônicas sobre o ser mulher e o ser homem. Desmonta as ideias hegemônicas do colonialismo e do capitalismo: A falsa separação entre produtivo e reprodutivo. Entre o privado e o público. A acumulação de capital e riqueza como objetivo da organização social e política
Organização social e política	Tomada de decisões na organização política e social da comunidade, territórios, região e país	Desnaturaliza a colonização e a formação atual dos estados-nação e coloca a possibilidade de construir outra forma de organização. Radicaliza as ideias de democracia e representação
Sexualidade	Tomada de decisões sobre o corpo e a sexualidade	Desmonta o controle sobre o corpo, a sexualidade e a capacidade reprodutiva das mulheres, base do sistema patriarcal
Reprodução biológica e social Redes de cuidado e afeto	Definição e impulso da cadeia da vida, produção e reprodução da vida.	Desmonta a organicidade e as instituições que sustentam o sistema. Casal, família, igrejas
Produção e intercâmbio para o cuidado da vida	Relações equitativas entre as pessoas e com a natureza	Desmonta a naturalização da classificação hierárquica dos humanos e os mecanismos de discriminação. Exemplos: sexismo, racismo

5.3.3 PARA DESMONTAR TEM QUE CURAR E DESENVOLVER O PODER ERÓTICO

A EPF se retroalimenta de processos de cura e recuperação da energia vital, da energia erótica da vida. Com isso se pode soltar a criatividade para encontrar espaços de construção e atrevimento, de rebeldia e liberdade. Também a recuperação do amor como fonte de poder político.

Kaqla coloca que é importante ver a história com olhos integrais e com mais respeito pelas mulheres, seu papel desempenhado na história, para então poder elevar nossa auto-estima, erradicar o opressor interno, o que nós

internalizamos, e assim contribuir para a construção de um país diferente, com novos paradigmas e criação de expressões artísticas que permitam recuperar e estabelecer o orgulho étnico-cultural¹⁵. Atras de mudança a partir do trabalho de acompanhamento psicossocial a mulheres vítimas de violência sexual durante a guerra, desenvolveram uma metodologia, que baseada na proposta política feminista vincula o pessoal com o político, o privado com o público, porque é nesses âmbitos que se expressa a realidade de opressão e subordinação das mulheres e suas transformações. Através de oficinas de formação/cura vincularam as análises e reflexões em torno da opressão das mulheres mayas a suas vivências pessoais, tornando evidente como essas opressões deixaram pegadas de dor em seu corpo, coração e energia. A metodologia combinou a tomada de consciência sobre a tripla opressão, e em particular a expropriação do corpo, com técnicas que permitiram descarregar as emoções e nomeá-las. Utilizando o enfoque dos direitos humanos foram abordadas as causas históricas e sociais das exclusões, seus efeitos e os direitos das mulheres. A reinterpretção dos fatos e o equilíbrio emocional energético, espiritual e mental foram abordados com técnicas individuais e grupais utilizando desenho, pintura, dança, descarrego dos chakras com o uso da hipnose e limpeza com fogo e ervas. Ao recuperar as energias se compartilha a experiência do trabalho organizado e suas reivindicações ao longo da história, assim podem se expressar e redescobrir seus poderes e conhecimentos e integrá-los como herança ancestral que impulsiona e fortalece para se reconhecerem entre elas mesmas, fazer valer seus direitos e reconhecer o potencial da organização. Com isso cada mulher pode interpretar a violação sexual como um fato sociopolítico e jurídico e assumir a partir de seus corpos, seus pensamentos e seus sentimentos, estimulando a tomarem decisões e ações sobre a sua condição histórica, para que fortaleçam o respeito, a valorização e consciência crítica para a construção de sua autonomia.

E Qanil coloca que os processos de formação/cura têm o objetivo de favorecer o encontro consigo mesma, tomar consciência que toda mudança necessária em sua vida requer perseverança, ir até a raiz dos problemas, confiança de que é possível romper com padrões culturais e a certeza de que é possível recuperar a serenidade e a alegria.

5.3.4 MEMÓRIA DO CORPO

A construção da memória do corpo é um exercício político a nível pessoal que pode contribuir para desmontar o sistema.

María José Rosales nos diz que “a construção da memória do corpo é olhar para nós a partir das histórias de nossas bisavós, avós, mães, irmãs e filhas e nos colocar em contextos políticos para compreender os tipos de relações que praticamos. É desenhar nossos corpos com cicatrizes, dores, redes, sensações; é quando entramos num estado de compreensão, de resistência e de vontade de construir outras formas, outros marcos interpretativos, outras relações, outros corpos. Não é tão simples quanto parece, são ações permanentes, tanto individuais como coletivas de reflexão, leitura e criação; é ir atrás, voltar, ir pros lados e voltar outra vez para colocar em prática”.

Quando [ela] fala do corpo se refere “a materialização da sexualidade, a matéria com a qual habitamos esse planeta, vivemos e sentimos. O corpo/sexualidade é formado por emoções, sentires, saberes, energias, estrutura para funcionar, química e movimento, e se constrói socialmente.”

São ações que permitem compreender, interpretar, reler e [desemaranhar] o que se viveu e o que viveu quem está ao redor de cada uma, tanto na comunidade, na nação, como em outras partes do mundo: é ir fazendo história.

Acrescenta que “[p]artir da reflexão sobre o que fazemos nesta vida e como a vivemos, nos ajuda a desmontar os sistemas de opressão que existem em nós, os que executamos como opressoras e submissas. Essa consciência, na qual nos pensamos com tudo o que está ao redor de nós: o contexto onde estamos, as relações sociais que

¹⁵ Grupo de Mujeres Mayas Kaqla. La palabra y el sentir de las Mujeres Mayas de Kaqla. Guatemala, 2001. Pag 30

atravessam nossos corpos, compreender como fomos construídas através da história e assim entrar em como queremos ser”.

[...]

Nos dá alguns exemplos das reflexões que deveríamos incorporar ao nosso processo político pessoal: como o colonialismo, a forma de dominação mais frequente em quase todas as partes do mundo, atravessa meu corpo, como eu o reproduzo, que técnicas uso para exercer meus principais mandatos e que privilégios me confere. Como a guerra esteve presente na maior parte dos tempos e para que serve, como isso afeta a mim e aos seres próximos. Que acontece quando o meu corpo se inunda de terror e me paraliza, por que sinto isso.

Nos adverte que essas reflexões nos questionam em tudo que somos, os lugares de privilégio que o sistema nos confere. Implica questionar o ser ladina, heterossexual, homem, branco, vítima, agressor e pode ser difícil fazer isso. E nos orienta colocando que se todas as pessoas revisassem o papel que desempenham nesse sistema opressor, alcançaríamos novas formas de conviver e estar.

5.4 AS METODOLOGIAS DE CONSTRUÇÃO DE ACUMULAÇÃO DE FORÇA

[...] Fortalecimento do movimento enquanto sujeito político feminista: em várias dimensões, aliança como ponto de partida e alianças que constroem as diversas instâncias.

Resgate das lutas das mulheres na história, identificando as ancestrais. Resgate, feito político de reconhecê-las como ancestrais e nos reconhecer como herdeiras. Contribui para colocar na consciência a dimensão histórica do movimento.

Sistematização da prática metodológica utilizada: os processos avançados (recompilação de memórias), [n]os desenhos metodológicos [que] são registrados em dois [momentos,] um quando se planeja e depois [quando] se revisa o evento posteriormente, incorporando as mudanças a partir da prática. [Tudo isso] permite depois [avaliar] a colocação em prática da concepção política e pedagógica [do processo].

Sistematização da atuação política realizada e contextualizada: [R]econtar as ações realizadas avaliando como isso contribui para o processo que estamos fazendo.

Compilação do que foi construído no movimento para fazer uma avaliação crítica e afinar o correspondente para continuar o processo (propostas, ferramentas, pensamentos). Os movimentos constroem ferramentas que ajudam a alcançar seus objetivos, avaliar as ferramentas e se afinam. Ter uma consciência clara do processo [...] de se construir [como] movimento.

Avaliação política da acumulação de forças (as alianças que possuem diferentes dimensões, entre todos nós, com outras e outros) atingida e tomada de decisões de continuidade em termos de alianças.

Análise permanente do contexto situado e das forças políticas que estão em movimento.

5.5 PROCESSOS QUE AJUDAM A CONSTRUIR MOVIMENTO

Como Alianza Feminista, a Asociación de Mujeres de Petén Ixqik, e a Alianza Política Sector de Mujeres e a Asociación Feminista La Cuerda decidimos realizar um processo de formação centrado no fortalecimento do movimento como sujeito político.

Uma das avaliações que fizemos ao finalizar a Escola de Formação Política Feminista é de que era muito difícil para uma ou duas companheiras de uma organização, transpor o que numa perspectiva teórica e política, o que se aprendia e se pensava na escola. Observamos que a ideia de nos tornarmos um sujeito político era uma abstração que ainda não conseguimos que fosse compreendida e assumida por mais integrantes das organizações; também avaliamos que na escola não havíamos abordado, com a profundidade necessária, o racismo estrutural e a colonização como forma de relação internalizada no país e, portanto, não foi suficientemente analisado o vínculo existente entre patriarcado e capitalismo e também não foram traçados os caminhos a seguir para concretizar a descolonização.

Esses elementos foram os que consideramos para definir a realização de encontros territoriais, com uma convocatória ampla para integrantes das diferentes organizações.

Assim realizamos três encontros em torno do Sujeito Político com o objetivo de refletir em nível pessoal e coletivo sobre nossa concepção de sujeito político e em que implica sua construção.

[...]

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO CRIAÇÃO COLETIVA DE SABERES E DE AÇÕES

CLAUDIA KOROL

 Trechos do artigo publicado em 2015 na Polifonías Revista de Educación, ano IV, N°. 7 pp 132-153, que apresenta algumas reflexões que surgem a partir da experiência de educação popular realizada pelo grupo Pañuelos en Rebeldía. Concebe a mesma como parte dos processos de criação coletiva de conhecimentos, teorização de práticas, onde nasceram novas categorias de análise e se elaboraram reflexões que buscam transformar as realidades de exploração, opressão e dominação, geradas por um capitalismo heteropatriarcal e colonial.

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO CRIAÇÃO COLETIVA DE CONHECIMENTOS

Embora a educação popular tenha dado seus primeiros passos como forma de conscientização, havia subjacente uma ideia de consciência alheia ao sujeito, que deveria ser elaborada a partir de um diálogo entre os saberes imediatos nascidos das práticas sociais dos grupos que participaram nos processos de formação, recorrendo a um conjunto de técnicas participativas que permitiriam problematizar essas primeiras aproximações à realidade.

Havia uma teoria implícita, fundada no marxismo e na teologia da libertação, que pensava a relação objeto-sujeito com um determinado mecanismo, desconhecendo as contribuições de outros pensamentos, como o feminista, ou as cosmovisões dos povos originários.

Décadas depois, com a queda não só do Muro de Berlim, mas também das muralhas levantadas entre diferentes correntes do pensamento emancipatório, foi possível a educação popular problematizar alguns nós básicos de sua concepção e metodologia. Era essencial que isso se fortalecesse como uma pedagogia do diálogo, uma pedagogia da curiosidade e uma pedagogia do questionamento. Uma pedagogia que parte do fato de que somos seres inacabados/as, e que busca sempre as lacunas que se criam e as faixas que se abrem nos processos de aprendizagem, como um convite a pensar e sentir novamente o conhecido, a partir de nossos corpos em vidas em mudança.

A criação coletiva de conhecimentos é um modo de valorizar os saberes acumulados pelos povos em suas lutas e de recuperá-los, não como ponto de chegada, mas como ponto de partida. Isso significa que o mais importante em nossa lógica pedagógica é o que não conhecemos, os conhecimentos que necessitamos criar ou encontrar. Esse ponto de partida permite confrontar o dogmatismo de um mundo de certezas, que acredita que as respostas já estão dadas e que basta aprendê-las para bem aplicá-las, método característico da educação bancária. Questiona também o culto aos saberes ancestrais como saberes intocáveis e indiscutíveis, a partir de uma postura conservadora que não se atreve a criticá-los, como se todos os saberes necessários existissem ontem.

Algumas dessas lógicas de ancoragem do saber no passado também se repetem em certas versões do marxismo e do feminismo, que se tornaram ortodoxias. Nessas perspectivas, qualquer reformulação é considerada um gesto de desvio, de desvio de princípios. Isso torna o caminho da criação de novos saberes mais difícil.

Estamos diante da tensão ideológica e metodológica com uma academia na qual prevalecem franjas progressistas, uma hegemonia cultural pós-moderna, que nega os processos de acumulação de experiências, que ignora a materialidade subjacente nas práticas sociais e as substitui por relatos fragmentados de acontecimentos a-históricos, que nega ou subestima o lugar dos sujeitos coletivos como arquitetos da história, e por outro lado, com uma lógica de ortodoxias ideológicas e culturais instaladas em certas esquerdas e suas organizações e instituições que também dificultam o diálogo de saberes e sua recriação.

Desafiando essas lógicas, a educação popular que propomos, transforma o processo pedagógico numa aventura, na qual educadorxs e educandxs embarcam em jornadas que se atrevem a aprender e apreender o mundo sem um resultado previsível, dispostxs a navegar nas tempestades que significam esse diálogo e essas indagações. São caminhadas nas quais há crises possíveis – e em alguns casos necessárias – crises, naufrágios, e nas quais vamos encontrando formas de sobreviver, sempre que podemos colocar a ação coletiva como dado central.

A relação entre a proposta de educação e a construção do grupo tem pelo menos dois significados. Um diretamente relacionado ao objetivo político da pedagogia dos oprimidos e oprimidas, que é transformar nossas sociedades de forma revolucionária. Isso implica construir organizações sociais e políticas que se tornem sujeitos dessas revoluções, que as preparem, pensem nelas, as façam, as liderem. Sujeitos que não delegam tarefas revolucionárias a supostos representantes. Sujeitos coletivos que se constituem na práxis de transformar a vida e de pensar nessas transformações. O outro sentido tem a ver com fazer pedagogia. Com a experiência e a contribuição de perspectivas como as de Pichon Rivière e Ana P. de Quiroga, aprendemos que os processos de ensino (ensino/aprendizagem) produzem dores, angústias, alegrias, emoções, e que o trânsito por esses estados é necessário compartilhá-lo[8].

O grupo é fundamental nos processos pedagógicos para identificar os obstáculos epistemológicos, para tentar superá-los, e para que o diálogo a partir de diferentes perspectivas nos permita enriquecer o conhecimento, e nos sustente em nossas possíveis caídas ou dificuldades para atravessar esse processo.

O capitalismo patriarcal tende a nos isolar para nos domesticar. A cultura pós-moderna, funcional ao neoliberalismo, reforça os processos de perda da dimensão coletiva e sua substituição por um individualismo exacerbado, substituindo os esforços de mobilização organizada, por exercícios de performance isolados de processos políticos coletivos, ou muito descrentes de si mesmos. Sem desconsiderar as possibilidades das ações performativas, e valorizando essencialmente o lugar criativo da arte e da expressão na criação histórica, nos interessa que essas ações possam contribuir para processos coletivos de investigação sistemática da realidade e das lutas organizadas para revolucioná-las.

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO PEDAGOGIA DAS REVOLUÇÕES

As experiências de educação popular nasceram como uma pedagogia dos oprimidos, se foram voltando também às pedagogias das oprimidas, des oprimidas, de todes es dissidentes do heteropatriarcado capitalista. Mas não é apenas uma pedagogia dissidente. Quer ser – continuar a ser – pedagogia da revolução, das revoluções necessárias.

Não sem dificuldades, aprendendo à medida que avançamos, a educação popular tem sido uma proposta pedagógica que nos permite pensar e debater categorias centrais na luta revolucionária como o poder, o poder popular, os caminhos da revolução, as revoluções permanentes e as disputas pelo poder do estado, as teorias sobre a vanguarda, análises de exploração de classe, opressão patriarcal, dominação colonial, o projeto socialista, feminista, o bem viver.

Pedagogia das revoluções, pedagogia revolucionária, significa entre outras coisas, acompanhar e aprender com os esforços populares de descolonização, despatriarcalização e de mercantilização da vida. Significa também transformar o cotidiano de nossos movimentos e organizações, e nossa própria vida, em laboratórios nos quais testamos novas relações que não sejam de opressão ou subordinação, mas sim, de liberdade. Revoluções anticapitalistas, em um momento em que o capital transnacional fez das políticas extrativistas e mafiosas, de saque e destruição da natureza e dos povos na natureza propostas de morte, que dão continuidade aos genocídios que o constituíram como sistema. Pensamos nas revoluções socialistas, que não pensam o socialismo restrito a um melhor modo de produção e distribuição de bens-mercadorias, mas se propõe a repensar como toda a vida

é criada, derrubando as barreiras construídas historicamente entre a produção de mercadorias e reprodução da vida[9]. Nos referimos a um socialismo que avança para a sua despatriarcalização, suprimindo não só a exploração da força de trabalho baseada na mais-valia, mas também a superexploração que significa o trabalho doméstico gratuito para as mulheres.

Estamos falando de revoluções feministas, que buscam dismantelar as hierarquias do poder patriarcal em todos os laços sociais e questionar a cultura androcêntrica; que se permitem pensar a degeneração do gênero, sem deixar de saber que nas identidades oprimidas pelo heteropatriarcado estão as capacidades de desafio e desorganização material e cultural.

Revoluções que promovem a descolonização cultural, política, social a partir da crítica sistemática das noções adquiridas e introjetadas em mais de cinco séculos de hegemonia ocidental, e de sua racionalidade dissociada de sentimentos e sentidos que continuamos a semear em nossos territórios e que resistem em nossos corpos, em nossas memórias, em nossos sonhos, nos espaços e no tempo que habitamos.

Pedagogia da ternura, do abraço, da solidariedade, contra a proposta capitalista patriarcal que pensadoras como Rita Segato (2013) identificaram como “pedagogia da crueldade”[10]. Se as políticas de guerra do capitalismo exigem naturalizar as relações de agressão, de violência, levando através dos aparatos ideológicos públicos e privados a promover a insensibilidade e até o distanciamento afetivo com os outros e outras, considerados como ameaça, a pedagogia das emancipações e revoluções requer reinventar os laços da amizade, do amor, do encontro, como laços políticos indispensáveis para a criação de um mundo novo.

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO PEDAGOGIA DA VIDA COTIDIANA

A concepção metodológica dialética da educação popular, considera como ponto de partida dos processos pedagógicos a prática social imediata das pessoas. Se propõe ir do conhecido, imediato, concreto, ao desconhecido, complexo, para poder abstrair a partir daí, teorizando com base nas práticas.

Prática-teoria-prática é o caminho metodológico proposto, diferentemente dos modos tradicionais que partem da teoria ou do mundo das ideias, para “iluminar” o das experiências. A crítica do iluminismo tem permitido um diálogo entre razões e sentimentos, sentidos, corpos em movimento, que vão conformando uma pedagogia não de depositar saberes já existentes, mas de questionar esses saberes, para refazê-los na vida social.

A educação popular que realizamos ampliou o conceito de ponto de partida, para considerar como parte dessa prática social o conjunto da vida cotidiana das pessoas. Isso nos permite, por um lado, abordar uma pedagogia que assume claramente a proposição feminista de que o pessoal é político. Em outras palavras, busca formas de superar uma das consequências da racionalidade patriarcal ocidental, que separa as esferas do público e do privado – onde o público é o “território” dos homens e o “privado” das mulheres–.

Problematizar e pensar politicamente a vida cotidiana nos permite refletir, debater e analisar corpos e territórios, os primeiros elos nos quais nos socializamos, como a família, a escola; os lugares onde somos disciplinados e ordenados, colonizados e domesticados...e onde em alguns casos adquirimos recursos básicos para resistir a essa colonização e a essa disciplina.

Esse olhar crítico nos permite estabelecer como o conjunto de opressões é exercido sobre nossos corpos e territórios. Identificar como as relações de poder fazem parte de sistemas que nos envolvem, de maneira subordinada, e que estabelecem possibilidades e limites para nossas ações; também é essencial reconhecer em nossos corpos e territórios as forças e energias necessárias para poder caminhar no sentido de transformação dessas relações de poder, para que as lutas emancipatórias possam ser percebidas de forma clara, imediata, e não

como resultado de slogans e ações além de nossas possibilidades de projeção e discernimento.

O projeto coletivo pode e precisa desse olhar às nossas formas de estar no mundo, para o tecido social do qual fazemos parte, que por isso conhecemos e podemos conhecer melhor em um processo coletivo de criação coletiva de saberes que surgem e se multiplicam em nossas lutas. Esse ponto de partida também é fundamental para valorizar o lugar do saber popular, do nosso saber no contexto imediato. São saberes que não estão escritos nos livros, mas que podemos ir elaborando no diálogo de nossas experiências imediatas no mundo. A partir daí, estabelecemos uma forma de interagir com as teorias existentes que não são manipulações das mesmas segundo opções ideológicas anteriores, mas autênticas interpelações mútuas entre nossos pensamentos, sentimentos, sentidos e os conhecimentos construídos historicamente por outros sujeitos, em outros processos de aproximação da realidade.

A crítica do cotidiano também nos aproxima de modos de fazer política que buscam reforçar a autonomia de indivíduos e grupos, pois distorce os limites que a dominação impõe a realização de nossos projetos individuais e coletivos. Foi assim que nesses anos, como resposta às políticas neoliberais de exclusão social, se multiplicaram os grupos que organizam hortas comunitárias, refeitórios, painéis comunitários, fábricas sem patrões, empreendimentos produtivos da economia social, cooperativas habitacionais, escolas secundárias populares, rádios comunitárias, TVs comunitárias e outras formas de reinventar o trabalho, a educação, a moradia, a comunicação. Também foram organizados grupos que ajudam as mulheres que querem decidir sobre seus corpos, ou sobre sua maternidade, a realizar abortos se necessário, grupos que enfrentam a violência machista em casa e começam a discutí-la dentro das organizações sociais onde em alguns casos participam.

Nesses processos, a educação popular contribui para olhar politicamente o cotidiano, e questionar as relações de opressão nas diferentes formas de se relacionar, pensando como transformar alguns aspectos dessas relações, para que nossas experiências como pessoas autônomas possam nos permitir a liberdade de imaginar e de tentar criar um mundo sem relações de poder que sujeitam e oprimem. Também levanta o nosso olhar sobre temas que em outros tempos ficaram de fora dos processos de formação dos movimentos populares, como a sexualidade, o direito de decidir sobre nossos corpos, a crítica às formas de amor que se constituem como propriedade e controle, a colonialidade de gênero, a racialização das mulheres, a divisão sexual do trabalho e outros tantos temas que estão nos tornando quem somos, contaminando nossos tempos, nossas relações e nossas visões de mundo.

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

O debate sobre a autonomia dos movimentos populares foi central na primeira década do século XXI. O fracasso das experiências do Leste Europeu, fortemente marcadas pela burocratização das propostas socialistas, a alienação das experiências do poder popular a partir de sua institucionalização e nacionalização, e por outro lado, a emergência de resistência às políticas neoliberais no continente, de rebeliões com um alto nível de irrupção espontânea dos povos, promoveram diferentes práticas que colocaram a autonomia no centro de seu projeto. Dentre elas, uma central por sua radicalidade prática e teórica é a experiência zapatista. A criação de comunidades autônomas, praticamente à margem da interação com o Estado, gerou novas formas de socialização contra-hegemônicas e de discussão do poder e contra poderes. Outras formas de autonomia são aquelas propostas pelo Movimento dos Sem Terra do Brasil, em que os acampamentos e assentamentos fizeram suas práticas de ocupação, resistência e produção, incentivando novas formas de vida coletiva.

Mesmo em experiências marcadas pela ação estatal, como a revolução bolivariana na Venezuela, as comunas socialistas antipatriarcais estão sendo organizadas a partir do coração do povo, verdadeiros laboratórios de autonomia e de poder popular.

Essas diferentes experiências, tanto em sua ação política como nas formas de interação com o Estado, se reforçam com as propostas de educação popular concebidas como uma pedagogia da autonomia. Porque nessas propostas, a autonomia não se apresenta como um fim em si mesma, nem como forma de se isolar dos processos políticos, mas ao contrário, como forma de intervir neles como sujeitos críticos, coletivos, que pensam e fazem política, e nesse pensar-fazer eles se pensam e se constituem como sujeitos atuantes, sem delegar seu poder ou sua representação, em defesa dos interesses grupais e coletivos gerais da sociedade na qual se revolucionam e que revolucionam.

A convicção de que as revoluções não se fazem com sujeitos domesticados ou disciplinados de forma acrítica, mas com pessoas e grupos conscientes de seus interesses, dos conflitos que colocam, distinguindo-os, estabelecendo prioridades, alianças táticas e estratégias, atuando coletivamente contra correntes conservadoras ou contrarrevolucionárias faz parte desses processos de educação popular/formação política, que não pretendem doutrinar, mas sim apoiar a auto-organização dos povos, em meio as suas batalhas estratégicas e em seu cotidiano.

A EDUCAÇÃO POPULAR EM JOGO

Pañuelos en Rebeldía é um coletivo de educadoras e educadores populares que possuem uma grande diversidade geracional. Somos aqueles/as que se juntaram a várias décadas de participação na luta social de nossos países (também viemos de diferentes regiões do continente), e aqueles que nasceram quando já estávamos envolvidas nessas experiências há algum tempo. Atuamos também em diferentes regiões do país e do continente. Isso cria condições para um diálogo intergeracional que põe em jogo as diferentes formas como cada geração aborda a luta política. É assim que encontramos aqueles que queimaram nas fogueiras dos anos 70, jogando todos os dias jogos de risco, os/as que deram seus primeiros passos políticos esquivando-se das pedras do Muro de Berlim derrubado, aqueles/as que nasceram com a revolução cubana, aqueles/as que viveram alegremente a revolução sandinista, aqueles que nasceram na época do seu eclipse, os/as que se apaixonaram pelos jogos armados, que acreditaram no caminho pacífico, que se vislumbraram com os jogos mágicos dos/as zapatistas, que acordaram com a revolução bolivariana, que abraçaram a experiência boliviana.

Os povos ensaiam diferentes jogos, e em todos eles estão em jogo vidas, sonhos, projetos.

Jogar e se jogar nos jogos do povo, é correr riscos e também ousar arriscar.

Nessa caminhada, para baixo e à esquerda, fomos descobrindo que as organizações inventam seus jogos, para desorganizar as formas políticas duras e violentas da hegemonia política, militar, econômica, cultural e social. Assim, nessas décadas de participação das lutas sociais, aprendemos a andar pela Praça de Maio junto com as Mães, aprendemos a atirar com estilingue nos piquetes, aprendemos a se esconder e ficar a salvo na cara da polícia e da repressão institucional, aprendemos a tomar escolas e fábricas, aprendemos a celebrar as primaveras sem Monsanto, aprendemos a criar nossos tribunais éticos populares, aprendemos a organizar conselhos de jogo aberto.

Esses jogos do povo são muitos, são criativos. Neles há fontes inesgotáveis de aprendizado. Aprender brincando faz parte de uma pedagogia que incorpora diferentes formas de abordar a realidade no processo de conhecimento. A dimensão lúdica da educação popular permite “colocar em jogo” todo o corpo e põe em tensão diferentes energias criativas e diferentes sensibilidades. Nesse sentido, longe de ser uma forma de tornar o estudo ou o processo de formação mais divertido, trata-se de torná-lo mais profundo, mais complexo e, se possível, também menos chato.

A dimensão lúdica da educação popular é um aspecto central de sua concepção metodológica, pois contribui para derrubar os próprios muros erguidos em alguns casos como formas de autodefesa, em outros como suporte, mas

¹ Nota da Tradutora: O original se refere a uma brincadeira de crianças ¡piedra libre!, semelhante a um esconde-esconde, destacando a criatividade e resiliência das pessoas de forma lúdica.

que em certos momentos se tornam obstáculos aos processos de aprendizado. E nos permite fazê-lo não de forma implacável, agressiva, mas colocando nesse processo e naqueles momentos, sensibilidade, ternura e alegria.

Juntamente com as dinâmicas dos jogos, incorporamos outros modos vivenciais e grupais de abordagem do conhecimento, como o teatro do oprimido e da oprimida, o psicodrama, as diversas expressões artísticas.

A ruptura da rigidez dos corpos costuma ser o primeiro momento dos processos de aprendizagem. Saltar a distância entre as pessoas, poder nos tocar sem medo, poder abraçar e se mover rompe com as estruturas incorporadas desde o nascimento, que tendem a imobilizar o corpo e separar as emoções da racionalidade. Aprender a nos jogar na vida, jogando como quando começamos a aprender, é uma das experiências mais emocionantes, que renovam as energias e o desejo de estar em companhia e lutar neste mundo.

A SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS E A PESQUISA-AÇÃO PARTICIPATIVA

Um aspecto metodológico importante em nossa perspectiva de educação popular, é a sistematização de experiências dos movimentos populares, como um modo concreto de teorização e de criação coletiva de conhecimentos[11].

Os movimentos tendem a ter uma tendência ao ativismo, sobretudo porque vivem sempre na urgência de dar resposta às necessidades de quem os integra e dos setores sociais em que se organizam; isso dificulta a reflexão sobre suas práticas. Em muitos casos, o ativismo se nutre de teorias ou hipóteses ideológicas adquiridas, mas o processo de pensar coletivamente sobre as próprias experiências em termos teóricos e ideológicos é fraco. Dessa forma, a fratura entre teoria e prática tende a se reproduzir. Por isso, a sistematização de experiências, realizada com metodologia participativa, é uma forma de favorecer a criação coletiva.

No nosso caso, a contribuição da educação popular consiste fundamentalmente em ajudar e acompanhar os movimentos na construção do processo metodológico de organizar a reflexão, de garantir que a mesma seja confirmada com dados externos à mera memória das participantes, incluindo certas indagações sobre as questões mais complexas ou onde surgem diferentes interpretações, e que as lições aprendidas com essas experiências possam ser colocadas em discussão. Ao mesmo tempo, procuramos contribuir para comunicar essas sistematizações, essas teorias que nascem da prática, para que entrem em diálogo com outras experiências dos movimentos populares, criando uma trama de reflexão-ação que alimente as perspectivas de luta[12].

A criação de conhecimentos para transformar a realidade não pode se restringir ao estudo do que já foi desenvolvido. Por isso, os movimentos populares vêm se apropriando, como parte dos mesmos processos de educação popular, da metodologia da Pesquisa-Ação Participativa, utilizada não só para aprofundar o que existe, mas também para poder antecipar novas possibilidades de análise e ação.[13].

Por meio da pesquisa-ação participativa, os sujeitos coletivos tornam-se protagonistas críticos do olhar e da descoberta dos caminhos que podem ser abertos com sua intervenção em diferentes níveis, gerando hipóteses, tentando colocá-las em ação, avaliando, pensando outros caminhos. Desta forma, a pesquisa-ação participativa torna-se uma modalidade de educação popular, que envolve movimentos populares constituídos como intelectuais coletivos, no ato pedagógico de pensar novas realidades, sistematizando saberes e criando um método de verificação em que os riscos de repetição de ideias são evitados ou reduzidos. Nesses processos, os/as ativistas desses movimentos se formam como intelectuais orgânicos do mesmo e das lutas revolucionárias, e tornam-se elos na constituição dos movimentos como intelectuais coletivos.

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO PEDAGOGIA NOSSAAMERICANA², DESCOLONIZADORA, ANTI-IMPERIALISTA E INTERNACIONALISTA

Em nosso continente, as fronteiras existentes foram impostas pela colonização violenta, que quebrou a vida dos povos originários, através de sucessivos genocídios, guerras, massacres, estupros de mulheres e destruição de seus territórios.

Ao genocídio dos povos originários, foram adicionados o genocídio dos povos trazidos como escravos da África e aqueles promovidos pelos impérios europeus, como a Guerra do Chaco, a Guerra da Tríplice Aliança em nossa região, bem como os golpes de estado e as intervenções militares, que deixaram feridas que continuamos a enfrentar até agora.

Uma pedagogia anti-imperialista da descolonização requer consciência dessa história de embates entre povos provocados por interesses imperiais e neocoloniais, e agora pela dominação do capital transnacional, que continua a pilhagem de bens, a destruição de povos e territórios, por meio de políticas extrativistas de espoliação e acumulação de capital. Sabemos que essas mesmas potências estão por trás de guerras em outros continentes, que levaram a destruição de povos inteiros.

É por isso que a educação popular, como pedagogia realizada a partir do nosso continente, busca apagar as fronteiras impostas pela colonização e promove a reflexão e a ação coletiva da nossaamericana, com chaves como autonomia, soberania, identidade e liberdade. Ao mesmo tempo, dialoga com a experiência de outros povos numa perspectiva internacionalista, anti-imperialista, de ação solidária, de intervenção nos esforços de desmilitarização das diferentes dimensões da vida.

Nessa perspectiva, a educação popular é também educação para a paz, para a vida, diante de lógicas educativas que naturalizam a violência, o medo, o terror, que colocam a guerra como fatalidade, que pensam a crise climática como um desastre inevitável e como sinais dos tempos. Desnaturar o caráter violento que as relações sociais estão assumindo nesta época do capitalismo tardio, denunciar o fator militar como elemento decisivo na construção do poder e hegemonia do capital, identificar quem apoia essas políticas e delas se beneficiam, tentar reconhecer as propostas criadas por movimentos populares que visam desorganizar a violência estatal e transnacional, militares, paramilitares, redes de drogas, tráfico e prostituição, tráfico de armas, é um exercício arriscado, mas necessário para que as possibilidades de criação do poder popular adquiram poder e autonomia.

As mobilizações contra os golpes de estado no continente, os bem sucedidos e os fracassados, são escolas de formação política. Os julgamentos contra o genocídio e a impunidade, além de instrumentos voltados ao exercício de direitos, também são momentos educativos. As mobilizações realizadas em todo o nosso país pelo Nunca Más (Nunca Mais) e pelo Ni Una Menos (Nem Uma Menos), permitem que os movimentos sociais identifiquem quem é o responsável pela violência e o que cada evento tem em comum com um sistema que apoia a negação dos corpos como parte de suas ações. Enfrentar as políticas extrativistas, defender a água, a terra, o ar, a vida, são formas de desvendar a colonialidade do poder.

Para isso, a educação popular não se dá apenas em oficinas ou seminários. É uma proposta que usa as ruas, as assembleias, para se realizar. Os corpos em ação são a premissa para a educação popular em movimento. Corpos que vão sendo e se sentindo parte de processos coletivos, que estão se reconhecendo no mesmo território de necessidades e desejos, de sonhos e ações, que estão se tornando sujeitos do caminhar, são o que fazem a história, a pedagogia, o corpo e o coração da educação popular.

² Nota da tradutora: O original diz: “nuestraamericana”. Trata-se das contribuições de José Martí (século XIX) para uma pedagogia originária do Sul, para a leitura da realidade do Sul e para a criação de uma epistemologia do e para o Sul. O Sul é usado como metáfora do sofrimento humano devido ao colonialismo e ao capitalismo (De Sousa Santos, 2009, Una epistemología del SUR, CLACSO).

Corpos rebeldes, dissidentes, que não procuram reforçar os mandatos sacrificiais da moral judaico-cristã, mas sim, desafiá-la e fazer a motivação das muitas lutas, que nem sempre se transformam em batalhas, mas também se realizam como encontros e celebrações.

Corpos insubmissos, insurgentes, desobedientes, em tramas de povos que foram aprendendo que dar a vida não se resume a um momento heróico, mas é uma tarefa de formiga, diária, tenaz, na qual nos jogamos dia a dia, num jogo que torna a vitória diária do jeito certo.

A educação popular, como pedagogia do caminho, é como um pular amarelinha, como um desenho na pele.

BIBLIOGRAFÍA

- ALGAVA, M. (2006) Jugar y jugarse. Sistematización del Equipo de Educación Popular Pañuelos en Rebeldía. Ediciones América Libre, Buenos Aires, Argentina.
- BUTLER, J. (1990) El género en disputa. Feminismo y la subversión de la identidad. Routledge, Estados Unidos.
- CALDART, R. S. (2004) Pedagogia do Movimento Sem Terra. Expressão Popular, São Paulo, Brasil.
- DE QUIROGA, A. P. (1997) El proceso educativo según Paulo Freire y Enrique P. Riviere. Plaza y Valdes Editores, México.
- FALS BORDA, O. (2013) Socialismo Raizal y el Ordenamiento Territorial. Ediciones Desde Abajo. Noviembre 2013, Colômbia.
- FEDERICI, S. (2010) Calibán y la Bruja. Mujeres, Cuerpo y Acumulación Originaria. Editorial Traficantes de Sueños, Madrid, Espanha.
- _____ (2014) Revolución en Punto Cero. Trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas. Editorial Traficantes de Sueños, Madrid, Espanha.
- FREIRE, P. (2005) Pedagogía de la Esperanza. Un reencuentro con la Pedagogía del Oprimido. Editorial Siglo XXI, México.
- _____ (2009) La educación como práctica de la libertad. Editorial Siglo XXI, México.
- _____ (2012) Pedagogía del Oprimido. Editorial Siglo XXI, México.
- GARGALLO, F. (2013) Feminismos desde Abya Yala. Editorial América Libre, Buenos Aires, Argentina.
- JARA, O. (1994) Para sistematizar experiencias. Alforja, Costa Rica.
- LONGO, R. (2012) El protagonismo de las mujeres en los movimientos sociales. Innovaciones y desafíos. Prácticas, sentidos y representaciones sociales de mujeres que participan en Movimientos Sociales. Ediciones América Libre, Buenos Aires, Argentina.
- PAÑUELOS EN REBELDÍA (2004) Revolución en las plazas y en las casas. Coedición de América Libre e Ediciones Madres de Plaza de Mayo, Buenos Aires, Argentina.
- _____ (2007) Hacia una pedagogía feminista. Coedición de América Libre e Editorial El Colectivo, Buenos Aires, Argentina.
- PICHON RIVIÈRE, E. (1985) El proceso grupal. Del psicoanálisis a la Psicología social. Tomo I. Nueva Visión, Buenos Aires, Argentina.
- SEGATO, R. (2010) Las estructuras elementales de la violencia. Editorial Paidós, Buenos Aires, Argentina.

Claudia Korol: Educadora Popular. Responsável pelo Programa de Formação dos Movimentos Sociais de CLACSO. Pesquisadora do Centro de Pesquisa e Formação dos Movimentos Sociais Latino-americanos. (CIFMSL). Secretária de redação da revista América Libre. Radialista e colunista. Participante da Equipe de Educação Popular Pañuelos en Rebeldía. claudia.korol@gmail.com

[8] Os textos de Enrique Pichon Riviere e de Ana P. de Quiroga foram especialmente significativos em nossa formação,

[9] Nos inspiramos nesses temas nas reflexiones de Silvia Federici, que analisou os modos de reprodução da vida, em textos como “Calibán y la Bruja” (2010) e “Revolución en Punto Cero. Trabajo doméstico, reproducción y luchas feministas” (2014).

[10] Rita Segato interpreta os feminicídios em Ciudad Juárez com a chave da pedagogia da crueldade, no livro “La escritura en el cuerpo de las mujeres”.

[11] Baseamos nossa formação em textos de Oscar Jara e de Ana Bickel sobre sistematização, e em particular em “Para sistematizar Experiencias” (1994), de Oscar Jara.

[12] Desde Pañuelos en Rebeldía, participamos da sistematização de experiências como a do Sindicato de Trabajadores Desempleados (UTD) do General Mosconi, da fábrica recuperada MOM, da Carpa Villera organizada pela Corriente Villera Independiente, da fábrica recuperada Zanon (durante o acampamento no Congresso da Nação). Publicamos a experiência da UTD de Mosconi e da Zanon como livros.

[13] Sobre a Pesquisa-Ação Participativa, nos inspiramos fundamentalmente nas contribuições do colombiano Orlando Fals Borda.

EDUCAÇÃO POPULAR RANULFO PELOSO

Esse material foi elaborado a partir da exposição de Ranulfo Peloso de CEPIS, no marco da Escola Mesoamericana em Movimento 2020. Primeiro temos uma tradução da transcrição da apresentação e mais abaixo o texto que deve entrar nos slides.

Conteúdo

- Introdução
- O conceito de formação
- Educação Popular
- Eficácia
- Conclusão

A. INTRODUÇÃO

A educação está sempre conectada à conjuntura, não podemos deixar passar, não há educação que não esteja conectada à conjuntura. **A conjuntura é de crise, não é de pandemia, a pandemia apenas revelou e acelerou a crise.** A educação popular está sempre conectada à conjuntura.

A pandemia nos deu a oportunidade de sairmos do automático, quando estávamos em guerra, não estávamos no automático, então se fazia a educação popular, estavam atentos. A pandemia nos provoca para estarmos sempre despertos. **A educação popular é provocar as pessoas,** é uma fábrica de construção de ideias. O modo de fazer as coisas online é muito necessário. Não é porque estamos em quarentena, é porque também é uma forma de fazer formação, mas para isso temos que nos preparar, temos que aprender. O principal que temos que levar em consideração é que tem **limites, por exemplo, limites para a participação; além de que não permite sentir o calor, o entusiasmo dos abraços e do debate.** Por isso, para o evento online, é preciso ter uma preparação muito boa, muita atenção durante o evento e, depois do evento, deve-se realizar uma avaliação e uma aplicação concreta nos processos. Paulo Freire dizia que nós devemos utilizar a tecnologia que as pessoas possam usar, porque de outro modo, o educador continua dominando [a relação com os participantes].

B. O CONCEITO DE FORMAÇÃO

Não há formação política se não considerarmos três esferas, uma de cada vez:

Formação: Não existe **formação política** se não estiver conectada com a **organização** que decide, que escolhe, que faz um programa de formação; e a formação não existe sem a **ação**. O mesmo pode se dizer da ação, ou seja, **a ação está conectada com a organização.**

A formação política é um tripé e não se pode falar de um elemento sem falar do outro. Qual é a tarefa da formação? **A primeira tarefa é divulgar;** o latim 'vulgus' significa o povo, então divulgar é contar ao povo e, para isso, **temos que preparar atores políticos, homens e mulheres, jovens atores políticos para o seu agir.**

O que a formação política vai divulgar? **Vai divulgar a estratégia de poder.** As vezes misturamos estratégia com tática; **estratégia é um caminho que significa "força"** e se não tem força, obedece. **Quando falamos de poder, significa capacidade ou força de decidir.** Quando falamos de estratégia para chegar a uma causa, a um horizonte, a uma utopia, a um sonho, essa causada está conformada por um projeto de nação. Além disso, essa estratégia tem uma organização e essa organização precisa de atores que chamamos de 'militantes'. Um sociólogo cubano fala de militantes como missionários; missionário, é alguém que tem uma missão, pelo qual, **os militantes são**

missionários porque têm uma missão, não só de militar (pertencer a algo), mas têm uma causa, um projeto.

A provocação política é necessariamente formação política. A formação não é um curso, não é uma atividade, não é um livro, não é uma palestra. Formação é ter uma ação que se usa.

A formação é uma ferramenta da organização para preparar as pessoas, que divulga sua estratégia e, portanto, será a prática da organização.

C. A EDUCAÇÃO POPULAR COMO UMA CONCEPÇÃO POLÍTICO PEDAGÓGICA

A concepção de formação é político-pedagógica. A educação popular é o contraponto ao adestramento, é o contrário do adestramento. A educação burguesa cria membros, não cria missionários, cria discípulos.

Por que chamamos político? **Popular significa que tem lado.** A educação popular considera a sociedade formada por classes. Nós não falamos de movimentos sociais porque a direita tem movimentos sociais, ou melhor, **falamos de movimento popular porque tem lado, tem uma intencionalidade, isso é o popular.** A outra coisa é que **evoca uma nova ordem social que é popular, onde as trabalhadoras e trabalhadores têm um espaço.**

Paulo Freire disse que não se podia ter uma educação burguesa para fazer uma revolução, pois sua estratégia é a de manter as pessoas muito domesticadas e adestradas para fazer o que quer o capitalismo.

A origem da palavra 'educação' é extrair coisas, é mostrar: **mostrar o saber que as pessoas têm.** Todas as pessoas aprenderam porque lutaram para sobreviver, porque aprenderam a não ser eliminadas por seus inimigos, porque experimentaram; daí vem o seu saber. Nós sabemos que o povo sabe, mas às vezes mistura as coisas por causa da introdução de elementos destrutivos de sua cultura.

Por isso, é preciso problematizar, fazer perguntas. Uma vez fiz uma pergunta: o cachorro é o melhor amigo do homem? Isso é verdade ou mentira? E 90% respondeu que estava certo. **Mas uma vez que começam a pensar descobrem,** uma jovem me disse: para responder a sua pergunta, eu pergunto: como trata o seu amigo? Em sua resposta ela me fez uma pergunta: como trata o seu amigo? Três anos antes, as casas tinham palavras "cuidado com o cachorro", mas se é meu amigo, porque ter cuidado com ele?

Então, vamos extrair o acúmulo social de todo o povo, **não como receita mas como inspiração.** O povo todo tem ensinamentos e todo o tempo nos inspira.

Por último, não se deve confundir educação popular com dinâmicas, ainda que estas sejam importantes. As técnicas nos ajudam na integração, na colaboração coletiva, nos ajudam a transformar coisas abstratas em concretas. **A educação popular busca fazer pequenos jogos para tornar a informação mais compreensível, mas se as dinâmicas não forem necessárias, então não são necessárias; pois senão, infantiliza as pessoas, e as pessoas não são tolas.**

D. EFICÁCIA: COMO SABEMOS QUE ESTAMOS FAZENDO EDUCAÇÃO POPULAR?

O primeiro sinal da eficácia é se as pessoas assumem sua autoestima, se saem de uma atividade com dois grandes sentimentos: de alegria e de indignação. O segundo, a indignação, as pessoas podem sair de uma atividade com indignação, com vontade de fazer algo. O outro é que quando estamos juntos nos inspiramos, conspiramos juntos. Se estiver inspirando, está conspirando.

O terceiro ponto é que você se transforma num missionário, tem uma bandeira, um objetivo que vai implantar

num determinado território, pode ser um território geográfico, setor de uma população. Por exemplo: eu vim aqui para acabar com a exploração e a dominação ou para erradicar a violência?

E. CONCLUSÃO

Mao Tse Tung diz que a educação popular é uma questão de convicção, é crer numa coisa que não se vê, é, sobretudo, ter uma esperança, a educação popular se confunde com a pessoa: você é a educação popular; é olhando para você, que as pessoas aprendem. Podemos aprender técnicas, mas quando estiver com a pessoa, vai pensar em como agradá-la, como fazê-la feliz, como um segredo; nós acreditamos, estamos convencidos e por isso nos entregamos. É uma convicção que se transforma numa postura pessoal em qualquer espaço.



“PARA REPRODUZIR O VÍDEO, A OPÇÃO CONTEÚDO 3D DEVE ESTAR ATIVADA NO ADOBE ACROBAT”

Conteúdo do vídeo

Slide 1

Quais são nossas preocupações quanto à educação popular?

Material elaborado a partir da exposição de Ranulfo Peloso no marco da Escola Mesoamericana em Movimento 2020

Slide 2

A educação deve extrair o saber que as pessoas têm, não impor
Problematizar, provocar, perguntar
Inspirar

Slide 3

A educação popular é uma concepção político pedagógica
tem definição política
tem intencionalidade popular
busca uma nova ordem social onde o povo tem lugar

Slide 4

A educação popular deve estar conectada a todas e todos os trabalhadores
são as e es que constroem o mundo.

Slide 5

Formação política
Não há educação, se não há formação política.
Não há formação política se não estiver conectada a uma organização.
A organização é que faz a formação política.

Slide 6

Formação política - preparar atores políticos - Ação - Divulgar estratégia de poder do povo - Organização (ferramenta prática)

Slide 7

Eficácia: como saber que o que fazemos é eficaz.
Se rompe as sensações impostas e permite assumir a autoestima.
Se provoca indignação contra as injustiças.
Se inspira e motiva a conspirar juntas e juntos por um mundo melhor.

Slide 8

A educação popular deve ser uma provocação

Slide 9

É uma fábrica de construir ideais

Slide 10

Tem que estar conectada à conjuntura

Slide 11

Devemos enfatizar a educação coletiva.
Acabar com o conceito de superioridade daquele que sabe e ensina.
Recuperar e valorizar saberes populares.
Entender que ninguém é inferior, toda opinião é importante.

Slide 12

Educação popular
Paixão
Convicção
Esperança

MESA REDONDA
OUTRAS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA DECOLONIAL
20 DE JUNHO DE 2022

INTRODUÇÃO

Companheiras/es, enviamos neste documento as anotações que contêm as apresentações compartilhadas por María Dolores Marroquín, Isabel Vinent, Llanisca Lugo e Rosa Negra na mesa redonda que fizemos no dia 20 de Junho 2022, no momento de aprofundamento teórico sobre educação popular feminista decolonial na Escola de Facilitadoras.

María Dolores Marroquín - Guatemala

Pergunta: O que é a educação popular e a educação popular feminista?

1. Quem são as sujeitas da Educação Popular Feminista (EPF): são todas aquelas pessoas que queremos ser parte deste sujeito de transformação, são as pessoas que sentem indignação e desassossego pela realidade em que vivem e desejam agir para transformar sua realidade.
2. O que é a EPF: Como um processo de transformação pessoal e coletivo, é uma ferramenta política que contribui para que as mulheres e suas organizações se constituam em sujeitas políticas. É também um processo para o desenvolvimento de atitudes, para uma construção de conhecimentos e para o crescimento da ação política. Como tal:
 - a. Facilita uma compreensão da realidade e das complexidades, visibilizando os mecanismos de subordinação e opressão, assim como os vínculos entre patriarcado, colonialismo, violência, as distintas expressões de discriminação (racismo, sexismo, misoginia, lesbofobia, homofobia, etc.) e o capitalismo neoliberal globalizado.
 - b. Contribui para perfilar a proposta de sociedade.
 - c. Induz a definir os caminhos a seguir para tornar realidade tal proposta política; a fazer uma análise crítica das ações colocadas e a redefini-las e nomeá-las.
3. Entremos com mais detalhe nos elementos que a EPF traz para o aprofundamento de nossas metodologias: visibilização, desnaturalização e historização.

Visibilização (nomear o que não vemos)

A visibilização se refere a documentar a exclusão e a injustiça da qual as mulheres são objeto, ao tempo de trazer à luz os conhecimentos, os saberes, os valores, as formas de produção, a participação na reprodução, os corpos e as sexualidades, as contribuições econômicas, materiais e simbólicas, as criações artísticas, enfim, todas as expressões do ser e fazer das mulheres permanecem desconhecidas, ignoradas, silenciadas ou omitidas. Perguntas para a reflexão:

- Como foram silenciadas as vozes das mulheres?
- Em que tipos de diálogo as mulheres participam?
- Quais são os espaços nos quais as mulheres falam e sobre o que falam?
- Que conhecimentos trazem as mulheres?
- Quais são os sentimentos que a problemática que analisamos provoca nas mulheres?
- O que nos faz nos sentirmos vítimas? Quem produz essa vitimização? Como se alimenta?
- De que maneira se dão os consensos para o bem viver e a defesa dos direitos, entre mulheres e homens, tanto no espaço privado como no público?
- Que princípios e valores ensinavam os e as avós para o bem viver, para o ut'z kaslemal entre homens e mulheres?
- Contam com espaços de diálogo para transmissão de seus conhecimentos e como são avaliados e por quem?

- Quem decide sobre as mulheres e a família?
- Quais são os saberes e conhecimentos ancestrais das mulheres para o cuidado com a Mãe Terra?
- Como levamos à prática os conhecimentos e saberes ancestrais das mulheres?
- Quais são as contradições, as confrontações, os desacordos, as fissuras e as rupturas que produzem uma pluralidade de sujeitos, em particular as mulheres, na vida cotidiana na relação com os modelos estereotipados de ser e dever ser que oferece a condição de gênero patriarcal?
- De que maneira se visualizam na coletividade as condições de vida das pessoas diversas que são parte da comunidade para ter a sua participação na análise e solução dos problemas comunitários/sociais?
- De que maneira a coletividade cuidava das mulheres em seus distintos cargos e papéis? (meninas, jovens, gestantes, parteiras, curandeiras, avós, etc.)
- Que experiências temos que nomear, em torno dos véus androcêntricos, machistas, heterossexistas, etnocêntricos, classistas e racistas que ocultam as mulheres e subordinando tudo o que é considerado feminino?
- Quais são os comportamentos humanos que são nocivos para a saúde da terra e como isto afeta a saúde de toda a humanidade?
- Que contribuições os elementos da natureza dão às nossas vidas, a partir da análise do problema que nos interessa?
- Que substratos de exclusão são necessários erradicar para colocar as mulheres como sujeitas válidas para o compartilhar de ensinamentos e sabedorias?
- Como são resolvidas as raivas, as brigas, os desgostos na família e na comunidade?

VISIBILIZAÇÃO (NOMEAR O QUE NÃO VEMOS)

Desnaturalização (questionar a normalização das coisas)

A desnaturalização implica em fazer ver, assumir o que vemos como normal, sobretudo em termos da exclusão histórica das mulheres tanto no âmbito privado como no público. É questionar tudo aquilo que é produto da criatividade e a atividade humana, que geralmente aparece como alheio a esta, com uma experiência própria que antecede a nossa. Dessa forma, a naturalização torna desnecessária a reflexão sobre essa existência, levando-nos a pensar em identidades essenciais pré-existentes aos indivíduos, fazendo deles portadores de qualidades sobre as quais não têm ingerência. Perguntas para a reflexão:

- Como recuperamos as vozes das mulheres?
- Em que espaços e tempos se tomam as decisões?
- Como se constroem nas resistências formas de trabalho que não sejam autoritárias e machistas?
- Como se concordou sobre as formas e momentos de descanso de mulheres e homens?
- Qual tem sido a tradição para resolver esse tipo de situações (quem se preocupa, quem faz alguma coisa, quem toma a iniciativa e quem é responsável por resolver o problema)?
- Que trazem as mulheres para tornar viável a vida em família?
- Que fazem homens e mulheres para garantir a integração comunitária e a estabilidade de uma comunidade?
- Como e de que maneira se reconhece a dignidade da mulher e do homem, das crianças e das pessoas mais velhas, das e dos jovens?
- Como se agradecem os favores recebidos, os conselhos, as saudações, as participações de homens e mulheres em reuniões familiares e comunitárias?
- O que é estar em equilíbrio no problema que analisamos?
- Que ações tomamos para nossa paz e tranquilidade?
- Como agem as comunidades frente a homossexualidade? E por quê?

¹ O ut'z kaslemal nos guia na construção de relações harmoniosas entre as pessoas, e entre as pessoas e os outros elementos da natureza e do cosmos.

- Como desrespeitamos os elementos da natureza?
- Como dizemos “sinto muito” e que práticas reparadoras são implementadas em nível comunitário? Como se reconhecem as faltas?
- Em que âmbitos se evidencia a subordinação das mulheres? E de que forma se reconstrói a corresponsabilidade?
- Por que nós mulheres não priorizamos nossa saúde, que coisas influenciam esta forma de viver a vida?
- Como alcançar a compreensão de que a saúde é um assunto de família e não responsabilidade só das mulheres?
- Que crenças religiosas, mitológicas, filosóficas, científicas sustentam e perpetuam a subordinação das mulheres?
- Como se desnormaliza o uso de produtos químicos e o consumo de comida industrializada em nível comunitário?
- Quais são os âmbitos, fatos/crenças/práticas das quais devemos desconfiar, sobretudo do que vem validado com a etiqueta de “ser natural”, inato ou inerente à situação das mulheres, dos homens e de suas respectivas condições/situações/posições de gênero?
- Qual é o pensamento que se normalizou sobre o problema que analisamos?

DESNATURALIZAÇÃO (QUESTIONAR A NORMALIZAÇÃO DAS COISAS)

Historização (identificar a história de como se constroem as opressões)

A historização consiste em revelar o conjunto de processos de invisibilização e naturalização, mostrando os mecanismos, às vezes sutis, às vezes abruptos, através dos quais se subordinou as mulheres e o feminiNº. Para isso é necessário localizar a evidência em seu contexto e suas circunstâncias, reconstruir tanto a situação social prevalecente em relação às mentalidades, valores e sistemas normativos em circulação, como os modelos de gênero, em geral, e a cultura de gênero que orienta a definição mesma dos gêneros e das relações dos sujeitos de gênero. Assim inclui também a análise crítica do Estado e das instituições para mostrar como legitimam, sustentam e reproduzem a opressão de gênero das mulheres, em concordância com as necessidades que impõe a conservação de sua hegemonia. Perguntas para a reflexão:

- Que práticas ancestrais garantem a escuta das vozes das mulheres?
- Que práticas podemos recuperar?
- Quais eram as formas tradicionais de cuidado e como eram aprendidas?
- Quais são os momentos da história onde se rompeu a relação harmônica entre as pessoas e os outros elementos da natureza?
- Como se geria a participação de homens e mulheres na tomada de decisões dentro da família e da comunidade?
- Como se fortalecia o sentimento comunitário antes?
- O que debilitou a ação conjunta e coletiva para resolver o problema que analisamos?
- Como se aprendia a ser responsável pelo cumprimento dos diferentes trabalhos ou responsabilidades na família ou na comunidade?
- Que aspectos se identificavam como garantias para que uma pessoa pudesse ter responsabilidades tanto familiares como comunitárias?
- Em que momento se perdeu o respeito pelas diferenças, ou seja, pelas mulheres, pelo que é diferente, pelos povos indígenas, pelas crianças, pelos elementos da natureza?
- Como conhecer a história de despojos que viveram as populações?
- Qual era a ideia de equilíbrio que a comunidade tinha na época de nossas avós e avôs?
- Qual foi a história de violência nos nossos territórios?
- Como se resgatam os momentos de diálogo que nossos ancestrais e nossas ancestrais praticavam?

- Quais seriam os momentos e espaços para elas e eles?
- Como evidenciar a origem de práticas discriminatórias, excludentes ou que despojam das capacidades de sujeita ou sujeito os múltiplos atores comunitários?
- Que práticas ancestrais restituíam à natureza o que dela se retirava ou se danificava?
- Sabemos como cuidavam a vida e a saúde nossos ancestrais e nossas ancestrais?
- Qual era a crença que tinham nossas ancestrais e nossos ancestrais sobre o problema que analisamos e qual seria a solução que nos dariam hoje?
- Que valor havia na cultura Maya que tudo o que as pessoas fizessem tinha que estar bem feito, ainda que não fosse pago monetariamente, senão como parte da responsabilidade que se adquire ao se comprometer a fazer algo?
- Como se discutia e se resolviam problemas?
- A que se dedicavam os homens e a que se dedicavam às mulheres? Que conflitos provocaram essa divisão do trabalho? Que satisfações dava?
- Que dados temos da participação comunitária das mulheres?
- Que lideranças exerciam elas?
- Como isso foi se perdendo?
- De que maneira podemos recuperar isto?

HISTORIZAÇÃO (IDENTIFICAR A HISTÓRIA DE COMO SE CONSTROEM AS OPRESSÕES)

Isabel Vinent - Honduras/EUA

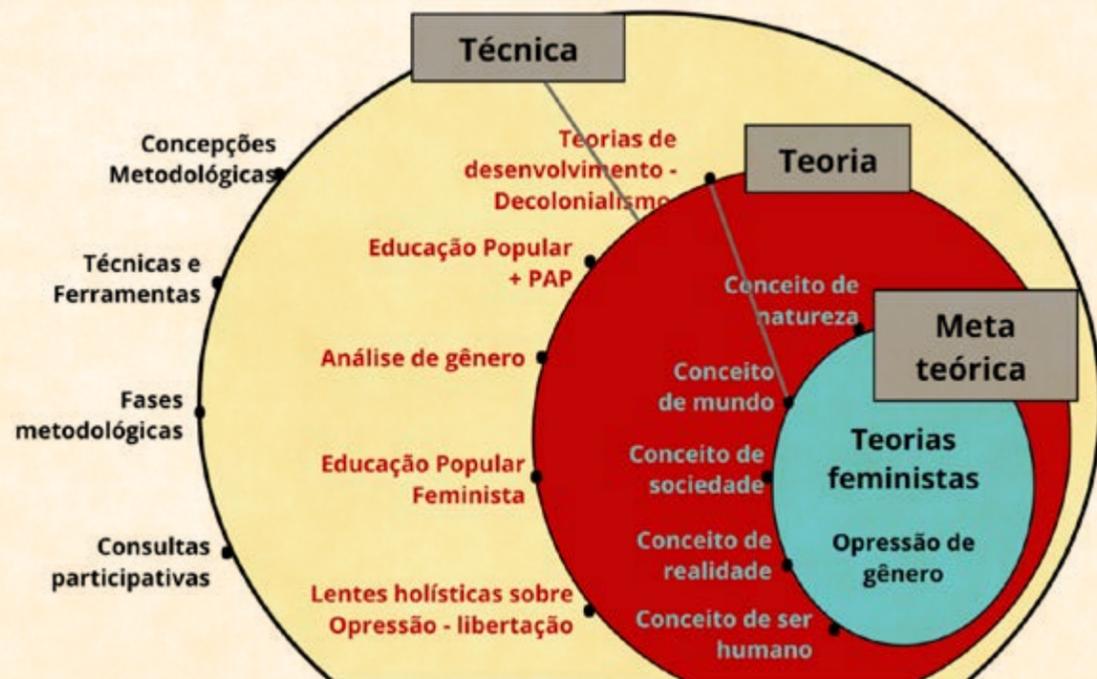
Pergunta: De acordo com sua prática educativa, o que pretende a Educação Popular Feminista?

Na minha prática, sei que a EPF busca uma luta emancipatória, mas ao desconhecer as diferenças entre as teorias feministas, entramos em contradições. Nem todas as teorias feministas apontam para a luta emancipatória.

Para isso:

1) As decisões que se tem que tomar em três âmbitos da EPF ajudam a reduzir essas contradições: a) decisões filosóficas (ou meta teoria) que incluem as teorias feministas; b) decisões teóricas que incluem as teorias do desenvolvimento-decolonialismo, educação popular e Pesquisa-Ação-Participativa (PAP), análise gênero, educação popular feminista, lente holística da opressão e liberação; assim como c) decisões metodológicas que incluem concepções metodológicas, técnicas e ferramentas, fases metodológicas e sondagens participativas.

A dimensão tripla da EPF



Adaptado do trabalho comunitário de Popular Education Consultants nos EUA e La Tapizca na América Central. Tese de doutorado de I. Vinent sobre Educação Popular Feminista Universidade de Oviedo, Espanha.

2) A importância da Pesquisa-Ação-Participativa nos processos de Educação Popular Feminista para não só socializar conhecimentos, conhecimentos, senão, sobretudo, socializar processos de construção de conhecimentos..



Adaptado do trabalho comunitário de Popular Education Consultants nos EUA e La Tapizca na América Central. Tese de doutorado de I. Vinent sobre Educação Popular Feminista Universidade de Oviedo, Espanha.

Conhecimentos

Trasferência / Assimilação

Co-produção

Co-descoberta

Assimilação dos processos de construção de conhecimento

Diagnóstico comunitário de gênero, Intibuca, Honduras

Adaptado do trabalho comunitário de Popular Education Consultants nos EUA e La Tapizca na América Central. Tese de doutorado de I. Vinent sobre Educação Popular Feminista Universidade de Oviedo, Espanha.

3) As teorias feministas, as ondas dos movimentos feministas (incluída a quarta onda, na qual estamos) estão incluídas nos processos formativos de EPF (exercícios visuais).

Feminismo(s)

Uma prática
Um MOVIMENTO

Uma série de
TEORIAS

Uma
IDENTIDADE

Adaptado do trabalho comunitário de Popular Education Consultants nos EUA e La Tapizca na América Central. Tese de doutorado de I. Vinent sobre Educação Popular Feminista Universidade de Oviedo, Espanha.

Metodologia Participativa

O que é feminismo para você?

Uma prática ou MOVIMENTO	Uma série de TEORIAS	Parte de uma IDENTIDADE
<ul style="list-style-type: none"> Liberdade para viver sem violência Liderar com amor e carinho na frente Liberdade/capacidade para existir livre de violência e danos Trabalho reprodutivo e doméstico remunerado 	<ul style="list-style-type: none"> Libertação para todas independentemente da crença ou identidade REPARAÇÕES Espaço, respirar, liberdade para ser expansiva Acesso a educação e oportunidades profissionais da minha escolha 	<ul style="list-style-type: none"> Emerge de contextos históricos e movimentos específicos respeito. Não se limitar a uma ideia ou permanecer estática Liberdade dos papéis de gênero Sermos nós mesmas sem medo Equilíbrio, harmonia e energia Fazer o que quero sem ninguém me dizer que não posso Posso ser femme sem medo da violência Criar o mundo que merecemos para nós e para as que virão quando formos ancestrais Apoiar as femmes

4) A necessidade de analisar e definir quais teorias feministas são aptas para nossas lutas emancipatórias, desde e para os movimentos de mulheres. As tipologias de acordo com: a) sua descrição, explicação e solução das problemáticas de gênero; e b) sua filosofia política (liberal, marxista, socialista, etc).

Sessenta tons de feminismo

<ul style="list-style-type: none"> Feminismo abolicionista Feminismo amazônico Feminismo anarco Feminismo antibélico Feminismo negro Feminismo chicano Feminismo cristão Feminismo conservador Feminismo cultural Feminismo da diferença Ecofeminismo Feminismo econômico Feminismo ambiental Feminismo da igualdade Feminismo erótico 	<ul style="list-style-type: none"> Feminismo essencialista Feminismo evangélico Feminismo existencialista Feminismo faux Feminismo feminazi Feminismo de mulheres de cor Feminismo do Quarto Mundo Feminismo francês Feminismo de guerrilha Feminismo heterossexual Feminismo holístico Feminismo holístico Feminismo inclusivo Feminismo do eu Feminismo individual Feminismo interseccional 	<ul style="list-style-type: none"> Feminismo islâmico Feminismo lésbico Feminismo liberal Feminismo libertário Feminismo lite Feminismo marxista Feminismo material Feminismo moderado Feminismo multirracial Feminismo holístico muçulmano Feminismo próxima geração Feminismo pop Feminismo pós-colonial Pós-feminismo Feminismo pós-moderno 	<ul style="list-style-type: none"> Feminismo pós-estrutural Feminismo psicanalítico Feminismo queer Feminismo racial Feminismo radical Feminismo revolucionário Feminismo separatista Feminismo sexo-positivo Feminismo socialista Feminismo de posição Feminismo teológico Feminismo do Terceiro Mundo Feminismo radical Trans-excludente* Feminismo trans Feminismo mulherista
---	---	---	---

Chave: *TERF = não é uma autodesignação. Considerado como uma ofensa pelas feministas radicais

© 2015 www.genderagenda.net/feminism

Classificação de teorias feministas

De acordo com a **DESCRIÇÃO, EXPLICAÇÃO, SOLUÇÃO** de questões de gênero

Sessenta tons de feminismo

- Diferenças de gênero**
 - Feminismo abolicionista
 - Feminismo amazônico
 - Feminismo anarco
 - Feminismo antibélico
 - Feminismo negro
 - Feminismo chicano
 - Feminismo cristão
 - Feminismo conservador
 - Feminismo cultural
- Desigualdades de gênero**
 - Feminismo essencialista
 - Feminismo evangélico
 - Feminismo existencialista
 - Feminismo faux
 - Feminismo feminazi
 - Feminismo de mulheres de cor
 - Feminismo do Quarto Mundo
 - Feminismo francês
 - Feminismo de guerrilha
- Opressão de gênero**
 - Feminismo pós-estrutural
 - Feminismo psicanalítico
 - Feminismo queer
 - Feminismo racial
 - Feminismo radical
 - Feminismo revolucionário
 - Feminismo separatista
 - Feminismo sexo-positivo
 - Feminismo socialista
 - Feminismo de posição
 - Feminismo teológico
 - Feminismo do Terceiro Mundo
 - Feminismo radical Trans-excludente*
 - Feminismo trans
 - Feminismo mulherista

Chave: *TERF = não é uma autodesignação. Considerado como uma ofensa pelas feministas radicais

© 2015 www.genderagenda.net/feminism

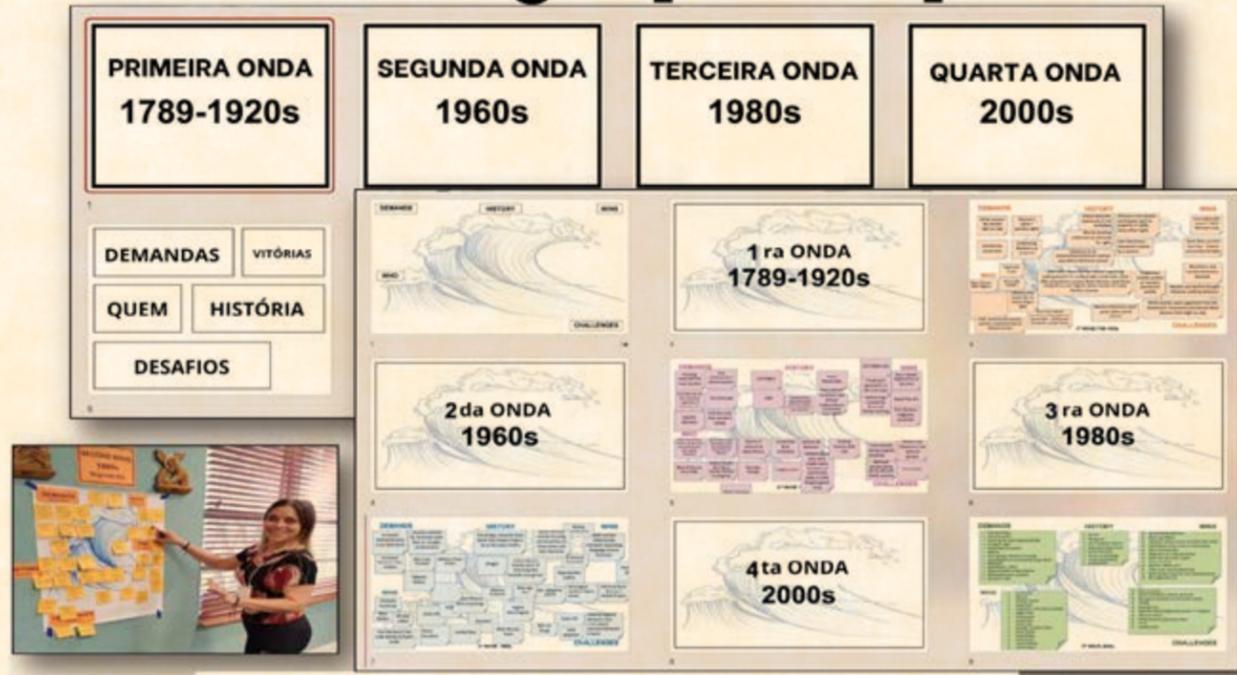
De acordo com a **ideologia política**: alguns são mais adequados à luta emancipatória

Tradições Feministas

- Liberal
- Marxista
- Radical
- Trans
- Socialista
- Negro
- Pós-moderno e pós-estruturalista
- Pós-colonialista/ decolonialista

Adaptado do trabalho comunitário de Popular Education Consultants nos EUA e La Tapizca na América Central. Tese de doutorado de I. Vinent sobre Educação Popular Feminista Universidade de Oviedo, Espanha.

Metodologia participativa



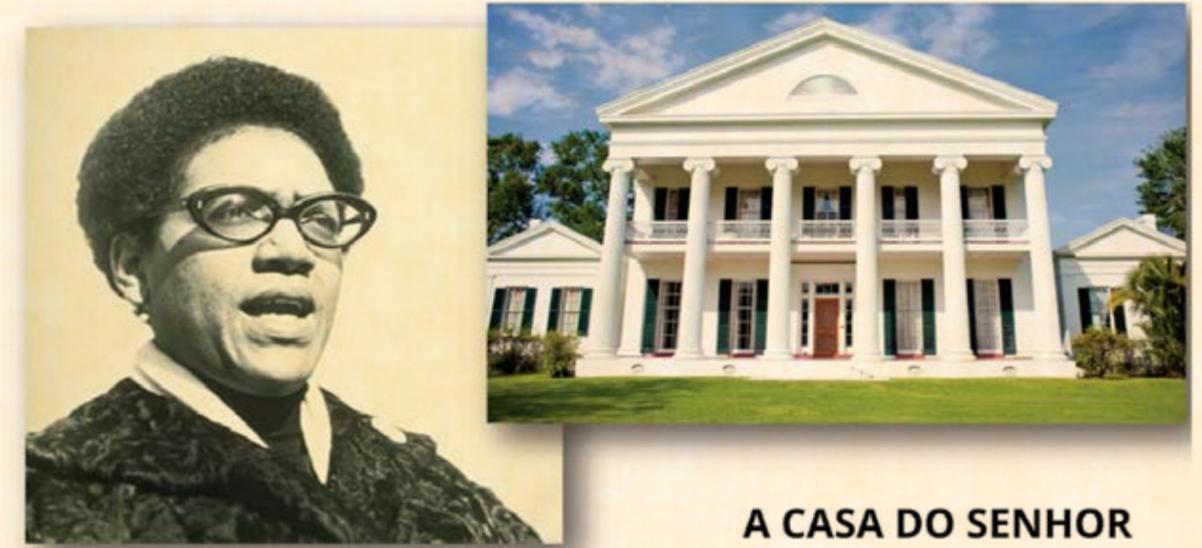
Tese de doutorado de I. Vinent sobre Educação Popular Feminista Universidade de Oviedo, Espanha.

5) Os sistemas de opressão estão inter-relacionados e devem ser abordados na EPF (exercício “A casa do senhor”).

Múltiplos sistemas de opressão e de luta



Imagem para o Strategy College: <https://grassrootspowerproject.org/programs/>



A CASA DO SENHOR

"Porque as ferramentas do senhor nunca desmontarão a casa do senhor. Pode ser que nos deixem ganhar temporariamente em seu próprio jogo, mas nunca nos deixarão alcançar uma mudança genuína". Audre Lorde

Modelo de Training for Change - www.trainingforchange.org / Adaptado para a SOF (IFOS) 2022

Supremacia branca
A crença de que as pessoas brancas são superiores aos outros grupos raciais, especialmente o grupo racial negro e portanto deve dominar toda a sociedade.

Patriarcado
Um sistema social injusto que impõe os papéis de gênero opressivos para todos os gêneros. Com frequência inclui qualquer mecanismo social que evoca a dominação masculina sobre as mulheres.

Capitalismo
Sistema econômico no qual o investimento e a propriedade dos meios de produção, distribuição e intercâmbio da riqueza estão nas mãos principalmente de indivíduos ou empresas privadas, especialmente em contraste com os meios de riqueza estatal ou cooperativa.
"Quien tiene el oro, es aquel que gobierna".

A casa do senhor

Modelo de Training for Change - www.trainingforchange.org / Adaptado para a FOS (IFOS) 2022

LLANISCA LUGO - CUBA

PERGUNTA: QUAL É SEU OBJETIVO?

A EDUCAÇÃO POPULAR COMO ESTRATÉGIA DE ORGANIZAÇÃO

A formação deverá responder à construção do movimento, dando ênfase à formação de formadores/as que permita a descentralização da formação e, com isso, um papel mais ativo na formação a partir dos processos territoriais.

Objetivos estratégicos

- Implementar um sistema de formação diversificado, descentralizado e contextualizado para ampliar e consolidar as/es componentes do movimento, sua identidade, pertencimento, organização, métodos e estratégias de trabalho.
- Consolidar a formação de formadores/as.
- Gerar produção teórica e sistematização contextualizada.
- Contribuir para a socialização de uma consciência crítica anticolonialista para a participação eclesial, ecumênica e social e enfrentar o avanço da despolitização, do conservadorismo e do fundamentalismo de todo tipo.
- Articular esforços regionais para o fortalecimento da Educação Popular como movimento cultural e formativo para o campo popular.
- Aprofundar o conhecimento e socialização de nossos referentes teóricos, pedagógicos e políticos.
- Potencializar a apropriação da memória histórica das lutas populares como fontes de teorização imprescindíveis.

Princípios da formação

- A formação responde a uma estratégia de luta para a emancipação dos setores populares.
- A formação dá ênfase ao trabalho com os setores populares e sua constituição em sujeitos críticos e propositivos através de sua participação em processos organizativos.
- A formação compreende como popular os interesses de setores, grupos e classes que sofrem assimetrias de qualquer tipo: opressão, discriminação, exclusão, exploração ou outras, em relação à práxis econômica, política e cultural hegemônicas. Interessa a qualquer setor com potencialidades de luta para eliminar essas assimetrias.
- A formação assume o político como relações de poder que se expressam em todos os espaços sociais cotidianos, como manifestação do e contraposição ao sistema múltiplo de dominação.
- A formação parte da concepção política, ética, evangélica e pedagógica da Educação Popular e da teologia da libertação. Compreensão da vida que encarna numa práxis libertadora, ao mesmo tempo em que é via para a construção de projetos organizativos de emancipação social.
- A formação é integradora da realidade e dos seres humanos em sua condição senti-pensante. É vivencial como prática ou experiência de vida, é um modo essencial de aprendizagem.
- A formação se nutre dos saberes diversos das ciências sociais, das teologias, das artes e das ideologias que promovem a libertação e toda a tradição do pensamento crítico.
- A formação é contextualizada ao se vincular com as necessidades e práticas que precisam ser transformadas.
- A formação é a base do nosso movimento, essência de seu caráter, meio fundamental para a articulação interna, principal fonte de ingresso de membros, meio para qualificar as/es militantes e a coordenação.

Metodologia

- Reconhece o grupo como espaço diverso e heterogêneo para aprender a participar desde a alternância de papéis e do funcionamento democrático.
- Pondera o trabalho em grupo contextualizando as experiências práticas, os valores, as dinâmicas e as demandas de quem participa dos processos formativos.
- Concebe as pessoas como sujeitos ativos dos processos formativos desde o reconhecimento e potencialização

das capacidades criativas e de transformação em todas as esferas da vida.

- Propicia a aproximação corporal e o trabalho afetivo.
- Privilegia a convivência e o trabalho para favorecer a corresponsabilidade na aprendizagem.
- Produz construção coletiva de conhecimento a partir das práticas, da reflexão e das transformações destas, também assumida como ver, julgar e agir.
- Valoriza o diálogo de saberes como fonte viva do conhecimento diálogo com a realidade a partir da arte, o diálogo crítico e coletivo com os textos.
- A metodologia é definida pelo lugar que tem a pergunta geradora, problematizadora e essencializadora.
- Recria a mística e a espiritualidade como essência da proposta.
- Assume o lúdico e a celebração como parte dos processos.
- A avaliação participativa dos processos e conteúdos assim como o encerramento temático e de processo são momentos essenciais.

Uma educação feminista e decolonial

Atender ao processo mais que ao resultado.

Organizar o cuidado atravessando todo o caminho. Incluir a gestão do tempo nesta lógica.

O aproveitamento das teorias produzidas desde as lutas e suas sistematização. Que fontes teóricas reconhecemos como válidas.

Atender a tecnologia e recursos de forma inclusiva.

Potencializar a integração de sujeitos senti-pensantes.

A concepção da aprendizagem não-linear.

Não há um centro de poder e informação e um lugar para avaliar, senão que todos/as compartilhamos e todos/as avaliamos tudo.

**APONTAMENTOS PARA UMA VISÃO METODOLÓGICA
DOCUMENTO DA SEMPREVIVA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA/BRASIL (SOF)
INTEGRANTE DA MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES
MARÇO DE 2022**

A metodologia tradicional de formação é baseada no princípio de que as pessoas devem se adaptar à situação e que o saber e o poder se concentrem naquele que coordena a atividade. A metodologia feminista com a qual trabalhamos sintetiza diversas influências, como educação popular, aprendizado de grupos feministas de autoconhecimento, psicologia social, psicodrama, a fim de questionar as relações de poder estabelecidas e propor novas formas de ver, ser e agir no mundo para mudá-lo.

1) A realidade de cada uma/e como ponto de partida

O ponto de partida é a realidade de cada pessoa e ter a atitude de reconhecer o valor dos conhecimentos, percepções e questionamentos que trazem para o grupo. Assim, o primeiro momento de qualquer atividade é coletar as experiências de cada participante, ou seja, perceber como é a experiência de cada uma/e e sua percepção sobre o assunto, mesmo no nível subjetivo. Consideramos que não há conhecimento ou análise objetiva separada da relação de cada participante com o assunto em questão. Toda informação recebida será assimilada e compreendida a partir de como nos sentimos e também do momento que estamos vivendo.

O que todas as pessoas falam (sua fala) é importante, portanto, as reuniões não são apenas a divulgação de informações, mas é preciso criar condições para envolver a todas/es em um clima de confiança e autoestima. O que cada um fala permite que as experiências sejam socializadas para entender as causas comuns das questões e problemas, as diferenças e então construir soluções coletivas. Partir da realidade de cada uma/e nos permite identificar os seus conhecimentos, as questões que têm e avaliar as suas experiências. Isso fornece a base para trabalhar no processo de grupo para compreender a construção social.

Outro elemento a mais, é a possibilidade de perceber os preconceitos e estereótipos que são mecanismos utilizados para impor a visão dominante como a correta e, assim, impedir a compreensão da realidade do ponto de vista dos oprimidos. Por exemplo, alguns mecanismos são a desqualificação na política, a imposição do individualismo, a competitividade ou uma moralidade que reforça a subordinação de mulheres, transgêneros e LGBTQ2E+. Daí a importância do processo de reflexão e busca de um novo entendimento como base para a consciência libertadora, que também nos ajuda a trabalhar e desconstruir estereótipos, tabus e preconceitos, pois é fundamental no debate sobre o patriarcado e as práticas de dominação que este sistema organiza.

2) Construção coletiva do conhecimento

A visão de que a construção do conhecimento é um processo coletivo pressupõe romper com a hierarquia nos processos de formação, onde há um que ensina e outros que aprendem. Essa é a base para organizar a formação de forma horizontal e participativa. Nesse sentido, partir da experiência do grupo e de seu conhecimento permite que ele construa coletivamente as perguntas e também as respostas.

Fazer uma abordagem que considere o grupo e sua dinâmica é fundamental para a construção coletiva e participativa no processo pedagógico. Portanto, deve-se considerar que a formação do grupo se constitui durante o próprio processo de formação e que não se trata apenas de uma soma de indivíduos. Isso nos leva a considerar a importância de focar a atenção no grupo e suas relações. O grupo funcionará bem se for capaz de construir laços de afeto e confiança. Isso precisa fazer parte do planejamento de cada atividade de formação, além de ser incorporado à reflexão sobre o processo em andamento.

Atuar considerando o grupo e as relações que se estabelecem é essencial para desenvolver a visão de integralidade, que é outro aspecto da educação popular. Em outras palavras, a atividade educativa não é apenas um espaço de assimilação de conceitos teóricos, mas também um processo que leva à construção de diversas habilidades necessárias para cada pessoa agir. Isso acontece por meio do desenvolvimento da capacidade de empatia, espontaneidade e comunicação, ou seja, todas as competências e habilidades que favorecem as relações humanas e o trabalho coletivo.

3) Contexto geral

É fundamental tratar a realidade do grupo em um contexto mais geral para que se perceba que estamos dentro de um mesmo sistema, um modelo. No feminismo se levanta a necessidade de que as questões não sejam tratadas de forma fragmentada ou como problemas particulares das mulheres. Por mais que seja importante visibilizar as experiências e os problemas vivenciados pelas mulheres, isso nos permite refletir sobre a dimensão sistêmica e as relações sociais que permeiam a sociedade como um todo. Os grupos de autoconsciência desenvolvidos pelo feminismo nas décadas de 60 e 70 do século passado, onde as mulheres contavam suas experiências de vida, foram cruciais para que percebessem que suas experiências eram comuns, fruto de determinações sociais e não de problemas individuais e de cada uma como parecia ser. Esse elemento permanece vigente até hoje no debate sobre a desigualdade das mulheres, e também das pessoas trans e LGBTQ2E+, justamente porque continua vigente o mecanismo de naturalização que biologiza e essencializa essas relações de poder e hierarquia.

Uma linha comum para a metodologia é entender por que os problemas ocorrem e como resolvê-los. Por isso, é fundamental criar situações que possibilitem que a compreensão dos diversos temas se torne mais complexa. Para isso, novos elementos são adicionados, preconceitos são desconstruídos, novas categorias de análise são estudadas, pois todas as questões contribuem para a construção de um novo saber.

Na ação política temos uma permanente desconstrução e reconstrução. O processo de formação como parte da ação política também é pautado por essa dinâmica. Com a formação temos a intenção de expor a opressão, desconstruindo os mecanismos utilizados para manter a alienação. Assim é possível tentar reconstruir uma nova identidade baseada na autonomia e na capacidade de reagir à opressão. Mas a formação também oferece a possibilidade de refletir sobre as experiências vividas e fortalecer a continuidade da luta. Outro aspecto fundamental é a possibilidade de acessar, de forma organizada e sistêmica, dados, análises, conceitos que nos permitem ler a realidade e definir quais ações são necessárias.

4) Romper com a dicotomia razão-emoção

Consideramos que não há conhecimento objetivo separado ou análise da relação que cada um tem com a questão ou situação. Toda a informação que recebemos será assimilada e compreendida a partir de como nos sentimos em relação a questão e também ao momento que estamos vivendo. O autoconhecimento faz parte inclusive do processo educativo para que possamos, cada vez mais, compreender a relação que temos com o que estamos discutindo ou estudando. A ideia de que o conhecimento é algo racional e que não está ligado à emoção faz parte de um pensamento binário que hierarquiza a razão como algo superior à emoção, e que vincula a emoção ao feminino e ao desvalorizado. É por isso que quando rompemos com a falsa dicotomia entre razão e emoção, chamamos isso de incorporar a subjetividade como base para a integralidade do conhecimento.

5) Incorporar o debate e a reflexão sobre a prática

É importante que as atividades educativas tenham uma discussão sobre a prática de duas maneiras. Em primeiro lugar, é necessário discutir que tipo de práticas devemos construir para alcançar a coerência entre a análise da realidade e o que se quer transformar. É importante que haja momentos para trabalhar o papel de cada pessoa

como educadora, líder, gestora, orientadora, etc. Para isso, uma intervenção que amplie o autoconhecimento pode contribuir significativamente para a desconstrução de estereótipos e preconceitos. Um dos elementos que consideramos importante para isso é justamente investigar a questão dos papéis, no sentido de desenvolver a espontaneidade e a capacidade de cada uma/e exercer criativamente seu próprio papel. Isso vem de uma avaliação de que, em nosso processo de socialização e formação da personalidade na sociedade atual, somos levadas/es a repetir e ritualizar comportamentos, baseados nos valores dominantes e na imposição de regras e regulamentos vigentes. Poder se colocar no lugar de outra pessoa é a base para a construção de vínculos, e quanto mais espontânea a atitude, mais a criatividade pode ser desenvolvida. A partir daí, com certeza, as pessoas terão mais facilidade em estar presentes e agir coletivamente.

Outro elemento a ser refletido é justamente como transformar o que é refletido durante a formação em propostas de ação. Não é o mesmo que revisar receitas, mas é preciso criar um momento para que o grupo reflita sobre como pode levar os temas trabalhados no processo de formação para sua determinada área de atuação.

O SIGNIFICADO DAS DINÂMICAS

Como parte da metodologia de trabalho, um componente muito importante é a utilização de instrumentos conhecidos como “dinâmicas de grupo”. Consideramos importante utilizar outras linguagens além da fala para facilitar a participação do grupo, mas também ter outras representações da realidade ou situações e contribuir para o desenvolvimento da criatividade e outras competências e habilidades.

As dinâmicas combinam um rico e diversificado patrimônio acumulado no campo da educação popular com o uso de outras expressões e linguagens plásticas, jogos dramáticos, trabalho corporal. Participar de algumas experiências nos permite olhar para nós mesmos, perceber o que nos incomoda, descobrir possibilidades e tensões desencadeadas pela dinâmica e repensar nosso próprio trabalho educativo. Alguns instrumentos a serem utilizados são colagem, desenho, dramatização, sucatas e outros materiais. Além disso, a consciência corporal também faz parte de todo o trabalho através da realização de determinados exercícios e uma posterior reflexão após a experiência. Para além do que tradicionalmente está presente na educação popular, consideramos fundamental atuar também sobre os sentimentos e a consciência corporal.

PAPEL DA/E FACILITADORA/E COMO EDUCADORA/E POPULAR

Neste ponto recuperamos a reflexão da experiência da SOF (Sempreviva Organização Feminista/Brasil). A/e facilitadora/e do processo é uma/e educadora/e popular. Neste caso, de um processo de transformação das relações desiguais entre os gêneros. Portanto, é preciso preparar-se para ouvir o que o grupo diz, a partir das necessidades das pessoas, do respeito aos seus conhecimentos e da crença de que são sujeitos de transformação. Respeitar o conhecimento não significa necessariamente aceitá-los, mas interpretá-los a partir de novos elementos, desconstruindo preconceitos e construindo justiça.

Como educadoras/es populares, não podemos ignorar que ocupamos outra posição, que temos propostas quanto ao conteúdo e a responsabilidade final de garantir o cumprimento dos objetivos da atividade, o controle do tempo e da dinâmica de grupo. O desafio é facilitar os processos, apresentar as contribuições teóricas, sem se colocar na posição de quem tem o conhecimento. A consciência de que ocupamos esse lugar momentaneamente nos permite lidar com essa posição de poder. Um exemplo é enfrentar o sentimento de onipotência que causa o medo de errar. A tensão causada pelo medo limita nossa capacidade de prestar atenção no grupo. A preocupação deve ser não reproduzir as relações de poder paternalistas ou assistencialistas e contribuir para a construção da autonomia do grupo.

Por isso, a forma como conduzimos as atividades de formação pode se tornar naturalizada para algumas pessoas

à primeira vista, como se não houvesse decisões políticas no que estamos fazendo. O mesmo acontece com as habilidades construídas pelas mulheres em sua socialização de gênero, que são naturalizadas e desvalorizadas. Quando começamos a descrever a metodologia, as decisões e escolhas que são feitas durante o processo são reveladas. Por um lado, valoriza-se a metodologia e, por outro, dá-se o acesso a ela. Pois bem, se o processo se tornar natural, as pessoas terão a sensação de que não poderão conduzir uma atividade de formação porque não são como nós, as/es formadoras/es iniciais. Uma característica importante da formação é a generosidade, o que se sabe, é partilhado com as/es demais, o que se lê, é partilhado com as/es outras/es, é apresentado a todo mundo, é traduzido, distribuído e assim por diante. Todas/es podemos aprender e desenvolver competências para facilitar processos.

Essa é uma forma de se opor à privatização do conhecimento e à competição em torno das ideias como ocorre em outros espaços da sociedade, particularmente no espaço acadêmico. A formação é um espaço que tem o seu tempo. Em um curso, por exemplo, as/es participantes acharam que o treinamento simboliza uma fruta que, segundo elas/es, apesar de toda a tecnologia utilizada, tem seu próprio tempo para crescer. A formadora deve estar calma para sentir qual é o tempo do grupo e como o processo se desenvolve.

AUTOFORMAÇÃO E MULTIPLICADORAS DE PROCESSOS FORMATIVOS

Nossa metodologia de educação popular não tem um modelo acabado, mas referências. Não é um quebra-cabeça. Vivemos processos em que as pessoas tomaram conhecimento de uma proposta de oficina por meio de um relatório, uma publicação e duplicaram a proposta, adaptando-a à sua realidade. Isso aconteceu nas oficinas de gênero e agricultura familiar, nas oficinas da Área de Livre Comércio das Américas. Esse trabalho se multiplica e é muito difícil para nós percebê-lo em toda a sua extensão.

A equipe de formadoras da SOF está em constante aprendizado, porque aprendemos quando fazemos uma oficina, porque aprendemos estudando e atuando nos movimentos. Consideramos ideal poder organizar e realizar avaliações coletivas ou duplas. Em grupo conversamos, fazemos autoavaliações, contamos que dinâmicas estamos usando ou o que estamos fazendo. Perguntamos, questionamos, relacionamos com outras atividades que estamos realizando. Quando avaliamos as atividades formativas, consideramos um ato de coragem admitir que há o risco de se colocar na confortável situação de querer obter a grande admiração das/es participantes e evitar que os aspectos conflituosos, de resistência ou de dependência sejam trabalhados.

Também é importante participar de oficinas sem estar no papel de coordenadora/e, olhar para si mesma/e, refletir sobre como o tema nos move, o que nos incomoda, que resistências apresentamos, quais são as lacunas. Assim, também podemos perceber o grupo de outra perspectiva. Fica mais fácil coordenar uma dinâmica se já participamos de outras antes.

É difícil definir quais são os requisitos necessários para ser uma/e boa/e educadora/e popular, mas alguns são: ser responsável por todo o processo de grupo, ter capacidade de perceber as outras pessoas, aceitar contribuições do grupo, dar atenção às pessoas e dinâmicas de grupo. Essas características são importantes não só na atividade formativa, mas em qualquer espaço coletivo, no trabalho, na família, nos movimentos. Você tem que estar aberta/e para aprender, ler, descobrir, criar conexões entre ideias de diferentes fontes. Esses requisitos são aprendidos através do exercício e da reflexão.

Quando realizamos escolas e cursos para facilitadoras/es, passamos mais tempo discutindo como e por que usamos cada dinâmica, quais conteúdos surgirão, como os articulamos com outros elementos teóricos. Separamos os momentos em partes até que as pessoas possam vivenciar o curso sem a ansiedade de não saber fazer. Muitas vezes as/es participantes estão tão preocupadas/es em como reproduzir a discussão em seu grupo, que não conseguem entrar totalmente e começam a fazer anotações de fora. A gente tenta trabalhar essa ansiedade

coletivamente, pensa em como vamos discutir essas questões em outros grupos. Um passo necessário para ir além é a criação de um espaço de intercâmbio permanente entre as pessoas que trabalham com formação em questões de gênero.

ESTRUTURA DA ATIVIDADE DE FORMAÇÃO

As experiências de educação popular têm vários pontos em comum na forma de organizar a atividade. Neste ponto também recuperamos a experiência da SOF. Há 30 anos, suas integrantes desenvolvem sistematicamente ações de capacitação nesta modalidade e avaliações que garantem o sucesso das atividades.

Reconhecem também que existem diferenças nas possibilidades de formação de acordo com o tipo de atividade: oficina, debate ou curso. Consideram que as atividades mais estruturadas, como cursos ou oficinas de maior duração, são as atividades em que a dinâmica adequada pode ser plenamente desenvolvida. No entanto, em debates ou oficinas de um dia, é necessário garantir o desenvolvimento dos elementos principais, mesmo que não seja possível desenvolver todo o itinerário do processo por limitações de tempo.

A escolha da estrutura a ser utilizada tem como ponto de partida a influência do psicodrama para atividades de formação e aconselhamento que inclui acolhimento, desenvolvimento do tema e avaliação.

1) Anfitriã (ponto de entrada)

Começa com uma anfitriã que pode ou não ser específica. É específica ao buscar apresentar o conteúdo que será trabalhado. O papel geral da anfitriã é eliminar o campo tenso, como é chamado no psicodrama, ou seja, colocar as pessoas em atividade. Cada pessoa vem ao grupo trazendo consigo os elementos, pensamentos e sensações de situações anteriores. Com a recepção, se está buscando que elas/ellus venham e se concentrem na atividade. Além disso, permite que a pessoa reconheça a si mesma e as outras pessoas. No caso do primeiro dia de uma atividade de formação, temos uma dinâmica de apresentações que inclui também as expectativas para cumprir o papel (de eliminar o campo tenso). Somente após esse momento a programação é discutida. Consideramos isso extremamente importante, ou seja, a primeira coisa é que o grupo esteja e se sinta presente na atividade.

Um elemento presente após todas as dinâmicas utilizadas é perguntar como se sentiram fazendo aquela dinâmica. A resposta a essa pergunta permite perceber como as pessoas se sentiram e, durante o processo, saber como estão as relações no grupo.

Em atividades com duração de vários dias, após esse momento de apresentação e coleta de expectativas, é feito o “contrato”, ou seja, são estabelecidos acordos coletivos sobre como vai funcionar, qual o conteúdo a ser desenvolvido, os horários, as divisões de tarefas. Nas atividades de formação feminista é muito comum que surjam relatos de experiências pessoais, muitas vezes relatados pela primeira vez. Então, é muito importante adicionar o elemento de confidencialidade nas histórias (testemunhos ou experiências), ou seja, as reflexões podem ser socializadas, mas as histórias não.

2) Desenvolvimento do tema

Sempre se inicia com uma dinâmica com o objetivo de trazer o tema para o espaço, ou seja, a percepção do grupo sobre o tema e também seus conhecimentos prévios. Em geral, são utilizadas técnicas “projetivas” que também ajudam a perceber a dinâmica do grupo, as representações de realidades e situações relacionadas ao tema e resistência, bem como a dimensão subjetiva.

Quando o grupo termina a apresentação, antes de entrar no debate do conteúdo, se perguntam como se sentiram

ao realizar a dinâmica. O sentido dessa pergunta é iniciar o que se chama de processamento no psicodrama, que é aprofundar as ideias sobre sentimentos, estereótipos, possíveis conflitos e resistências. Por isso, é importante ter tempo para esse momento. Como parte desse momento, o espaço de fala é aberto para comentários sobre os conteúdos trazidos ao espaço: o que foi igual e diferente entre os grupos ou pessoas e as opiniões e dúvidas em geral. Em seguida, a sistematização é feita a partir de uma exposição que dialoga com os conteúdos levantados pelo grupo a partir da dinâmica. Mais uma rodada de perguntas se abre e, em seguida, há um encerramento.

Como parte do conteúdo trabalhado, há sempre uma ênfase no que fazer após a atividade educativa no sentido de planejar o que cada uma/e levará consigo e o que buscará mudar. Portanto, o elemento de ação é integrado. É importante ter um momento para discutir essa questão. Juntamente com a discussão sobre a prática, é importante refletir sobre o papel de cada pessoa, pois a formação também deve ser pautada no autoconhecimento e na construção de compromissos coletivos com a prática.

3) Avaliação

Ao final, é utilizada uma dinâmica para a avaliação e, mais uma vez, se pergunta como se sentiram fazendo a dinâmica e, em seguida, são discutidos os conteúdos e instrumentos. A utilização de jogos dramáticos é muito importante para que o grupo utilize outras linguagens, além da oral, e contribui para que as projeções sejam percebidas, explora o lúdico e contribui para o exercício da criatividade.

No processo de reflexão das atividades formativas desenvolvidas, será muito importante captar o processo formativo para cada pessoa e cada grupo. Ou seja, compreender as transformações ocorridas, os caminhos da reflexão e, sobretudo, colher as lições aprendidas dessa troca benéfica de saberes que ocorre nos processos. Documentar as experiências de formação é uma ferramenta para conhecer as resistências e alternativas geradas por mulheres, transgêneros e LGBTQ2E+ em seu cotidiaNº.

Educação popular feminista decolonial



Por: Nalú Farias

Elementos da atividade de formação



1) Acolhida (ponto de entrada)

eliminar o campo tenso, ou seja, colocar as pessoas em atividade. apresentação do grupo e acordos coletivos

2) Desenvolvimento do tema

percepção do grupo sobre o tema + aprofundamento "como se sentiram?" + integração da ação (discutira volta à prática)

3) Avaliação

dinâmica e jogos dramáticos compreender as transformações ocorridas

Por: Nalú Farias

EXPLICAÇÃO DOS MOMENTOS DE UMA OFICINA E QUE FAZEM PARTE DE UM GUIA METODOLÓGICO

SANDRA MORÁN
MAIO DE 2022

INTRODUÇÃO

Esse documento de trabalho elaborado para a Escola para Facilitadoras/es da Escola Internacional para a Organização Feminista “Berta Cáceres” é uma contribuição para a elaboração dos guias metodológicos que as/es facilitadoras/es devem fazer ao planejar um processo de formação e suas oficinas. Tem como objetivo esclarecer alguns termos que são utilizados no guia e explicar os conteúdos que podem ter nesses momentos de trabalho. Esse documento é elaborado com base na experiência de trabalho das/des integrantes da comissão de metodologia da Escola, portanto, é uma contribuição e não é a única maneira em que se podem organizar os guias. Cada experiência tem sua própria forma, mas Esse documento é uma contribuição para as/es participantes.

OS ELEMENTOS BÁSICOS DE UM GUIA

Objetivos: Indicam o que buscamos alcançar com as ações que estamos propondo.

Em um processo formativo sempre temos:

1. Objetivo do processo: indica o que queremos alcançar como resultado ao final de todo o processo formativo; esses objetivos são enquadrados dentro de objetivos organizativos mais amplos.
2. Objetivo da oficina: indica o resultado que queremos alcançar com a oficina; esse objetivo está relacionado ao mesmo objetivo do processo, que por sua vez está relacionado ao objetivo da organização.
3. Objetivo de cada momento da oficina: indica o que queremos alcançar com a atividade que vamos desenvolver durante a oficina e que nos permite entrelaçar as atividades para conseguir o que propomos na mesma oficina e ao longo do seu processo.

Todos os objetivos estão interligados para alcançar o que propomos na organização, e as/es facilitadoras/es do processo, das oficinas e dos momentos da oficina tem que ter clareza sobre o que querem alcançar; para isso também é importante que, se convidarmos alguém para facilitar ou desenvolver o tema (apresentadoras/es) em algum momento dessa oficina, essas pessoas devem conhecer o objetivo que buscamos e sua posição e visão política devem coincidir com a nossa. Dessa forma podemos evitar confusões políticas em nossos processos, pois sabemos que qualquer tema têm abordagens políticas e as nossas são baseadas no feminismo popular.

Papéis dentro de uma oficina ou reunião

Para uma oficina podemos ter duas ou três pessoas ou papéis: uma pessoa que facilita, uma que desenvolve o tema e outra pessoa que organiza a logística.

4. **Facilitadoras/es:** São companheiras/es que têm a formação e a prática de facilitar processos, reuniões e oficinas, com alguns conhecimentos de educação popular. As/es facilitadoras/es orientam cada passo da oficina, introduzindo o tema, explicando as técnicas que serão utilizadas e conduzindo o fio condutor da oficina. Elas/us mesmas/es podem desenvolver o tema também.
5. **Apresentadoras/es:** São companheiras/es que têm formação política, que possam se preparar e desenvolver o tema da oficina. Elas/us podem estar durante toda a oficina ou apenas no momento da apresentação. O melhor é que estejam presentes durante toda a duração da oficina e que sua apresentação seja enriquecida com o que as/es participantes já sabiam sobre o tema ou o que as/es participantes levantaram como dúvidas.
6. **Organização e logística:** Inclui as/es companheiras/es que apoiam com os aspectos logísticos/técnicos e

organizacionais que se requerem para desenvolver a oficina.

Há momentos em que a pessoa que tem o papel de facilitadora pode desempenhar todos os três papéis.

MOMENTOS IMPERDÍVEIS DA OFICINA E ALGUMAS IDÉIAS DE TEMPOS SE VOCÊ NÃO TIVER O DIA INTEIRO PARA REALIZÁ-LA

Cada oficina tem diferentes momentos a desenvolver e que estão previstos no guia metodológico, que por sua vez é a agenda ou programa a seguir. No entanto, há três momentos que não podem faltar em um encontro ou oficina segundo a metodologia da Educação Popular:

- g. Recuperação de saberes (30min.):** Conhecer o grupo, o que sabem sobre o assunto (a partir delas/lus). Neste momento se pode partir do contexto (o que está acontecendo onde vivem ou trabalham ou na comunidade), ou a partir da prática (como se organizam, suas lutas, sua construção de alternativas) ou do que se pensa em relação ao tema que está sendo discutido na oficina (aqui falamos da concepção que temos sobre algo).
- h. Teoria / aprofundamento (20 min. a 30 min):** É o momento em que o assunto é explicado gradativamente por meios de auxílios pedagógicos, que podem ser feitos com desenhos, vídeos curtos, painéis ou outras técnicas para a discussão. Se houver tempo suficiente, se pode fazer a teorização e depois ter um momento para aprofundar o tema.
- i. Volta à prática.** Exercícios de construção coletiva de propostas segundo o tema, pensando em como o que se foi discutido na oficina será colocado na prática organizacional e comunitária.

OUTROS MOMENTOS IMPORTANTES APRESENTAÇÃO, MÍSTICA, ALINHAMENTO, SÍNTESE DOS DEBATES E AVALIAÇÃO

Apresentação

É o momento em que nos reunimos como um coletivo, nesse momento nos apresentamos e obtemos as informações necessárias para o processo de formação ou da oficina. Aqui podem expressar as expectativas do processo e da oficina em si.

Mística

É o encontro dos sentimentos, cultura e da arte. Nesse momento nos encontramos pelos sonhos, pela esperança, pela alegria e nos conhecemos a partir das nossas culturas políticas e identidades. A mística é feita no início das oficinas e também no final do processo para compartilhar a alegria de estarmos juntas e juntas nas lutas e nas construções coletivas, e dizer adeus ao processo com sentido coletivo e de missão em direção a uma nova prática política.

Alinhamento

É um exercício que é feito antes da oficina, e que faz parte da introdução à mesma, onde as expectativas que as pessoas têm de participar naquela oficina ou curso são alinhadas com os objetivos dessa oficina. Existem várias formas de se fazer isso: as expectativas podem ser feitas com antecedência e o framework é a forma como as/es participantes são apresentadas/des de como os objetivos do curso serão alcançados de acordo com as expectativas que as/es participantes trazem; um pouco para que a metodologia não fique de um lado e os interesses e expectativas das/des participantes do outro.

Um exercício também pode ser feito quando as pessoas se apresentam: elas podem falar de suas expectativas sobre o curso e a pessoa que faz a facilitação localiza essas expectativas dentro dos objetivos do curso. Esse alinhamento é o que facilita a avaliação porque em cima disso é que se avalia e se vê os resultados do curso ou do processo de formação.

Síntese dos debates

A síntese dos debates são os momentos de encerramento e conclusão desses debates que são feitos em plenária ou em trabalho de grupos. Eles servem para sublinhar as ideias fortes ou as ideias que precisamos que o grupo lembre no processo. Esse momento é muito importante durante a oficina e durante o processo. É o momento em que a facilitadora pega as ideias mais importantes das/des participantes e as apresenta ao grupo como conclusão de uma construção coletiva que foi feita a partir deste mesmo trabalho.

Avaliação

É o momento em que se avalia se os objetivos propostos e as expectativas das/des participantes foram alcançados. Geralmente, em cada oficina se avalia o seu desenvolvimento, mas ao final do processo é feita uma avaliação geral do processo completo. Aqui se torna consciente a valorização do aprendizado, das ações realizadas e das lacunas, falhas e aprendizados obtidos nas áreas de conteúdo, metodologia, organização e logística do processo e das oficinas. As/es participantes fazem uma avaliação do seu próprio desempenho e das organizadoras/es.

Técnicas participativas

Para cada momento da oficina são decididas as técnicas a serem utilizadas, ou seja, como será desenvolvido o momento proposto e quais as ferramentas que serão utilizadas naquele momento; isso se chama técnicas participativas. São as ferramentas e formas como os diferentes momentos da reunião ou oficina são desenvolvidos, tem como objetivo a participação para a construção coletiva de conhecimento ou descobertas das/des participantes da reunião ou oficina.

Existem técnicas para nos encontrarmos e nos conhecermos, para aprofundar ou analisar as questões, para aprofundar no conhecimento, para construir o coletivo, para imaginarmos o que queremos fazer, ou seja, as técnicas participativas são ferramentas para desenvolver o processo político-pedagógico.

No momento de elaborar o guia metodológico, ir conhecendo o grupo, conhecer o contexto desse grupo e saber quanto tempo está disponível para fazer o exercício, a técnica que é utilizada para atingir o objetivo proposto para aquele momento da oficina é decidida.

As técnicas utilizadas sempre devem ser ajustadas aos objetivos da oficina ou do curso e às características do grupo; elas podem ser usadas tomando técnicas de outros processos ou criadas pelas facilitadoras/es ou novas técnicas para a oficina em andamento.

MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA EM UMA OFICINA GINA ALFONSO

Bom dia a todas. Gostaria de compartilhar com vocês a experiência do que constitui, em um processo de formação, atender a mediação pedagógica. A primeira coisa é entender que todo o processo de formação, por si só, é um processo pedagógico, ou seja, é um processo educativo de aprender e desaprender, tanto para quem participa como estudantes, quanto para quem vai facilitá-lo como coordenadoras, professoras ou docentes desse processo.

A pedagogia é um processo criativo onde, nesse processo, todas as pessoas que participam de uma forma ou de outra e de diferentes responsabilidades são transformadas. Por esse motivo, em um processo de mediação pedagógica, um dos principais elementos que devem ser abordados é qual será a responsabilidade, qual será a tarefa, como será organizado o processo criativo e como o conhecimento será assimilado das experiências de vida das pessoas que participam deste processo de formação. Portanto, os primeiros critérios pedagógicos que devem ser contemplados em um processo de formação educacional são as experiências de vida, os conhecimentos acumulados e a capacidade crítica avaliativa de quem participa desse processo.

No caso dos processos, em que temos experiências que se baseiam na metodologia da educação popular, há sempre a necessidade de atender ao seu elemento dialógico, o debate, a troca de opiniões que nos permitem construir, em um processo de formação, um saber coletivo, um diálogo coletivo; manter elementos de participação, onde cada um vai, a partir de sua experiência, [somando] os aspectos que contribuem [para] o eixo daquele processo de formação, daquele processo pedagógico, [e] as pessoas sentem que estão construindo. Todo processo de formação, todo processo pedagógico é um processo criativo, é um processo onde as avaliações das pessoas que participam de suas experiências de vida estão expostas o tempo todo. Um novo conhecimento é construído, não imposto. [A] capacidade pedagógica de quem conduz o processo reside precisamente em saber para onde puxar os diferentes fios que se vão colocando no processo de construção da formação rumo ao objetivo que se quer atingir e, depois, ir fazendo um objetivo, uma construção coletiva comum, para que o objetivo que se estabelece no processo de formação seja assimilado por todas as pessoas que participam.

Quando em um processo de formação se passa por cima ou não atende ou não leva em conta as experiências de vida e os saberes acumulados, perde-se simplesmente a oportunidade de que aquele processo pedagógico, aquele processo educacional ou formativo, como queremos chamar, seja conscientemente assimilado por aqueles que participam. O essencial em um processo de formação é facilitar a assimilação consciente do que se debate, de que se constrói, dos novos conhecimentos. Nos processos de formação tem que se enfrentar uma lógica de dominação onde se encontra um conhecimento a impor um conhecimento, onde há uma voz de saber que é única e que a partir dessa voz se [diz] como deve construir-se ou como deve ser feito o processo. Por isso é importante nesta mediação pedagógica que as linhas de trabalho sejam definidas coletivamente, quais os orçamentos pedagógicos vão ser assumidos e assimilados por quem participa desta processo de formação. Então, [como] um pouco [de] síntese do que estamos dizendo [é que], como [um] elemento de mediação pedagógica, é importante atender a capacidade crítica de quem participa. A possibilidade de dialogar a partir dessa capacidade crítica com as experiências vividas por quem participa...o sentido dialógico tem que ser um que crie um novo conhecimento, para pôr todos os saberes em comum ao mesmo tempo que se vai alcançando, nesse processo de formação, um objetivo que nos permite avançar para processos de transformação mais emancipatórios, mais libertadores e que possamos enfrentar coletivamente o pensamento único.

PRÁTICAS GRÁFICAS PARA CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO RESUMO DA OFICINA E PRÉ-LEITURA POR EMILY SIMONS emilysimons@gmail.com

INTRODUÇÃO

Quando fazemos o trabalho de construção de movimento, escrevemos, lemos, falamos e ouvimos muito para nos comunicar. Sabemos que sempre usamos nosso sistema de mente/corpo/coração para fazer essas coisas e para nos preparar e realizar ações coletivas. Também sabemos que o espírito se move entre nós e nos envolvemos nisso intencionalmente através da mística.

Este documento considera como podemos utilizar o desenhar e olhar visuais como uma terceira estrela guia chave na constelação da comunicação conforme construímos as práticas da IFOS.

Como a linguagem escrita e falada, a linguagem visual é diferente dependendo de onde moramos e do nosso contexto sócio-cultural. O significado de uma cor em particular, símbolo ou metáfora pode variar enormemente e isso é algo que devemos sempre prestar atenção quando trabalharmos com visuais de forma transcultural.

No entanto, visuais - especialmente os ousados, simples e evocativos - podem ser mais facilmente entendidos através de culturas, idiomas e níveis de instrução do que palavras escritas ou faladas. Sabemos que nem todos os conceitos existem em todos os idiomas; visuais podem até nos ajudar a criar pontes de significados entre nós, que a tradução e a interpretação não podem. Isso os torna muito úteis no processo de organização, especialmente através de diferenças, e torna o nosso investimento em práticas visuais uma forma de justiça linguística.

Usando visuais compartilhados - em especial aqueles que conectam com emoções e contação de histórias



- criamos significados compartilhados mais profundos entre nós que aumentam o nosso sentido de experiência coletiva holística. Também faz com que seja mais fácil lembrar das coisas de forma simples, o que é muito útil em formações longas!

VISUAIS SÃO PODEROSOS PARA APRENDIZAGEM E MEMÓRIA

Uma imagem REALMENTE vale mil palavras. Imagens são imediatamente reconhecidas e lembradas com mais rapidez, do que linguagem escrita ou falada. Cientistas que estudam cérebros e cognição chamam isso de efeito de superioridade da imagem.

- Nossos olhos podem registrar mais de 36.000 visuais por hora
- 90% da informação que entra no cérebro é visual
- 40% das fibras nervosas conectadas ao cérebro estão ligadas à retina (olho)
- Ideias representadas graficamente são processadas muito mais rápido - aproximadamente 60.000 mais rápido - do que texto e também são mais fáceis de compreender.
- Em estudos de memória, as pessoas só lembram ~10% da informação compartilhada verbalmente depois de três dias, enquanto retêm ~65% da informação apresentada com palavras e imagens.

Tudo isso faz sentido quando consideramos nossos ancestrais, que davam sentido a visuais - rostos, o relevo, o céu e as estrelas, rastros de animais - muito antes de lerem linguagem escrita.

UM POUCO DE CONTEXTO POLÍTICO

Com o advento da internet e da economia da informação, acionistas corporativos construíram um mercado da atenção - ou seja, o capital está monetizando e manipulando nossa habilidade individual e coletiva de focar nossa atenção. Isso serve aos interesses das elites globais de que estejamos e possamos ser distraídos.

Com ciclos de notícias 24 horas e infinitos tweets na twitter-esfera, tem uma dimensão de choque e espanto de como nossos cérebros estão sendo bombardeados com dados, publicidade e informação visual mas têm cada vez menos capacidade de encontrar coerência e clareza, sobretudo coletivamente. Enquanto isso, plataformas de redes sociais usam imagens com grande efeito, com Instagram e Facebook fazendo delas o evento principal com o texto escrito sendo reduzido a uma legenda de apoio.

Enquanto em muitos dos nossos contextos o alcance desse tentáculo do capitalismo é muitas vezes limitado, para outras/es de nós é um fator determinante das nossas formas de organização. Nossa habilidade para seguir o fio da história e dar sentido ao que está acontecendo em torno de nós está sendo atacada. Ao mesmo tempo, visuais foram há muito tempo excluídos da torre de marfim de rigorosas práticas acadêmicas (enquanto departamentos de História da Arte estão vivos e bem, poucos estudantes apresentam teses em outras disciplinas em formato de graphic novel ou tirinhas de quadrinhos). Imagens podem ser tratadas pela academia como fenômenos sagrados ou mundanos, mas raramente são considerados modos válidos de análise ou modos rigorosos de pesquisa, graças à epistemologias colonizadas, que separam o coração da cabeça e das mãos.



E movimentos sociais não

estão isentos! Há uma longa história de movimentos androcêntricos que abusam do uso do jargão político e linguagem acadêmica para comunicar sobre questões políticas que impactam a todos. Muitos de nós não leem textos acadêmicos. Muitos sentem vergonha ou veem esses formatos como inacessíveis. Podemos usar imagens estrategicamente para alcançar nossa gente e quando trazemos histórias e arte com as quais as pessoas conseguem se conectar, abrimos novas possibilidades de conexão, transformação e relacionamento.

Porque na verdade, técnicas de comunicação visual são mais antigas que as montanhas e realmente vem das e pertencem às pessoas! Nós temos usado visuais para contar histórias, registrar eventos e comunicar através do espaço e do tempo e com espírito desde o início. Devemos reivindicar esse território da mente, do coração, a prática de construir significado para nosso povo.



(Da esquerda para a direita: antigas pinturas rupestres, impressões adinkra, cantastoria).

E sabemos que fazer coisas juntas/es, em particular quando as coisas são artísticas, úteis ou extraídas de violência, colonização ou supressão, é um remédio poderoso para nossa solidão, nosso desespero, nossos traumas e nossas perdas. Quando fazemos arte juntas/es, podemos fazer a alquimia dos nossos traumas e transformar nossa dor em novas energias enquanto mantemos nossa memória viva.

ARTE & MEDO

- Desenhar intimida muitas pessoas. Muitas/es de nós nunca tiveram oportunidade de aprender habilidades artísticas, ou tinham vergonha quanto à arte quando eram crianças. Muitas vezes só nos era permitido “colorir” livros de colorir, ou não tínhamos realmente nenhum material. Muitas/es de nós e do nosso povo carregam verdadeiro medo do papel de desenhar.
-
- Por causa da forma como arte e design estão profissionalizados, mercantilizados e utilizados amplamente a serviço do capital através da publicidade, sabemos que isso serve aos interesses das elites, mantendo a sete chaves uma das ferramentas principais para a comunicação humana.
-
- É importante que nas oficinas apoiemos a pessoas que possam se sentir inadequadas ou ansiosas para desenhar e darem pequenos passos para se familiarizarem e ganharem coragem. Precisamos criar culturas de olhar

crítico que afirmam os esforços das pessoas e exploram imagens com curiosidade, focando no que vemos, pensamos e imaginamos sobre os desenhos uns dos outros e não se os desenhos são “bons”. Ninguém deveria sentir vergonha pela qualidade de seus desenhos e as/es participantes deveriam se sentir capazes de optar por não participar em atividades ao mesmo tempo em que se sintam apoiadas a assumir riscos.

METODOLOGIAS

Quatro maneiras em que podemos usar visuais (tem muito mais!):

- Olhar crítico
- Processos coletivos de criação artística
- Desenho gráfico
- Registro gráfico

OLHAR CRÍTICO

- Esta é uma metodologia que pode ser costurada ao longo de qualquer Escola de Organização Feminista: olhando imagens que já existem e falando sobre elas.
- Isso pode ser feito individualmente em preparação a uma sessão, coletivamente, ou em pequenos grupos.
- O olhar pode ser breve ou pode fornecer a estrutura para todo a oficina
- Visuais vem e vão, ou podemos voltar neles várias vezes.
- Eles também podem ficar pendurados nos nossos espaços de encontro

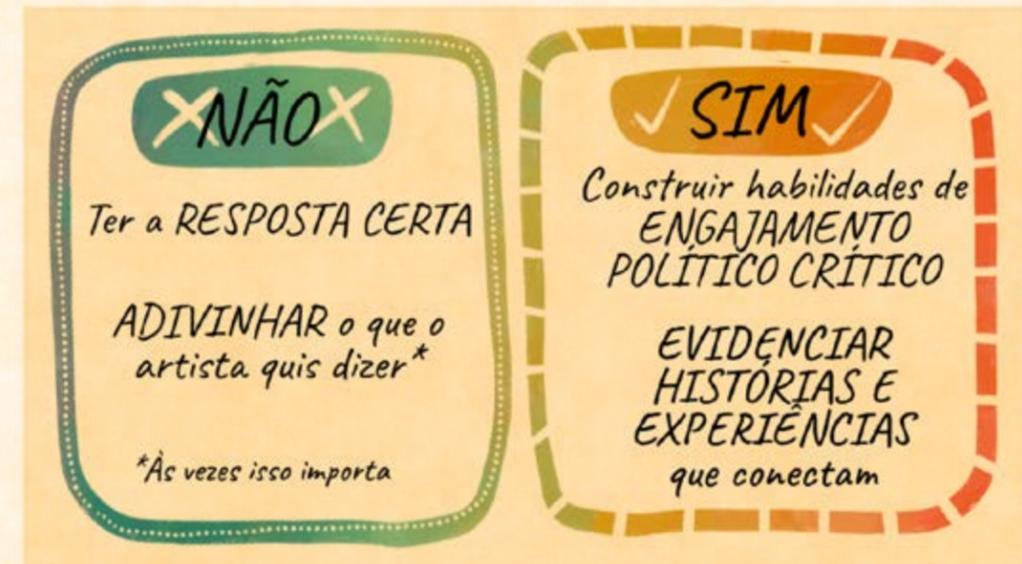


Nós sugerimos o formato em quatro partes:

- O que você vê? (listar observações sem interpretações ou julgamento)
- O que você acha que está acontecendo? (Trazer as interpretações e julgamentos!)
- Como isso se conecta com _____? (Por exemplo: o que está acontecendo na sua vizinhança, coisas que você viu ou ouviu falar, o que estávamos falando na semana passada sobre sistemas de opressão, etc). Do que isso me lembra?
- O que desperta a sua curiosidade? Que perguntas você tem?

O objetivo do olhar crítico não é de ter a resposta “certa”, ou de adivinhar a “intenção” do artista, embora às vezes as intenções dos artistas sejam relevantes.

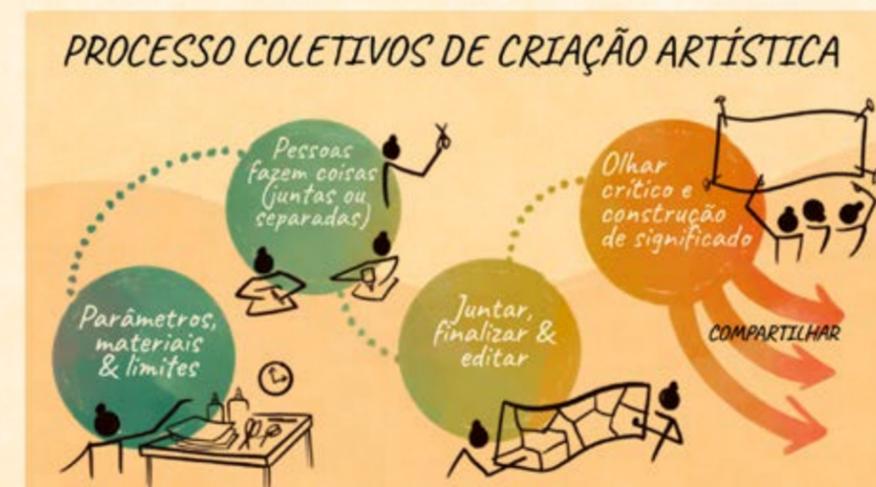
O objetivo de aprimorar nossas habilidades de engajamento político crítico e de trazer à tona histórias e experiências que se conectam ao nosso estudo para que possamos criar significados juntas/es. Tem muitos tipos de imagens que podem ser usadas para olhar crítico, inclusive eventos do noticiário, uma fotografia ou desenho que os participantes tragam de casa ou gráficos feitos especificamente para sua oficina.



PROCESSOS COLETIVOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA

As possibilidades para processos coletivos de criação artística são infinitas. A ideia do processo é:

- Você como facilitadora/e prepara e apresenta materiais ao grupo e fornece um esquema ou estabelece alguns limites (é muito mais fácil fazer coisas quando há limites!)
- Pessoas fazem coisas - juntas/es ou individualmente se for um espaço digital, ou cada uma/e faz sua peça em casa e depois juntam todas, etc.
- A coisa ou coisas são reunidas ou finalizadas, se necessário
- Todas/es olham para a obra e refletem juntas/es sobre ela (esta parte é chave para criar significado! Você pode utilizar o mesmo processo de olhar crítico usado antes)
- Opcional, a/as coisa/s que foram feitas são compartilhadas com uma comunidade mais ampla, na vida real ou digitalmente, para contar a história do encontro ou do grupo, para educação política, como provocação política ou protesto, como um convite para se juntar ao trabalho ou para que outras/es/os membros da comunidade possam testemunhar e afirmar o trabalho (tal como compartilhar uma foto com todo este grupo para que possamos celebrar e animar vocês).



O QUE VOCÊS PODEM FAZER?

Vocês podem fazer TANTAS COISAS. Faixas, fantoches e escudos para protestos. Um mural. Gorros, colchas e outros chamegos. Comida! Um grande desenho em grupo! Impressões para distribuir ao redor da cidade. Placas para uma campanha digital ou para protestos nas ruas. Uma peça teatral! Com figurino! E adereços! Imagens que contam histórias individuais ou histórias coletivas. Um livro de receitas. Um mapa do seu povoado. Um marcador histórico ou roteiro de caminhada por uma história apagada. Um livro. Um calendário. Alfinetes, quadrados, bandeiras ou bandanas. Sacolas de feira. Faixas. Cartazes. Adesivos. Items tecidos. Artefatos. Pernas-de-pau! Tinturas ou outros remédios. Reparar algo importante. Panfletos de história alternativa. Camisetas. Teatros de fantoches. Bolsas serigrafadas ou outros adereços. Currículos de teoria política!

DESENHANDO IMAGENS PARA EDUCAÇÃO POLÍTICA E ORGANIZAÇÃO

Como você faz gráficos efetivos para educação política? Para começar, você **NÃO** precisa ser um “artista”! REALMENTE. Mas você pode ser. Qualquer pessoa pode participar dos processos de criação artística. E você também pode trabalhar com pessoas que se auto-identificam como artistas ou ilustradores e utilizar essas habilidades o tempo todo. Isso pode ser uma forma para que participem do movimento pessoas que de outro modo talvez não participassem.

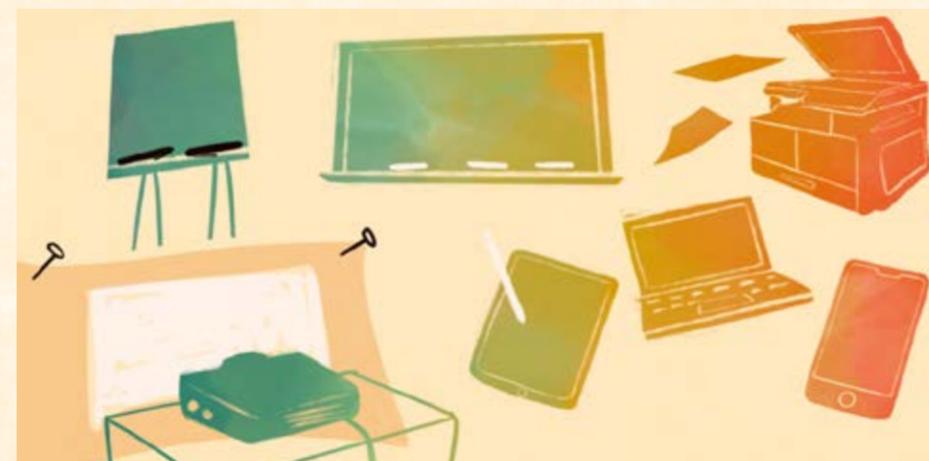
Muitos processos coletivos de desenho podem ter uma ou duas pessoas segurando a caneta e o resto do grupo pode participar na geração da ideia, empurrões metafóricos e olhares críticos. Finalmente, criação de imagens é tanto sobre como pensamos e entendemos quanto sobre as habilidades técnicas de desenhar. E muitas das habilidades que nos ajudam a fazer gráficos exitosos são os mesmos que nos fazem organizadores de êxito.



Você também não precisa ter um monte de materiais sofisticados. Você pode trabalhar com:

- Marcadores e cartolina ou papelão
- Giz e lousa
- Canetas, papéis pequenos e uma fotocopadora
- Qualquer dos materiais acima e enviar uma foto para todos que virão à oficina
- Ou, colocar a foto num projetor e usar uma tela ou pendurar um lençol para projetar para que todas/es possam vê-la em tamanho grande (uma vantagem disso é que você pode usá-la várias vezes, enquanto que papéis grandes se danificam com o tempo).* Se a reunião for digital, coloque a foto numa apresentação de slides ou simplesmente abra o arquivo e compartilhe sua tela.
- Se você tiver acesso a tecnologias de desenho digital, isso é ótimo também. Tablets com stylus são multi-ferramentas muito funcionais, mas não são absolutamente essenciais.

- Se suas imagens são muito detalhadas e você tiver recursos, você pode considerar a impressão digital.



COMO DESENHAMOS IMAGENS PARA CONTAR HISTÓRIAS E EXPLICAR CONCEITOS

Poderíamos passar semanas falando sobre como desenhamos visuais sem conseguir realmente entrar no assunto. Como qualquer forma de comunicação, a maneira de compor nossas mensagens é complexa e cada pessoa funciona de forma um pouco diferente. Não há realmente uma fórmula que se possa usar para desenhar visuais; geralmente é uma questão de tentar coisas no papel até que algo funcione, ou de brincar com o problema em sua mente enquanto estiver lavando a louça ou trabalhando no jardim, ou ainda não pensar sobre isso intencionalmente e deixar que o seu subconsciente faça o trabalho.



Aqui, vemos **CONTRIBUIÇÕES** (Por exemplo: o texto que vocês estão tentando ilustrar, os parâmetros para o gráfico, geralmente o que precisa ser dito... junto com cada experiência que você já teve e cada ideia na sua cabeça!) seguida pela **CAIXA MÁGICA DE MISTÉRIOS** na qual pensar, imaginar, destilar e escolher acontece, e em seguida os **RESULTADOS** (imagens que vocês fazem em resposta ao que veem).

PROCESSOS GRÁFICOS COLETIVOS

Tudo isso se torna ainda mais delicado quando estamos desenhando gráficos coletivamente. Significa que os diversos trabalhos da caixa Mágica de Mistérios precisam estar explícitos, para que possamos ver as conexões e

desenvolver ideias juntos. E como o cérebro de cada pessoa funciona de forma um pouco diferente, praticamos nos movendo de forma coordenada através das diferenças com graça, boas práticas para o trabalho de movimento e auto-governança!

As complicações extras geralmente valem a pena por causa das ricas camadas de significado compartilhado que podemos criar juntas/es. Construir um léxico visual juntas/es pode ser muito poderoso. E como tudo mais que fazemos juntas/es - uma reunião, uma campanha, uma ação - geralmente é bom ter diferentes papéis liderando o grupo em diferentes partes do processo.

ESTÁGIOS DE DESENVOLVIMENTO GRÁFICO COLETIVO

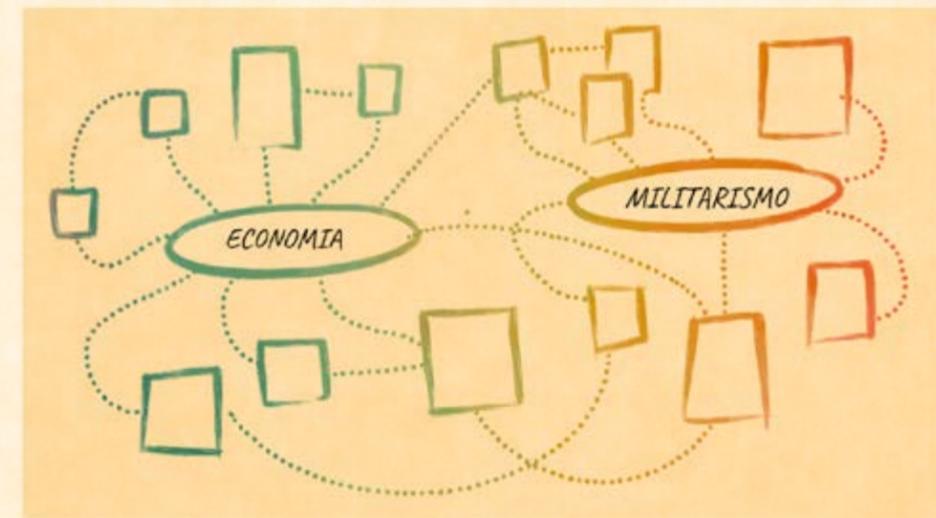
1. Identificar seu propósito (o que estamos tentando fazer?)
2. Reunir contribuições (se for preciso) e fazer com que sejam compartilhadas e explícitas
 - a. Pesquisa
 - b. Entrevistas
 - c. Conceitos Políticos
 - d. Experiências
3. Mapear Conexões* (adicionar)
4. Encontrar o coração da matéria** (destilar)
5. Criar um Layout
6. Dar carne aos ossos
7. Compartilhar suas imagens usando o Olhar Crítico



PALAVRA	AÇÕES	ASSOCIAÇÕES	QUESTÕES
DIVIDIR	Cortar, fatiar, calcular, separar	Faca, cruzando um fosso, separando	Quem está dividindo?
TRABALHO	Construir, nascimento, lutar, fazer, trabalhar, limpar	Chave e boné, cesto de roupas, vassoura	Quem trabalha - qual gênero/raça/classe?
LIXO	Despejar, derramar, empilhar, jogar, expelir	Caminhão de lixo, lata de lixo, sacos de lixo, cano de esgoto	Isto é lixo extrativo ou lixo que se torna comida?

MAPEANDO CONEXÕES: COISAS QUE PODERIAM ESTAR NA CAIXA MÁGICA DE MISTÉRIOS

PALAVRA	AÇÕES	ASSOCIAÇÕES	QUESTÕES
CONSUMO	Absorver, chupar, engolir, usar, pegar, receber, comprar	Pacotes, containers, marcas, lojas, prateleiras, bens supérfluos	Quais bens são vistos como supérfluos vs úteis?
MILITARISMO	Pisar, ameaçar, invadir, colonizar, queimar, aterrorizar, dominar, controlar	Bota, tanque, arma, bandeiras, barreiras, helicóptero. Arame farpado, vigilância	Como simbolizar a violência sem mostrá-la
ECONOMIA	Trocar, extrair, gerir, monetizar, roubar, arruinar, avaliar, vender	Escalas, cartola, moedas, notas, cifrão, banco, mercado, navios, caminhões, rodovia, trem, porto	Como se mostra que alguém está vendendo alguma coisa?
DEMOCRACIA	Colonizar, pegar, obscurecer, mascarar, promover, emplacar	Excepcionalismo, manipulação-fantoches, edifícios de coluna, falsa paridade e justiça	O que se lê como democracia (processo) e não só instituições?



Podemos usar técnicas para estruturar nosso desenho pensando dentro da fase da caixa de mistérios, ESPECIALMENTE quando estivermos desenhando com mais de um cérebro na mistura. Por exemplo, essas tabelas podem nos ajudar a começar a criar desenhos para conceitos simples. Você poderia encher essas caixas como um grupo durante uma oficina, começando da esquerda para a direita.

Outra técnica para encontrar associações e conexões é de usar um MAPA MENTAL, que usa os mesmos parâmetros que a tabela mas é muito mais aberta e permite que você encontre relações entre conceitos mais facilmente. Você pode perguntar a si mesma/e uma série de questões, e então organizar suas respostas espacialmente, colocando coisas relacionadas juntas e adicionando imagens no processo (ou até mesmo usá-las no lugar das palavras). Essa é uma boa atividade em grupo! Pensamentos indisciplinados são bem-vindos!

EXEMPLOS DE QUESTÕES DE MAPAS MENTAIS

- Qual é a primeira coisa que vem à mente quando ouvimos essa palavra?
- Quais ações estão associadas a esta palavra? (verbos de novo!)
- Quem são os atores/personagens em relação a esta palavra/conceito?
- Quais objetos podem nos ajudar a mostrar sobre o que estamos falando?

- Existem metáforas ou símbolos que ressoam bastante?
- E quanto a opostos ou contradições?

Você pode até escrever em post-its e reorganizá-los, agrupando as coisas ao longo do processo.

VENDO NOSSAS OPRESSÕES E VIESES INTERNALIZADOS

Quando fazemos exercícios como esse, tornando nosso pensamento visível, também temos uma chance de externalizar nossos vieses e tralhas culturais. Nossas mentes refletirão em nós as coisas problemáticas que absorveram, e fazendo esse trabalho coletivamente temos a chance de perceber e intervir no lixo em nossas cabeças - idealmente, sem irmos atrás uns dos outros quando isso acontece, porque todos nós temos lixo cerebral.

Em geral, é mais fácil criar imagens para notícias ruins do que para as boas. Quando tentamos criar imagens para mostrar nossa visão, nossos sonhos, nossa luta, muitas vezes vemos nossas opções reduzidas a clichês (o punho! etc). Isso é ao mesmo tempo uma limitação e uma oportunidade para ir mais fundo com cada uma/e sobre o que estamos realmente construindo - como se vê, DE VERDADE? Que cheiro tem? Que roupa está usando? De certa forma, é como teatro - figurinos e adereços podem parecer medíocres se pensarmos bem, mas são na verdade ESSENCIAIS para construções de mundo críveis. E precisamos engajar a fantasia, imaginação, sentido de história e desejos das pessoas se quisermos construir juntas/es a partir de um lugar de visão real.

ESCOLHENDO SÍMBOLOS

Como você escolhe um símbolo com o qual trabalhar, principalmente como piso para conceitos complexos?

PRÓS

- Histórico- refere a um período de imperialismo
- Referência de gênero
- Referência de classe
- Usada pelo homem do Monopoly
- Fácil de desenhar e aplicar a personagens e objetos
- Ainda mais claro com um cifrão

CARTOLA



CONTRAS

- Referência Europeia
- Monopoly é uma referência específica, não transcultural e centrada nos EUA
- Sem o cifrão as pessoas podem não entender

Símbolo para capitalismo e capitalistas

A cartola é um símbolo que aparece de forma recorrente no currículo como uma representação para patriarcado, capital, capitalistas e elites. Embora imperfeito, a coluna de “prós” é bem mais longa do que a coluna de “contras”. Metáforas são nossas amigas!

ENCONTRANDO O CORAÇÃO DO QUE QUEREMOS DIZER

A partir desse processo de mapear as conexões e de procurar metáforas e símbolos, o próximo passo é de nomear o coração do que é MAIS importante de se dizer com a imagem.

No caso de militares, economia, democracia e consumo, poderíamos começar a pensar sobre como os militares são usados para proteger e expandir o alcance dos mercados nas sociedades e começar a criar um desenho que mostre essa relação. Podemos escrever uma frase, tipo: “os militares existem para controlar a resistência à intrusão do mercado e justifica isso através da ilusão de democracia e direitos humanos enquanto na verdade estão tornando o mundo seguro para as corporações.” Isto é como o ponto alto - o coração do que queremos dizer.

Enquanto o mapeamento mental se trata de acrescentar, criar camadas e ver conexões, encontrar o coração da matéria se trata muitas vezes de destilar, sintetizar, resumir, simplificar ou comparar coisas. É uma prática de afinar e esclarecer, peneirando tudo o que está lá e percebendo uma solução elegante.

CRIAR UM LAYOUT

Seriam os “ossos” da sua imagem. Aqui estão alguns exemplos de layouts simples que você poderia usar como modelo ou desenhar exatamente o que você precisa.



Aqui, os 4 conceitos de militarismo, consumismo, economia e democracia são mostrados em relação... o layout reflete o coração da matéria, de que os militares estão lá para controlar a resistência à intrusão do mercado, e justifica isso através da ilusão de democracia e direitos humanos enquanto na verdade tornam o mundo seguro para corporações.





COLOCANDO 'CARNE NOS OSSOS'

Muitos dos detalhes que listamos no mapa ou tabela mental entraram no gráfico. São a forma pela qual mostramos a mensagem. Aqui, as armas são pretas e as mãos são brancas e ambas estão apontando ou agarrando na cena do meio, que inclui uma rodovia e um oceano (desenhado de forma não muito literal)! Esse paralelo mostra o militarismo e o consumismo como uma pressão dupla na expansão de mercados. Temos moedas mostrando para onde o dinheiro está indo (caindo, para que saibamos em qual direção estão "indo") e cartazes sobre democracia e direitos humanos mascarando a marcha da violência por trás.

COMPARTILHE A IMAGEM

O processo não está feito até que a imagem esteja trabalhando no mundo! Lembre-se que vocês construíram a imagem usando habilidades de pensamento crítico e você pode usar essas mesmas habilidade DE NOVO com a imagem finalizada, especialmente com novas pessoas.

Pendure a imagem que você fez num quarto e tente fazer o processo reverso - qual é o layout? O que vemos (faça uma lista - essa é toda a "carne" da sua tabela)! Como chamaríamos os conceitos-chave desenhados aqui? Podemos fazer uma mapa mental a partir das nossas observações deste gráfico?

Esses passos não precisam ser lineares e muitas vezes não são. É bom ter um retorno através do desenho do processo e muitas vezes é o caso de você dar passos pra frente e pra trás enquanto trabalha. Você pode descobrir, por exemplo, que o layout parece claro antes do coração da matéria. Como a caixa mágica está cheia de mágica, o desenho da imagem é imprevisível. Isso é algo a abraçar.



AGRADECIMENTOS

Muitas ideias apresentadas aqui foram desenvolvidas de diferentes formas através da dinâmica comunidade internacional de prática no e em torno do [Beehive Design Collective](#) desde 2000, e especialmente através da colaboração com a campanha gráfica [True Cost of Coal](#) de 2008 a 2015.

Outras/es colaboradoras/es e co-conspiradoras/es chave no trabalho de prática visual coletiva incluem Abby VanMuijen, Laura Chow Reeve, Kate Shapiro, a Forever SONG Family, Rachel Schragis, Estefania Rivera Cortez, e o projeto [End the Debt! Decolonize! Liberate!](#) Da AgitArte. Gratidão por levarem este trabalho para o mundo.

Formação em Educação Popular Acompanhada à Distância

Guia metodológico geral

JESÚS FIGUEREDO
MARÍA ISABEL ROMERO
CARMEN NORA HERNÁNDEZ



Dr. Martin Luther King, Jr.
centro memorial

Edição / Marla Muñoz Urbino
Design / Ernesto Joan
Realização e composição / Eduardo A. González Hernández

Colaboradores / Adalys Vázquez / Manuel de la Rúa /
Elena Socarrás / Lizet Sánchez

Agradecimentos:
Participantes da segunda oficina de reflexão sobre a modalidade de formação em educação popular a distância, organizado pelo programa de educação popular e acompanhamento a experiências locais do CMMLK, realizado de 7 a 9 de mayo de 2003.

© Editorial Caminos, 2003
© Editorial Caminos, 2005
© Editorial Caminos, 2006

370.193 1
Fig

Figueredo, Jesús, 1961 -
Guía metodológica general / Jesús Figueredo,
María Isabel Romero, Carmen Nora Hernández.
-- La Habana : Editorial Caminos, 2003.
28 p. -- (Colección FEPAD ; 3)

1. EDUCACIÓN POPULAR
2. COORDINACIÓN GRUPAL
I. Romero, María Isabel, 1964 -
II. Hernández, Carmen Nora, 1952 -
III. t.

Impresión: ENPSES - Mercie Group y CMMLK

Para pedidos e información, dirijase a:
Editorial CAMINOS
Ave. 53 núm. 9609 entre 96 y 98, Marianao,
Ciudad de La Habana, Cuba, CP 11400
Telf.: (537) 260 3940
Fax: (537) 267 2959
Correo electrónico: editorialcaminos@cmlk.co.cu

II. O trabalho em grupo



Uma das ferramentas importantes da educação popular é o trabalho com grupos e em grupo.

“O grupo é uma instância privilegiada onde nós seres humanos ensaiamos, percebemos; é essa mediação entre esse grande que é a sociedade e a individualidade que somos cada um de nós. O trabalho da educação popular com grupos e em grupos, permite que seja esse o espaço privilegiado de aprendizagem, de educação, de confrontação. Tem, além disso, um caráter qualitativamente diferente no sentido de que a intenção, pelo menos, é de que o grupo se eduque entre si e assuma papéis coletivos”¹

Partindo dessa afirmação que compartilhamos, uma primeira convicção que queremos socializar agora — não necessariamente reconhecida, mas não por isso menos certa — é de que não há feito humano que parta do zero, não há atividade em grupo na qual as pessoas cheguem vazias.

Todos e todas que participamos de qualquer feito ou atividade carregamos diversos saberes, chegamos com certas maneiras de agir incorporadas, com vivências variadas integradas à cosmovisão que nos acompanha.

¹ Tirado da entrevista concedida por Esther Pérez a Idana Trujillo, em “El tren de la vida”, Editorial Caminos, La Habana, 2005.

Em outras palavras, todos e todas dos dispositivos afetivos, utilização da somos portadores de um certo acúmulo cultural, de experiências vividas, de concepções, hábitos e costumes pré-estabelecidos.

Portanto, é imprescindível - antes de qualquer atividade em grupo - considerar as experiências e conhecimentos anteriores das pessoas envolvidas. Isso não significa aceitá-los sem críticas, mas acolher, rejeitar e tentar modificar se necessário, dependendo do que estamos buscando, da ideia e da opção política e ética da qual partimos e do resultado que queremos alcançar.

No trabalho em grupo do qual se vale a educação popular o cerne estará, como veremos adiante, em colocar em diálogo os elementos e reflexões que apresentaremos agora com os saberes, experiências e conhecimentos de cada um dos integrantes do grupo em questão.

Se trata então de que o trabalho em grupo seja uma forma de propiciar uma maior participação de todos os membros da equipe na atividade dada, de concebê-lo como um espaço que permite que cada pessoa possa contribuir com o processo em grupo a partir de seus conhecimentos, vivências, habilidades e diferenças.

Esse tipo de trabalho em grupo visa também estimular a criatividade dos participantes que é alavancada dentro da experiência em grupo na medida em que cada um contribui, entre outras coisas, com suas iniciativas na maneira de devolver ao plenário a síntese dos resultados dos trabalhos realizados.

Por isso, em relação a essas devoluções, é conveniente que promovamos o desenvolvimento dessa criatividade e fomentemos também a expressão oral e escrita, a manifestação corporal o uso

plástica e outras expressões artísticas. Dito de outro modo: que estimulemos devolutivas dos trabalhos em grupo nas quais a racionalidade e a subjetividade se entrelacem.

Assim de acordo com a sua intenção orientadora, este *Guia metodológico geral* entende que a melhor maneira de começar a tomar forma é retomando coisas essenciais a serem observadas em relação ao trabalho com grupos, e destacando algumas particularidades próprias aos grupos FEPAD.

Com o quê contar para formar o grupo e iniciar o trabalho em grupo

A formação do grupo FEPAD e de sua equipe de coordenação

Aqui é preciso contar com:

- A possibilidade real de juntar de cinco (5) a vinte-cinco pessoas (25) — que são as cifras mínimas e máximas ideais para qualquer trabalho em grupo —, que compartilhem o interesse comum de participar na atividade proposta e tenham probabilidades e disposição efetiva de se juntarem.
- O acordo de no mínimo duas pessoas - egressas das oficinas de formação em educação popular do CMMLK —, dispostas a assumirem a condução ou coordenação do grupo (Em todo caso a candidatura deve ser em consenso com o CMMLK.)

- O conhecimento prévio sobre o grupo e seus integrantes por parte dos coordenadores e coordenadoras ².
- A solicitude correspondente ao programa de educação popular do CMMLK.

Os recursos materiais e didáticos do grupo FEPAD.

Pelo menos estas duas coisas são imprescindíveis:

- Um local que conte com condições mínimas para o trabalho do grupo e cuja cessão para este fim tenha sido previamente acordada com a instituição responsável.
- Os materiais bibliográficos e meios didáticos necessários. ³.

² Em determinada literatura isso se chama "pré-alimentação". Significa ter informação sobre os nomes e sobrenomes das pessoas, as idades, o gênero, a procedência geográfica, os lugares de trabalho, a prática social prévia de cada um, suas motivações quanto ao trabalho a ser desenvolvido, neste caso, do módulo de FEPAD de que se trate. E também uma indagação a priori sobre se o grupo foi formado para a ocasião ou se já existia anteriormente, e nesse caso seria conveniente conhecer seu grau de coesão anterior, se existem tensões entre seus membros, etc.

³ Quem oferece é o Programa de educação popular e acompanhamento a experiências locais a experiências locais do CMMLK. No caso dos módulos da FEPAD, além dos meios habituais, como flipcharts, marcadores, etc..., se utiliza este mesmo Guia, o guia metodológico do módulo em questão, as seleções de texto, os cadernos para participantes, elementos de filme, musicais, jogos didáticos, de acordo com o caso. É claro que a este conjunto de materiais e meios poderão ser acrescentados aqueles que os coordenadores ou coordenadoras elaborem ou facilitem de acordo com seu nível de criatividade e de contextualização do processo, em correspondência com suas necessidades concretas.

Algumas premissas da função de coordenador ou coordenadora dos grupos FEPAD

- Como já dissemos, para exercer essa função é preciso, antes de tudo, ter passado pelas oficinas de formação em educação popular do CMMLK. Além disso, é preciso estar disposto a frequentar um espaço de capacitação que o programa de educação popular organizou para oferecer o treinamento necessário aos coordenadores e coordenadoras de grupos FEPAD, de acordo com o módulo a ser conduzido. (A equipe de educação popular do Centro se encarrega de convidá-los a participar).
- Junto com isso, é imprescindível estudar os materiais bibliográficos que sustentam esta modalidade de formação, contidos na seleção de leituras do módulo em questão. Devemos frisar que falamos em estudar, não basta só ler os textos.
- Também terao que se ocupar da definição, junto com o grupo, da quantidade e frequência de encontros que dedicaremos ao desenvolvimento de cada módulo. Chamamos isso de dosagem do módulo. Não esqueçamos que na apresentação de cada módulo está o tempo mínimo que o curso deve ter.
- Isso significa que, antes do primeiro encontro com o grupo devemos formular uma proposta de dosagem do módulo - que não é mais do que uma proposta sobre as ocasiões e horários nos quais o grupo se reunirá para abordar um ou outro momento do módulo. Para

isso é preciso tomar em conta o tempo estimado de duração geral do módulo que já mencionamos e os tempos reais que o grupo dispõe para colocá-lo em prática. (Podemos ter um adiantamento dessa informação na pré-alimentação a qual nos referimos no início deste capítulo na seção *Com o quê contar para formar o grupo e para iniciar o trabalho em grupo.*)

A coordenação ou condução de grupos

Os papéis fundamentais no trabalho em grupos

Para seu desenvolvimento, o trabalho em grupo requer que sejam identificados os papéis mediante os quais se organiza e dinamiza a participação,

- Os principais papéis assumidos no trabalho em grupo se referem a:
 - a coordenação ou condução,
 - a relatoria,
 - a observação,
 - a exposição ou apresentação dos resultados do trabalho na plenária. (Voltaremos em alguns deles mais adiante de forma detalhada).
- Por enquanto o importante é anotar que no início do trabalho em grupo - nesse caso, no início do módulo da FEPAD - é necessário que orientemos o grupo a respeito desses papéis, que compartilhem quais são suas funções fundamentais. (Tomar em conta que eles também têm que assumir o trabalho em subgrupos que os exercícios dos módulos propõem).

- Em relação às equipes de coordenação, sejam de grupos FEPAD ou não, assumem invariavelmente os papéis de coordenação ou condução, naturalmente, e de relatoria. O observação, em particular, pode ser solicitado a outra pessoa.
- Tais papéis não precisam ser permanentes. Pelo contrário, é bom que alternem, de forma que, por um lado, toda a equipe pratique, e por outro não fomentar que alguém se sinta "dono exclusivo" de um determinado papel.
- No caso do trabalho em subgrupos, os seguintes papéis são assumidos: a coordenação ou condução - entendida como a facilitação da tarefa que o subgrupo deve realizar, que consiste em dar a palavra, observar os tempos disponíveis, etc; a relatoria e a exposição ou apresentação dos resultados do trabalho na plenária, que é parte da socialização e discussão do trabalho realizado por cada equipe ou subgrupo perante o grupo completo.
- Aqui também é muito importante fazer a rotação dos papéis conforme citado, que o coordenador ou a coordenadora deve estimular.

Algumas das funções e recursos da coordenação ou condução

Aqui vamos examinar as *funções* da coordenação em relação à:

- Facilitação do processo de aprendizagem em grupo.
- Análise de um determinado tema.

- A leitura de textos.

E também alguns *recursos* que podemos utilizar frente a determinadas situações que acontecem com relativa frequência nos grupos. Vejamos.

As funções da coordenação

Relativas à facilitação do processo de aprendizagem em grupo

- Propor, estimular e cooperar, em vez de dar ordens.
- Fomentar o debate, e não a polêmica, como ferramenta de aprendizagem em grupo.
- Facilitar o processo de aprendizagem em grupo, se apoiando em recursos metodológicos que contribuam à satisfação das expectativas, à partilha de saberes, e garantam a construção coletiva de conhecimentos, o olhar crítico e as práticas sociais e o vínculo da teoria com a prática.
- Assumir e explicitar para o grupo o critério de que cada pessoa tem algo para contribuir.
- Nesse sentido, considerar legítimos os juízos e opiniões dos participantes ainda que contradigam outras opiniões que possamos ter sobre o assunto. (Isso não significa que devemos aceitá-las sem mais. Trata-se de conduzir o trabalho de forma a propiciar que o próprio grupo rejeite as opiniões e comportamentos que não encaixem com os fundamentos da proposta de desenvolvimento do trabalho. Em todos os casos, o coordenador ou coordenadora, que nunca é neutro ou neutra, poderá contribuir com a discussão a partir de sua própria posição sobre o assunto em particular).

- Confiar na vontade, no conhecimento e na capacidade do grupo para encontrar seus próprios caminhos.
- Administrar a tensão que se produz entre a ansiedade por chegar aos resultados prometidos e a necessidade de permitir que o grupo trabalhe em seus tempos. Ou seja, não forçar o grupo para chegar ao resultado esperado. (Muitas vezes as experiências vividas durante o processo para chegar aos resultados são mais importantes que o resultado em si)
- Administrar os conflitos de forma positiva.

Relativas à análise do trabalho sobre um tema determinado

- Partir do que o grupo traz pois possivelmente é o que suscita maior interesse. (Tomem em conta que é o grupo que vai trabalhar o tema).
- Considerando isso, conduzir a discussão em grupo em direção aos conteúdos que formam objetivos do Momento do módulo em questão, e permitir ao grupo a organização de suas ideias.
- Esclarecer os conceitos abordados partindo sempre das experiências práticas dos participantes.
- Concluir cada ponto que surja no debate antes de passar a outro.
- Trabalhar os nós problemáticos utilizando perguntas, contra-exemplos, contrastes⁴ ou experiências anteriores referentes ao assunto tratado

⁴ Vejamos como foram abordados esses dois significados na primeira oficina de capacitação para coordenadores e coordenadoras dos grupos da FEPAD: Os contraexemplos são recursos que nos permitem "mover", "mudar" posições absolutas que podem aparecer nas plenárias de debate.

Relativas à leitura de textos

- Orientar que a leitura se assuma desde uma postura crítica, de diálogo, de confrontação com as práticas dos participantes.
- Recomendar que, em todos os casos possíveis, se faça coletivamente. Dessa maneira se propicia a cooperação, o intercâmbio, as explicações mútuas e a emergência de pontos de vista diferentes na interpretação.



Numa atividade realizada na Argentina, por exemplo, uma pessoa disse que a religião era prejudicial, que ela era contra a participação dos religiosos em processos revolucionários. Ali mesmo, pessoas da Teologia da Libertação disseram que havia de fato revolucionários religiosos, militantes pela justiça social... Esse é um contra-exemplo que questiona o significado absoluto da primeira abordagem. É muito útil para a aprendizagem e, sobretudo, para que as pessoas desenvolvam o pensamento dialético. Vejamos a questão dos contrastes. Um exemplo disso é o exercício de "conferência". Aqui, a pessoa aparentemente não está envolvida no exercício; ele ou ela está "ali", "fora". O mesmo acontece quando realizamos um vídeo-debate. Então eu contraste esta experiência - que eu avaliei "de fora" - com a minha própria experiência. E não é mais "lá", já é "aqui" [Memórias do primeiro workshop para coordenadores de grupos FEPAD, Havana, 14 de novembro de 2003].

Os recursos da coordenação



Atenção!

É claro que o *desenho do encontro* é um dos recursos mais importantes para um coordenador ou uma coordenadora de grupos.

O mesmo é abordado mais adiante neste Guia.⁵

Por enquanto basta dizer que o desenho tem que ser elaborado com a necessária antecipação ao encontro em si.

Aqui, primeiro de tudo, voltemos a reconhecer como algo muito importante, que nós coordenadores e não somos sujeitos neutros. De nossa posição, e como qualquer outro participante do processo de grupo, elaboramos julgamentos e buscamos soluções que devem favorecer o grupo, o que não significa, no entanto, impor nossos pontos de vista.

Examinemos então agora alguns recursos que podemos usar frente a determinadas situações que, como já dissemos, ocorrem com relativa frequência nos grupos.

No caso de que se produzam silêncios não-proveitosos para o trabalho:

- o Solicitar aos participantes que elaborem perguntas a partir do tópico discutido, utilizando a técnica do cochicho ou preparando cartões.

⁵ O desenho como conteúdo da FEPAD é abordado de forma ampla nos módulos de trabalho em grupo e coordenação de grupos e de trabalho comunitário.

- Formular perguntas (que inclusive poderiam ser preparadas previamente).
- Devolver ao grupo opiniões divergentes.
- Usar citações de autores, versos populares, canções, anedotas, poemas, testemunhos que permitam problematizar os conteúdos e estimular o interesse no tema a partir de referências diversas.
- Utilizar a seleção de textos de cada módulo, e outros que considerem pertinentes ao tema, para promover o aprofundamento teórico, a análise dos temas propostos e a reflexão temática.

No caso de que se produzam obstáculos e conflitos que impeçam o avanço da discussão:

Permitir que estes aflorem, que se tornem explícitos, e solicitar ao grupo que elabore por si mesmo as soluções pertinentes.

No caso de que algum membro do grupo desvie a análise para conteúdos que não têm nada a ver com os objetivos do momento em que o trabalho e a reflexão se encontram:

Agradecer sua intervenção, mas impedir gentilmente que a mesma se prolongue. Para isso pode se referir aos objetivos do momento em que se está.

Também pode perguntar ao grupo se acham que o assunto tratado é parte do que está sendo analisado no momento, com isso, o coordenador ou coordenadora, não lida sozinho com a situação criada.

- Em outros casos, agradecer também sua intervenção e assinalar que, toda vez que o assunto extrapola o que estamos analisando, vamos anotá-lo em algum lugar visível para retomá-lo em outro momento.

Para romper alianças e fomentar a criação de outras sempre que a situação de aprendizagem permita:

Modificar a composição das equipes de trabalho e a localização física dos participantes utilizando técnicas ou jogos para isso.⁶

Para mostrar atenção, confiança, respeito e aceitação frente às intervenções dos participantes:

Utilizar a expressão corporal nesse sentido. Isso proporciona segurança — principalmente aos participantes que têm dificuldade em socializar seus critérios — e ajuda na participação plena e ativa de cada integrante do grupo.

Também para promover a segurança e confiança:

Usar a mudança de funções entre os integrantes do grupo, ou seja, mudar os papéis, como já indicamos, de modo a contribuir para que cada pessoa, a partir de suas próprias características, mobilize as potencialidades e fortalezas do grupo.

⁶ Como no caso do jogo, no qual se pede a duas pessoas — que assumem os papéis de "capitães" — que formem uma equipe para realizar uma determinada tarefa, como se fosse para jogar bola, e logo depois se pede que os "capitães" troquem e se coloquem à frente da equipe supostamente contrária.

Para chamar a atenção diante da falta de concentração do grupo em relação a uma tarefa:

Utilizar nossa localização no grupo e a expressão corporal, ou seja, ficar de pé se estávamos sentados, caminhar pela sala, nos colocarmos no centro do grupo chamando a atenção

Para deixar de ser a referência, deixar de ser o centro de atenção do processo de aprovação ou desaprovação do que estamos fazendo:

Cobrir a visão da pessoa que está intervindo, e assim convidá-la a dirigir-se ao grupo e não somente a nós como coordenadores ou coordenadoras.

Sentarmos dentro do círculo no qual habitualmente organizamos as cadeiras para que o grupo nos perceba como um participante mais.

Nos colocarmos fisicamente numa posição não-central que deixe explícita a intenção de ceder o espaço para outras intervenções, outros pontos de vista.

Diante de sinais verbais e extra-verbais de cansaço, conflitos ou sono do grupo:

Utilizar determinadas técnicas que permitam mudar de atividade e retomá-la depois de maneira diferente. (Por exemplo, o uso de rompe-sonos é muito apropriado para iniciar as sessões depois do almoço). Por outro lado, as intervenções e até os silêncios dos participantes durante os processos de discussão constituem recursos em si, na medida em que, através deles, podemos fazer diferentes

"leituras" do grupo e do processo em grupo que está acontecendo.

Isso nos permite, por exemplo, identificar privilégios ou monopólios de opinião, baseados na hierarquia, no nível de instrução ou na facilidade pessoal para a expressão oral, com as quais devemos romper, solicitando em certos momentos, entre outras coisas, que as intervenções não se estendam demais, nos dirigindo a outros membros do grupo para pedir opinião, etc.

As intervenções e silêncios também podem fornecer informações sobre a diversidade e heterogeneidade da participação que o processo vai gerando, o que nos permitirá corrigir o rumo da atividade no futuro.

A relatoria e a observação

Apesar do que já foi dito a respeito, vamos retomar agora a *relatoria do processo* cujo produto final, como sabemos, é a memória. Também vamos nos deter um pouco mais na *observação*, que fica a cargo de outras pessoas que pedimos que assumam, e que, como já dissemos, não é função dos coordenadores ou das coordenadoras do grupo.

Essas duas funções poderão ou não estar presentes em todos os processos que coordenamos, elas poderão ser recriadas ou feitas de diversas formas. Tudo isso dependerá das características e possibilidades específicas de nossos grupos. Ainda assim, pela importância que ambas têm para o trabalho de coordenação do grupo e para o processo de grupo em seu conjunto, parece importante dedicar a isso parte destas orientações metodológicas.

A relatoria

O trabalho de relatoria constitui uma fonte elementar de informação para a atividade de sistematização necessária para todo o processo.

Tanto no grupo grande como nos subgrupos, consiste em anotar, registrar todas as opiniões expressadas durante a análise e o debate, com a finalidade de contar com uma memória escrita para, entre outras coisas, poder realizar a síntese do trabalho da equipe.

A memória, enquanto produto final da relatoria de todo o processo, constitui um material de alto valor que, por um lado, pode auxiliar coordenadores e coordenadoras, e o grupo em si, frente aos exercícios de recuperação e apropriação dos aspectos metodológicos. Por outro lado, ela facilita o resgate oportuno de informação necessária, já compartilhada que, muitas vezes ficam só em painéis que acabam se desfazendo.

Seu valor cresce com a passagem do tempo, constituindo então um testemunho escrito do vivido que permite retomar o passado e garantir um melhor seguimento e sistematização de nossas ações nos casos em que propomos continuidade, aprofundamento, ou o emprego de processos de sistematização.

A observação

A observação se designa a determinadas pessoas que, a partir de uma posição de aliados ou aliadas críticas da equipe de coordenação, do grupo e do processo em seu conjunto — do qual também participam — contribuem para que

olhemos para o que fizemos e como fizemos, fornecendo avaliações que nos permitem nortear o processo.

As opiniões dos observadores ou observadoras devem ser consideradas dia a dia, e para isso deve-se buscar os momentos adequados depois de cada atividade. As mesmas constituem critérios de avaliação e pesquisa sistemática sobre a ação que estamos realizando, que favorecem seu aperfeiçoamento.

O momento inicial e o momento de fechamento do módulo

Como sabemos, particularidades diversas distinguem os principais momentos do trabalho em grupo. Tem que prestar muita atenção nas distinções entre o início, o desenvolvimento, a avaliação e a conclusão dos distintos momentos.

Aqui vamos nos deter principalmente no início e na conclusão de cada módulo, uma vez que o próprio desenvolvimento dos encontros dependerá das particularidades do módulo que seja, contidas em cada um dos *Guias para coordenadores e coordenadoras de grupos* específicos.

Sobre a avaliação dedicamos algumas linhas mais adiante..

O momento inicial do módulo

Enquanto primeiros contatos produzidos na atividade em grupo, o momento inicial constitui o ponto de partida através do qual os participantes transmitem ao grupo suas inquietudes, temores e expectativas individuais sobre a tarefa que se está prestes a ser desenvolvida.

O mesmo deve estar orientado a facilitar o conhecimento individual mútuo dos integrantes e do grupo em seu conjunto. Ou seja, esse momento inicial - de integração e enquadramento - está orientado a reconhecer quem somos, o que fazemos, do que gostamos, o que esperamos da atividade, o que propomos fazer, com quais possibilidades e capacidades reais contamos para desempenhar o trabalho determinado.

É preciso lembrar que, mesmo nos casos em que os membros do grupo já se conheçam entre si, sempre haverá algo novo para compartilhar, uma maneira diferente de se conhecer, formas de se conhecer mais a fundo. De modo que o momento de integração ou reintegração — de acordo com o caso — é muito importante e sempre dispõe o grupo para a tarefa.

Neste momento inicial do módulo estão contidos os seguintes momentos:

As boas-vindas, a apresentação dos participantes e o levantamento das expectativas e sua socialização: que propiciam a primeira aproximação entre os que somos membros do grupo, e deixam claro o que esperamos da atividade.

Dependendo de como desenhamos esses momentos, os mesmo vão favorecer ou não o desenrolar de um clima de grupo harmônico, solidário, amável.

(Naturalmente, a apresentação dos participantes é feita no início do módulo, mas se mais na frente outra pessoa se juntar ao grupo, também deve ser dada a ela a oportunidade de se apresentar).

O enquadramento: consiste em que, uma vez apresentadas as pessoas participantes e reveladas suas expectativas, concordemos quanto aos objetivos, momentos e horários da atividade que seja — neste caso o módulo —, e trocar qualquer informação sobre algo que tenha a ver com o que estamos fazendo.

É nessa ocasião que o coordenador ou coordenadora apresenta a proposta *dos objetivos e dos momentos* da atividade, que são submetidos à aprovação do grupo sem muita formalidade e de preferência através do consenso.

Através de perguntas ao grupo, se realiza então uma *comparação entre esses objetivos e as expectativas* levantadas previamente pelo grupo, de tal maneira que, com total transparência, se identifique quais dessas expectativas não poderão ser cumpridas pois extrapolam os objetivos.

É vital fazer isso, não somente para que os coordenadores ou coordenadoras não carreguem sozinhos a responsabilidade de satisfazer as expectativas, mas também para começar a fazer ver que, no trabalho em grupo, a responsabilidade do processo recai sobre todos e todas participantes do espaço. Por outro lado, a exclusão de expectativas que não correspondem aos objetivos geralmente é aceita como parte das regras do jogo do trabalho em grupo.

Também é nesse momento em que se apresenta a dosagem do módulo. Ou seja, a proposta de *programa* do módulo. (A essa proposta nos referimos quando apresentamos algumas das

funções do coordenador ou coordenadora dos grupos FEPAD. Se lembram?).

Esta também é a ocasião de expor ao grupo *como vamos trabalhar*; ou seja, explicar que teremos plenárias, trabalhos em subgrupos, leituras dirigidas e tarefas de casa, quando for o caso.

Nesse momento inicial devemos também mencionar os *papéis fundamentais* do trabalho em grupo, que já abordamos anteriormente neste Guia.

É aconselhável propiciar a participação mais ampla possível do grupo nesse enquadramento, de forma que se produza uma análise real e objetiva das possibilidades e capacidades do grupo para a realização da tarefa.

- A criação das comissões de trabalho:

é um recurso que se usa para que os membros do grupo possam colaborar com a tarefa desde o início, a partir de iniciativas próprias.

A criação dessas comissões contribui notavelmente para que as pessoas se apropriem do espaço físico de trabalho e do processo em grupo. Ou seja, através delas se eleva o nível de pertencimento dos integrantes do grupo, ao mesmo tempo em que se favorece a intenção de compartilhar o protagonismo e se facilita o trabalho coletivo.

Tomem em conta que formar parte de um grupo passa invariavelmente por ter uma função específica, uma responsabilidade determinada. Então, esta é a oportunidade que se usa no começo do módulo para designar

determinadas funções a membros do grupo.

Atendendo às características do grupo e às condições de trabalho, o coordenador ou a coordenadora apresenta a proposta sobre as comissões a serem criadas e os aspectos do processo que elas devem responder, ou seja, suas funções e responsabilidades. A proposta deve ser suficientemente flexível para permitir que o próprio grupo decida quais aceitar. É o grupo que propõe e aprova os integrantes de cada comissão.

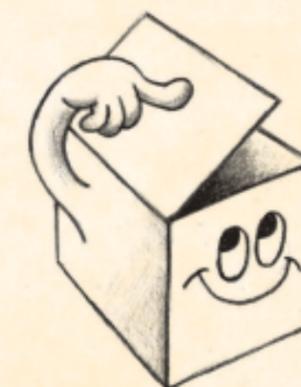
Vale reiterar que uma arrancada do trabalho em grupo com uma participação plena, costuma contribuir para que o desenvolvimento posterior da tarefa se dê de forma coletiva, compartilhada e feliz, num ambiente de harmonia e confiança que prepara o grupo para a aprendizagem. Finalmente é preciso insistir que não podemos dedicar somente o espaço no início do módulo para a integração ou reintegração do grupo. Tem que dar continuidade e seguimento durante todo o módulo, com o olhar no conjunto de interações e definição de funções que vão acontecendo no grupo durante todo o processo.

A conclusão do módulo

Este momento muitas vezes pode ser associado a somente um encerramento, uma festa ou atividade de despedida. No entanto, além disso, possui outros propósitos concretos que estão em função do cumprimento dos objetivos do processo de grupo vivido a partir

da proposta de educação popular. dades e temores aflorem, mas sem

Durante a conclusão do módulo, é preciso disponibilizar tempo e espaço para trabalhar as ansiedades, temores e motivações que se movem nas pessoas ao sentirem próximo o momento da despedida, depois de compartilhar um espaço em grupo que geralmente é gratificante. Então é necessário desenhar a conclusão de forma que possibilite que essas ansie-



III. O desenho do encontro



Como recurso, o desenho é um guia imprescindível para o trabalho em grupo, que nos oferece segurança, evita o improviso e garante a necessária organização da lógica de trabalho.

A elaboração de um desenho para uma atividade educativa implica num exercício de abstração e concentração prévio ao processo que vamos coordenar.

Será esse exercício que nos permitirá representar antecipadamente, da forma mais detalhada possível, as ações, os momentos, os tempos e as maneiras de proceder que vão gerar o processo de aprendizagem em grupo, entendido como processo de transformação.

Obviamente, os imprevistos não costumam estar escritos, razão pela qual o desenho deve ter a flexibilidade necessária que permita introduzir os ajustes pertinentes.

As respostas às perguntas que apresentamos na página seguinte nos darão a pauta necessária para fazer desenhos aceitáveis. Vejamos então:

As perguntas >>>>> O que mostram as perguntas?

Por que o encontro?	Os objetivos do encontro
Com quem?	Os participantes ⁷
Como?	Os recursos metodológicos e dinâmicos a serem usados
Com o quê?	Os requisitos e recursos materiais de apoio ⁸
Onde?	O local das sessões e equipamentos
Quando e por quanto tempo?	Os tempos e horários

Como vemos, as respostas a cada outro os processos não seguem uma dessas perguntas nos receitas, tem que se assumir as proporcionarão o conteúdo do desenho possíveis mudanças que forem da nossa atividade educativa. Ou seja, necessárias durante a sua essas respostas se traduzem numa implementação. Essa peculiaridade espécie de *roteiro da atividade*, para não se pode perder de vista.

orientar e desenvolver o processo a partir da coordenação. Parece o roteiro de um filme, não acham?

O grau de detalhe de um desenho vai depender do estilo e do treinamento nesse sentido de cada coordenador ou coordenadora. No entanto, a prática indica que - pelo menos quando nos iniciamos na utilização desse necessário recurso - o quanto mais detalhado for um desenho, melhores serão as nossas chances de conduzir a atividade; vamos lidar com menos imprevistos.

Porém, como por um lado o desenho é inicialmente um exercício de abstração - prévio ao encontro - e

Veamos agora com base em que se desenham os encontros dos módulos da FEPAD, de quais partes esse desenho deve ser feito e quais são as vantagens de sua elaboração e apropriação.

o quanto mais detalhado for um desenho, melhores serão as nossas chances de conduzir a atividade; vamos lidar com menos imprevistos.

Porém, como por um lado o desenho é inicialmente um exercício de abstração - prévio ao encontro - e

⁷ O número de pessoas é um dado crucial. Nos dirá, por exemplo, a possibilidade ou não de formar subgrupos; a escolha de determinada dinâmica e não outra pelo tempo que leva, etc.

⁸ O uso de uma metodologia ou dinâmica x vai determinar a necessidade de ter, por exemplo, flipchart, marcadores, ou uma música determinada.

Com base em quê se desenham os encontros dos módulos da FEPAD

Claro que partimos da premissa de que trabalhamos numa concepção dialógica e participativa, que predetermina não só o desenho, mas também o ambiente no qual se desenrola o processo em si.

No caso em questão, os módulos da FEPAD, o trabalho de elaboração dos desenhos se simplifica uma vez que está pré-determinado pelo módulo em si. O *Guia Metodológico* do módulo correspondente já contém os objetivos de seus diversos momentos; propõe as metodologias e exercícios a serem usados, e oferece inclusive estimativas de tempo dos exercícios.

De modo que, nesse caso, conhecendo os tempos que o grupo terá e a frequência das sessões de trabalho, faltaria desenhar os encontros. Mas sempre partindo dos elementos que o *Guia* já nos proporciona.

No entanto, considerar a informação que nos deu a pré-alimentação do grupo também é fundamental. Levar em consideração o conhecimento sobre os participantes, suas motivações, sua relação com o tema, suas práticas e a possível aplicação nelas dos conteúdos e



experiências a serem vividas no processo são imprescindíveis na hora de desenhar uma atividade.

Já vimos anteriormente também que no desenho temos que considerar os aspectos organizacionais e de logística para o trabalho, que respondem às perguntas *com quê, onde, quando e por quanto tempo*.

Que partes deve ter o desenho dos encontros

Por sua importância, revisemos e ampliemos agora as partes formadoras de um desenho. Vejamos:

- **Os objetivos:** como sabemos, respondem ao "para quê". Então, identificar esse "para quê" é o primeiro passo na elaboração de um desenho do encontro. No nosso caso, a FEPAD, os objetivos serão o "para quê" dos encontros ou sessões de trabalho do módulo, e vão depender dos objetivos do Momento pelo qual estivermos transitando, que já estão expostos no *Guia Metodológico* do módulo em questão. Veremos que haverá casos nos quais os objetivos do encontro serão os mesmos do Momento do módulo que formos abordar.

- **O percurso lógico do encontro:** Aqui atenderemos aos três seguintes aspectos fundamentais:

1. O ponto de partida e de conexão com o encontro anterior: tem que desenhar um breve espaço de tempo no início que dedicaremos à reintegração do grupo e também à socialização dos exercícios-tarefa orientados no encontro anterior. Aí poderemos socializar também as motivações e expectativas do grupo para o novo encontro.

2. O desenvolvimento do encontro:

esta parte consiste em desenhar as maneiras pelas quais trabalharemos os conteúdos propostos em cada Momento do módulo.

No nosso caso, como já dissemos, isso está adiantado no *Guia metodológico* do módulo em questão. Então, se trata de definir a escolha dos exercícios, tomando em conta, sobretudo, a composição e características do grupo.

3. A conclusão do encontro e a orientação de exercícios para a próxima sessão de trabalho:

desenhar um tipo de atividade que nos permita, como a palavra indica, fechar a sessão de trabalho, ao mesmo tempo em que admitimos manter a porta entreaberta para a continuidade. Quer dizer que o desenho desta parte requer que consideremos um momento de conclusão do encontro que nos permita amarrar as pontas soltas se necessário, e estabelecer as continuidades, motivar os participantes para o próximo encontro, orientar os exercícios-tarefa³.

De qualquer forma, se já revisaram o Guia de um dos módulos, certamente perceberam que nossos desenhos percorrem várias lógicas, uma das quais indica que se parte da prática, se aprofunda com a teoria e se retorna a uma prática já transformada. Por outro lado, geralmente vamos do que nos é mais próximo ao menos conhecido;

do particular ao geral. Sim?

Vantagens de uma elaboração e apropriação adequada do desenho

Ambas as coisas nos permitem:

- Dominar os exercícios que o grupo realizará, e ter clareza sobre o que se quer de cada um deles e do encontro em geral.
- Pontuar corretamente as consignas ou indicações para orientar o grupo com a maior precisão e clareza possíveis.
- Saber até onde chegar, evitando transcender os conteúdos, momentos e tempos previstos.
- Marcar com maior certeza as ideias, conceitos ou conteúdos essenciais que devem ser abordados nos momentos de plenária, de debate e análise dos temas.



Atenção!

Para optar por outros exercícios e dinâmicas que não estão

nos respectivos *Guias metodológicos*, favor acudir ao texto "Técnicas de participação" no tomo II, página 393, da Seleção de leituras do módulo de *Concepción y metodología de la educación popular*, um exemplar do qual se encontra na instituição sede do grupo FEPAD correspondente, uma vez que o grupo tenha cursado esse módulo.

IV. A avaliação e o seguimento



Existem numerosas noções e metodologias sobre o tema da avaliação e seguimento na literatura.

Aqui nós vamos abordar o conceito de avaliação que tem a ver com a *avaliação de processo*, na qual a ênfase, como o nome indica, está no processo e não nos resultados e nem nos indivíduos.

Essa é uma avaliação da qual participam as pessoas individualmente e o grupo em si. Quer dizer que entre ambos se emitem juízos de valor e se realiza uma reflexão crítica sobre o processo vivido, com a intenção de corrigir o rumo e aperfeiçoar o trabalho realizado. Portanto, é o grupo completo quem finalmente avalia e avalia a si mesmo.

Visto assim, o conceito de avaliação que propomos na educação popular tem uma dimensão educativa na medida em que os olhares e reflexões das pessoas sobre o processo no qual estão envolvidas contribuem para a mudança, para a transformação das maneiras de pensar e fazer, para a continuidade do processo, para o início de um novo, para a incorporação dos aprendizados nas práticas sociais concretas, para o repensar da participação popular.

A avaliação: Como e o que avaliar na FEPAD

A avaliação, ou melhor, o processo de avaliação deve ter momentos específicos de confrontação em grupo, de troca e socialização de juízos e reflexões individuais, que são o que finalmente compõem a avaliação do grupo do processo em que está imerso.

Estes momentos devem ser deliberados pela equipe de coordenação do grupo sempre que o próprio processo o requeira.

Do mesmo modo, como momento específico de uma atividade educativa, esta avaliação deve ser desenhada de antemão, de uma forma coerente com a concepção de avaliação da qual partimos, e com grande clareza em relação ao que é avaliado, para que é avaliado, e como é avaliado.

As escolhas desses momentos porém, não seguem uma receita e variam de caso a caso. No entanto, se não ocorrer algo que sugira a necessidade de ajustar o curso do processo num certo momento imprevisto, é geralmente aconselhável planejar avaliações intermediárias do processo. Os *Guias Metodológicos* específicos de cada módulo sugerem tais avaliações parciais ou intermédias no final de vários momentos, e uma avaliação final. Em alguns casos, também sugerem possíveis técnicas a serem utilizadas, mas na maioria dos casos, recomenda-se que a equipe coordenadora de cada grupo decida qual o exercício de avaliação a realizar, com base no seu conhecimento do grupo e na experiência do trabalho que estão realizando.

Em resumo, em cada módulo, devem ser realizadas avaliações parciais e finais, nas quais se sugere que sejam avaliados os seguintes aspectos:

- 1) Os conteúdos e o processo de grupo experimentado durante a implementação do módulo.
- 2) A utilidade das aprendizagens em relação às práticas sociais dos participantes, ou seja, que novas aprendizagens as pessoas incorporaram em suas práticas e como isso as melhorou.
- 3) Os próprios cadernos da FEPAD para fins de futuras edições. Ou seja, o *Guia Metodológico* do módulo em estudo, seu *Caderno de Trabalho para os participantes* e o *Guia Metodológico Geral*.

O seguimento da Fepad

Como proposta para o seguimento do processo da FEPAD, é aconselhável que a equipe de coordenação do grupo compile um documento, um registro, algumas notas que dêem conta da vida do grupo em cada reunião, juntamente com o curso de cada módulo. Neste caso, não ousamos apresentar uma proposta fechada, pois sua forma, que pode variar de módulo para módulo, não é o mais importante.

Em qualquer caso, em termos gerais, seria uma questão de coletar os destaques - o que era o melhor, o que era o mais difícil de fazer, etc. - do processo de grupo, reunião após reunião. A elaboração dessas notas deve ser o resultado de um olhar crítico e reflexivo sobre os momentos compartilhados no grupo durante

cada encontro, que finalmente pode ser útil para o seguimento do processo de grupo em questão e inclusive de outros grupos da FEPAD.

Sua confecção é de responsabilidade da equipe coordenadora - que, como mencionado acima, deve ser composta de pelo menos duas pessoas - e dos observadores, quando disponíveis. É também por isso que é tão importante que o coordenador ou coordenadora incentive os participantes não apenas a fazer as tarefas de exercício, mas também a expressar em seu caderno de trabalho suas percepções e experiências sobre o novo aprendizado a ser compartilhado com o grupo.

Se partimos do fato de que, como prática, a equipe de coordenação e os possíveis observadores se reúnem ao final de cada sessão de trabalho para conversar, avaliar, refletir sobre o encontro e com base nisso, afinar ou

corrigir o rumo do processo, essa pode ser a ocasião na qual se façam as anotações avaliativas correspondentes a esse encontro.

Tomando isso em conta, um guia mínimo nos indica que nessas notas, além das *impressões fundamentais sobre o desenvolvimento de cada sessão ou encontro de trabalho* às quais já nos referimos, seria bom se abrangessem:

- *O diretório do grupo*; ou seja, uma lista dos participantes que inclua seus dados básicos.¹⁰
- *A assistência total em cada sessão ou encontro de trabalho.* (Vejam que isso não é passar lista, mas saber a quantidade de pessoas que participa em cada sessão. Isso permitirá avaliar a permanência).
- *Sugestões sobre a sessão ou encontro de trabalho.*

¹⁰ Nome e sobrenome dos membros do grupo endereço residencial e número de telefone, centro de trabalho, endereço e números de telefone institucionais, endereço de e-mail, se disponível, e qualquer outra informação que os coordenadores considerem ser informação relevante para o próprio grupo ou para o CMMLK. Informações sobre a experiência social ou prática na qual a pessoa está participando ou liderando, quer coincida ou não com sua relação de trabalho oficial, não devem faltar, pois é lá que o aprendizado desta formação em educação popular será verificado.

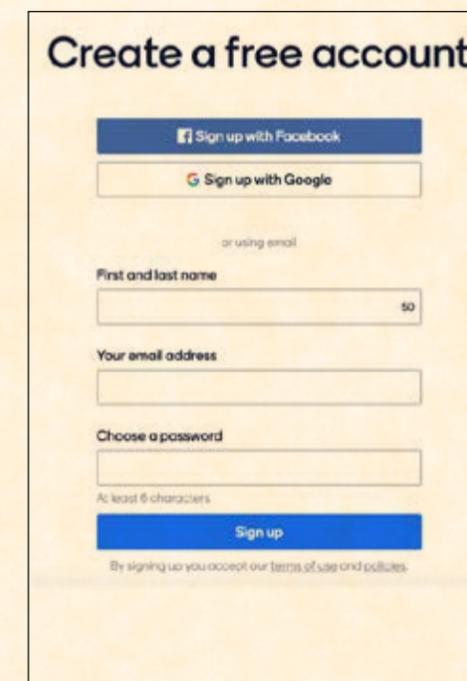
ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA
"BERTA CÁCERES"
2022
INSTRUÇÕES PARA USAR O MENTIMETER E O JAMBOARD
SAMUDRA KINÉ WEERASEKARA RANDAZZO



1. Vá para www.mentimeter.com em seu mecanismo de busca

CONFIGURAR UMA CONTA

1. Vá para <https://www.mentimeter.com/signup?referral=homepage> ou simplesmente clique em "Sign Up" ("Cadastre-se") na página inicial.
2. Inscreva-se com sua conta do Facebook, conta do Google, ou o seu email. Em seguida, adicione seu nome e crie uma senha e clique em "Sign Up" ("Cadastre-se").



Nota: a configuração do Mentimeter é gratuita e permite que os usuários criem apresentações ilimitadas para membros ilimitados do público, mas com um limite de duas perguntas por slide e até cinco slides de questionário no total. Para mais recursos, existem planos de pagamento mensal.

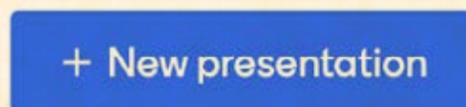
FAZER LOGIN EM UMA CONTA

1. Acesse <https://www.mentimeter.com/login> ou clique em “Log In” (“Cadastre-se”) na página original.
2. Digite seu email e senha e clique em “Log in” (“Entrar”). Você também pode fazer login com suas contas do Facebook ou Google se elas estiverem vinculadas à sua conta do Mentimeter.

Nota: se você esqueceu a sua senha, clique em “Forgot password?” (“esqueceu a senha?”) abaixo do botão azul “Log in”. Em seguida, insira seu email e o Mentimeter enviará um email contendo um link que permite redefinir sua senha e criar uma nova.

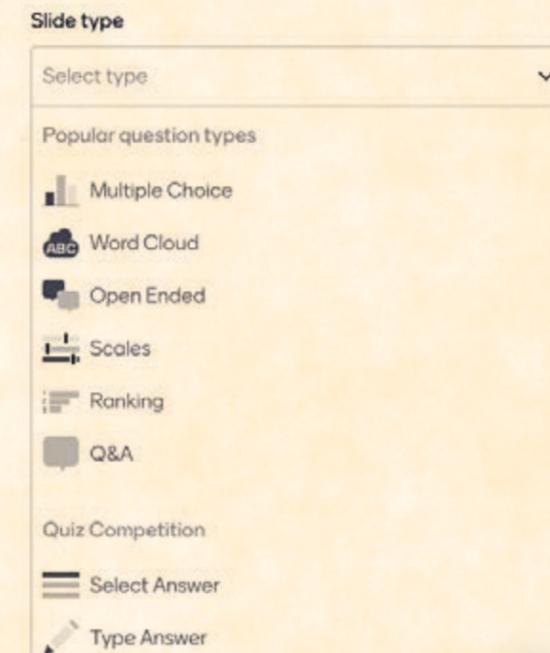
CRIAR UMA APRESENTAÇÃO

1. Depois de fazer login, vá para a página inicial do mentimeter: <https://www.mentimeter.com/es-ES/login>
2. Clique no botão azul “+ New presentation” (“Nova apresentação”)



3. Escolha um nome de apresentação e clique em “Create presentation” (“Criar apresentação.”)

4. Do lado direito da tela, selecione o tipo de apresentação que você deseja criar. As opções são as seguintes:
 - a. Multiple choice (“múltipla escolha”): escreva várias respostas às suas perguntas para que seu público selecione. Você pode escolher as respostas a serem exibidas em um gráfico de barras, de rosca ou de pizza, ou em forma de diagrama de pontos.
 - b. Word Cloud (“Nuvem de palavras”): escreva apenas uma pergunta e seu público enviará respostas de uma única palavra que aparecerá em um aglomerado. Se muitas pessoas enviarem a mesma palavra, ela aparecerá maior no aglomerado.
 - c. Open Ended (“Em aberto”): escreva apenas uma pergunta e seu público enviará respostas abertas.
 - d. Scales (“Escala”): além de uma pergunta, escreva uma ou várias declarações que seu público classificará em uma escala de 1 a 5. Normalmente, 1 significa “discordo totalmente” e 5 significa “concordo totalmente”, embora você possa personalizar esses rótulos como quiser. Você também pode aumentar o alcance da escala para um número maior que 5.
 - e. Ranking (“Classificação”): além de uma pergunta, escreva várias opções para que seu público as classifique votando no valor de cada uma em relação a outra.
 - f. (Q&R) : significa perguntas e respostas. Os membros do público podem enviar perguntas para a apresentadora respondê-las verbalmente.
- Nota:** existem outras maneiras de personalizar sua apresentação. Você pode criar uma competição de quiz (testes), slides de conteúdo sem perguntas, slides com imagens ou vídeos, citações e muito mais. Você verá essas opções se rolar para baixo na janela “Slide type” “Tipo de slide”.
5. Digite sua pergunta de apresentação. Você pode adicionar as versões traduzidas, clicando abaixo, “add longer description” (“adicionar descrição mais longa”).



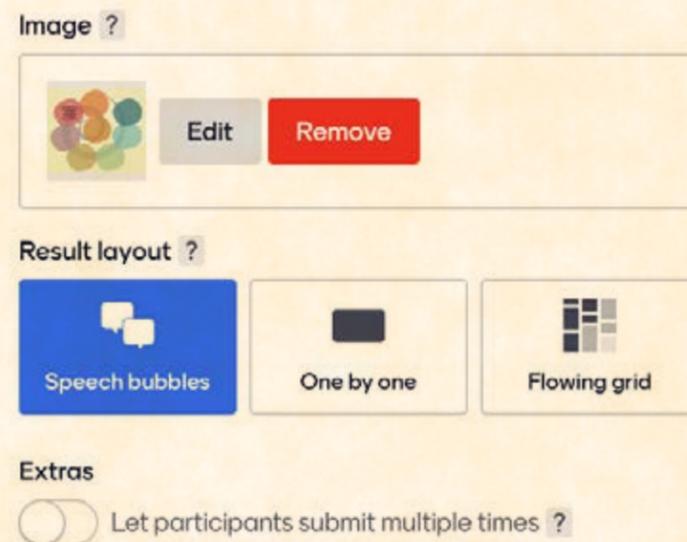
Your question ?

¿Qué reflexiones me produjo la presentación sobre Educuc

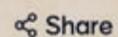
Longer description shown in your audience's phones and if you hover the question while presenting.

Reflections about Pop. Education?
Que reflexões me causou a apresentação sobre a Educação Popular?
Quelles ont été mes réflexions sur la présentation de l'Éducation Populaire ?
ما التأمّلات التي كوّنلتها بعد السّماع لهذه المحاضرة حول التّثقيف الشّعبي ؟

6. Dependendo do tipo de apresentação que você escolher, você pode alterar a forma como os resultados serão exibidos ao seu público enquanto elas/us participam. Você também pode adicionar uma imagem de fundo carregando um arquivo na seção “image” e permitir que as/es participantes enviem mais de uma resposta em “extras”.



7. No canto superior direito, clique no botão “Share”(“compartilhar”).



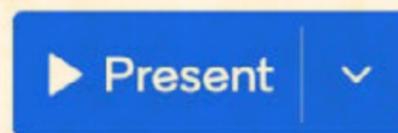
8. Copie o “voting Link” (“link de votação”) na parte interior da janela pop-up e selecione “Copy link” (“Copiar link”). Salve este link para compartilhar com seu público antes que elas/us participem de sua apresentação.

<https://www.menti.com/ciqj5ri615>

Copy link

Nota: alternativamente, sua audiência pode acessar www.menti.com e inserir o código que aparece automaticamente com sua apresentação. No entanto, é mais fácil compartilhar o hyperlink que você copiou para as participantes clicarem.

9. Saia da janela pop-up e selecione “Present” (“apresentar”) no canto superior direito. A apresentação deve preencher sua tela. Para participar, seu público não precisa fazer uma conta no Mentimeter e só pode participar enquanto a tela estiver aberta.



Nota: se você passar o mouse sobre a pergunta do título, a legenda aparecerá na tela para seu público ver.

10. Quando seu público participar, você verá as respostas aparecerem logo após serem enviadas, diretamente na apresentação.



COMPARTILHAR MENTIMETER NO ZOOM

1. Durante a reunião do Zoom, clique no ícone verde “compartilhar” (“Share”) na parte inferior da tela.
2. Certifique-se que sua apresentação do Mentimeter esteja aberta e selecione a janela para compartilhar com suas/es participantes.
3. Depois de copiar o link de votação do Mentimeter (“Voting link”), clique no ícone do “Chat” na parte inferior da tela e cole-o no chat.
4. O seu público poderá votar com o link enquanto a apresentação do Mentimeter estiver aberta. Na janela da apresentação, clique na seta para a direita para ir à próxima página de apresentação. As pessoas podem continuar participando com o mesmo link de votação.



JAMBOARD

1. Ir para <https://jamboard.google.com/>

CONFIGURAR UMA CONTA DO GOOGLE

1. Ir para <https://accounts.google.com/signup>

2. Crie um endereço de email e senha e clique em “login”

Nota: É gratuito configurar uma conta do Gmail.

FAÇA LOGIN EM UMA CONTA GOOGLE

1. Ir para <https://accounts.google.com/>

2. Digite seu email e senha e clique em “Login”

Nota: se você se esqueceu da sua senha, clique em “esqueceu a senha?” abaixo. Em seguida, insira o seu email de backup e o google enviará um email contendo um link que permite redefinir sua senha e criar uma nova.

ENTRE NO JAMBOARD

Estando no buscador do Google Chrome, tem duas formas de encontrar Jamboard. Pode escrever “Jamboard” na caixa de busca, ou então pode ir nos nove pontinhos na esquina superior direita da barra (ao lado de configurações), clique aí e encontre o símbolo de Jamboard. Clique no símbolo que te levará à página inicial.

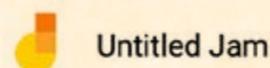
Nota: O Jamboard aparecerá no idioma que estiver configurado no seu sistema e é possível que veja as etiquetas (nome das coisas) com palavras diferentes. De todos modos, as instruções abaixo são um guia útil. Você pode encontrar muitos tutoriais online.

CRIE UM JAM

Na página inicial do Jamboard, clique no sinal “+” no canto inferior direito.

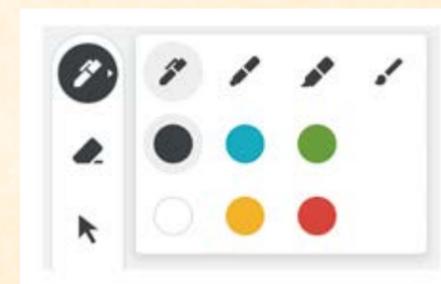


Crie um título clicando em “Untitled Jam” no canto superior esquerdo da página.

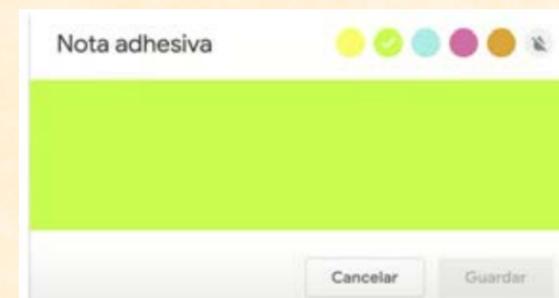


Há muitas maneiras diferentes de criar sua apresentação do Jamboard para as/esparticipantes usarem. Você também pode deixá-lo completamente em branco, se quiser, para que as pessoas possam começar do zero. Para a

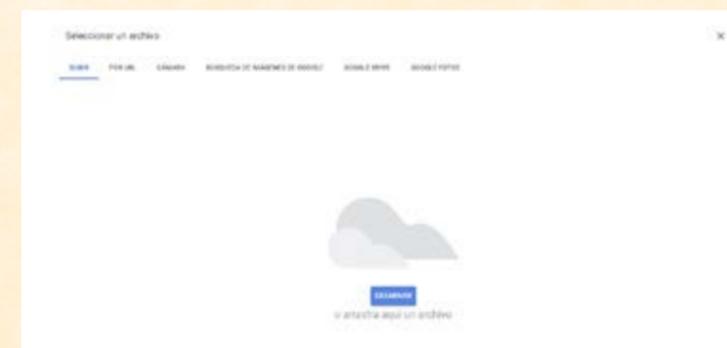
IFOS, normalmente criamos várias páginas do Jamboard – uma por grupo de trabalho – e intitulamos cada página com o nome de cada grupo de trabalho, por meio do recurso de caixa de texto. Os recursos de design do Jamboard incluem:



- Caneta:** desenhe diretamente na apresentação com o mouse do computador (ou o dedo no smartphone). Você pode selecionar diferentes cores e espessuras de pinceladas.
- Borracha:** apaga o que você desenhou.
- Selecionar:** este é o recurso padrão que você deve selecionar quando quiser visualizar a apresentação sem criar novos recursos ou apagar nada. A opção “selecionar” também permite mover itens na apresentação.
- Nota adesiva:** escreva uma mensagem na janela que aparece depois de selecionar “nota adesiva”. Existem várias opções de cores. Clique em salvar e a nota adesiva será adicionada à apresentação. Clique fora da janela do lembrete para ir diretamente para a apresentação. Você pode mover a nota adesiva com o mouse no modo “selecionar”, aumentar e diminuir o tamanho da nota clicando no canto inferior direito ou esquerdo e editar, duplicar ou excluir a nota adesiva clicando nos três pontos que aparecem quando você passa o mouse sobre o lado superior direito da nota adesiva.



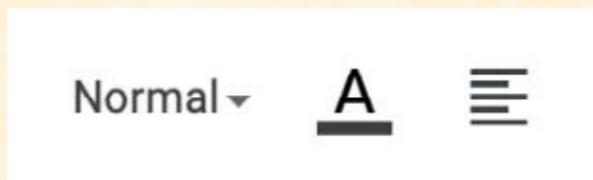
- Adicionar imagem:** quando uma janela aparecer, selecione uma foto para enviar do seu dispositivo clicando no botão azul “upload”, cole um URL da Internet clicando em “por URL” e adicione o link de uma imagem ou tire uma foto diretamente no Jamboard clicando em “câmera” e depois “inserir” assim que sua foto for tirada..



f. **Círculo:** insira uma forma na apresentação das várias opções que aparecem ao clicar neste recurso.



g. **Caixa de texto:** uma vez selecionado este recurso, clique na apresentação para criar uma caixa de texto e começar a digitar uma mensagem. Você pode ajustar o tamanho, a cor e o formato definidos acima da página de apresentação. Quando terminar, clique em uma parte em branco da apresentação e selecione o texto mais uma vez para poder movê-lo ou fazer o mesmo tipo de ajuste que aparece nas notas adesivas. moverlo o hacer el mismo tipo de ajustes que aparecen para las notas adhesivas.



h. **Lazer:** desenhe linhas vermelhas ou formas que desaparecem após alguns segundos. Isso pode ser útil ao apresentar seu Jamboard se você deseja direcionar seu público para uma parte específica da apresentação.

i. **Definir plano de fundo:** altere o plano de fundo preto e branco da apresentação clicando em uma das opções na janela pop-up. Se você selecionar a opção inferior direita, poderá fazer upload de um arquivo para criar seu próprio plano de fundo.



4. Crie e projete várias páginas de apresentação selecionando a caixa branca "1/1" na parte superior da página.



5. Clique no sinal "+" e selecione a próxima página que deseja editar. Clique diretamente na grande janela de apresentação para começar a editar. Consulte a caixa branca, ou simplesmente as setas para a esquerda e para direita que a cercam, para se mover entre as páginas.



6. Clique no botão azul "compartilhar" no canto superior direito e digite os endereços de email das pessoas para as quais você gostaria de enviar a apresentação. Se você quiser compartilhá-la com um grande grupo, em "acesso geral", clique no "restrito" e selecione "qualquer pessoa com link", isso abrirá a apresentação para qualquer pessoa com quem você compartilhar o link. Em seguida, clique em "copiar link" e cole em algum lugar para que o link seja salvo para o futuro, em seguida, selecione o botão azul "OK".



7. Para compartilhar seu Jamboard no Zoom, siga as mesmas instruções da seção "compartilhar Mentimeter no Zoom" acima ou simplesmente cole o link do quadro de jam no chat do Zoom para que as participantes tenham acesso.

COMO USAR O TELEGRAM YAIMA ALOMAR



Olá, saudações para todas as pessoas que estão cursando a Escola para Facilitadoras. Nossa amiga Sandra Morán nos pediu para compartilhar nossa experiência de realização virtual da 14ª oficina internacional sobre paradigmas emancipatórios, sobre todos os desafios que tivemos na plataforma que utilizamos que foi o Telegram.

Para nós, o primeiro desafio foi a própria escolha da plataforma, porque em outros países sabemos que se utilizam muitas outras plataformas como, por exemplo Zoom; mas Zoom está bloqueado para Cuba. Então nós precisávamos de uma plataforma a qual todas as pessoas tivessem acesso e que também não tivesse um consumo de dados muito elevado, para que não gerasse um custo muito alto para as pessoas se conectarem através de seus telefones e participarem da oficina.

Esse foi, portanto, o primeiro desafio: a escolha da plataforma. Isto também veio acompanhado de outros desafios porque envolveu toda a dinâmica presencial, que é usual em oficinas sobre paradigmas, incluindo um desenvolvimento metodológico da reunião com apresentações de painéis, trabalho em subgrupos, trocas em plenárias e toda uma mística revolucionária que acompanha os 4 dias em que costumamos realizar a oficina.

Assim, tivemos que fazer isso em um ambiente virtual para que as pessoas pudessem, de alguma forma, mesmo que não estivessem fisicamente presentes, conectar-se não só com o debate, [mas] com o diálogo, poder ouvir, mas também conversar, dialogar sobre as questões que estavam sendo discutidas; não só isso, mas também conectar-se a partir dos sentidos, das emoções, que é o que normalmente se faz com toda a mística que percorre as oficinas paradigmáticas.

Portanto, esse foi outro grande desafio, elaborar um projeto que, conhecendo o ambiente em que íamos nos mover, o ambiente virtual, pudesse estar em sincronia com o que iríamos ser capazes de desenvolver através desse ambiente. Sinto que naquele espaço, um momento muito difícil foi o momento da mística, mas felizmente tivemos uma excelente equipe que, através de alguns audiovisuais, áudios, poemas, creio que conseguimos colocar no encontro essas outras formas de construção e conhecimento que também se conectam a partir das emoções.

Um desafio importante era que toda a equipe, ou parte da equipe, pudesse desenvolver habilidades na plataforma, ou seja, ter algumas pessoas mais preparadas na gestão da plataforma e que pudessem saber que oportunidades e ferramentas a plataforma oferece. Isto significa que podemos desenvolver conteúdos que podemos antecipar preparando audiovisuais, preparando documentos, preparando um conjunto de coisas que seriam carregadas e que favorecem as ferramentas que a plataforma pode nos oferecer. Por exemplo, sabíamos que a plataforma Telegram nos permitia programar mensagens, o que significava que podíamos avançar na realização de muitos conteúdos, na elaboração de muitos conteúdos e que podíamos programá-los para o momento em que seriam lançados.

E quanto mais avançávamos nos dias anteriores, menos coisas tínhamos que fazer no momento da própria reunião; porque naquela época, outras coisas também estavam acontecendo, como os painéis ao vivo, já que esta plataforma também nos permitia utilizar o audiochat, que é um espaço onde muitas pessoas podem estar escutando ao mesmo tempo ao vivo. Mas, bem, ele também demanda uma atenção, a gravação do próprio audiochat, como foi o caso dos painéis, por exemplo, que foram gravados e depois carregados para a plataforma.

Portanto, em termos de desafios, um desafio importante era desenvolver habilidades na plataforma, preparar-nos para conhecê-la, com todas as ferramentas que ela poderia nos oferecer e, ao mesmo tempo, preparar também todos os conteúdos ou a maioria dos conteúdos, os documentos que seriam carregados, os áudios visuais que

seriam compartilhados, as fotos, as experiências que seriam compartilhadas e também as imagens, por exemplo, que iriam anunciar os painéis, as imagens que continham o horário, o momento em que o painel seria realizado, o tema, a foto dos participantes. Em outras palavras, há todo um trabalho de comunicação que foi um desafio e tanto.

Foi um trabalho de comunicação que tem a ver com preparar-se com antecedência para conhecer cada detalhe do que vai acontecer, de acordo com o projeto da oficina e, por exemplo, sabemos que um painel vai acontecer às 9 da manhã, por isso devemos ter as fotos das pessoas do painel com antecedência, o tema, todos os detalhes sobre isso, para poder anunciá-lo no canal da oficina e também para poder enviar lembretes às pessoas, toda uma série de trabalhos que são feitos com antecedência.

E acho que outro desafio importante foi também aprender a orientar os participantes, ou seja, desenvolver uma orientação que permita que as pessoas também saibam como se comportar na plataforma.

Um abraço e espero ter compartilhado alguns dos desafios e que você também possa desenvolver suas próprias oficinas através desta plataforma. Um abraço de Cuba.

Recomendações da equipe de justiça lingüística

Escola para
Facilitadoras/es da
IFOS "Berta Cáceres"



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

01

Nossa equipe de justiça lingüística



Rose



Pat



Michel



Camille



Cata



Flavia



Raísa



Ahd



Yafa



Yasmine



Serene



Elyda



Colin



Eduardo



Sylvia



Danyal

e Fatima, Marina, Sandra, Rania,
Mehdi, Jana

Conteúdo

- 01 Conhecendo a equipe de justiça lingüística
- 02 A interpretação como mediação lingüística
- 03 Que preciso no Zoom
- 04 Como devo falar no Zoom
- 05 Intervenções
- 06 Pontos-chave
- 07 Reflexões finais



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

02

A interpretação como mediação lingüística



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

"SEM A TRADUÇÃO, ESTARIA LIMITADO ÀS FRONTEIRAS DO MEU PRÓPRIO PAÍS. O TRADUTOR É O MEU ALIADO MAIS IMPORTANTE. ELE ME APRESENTA AO MUNDO".

Italo Calvino

"A TRADUÇÃO NÃO É SÓ UMA QUESTÃO DE PALAVRAS: TRATA-SE DE TORNAR INTELIGÍVEL TODA UMA CULTURA".

Anthony Burgess

@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

Aspectos da mediação

O QUE É?

Interlocução ativa na busca e construção do sentido.

FINALIDADE

Posibilitar o acesso ao processo formativo e ajudar a encontrar e concretizar seu sentido.

CONTEXTO

Formação concebida como participação, criatividade, expressividade e relacionalidade.

COMO?

Mediar adequadamente requer escuta; relação empática, ou seja, a possibilidade de se colocar no lugar da outra.



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

Nossa mediação linguística permite:

"Facilitar o intercâmbio de palavras, conceitos, categorias, saberes, conhecimentos, experiências, desafios, resistências, práticas".

Cada pessoa tem algo com o que **contribuir para a reflexão e a ação**, inclusive as, es, os intérpretes.



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

A linguagem é um processo de criação livre: suas leis e princípios são fixos, mas a maneira pela qual os princípios de geração são usados é livre e infinitamente variada. Até mesmo a interpretação e o uso de palavras envolve um processo de criação livre.

Noam Chomsky



a linguagem em si mesma é conhecimento e criação, não somente mediação do conhecimento



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

Como facilitadoras/es

Equipamentos



01 Computador ou laptop: Permite a melhor e mais fácil participação entre todas as plataformas. O melhor é conectá-lo ao roteador com um cabo de rede.



02 Tablet ou iPad: As funções aparecem de forma muito diferente do que num computador e a forma de usá-las também é diferente. É bom ter um teclado conectado.



03 Smartphone: Tudo fica menor e é difícil usar as plataformas interativas, mas permite estar presente e falar. As funções aparecem de forma diferente também.



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

Canais de idiomas

Na 2022, teremos 5 canais:

- árabe
- espanhol
- francês
- inglês
- português



Para escolher o canal que desejam, cliquem no ícone do **globo terrestre** se estiverem num computador.

OU

Cliquem nos **três pontos** de seus tablets ou celulares e selecionem interpretação de idiomas e o idioma que desejem. Cliquem em "concluído" para acessar o canal.



Podem **silenciar o áudio original** se ajudar e só quiserem ouvir a interpretação. No entanto, para ouvir música ou vídeos, é melhor desativar esta função.



Podem **mudar de canal** quando quiserem.



Cada vez que regressarem à sala principal, precisam **escolher novamente seu canal**.



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

Como facilitadoras/es

Accessórios



01 Headphone com microfone e abafador de ruído externo: Para ter o melhor áudio, não só para escutar, mas também para ser escutada, esta é a melhor opção. NÃO recomendamos os fones sem fio porque corta o som.



02 Headphone simples: Esta é uma boa opção sempre e quando o equipamento que usarmos tiver um bom microfone e estejamos num ambiente sem ruído.



03 Microfones: Os microfones profissionais são recomendados quando se usam fones simples. Não são necessários, mas se estiverem disponíveis, são uma boa ideia.



04 Fones de ouvido: Muitas pessoas preferem este tipo de fones. Os que têm microfone integrados são melhores. NÃO recomendamos os sem fio porque corta o som.

05

Ethernet: Isto garante uma melhor conexão

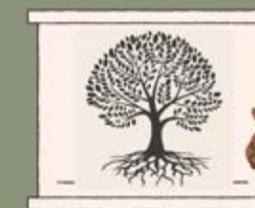


@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

04

Como devo falar no Zoom

quando tem interpretação



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas



São necessárias de **.3 a .5 palavras a mais** em espanhol, francês e português para dizer o mesmo que em outros idiomas

A 大

@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas



Quando lêem apresentações as pessoas aceleram

A não ser que o texto tenha sido enviado à equipe de interpretação pelo menos **dois dias antes** da apresentação, a equipe não poderá fazer um bom trabalho de interpretação se fora leitura rápida. Deve-se planejar para fazer a **leitura DEVAGAR**, porém num bom ritmo de conversa, como se estivesse lendo um conto para crianças em voz alta. Considerem o tempo que foi dado para sua apresentação e não tentem colocar coisas demais de forma que tenham que se apressar.

@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas



A nova função de interpretação em Zoom é mais lenta

Por enquanto, a nova função é mais lenta. Quando queremos mudar de canal, tem um **pequeno atraso**. Além disso, como intérpretes, se queremos escutar outros canais, temos que dar uma passo a mais.

@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

P	A	U	S	A
<p>RECOMENDAÇÃO 1</p> <p>Falar mais devagar, com pausas entre frases e pontos importantes. Respirem conscientemente ao falar.</p>	<p>RECOMENDAÇÃO 2</p> <p>Fazer pausas, também dá a vocês a oportunidade de repetir os pontos importantes e que a equipe possa ter certeza de dizer o importante.</p>	<p>RECOMENDAÇÃO 3</p> <p>Ao tomar a palavra dizer seu NOME e o IDIOMA no qual vai falar, dá à equipe e a todas/es a oportunidade de ir ao canal que necessitem/queiram.</p>	<p>RECOMENDAÇÃO 4</p> <p>Esperar alguns segundos antes de começar a falar para que a equipe possa mudar de canal.</p>	<p>RECOMENDAÇÃO 5</p> <p>Finalmente, queremos lembrar que devem falar no idioma do canal que escolheram. Se ficarem na sala principal, falem um só idioma e não misturem idiomas.</p>

@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

Pratique sua apresentação



para ficar dentro do tempo

Envie-nos sua apresentação



para que possamos preparar



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

05

Intervenções

Comunicação da equipe de interpretação



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

Escuta inclusiva e intencional

Aprender a estar **confortável com o silêncio em Zoom** permite a inclusão de muitas outras vozes, pois dá às pessoas tempo para decidir levantar a mão e intervir.

Além disso...

É bom usar a função de **levantar mão** porque o Zoom os coloca na primeira fila, o que é melhor do que tentar falar para chamar a atenção, especialmente quando se usam múltiplos canais, o que cria confusão.



@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

Quando a equipe de interpretação não consegue te ouvir

Algumas soluções para os problemas de áudio



Se o microfone estiver em silêncio, precisam ligar.



Se o volume estiver muito baixo, é preciso aumentar o volume ou falar mais alto. Mantenha o microfone próximo à sua boca.



Se estiver num lugar com muito ruído e não pode pedir silêncio, procure um lugar mais quieto.



O eco torna praticamente impossível ouvir as vozes. Se tiver muito eco, é possível que o som esteja ressoando em superfícies planas, como a mesa ou uma parede, principalmente se forem de metal. Estender uma toalha sobre a superfície ajuda a absorver o som.

Recomendamos além disso, estar num espaço pequeno para evitar a ressonância.

@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas



Se virem esta mensagem, quer dizer que a equipe de justiça linguística não consegue ouvir vocês. É possível que outras/es participantes consigam ouvir vocês, mas lembrem-se que como intérpretes, primeiro escutamos nossas próprias vozes quando falamos e depois as de vocês, portanto, o problema deve ser resolvido antes de continuar com a apresentação e continuar só depois que **nossa equipe** der o aval.

@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas



Se virem esta mensagem, quer dizer que estão falando rápido demais para que a equipe de justiça linguística possa comunicar todas as suas mensagens da forma mais correta e precisa possível. Considerem também que se falarem rápido, as/es participantes não terão tempo de digerir o que disserem. Quando virem esta mensagem, dêem uma **pausa**, **repitam o que disseram por último** e **falem mais devagar**.

@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

VOUS AVEZ BESOIN D'AIDE TECHNIQUE POUR L'INTERPRÉTATION?
PRECISA DE AJUDA COM A TECNOLOGIA DE INTERPRETAÇÃO?

VEUILLEZ NOUS INFORMER IMMÉDIATEMENT, ÉCRIVEZ NOUS SUR LE CHAT OU ENVOYEZ UN MESSAGE AU SUPPORT TECHNIQUE

NOS DEIXE SABER IMEDIATAMENTE, ESCREVA NO CHAT, OU MANDE UMA MENSAGEM PRO APOIO TÉCNICO

CHAT
MESSAGERIE
MENSAGEM

@Catalina Nieto
@Elyda Healey

Pontos-chave

desta apresentação

1. A **linguagem cria conhecimento**, ao interpretar estamos criando conhecimento, por isso precisamos de sua ajuda e um **diálogo aberto**. Um espaço para isso é o **glossário**.
2. Ter os **acessórios** adequados para participar e facilitar.
3. **Enviar apresentações** o quanto antes à equipe de interpretação, ainda que sejam rascunhos ou anotações.
4. **Ler e falar devagar**: Isto ajuda a que todas/es entendam bem a informação e a criação de um novo conhecimento.
5. **Falar no idioma do canal** que estiverem usando.

@Sylvia Escárcega
@Eduardo Simas

07 Reflexões finais

- 01 O que funcionou bem
- 02 O que precisa ser melhorado
- 03 Sugestões para outras escolas



@Sylvia Escárcega

O que precisa ser melhorado

-  Integração plena no processo
-  Implementação das melhores práticas
-  Envio prévio de material



@Sylvia Escárcega

O que funcionou bem



-  Ter uma coordenadora lingüística
-  Reuniões preparatórias para a equipe da JL
-  Engajamento e flexibilidade



@Sylvia Escárcega

Glossário participativo

Protocolos para a realização do trabalho

Formação integral sobre o uso de ferramentas de justiça linguística



@Sylvia Escárcega



CAPÍTULO 3

PROPOSTAS PARA O DESENVOLVIMENTO DO CURRÍCULO DA ESCOLA PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA "BERTA CÁCERES" (IFOS)

A Escola para Facilitadoras/es foi organizada com o objetivo de fortalecer e enriquecer os conhecimentos e as capacidades das companheiras/es de diferentes partes do mundo para levar a cabo escolas de formação política que repliquem a Escola Berta Cáceres em seus próprios territórios. Nesse capítulo se compartilham propostas práticas e algumas ferramentas para fazer esta tarefa. Estas ferramentas podem ser usadas nas escolas mas também em reuniões temáticas. Com essas ferramentas esperamos contribuir com os processos de formação necessários para o fortalecimento e expansão do movimento feminista popular no mundo.

DOCUMENTO DE TRABALHO OFICINA 1

- **Primeiro grupo de trabalho: exercício de apresentação das/es participantes**

A/e facilitadora/e indica que as/es participantes se apresentem com seus nomes, suas organizações, seus territórios, suas experiências de formação e as expectativas que têm da escola.

A sistematizadora escreve neste documento todas as informações das/des participantes e as expectativas são escritas no documento do Google Slides.

Informações de participantes:

Google Slides:

- **Organização das comissões de trabalho:**

Por favor, escreva seu nome em uma das comissões de trabalho que farão o desenvolvimento da escola possível:

1. Comissão de mística: esta é a comissão encarregada de organizar a mística, se reunirá por duas horas todas as segundas-feiras após a oficina da escola e o acompanhamento do que foi decidido será feito pelo chat do WhatsApp.

Nomes:

2. Comissão de técnicas de apoio durante as oficinas: é a comissão que apoiará as/es facilitadoras/es com técnicas que ajudem as/es participantes a estarem presentes na oficina ou a gerar um clima de compartilhamento. As pessoas que estão nesta comissão podem propor as/es facilitadoras/es que façam uma técnica quando sentirem que o grupo está cansado.

Nomes:

3. Comissão síntese de um dia para o outro: esta comissão será composta por Yohanka e Marilys de Cuba, e por outras/es companheiras/es que possam apoiar com elementos para fazer a síntese do que for produzido coletivamente para cada oficina. O acompanhamento deste trabalho será feito a partir de quarta-feira após cada oficina.

Nomes:

4. Comissão de sistematizadoras/es nas oficinas (as/es que tomarão as notas): esta comissão realizará seu trabalho nas oficinas durante os grupos de trabalho. Seu trabalho é fundamental para a elaboração da síntese das oficinas, pois as anotações que fazem são a matéria-prima para concretizar o conhecimento construído nos grupos. Se reunirá às 8h, horário da Guatemala, durante duas horas, nas sextas-feiras anteriores às sessões programadas para as segundas e terças-feiras.

Nomes:

5. Comissão de facilitadoras/es dos grupos de trabalho: esta comissão integrará as/es companheiras/es que facilitam os grupos de trabalho organizados durante as oficinas. Ele se reunirá às 8h, horário da Guatemala, durante duas horas, nas sextas-feiras anteriores às sessões programadas das segundas e terças-feiras, junto com as/es sistematizadoras/es das contribuições das/es participantes.

Nomes:

PROPOSTA PARA A VOLTA À PRÁTICA

Cada oficina requer:

1. **Recuperação de saberes** : Conhecer o grupo, o que sabem do tema (partir delas/es)
2. **Teoria** : Desenhos ou ajudas pedagógicas por seções para explicar gradualmente o tema em vídeos curtos ou apresentações com imagens. Discussão.
3. **Prática** : Exercícios de construção coletiva de propostas de acordo com o tema.

Padlet: <https://padlet.com/ggjalliance/IFOSportuges>

[Ferramentas visuais interativas](#)

Tema	Ferramenta	Objetivo/Metodologia
Introdução temática	Visão geral da IFOS (em Prezi, que é uma ferramenta, se desenham 6 círculos e se dá um zoom em cada um para mostrar de forma introdutória e geral o currículo da escola).	Que as/es participantes conheçam o conteúdo completo do processo da escola.
Sistema de opressão	1. Recuperação de seus saberes. Se dá aos grupos o polvo (I) com as etiquetas em cada tentáculo (6 grupos com um slide que contém um tentáculo de polvo para desenvolver as discussões em cada um dos elementos nos quais o sistema trabalha).	Recuperar os saberes das/es participantes sobre os distintos elementos da opressão. Ver documento de “Sistema de opressão”.
	2. Teoria	Retomar a imagem de resumo dos elementos do sistema
	3. Prática coletiva. Se volta a utilizar o polvo (II) com as etiquetas em cada tentáculo e voltam a trabalhar em grupo (6 grupos com um slide que contém o tentáculo do polvo com a etiqueta para identificar a resistência em cada um dos elementos que foram discutidos no exercício 1).	A partir da realidade de cada participante fazer uma construção coletiva da proposta de resistência a cada um dos elementos de opressão que enfrentamos.
Defesa da Mãe Terra	Mística: Utilizar o Mentimeter para pedir a participação do grupo.	Compartilhar os nomes das/es/os defensoras/es da Mãe Terra que têm sido criminalizadas/es/os.

Tema	Ferramenta	Objetivo/Metodologia
	1. Recuperação de saberes. Decodificação da imagem-desenho do mundo e do trator.	Decodificação Apresentar a síntese, perguntas e respostas ou como aplicar isto à sua realidade.
	2. Teoria Outras propostas de vídeos 2.1. 3:58 min.: A alimentação 2.2. Fazer a síntese. Pode-se utilizar o Jamboard. 2.3. 15:35 min: Soberania alimentar - Via Campesina (ESP, para legendas POR: ver nota * no final)	Aprofundar a teorização com outros vídeos para falar sobre o acontece na verdade e na resistência global.
	3. Prática	No Jamboard: -Compartilhar ações concretas de resistência e solidariedade. -Recursos/ propostas.
Corpo e sexualidade	1. Recuperação de saberes 1.1. Jamboard	Efeitos do patriarcado, colonialismo, supremacia branca e capitalismo neoliberal em nossa sexualidade e nosso corpo.
	2. Teoria 2.1. Complementar Patriarcado-Colonialismo-Capitalismo Apresentação de M Adams na escola Nível básico Sexo, sexualidade e gênero (ESP*) Identidade de gênero (ESP*) Nível avançado Território-Corpo-Terra - Usar os vídeos da oficina de corpo e sexualidade.	Se propõe esses vídeos para falar sobre alguns temas da sexualidade, seco e gênero Complementar estas propostas com o vídeo apresentado na escola Berta Cáceres

Tema	Ferramenta	Objetivo/Metodologia
	3. Prática	Exercício nos slides.
Estado e Democracia	1. Recuperação de saberes Jamboard + Árvore social (I)	
	2. Teoria Aplicação teórica à realidade	Exercício desenvolvido na escola Berta Cáceres
	3. Prática Árvore II	
Economia feminista	1. Recuperação de saberes. Se propõe fazer uma apresentação em slides que resuma as imagens dos temas da realidade em nossas vidas (defesa da Mãe Terra, corpo e sexualidade e Estado e democracia) como ponto de partida para discutir que outras coisas acontecem na nossa realidade.	Conhecer os efeitos dos sistemas de opressão em nossa vida para contrapô-los com a proposta da economia feminista através de cada um dos seus elementos orientados para a vida.
	2. Teoria Apresentação sobre o que é a economia feminista Sustentabilidade da vida no centro: https://padlet.com/ggjalliance/IFOSportuges	Retomar os vídeos que foram apresentados na escola.
	3. Prática Algumas ideias para a volta da prática da economia feminista	Retomar algum exemplo do que já temos e como podemos começar, fortalecer, articulá-lo e alianças com outras/es; pode-se usar o Jamboard.
Construção de movimento	1. Recuperação de saberes 6:37 min.: Vía Campesina (ESP*) 6:36 min.: Marcha Mundial de Mulheres	En plenaria se muestran los videos de dos movimientos globales y sus luchas.

Tema	Ferramenta	Objetivo/Metodologia
	2. Teoria 8:13 min.: Movimentos sociais (ESP*) 2:27 min.: Movimientos sociales Américas (ESP*) Proposta de construção de sujeito político - Apresentação	Em plenária pode-se ver os vídeos e discutí-los com as/es participantes relacionando-os com a experiência das/es participantes.
	3. Prática	Com base no que foi exposto, fazer o exercício do que está acontecendo em nossos movimentos e que precisamos para fortalecer

***Nota: Para ter legendas no YouTube, clique no ícone “detalhes”, selecione “Legendas/CC” e depois clique em “Traduzir Automaticamente”. Uma lista de idiomas para os quais você pode traduzir aparecerá. Selecione “Português.”**

FERRAMENTAS VISUAIS INTERATIVAS PARA FACILITADORAS/ES DA IFOS

Imagens: Emily Simmons

Ferramentas pedagógicas: Popular Education Consultants (Chabe Vinent)

y Sandra Morán

iFOS 2022

SISTEMAS DE OPRESSÃO

PATRIARCAL, COLONIALISTA, SUPREMACISTA BRANCO, CAPITALISTA NEOLIBERAL

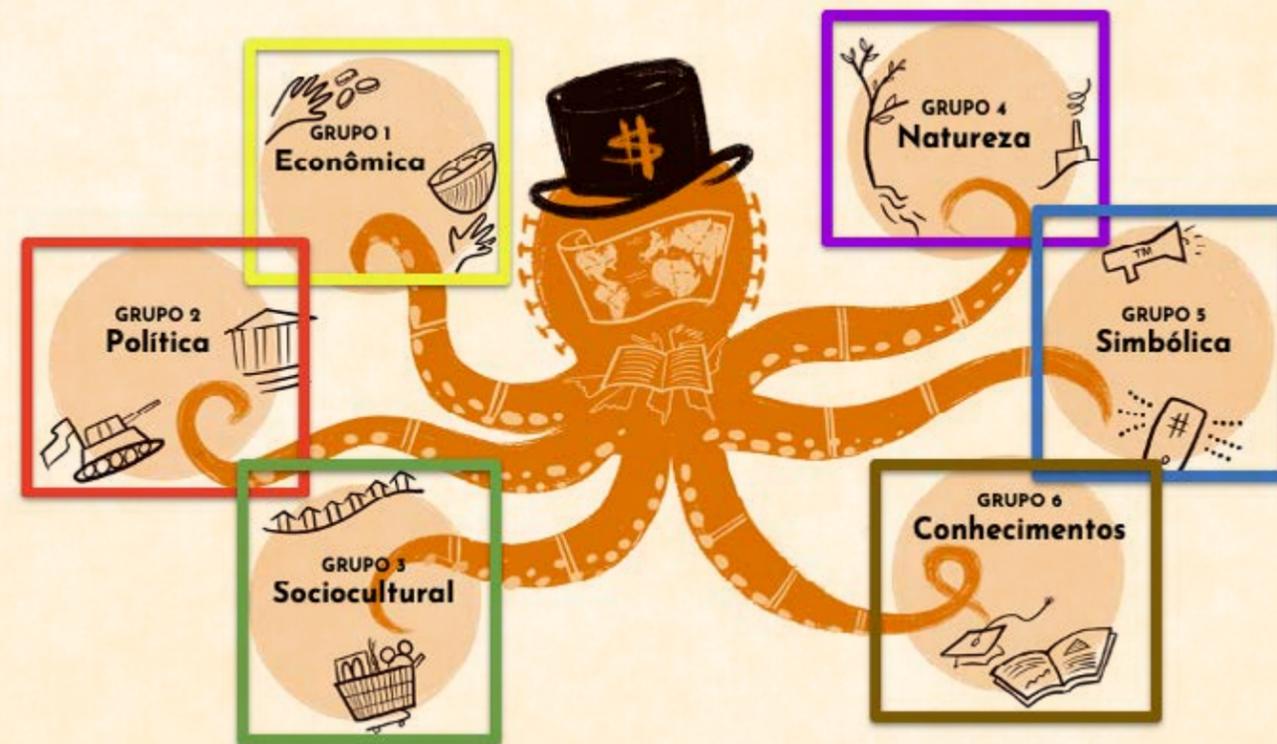
Descodificar a imagen do polvo:

1. Que veem nesta imagem? Que veem na cabeça e nos tentáculos do polvo? Que vemos no centro da imagem?
O que conecta esses tentáculos? Como interagem?
2. Que pensam ao ver esta imagem?
3. Que relação tem esta imagem com o tema dos sistemas de opressão?
4. Quais são os 6 tentáculos (eixos) de opressão identificados no plano de estudos? Coloque etiquetas.
5. Que oportunidades existem em nossos contextos para retrair ou cortar os tentáculos da opressão?



PERGUNTAS PARA OS GRUPOS

Onde e como aparecem esses eixos de opressão em nossas vidas? Na rua em que vivemos ou em nosso povoado? Num acontecimento ou assunto concreto?



INSTRUÇÕES PARA O TRABALHO EM GRUPO

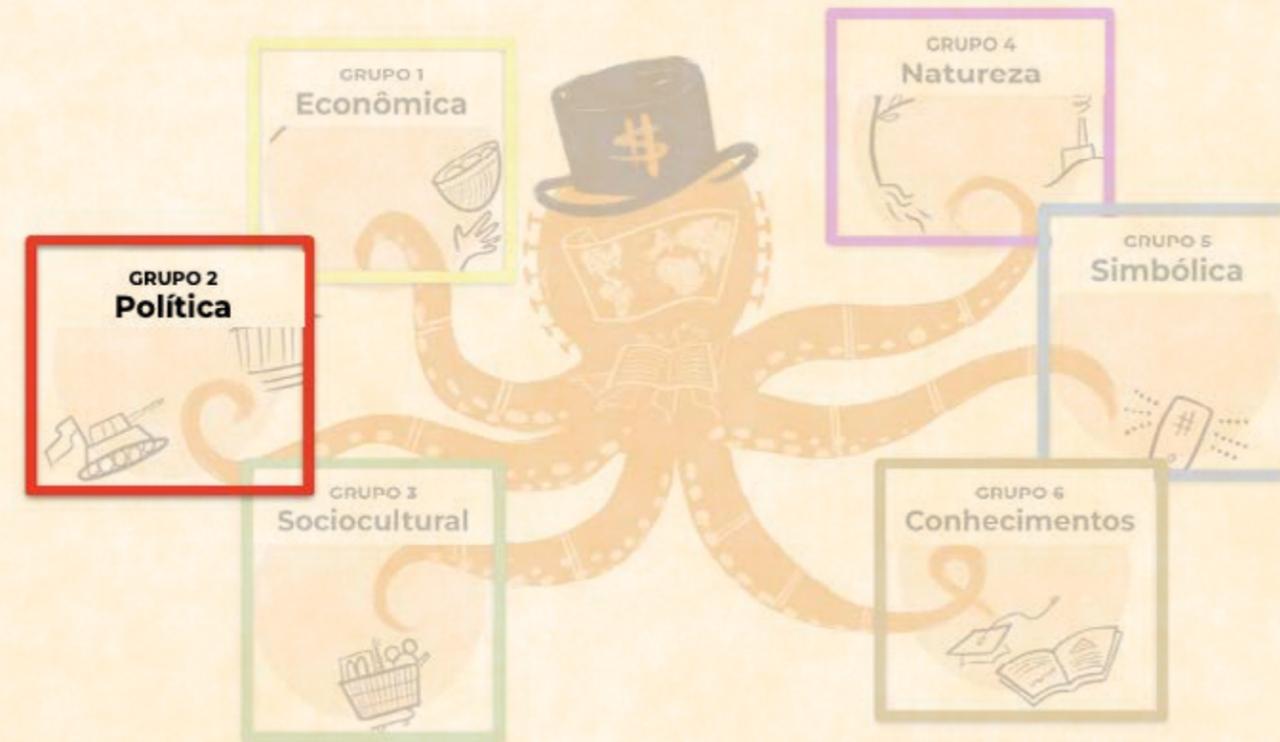
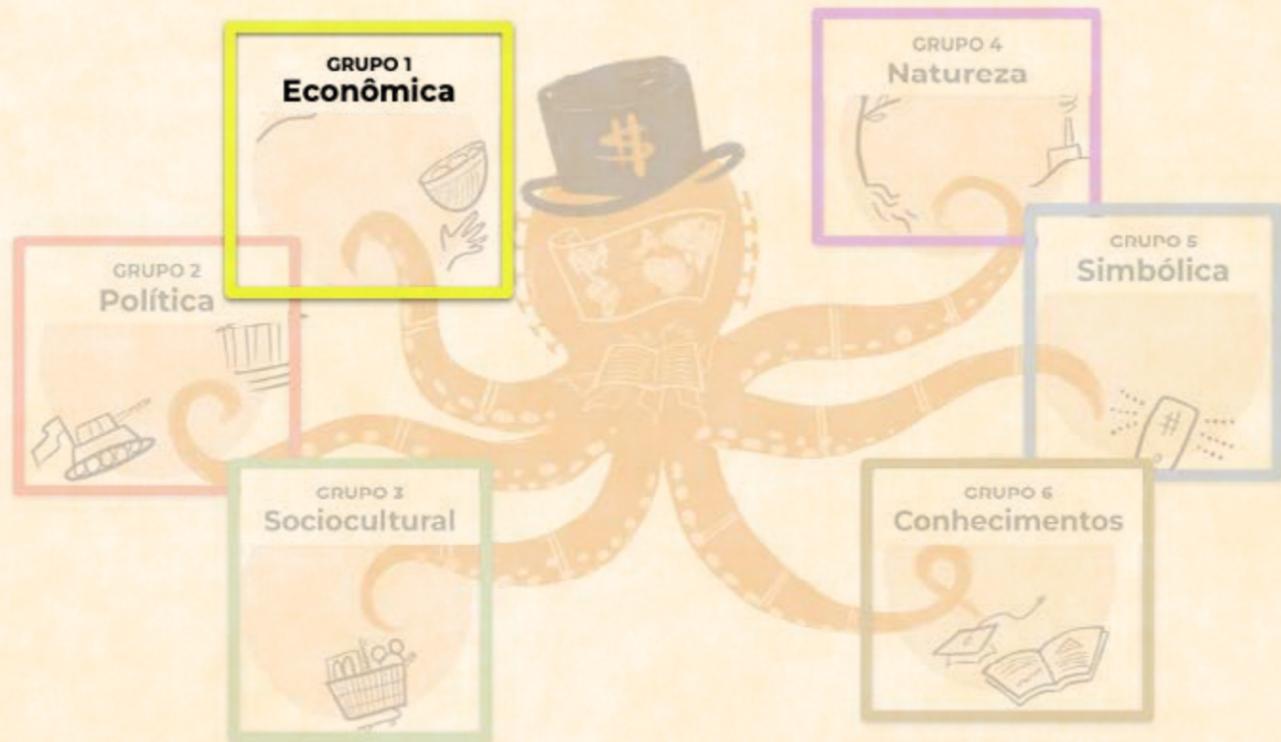
PROCEDIMENTO PARA AS/ES FACILITADORAS/ES:

- Designar a cada grupo uma parte do polvo que representa o sistema de opressão.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

Como esse tipo de opressão está presente em nossa vida pessoal, comunitária e organizativa?

- Grupo 1. Opressão econômica
- Grupo 2. Opressão no âmbito político
- Grupo 3. Opressão sociocultural
- Grupo 4. Destruição da natureza
- Grupo 5. Opressão no âmbito simbólico
- Grupo 6. Opressão no âmbito do conhecimento e saberes populares e dos povos

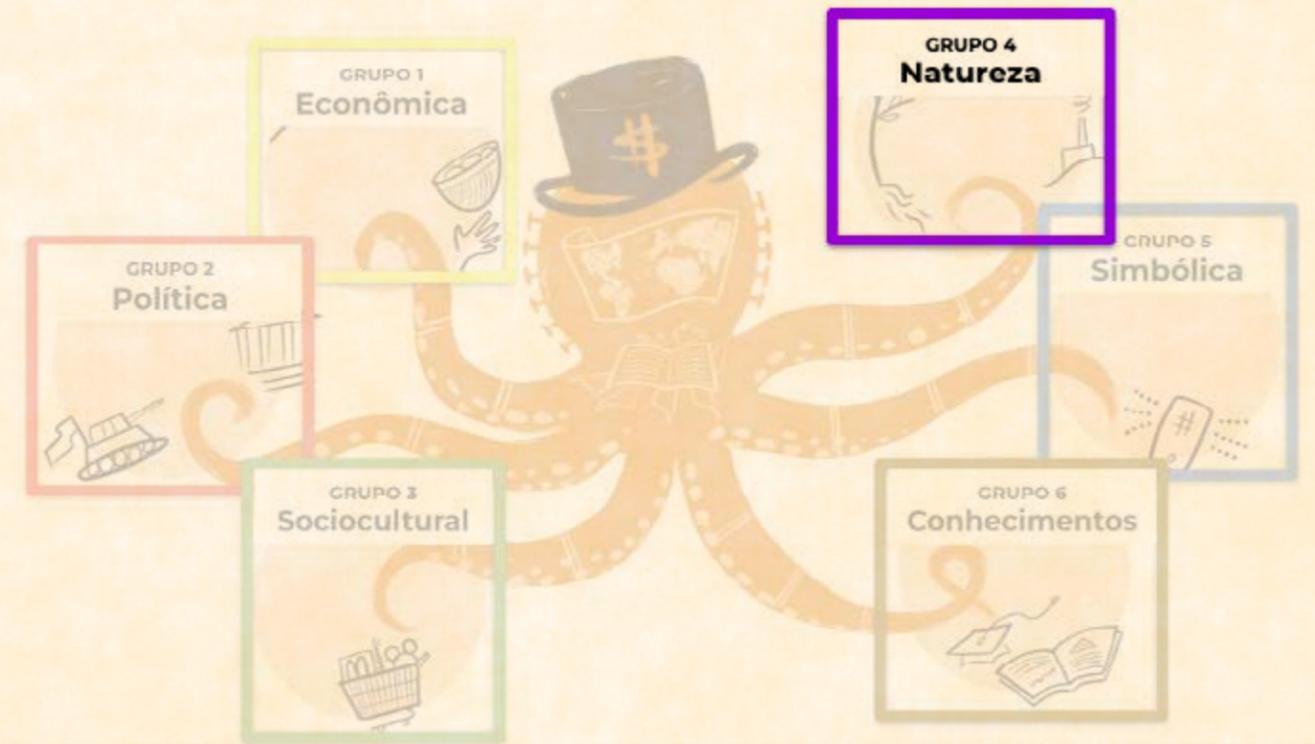
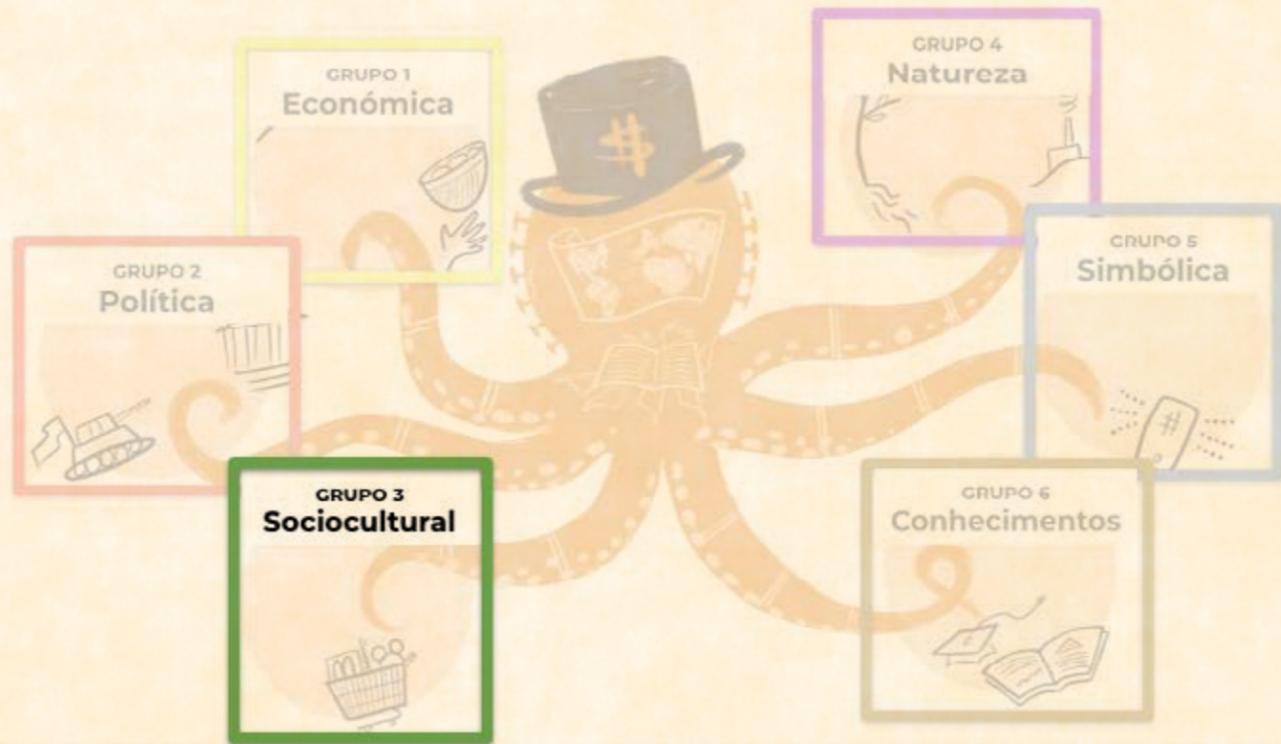


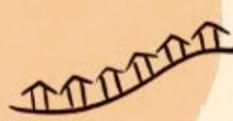
Como é nossa resistência nesse âmbito? **GRUPO 1**

Como está presente esse tipo de opressão econômica em nossa vida pessoal, comunitária e organizativa?

Como é nossa resistência nesse âmbito? **GRUPO 2**

Como esse tipo de opressão política na nossa vida pessoal, comunitária e organizativa?



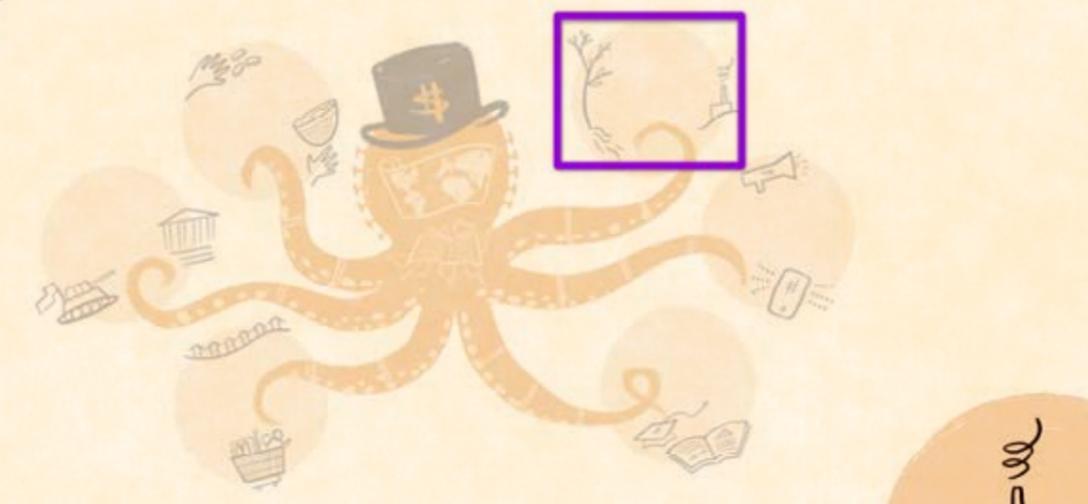
 Como é nossa resistência nesse âmbito? **GRUPO 3**



Como esse tipo de opressão sociocultural está presente em nossa vida pessoal, comunitária e organizativa?

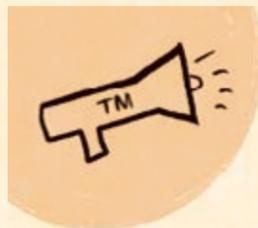
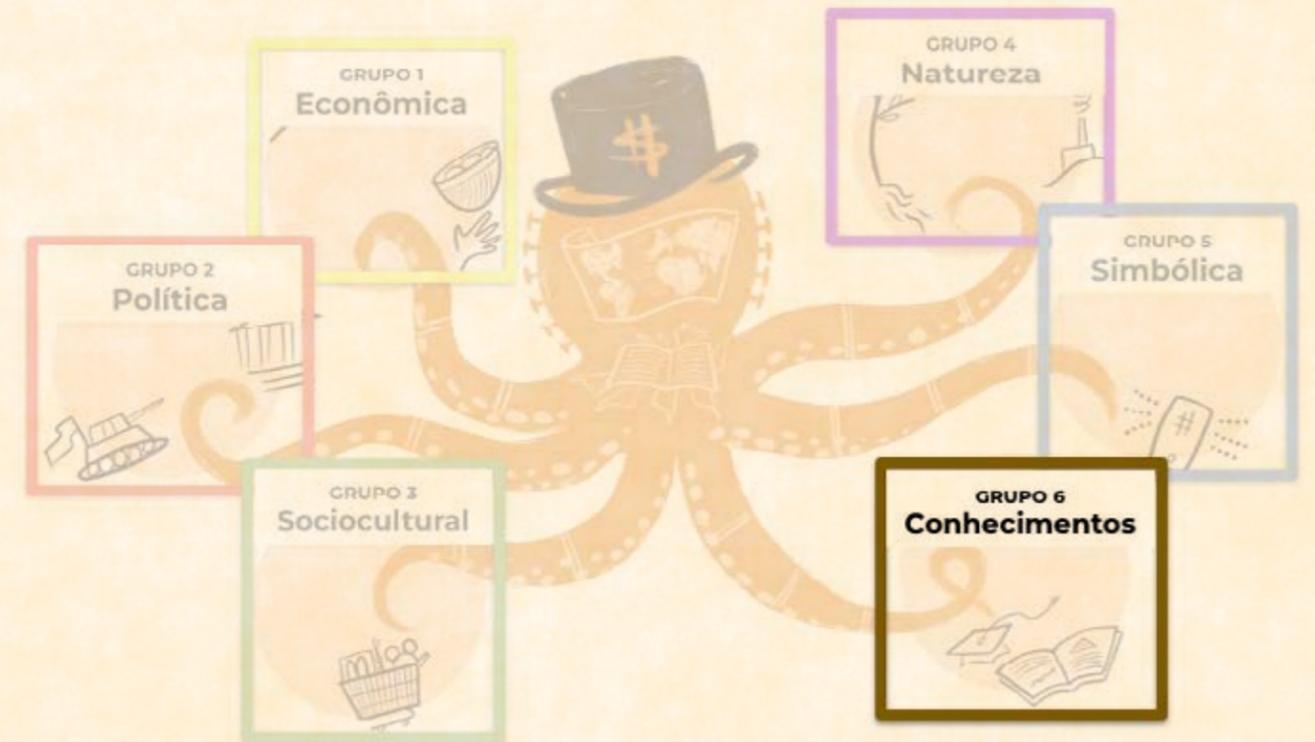
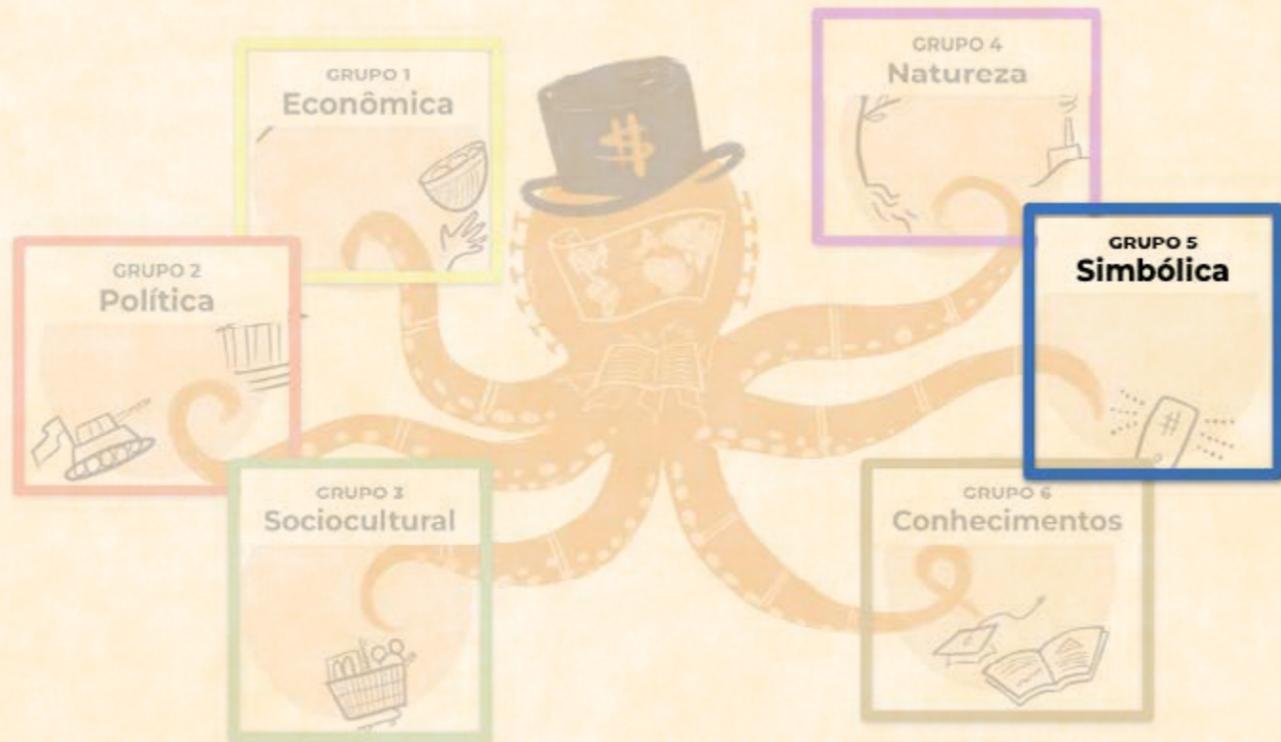


 Como é nossa resistência nesse âmbito? **GRUPO 4**



Como esse tipo de opressão ambiental está presente em nossa vida pessoal, comunitária e organizativa?



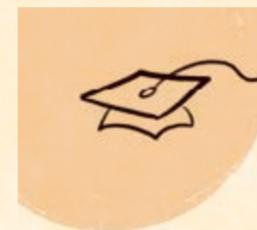


Como é nossa resistência nesse âmbito?

GRUPO 5



Como esse tipo de opressão simbólica está presente em nossa vida pessoal, comunitária e organizativa?



Como é nossa resistência nesse âmbito?

GRUPO 6



Como esse tipo de opressão de saberes e conhecimentos está presente em nossa vida pessoal, comunitária e organizativa?



DEFESA DA MÃE TERRA E DA NATUREZA



INSTRUÇÕES PARA AS/ES FACILITADORAS/ES

Em plenária a facilitadora projeta o slide e pergunta::

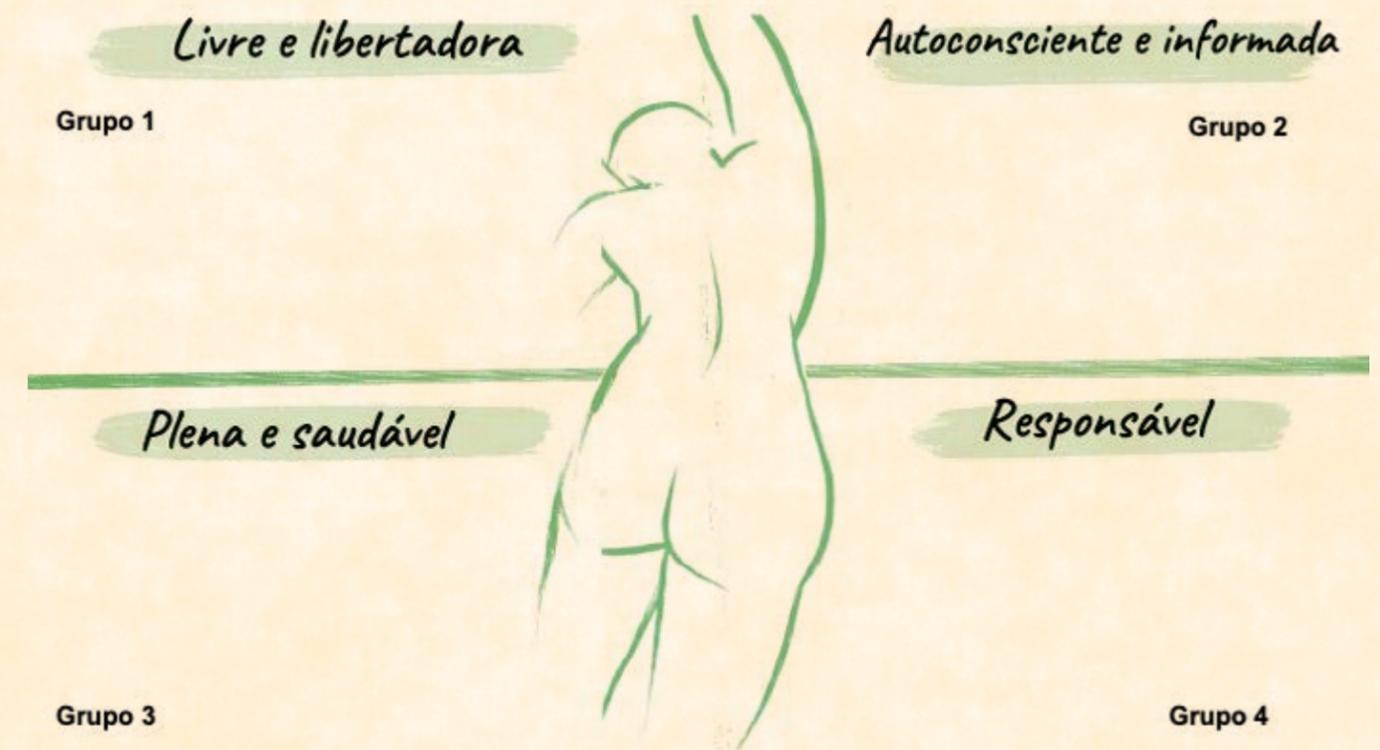
1. O que veem nesta imagem? O que veem na parte superior direita? O que veem na parte inferior esquerda?
2. Que pensam ao ver esta imagem?
3. Que relação tem esta imagem com o tema da Mãe Terra?

PERGUNTAS PARA APROFUNDAR. Se anotam as respostas das companheiras/es.

4. Lado de morte. Quais são os símbolos de dominação, destruição e controle da natureza que vemos na imagem? Como esses símbolos estão presentes em nossos territórios?
5. Lado de vida. Quem são as/es/os defensores da Mãe Terra? Que está acontecendo em nossos territórios na defesa do território? Que está acontecendo com as/es/os defensores?

No final, a/e facilitadora/e explica como a destruição da natureza e a criminalização das/es/os defensores são ações das companhias transnacionais em aliança com as companhias nacionais e que expressam o novo colonialismo e a apropriação dos territórios dos povos originários.

CORPO E SEXUALIDADE



CONTEXTO TEÓRICO

A sexualidade livre e libertadora como via de emancipação

Nosso engajamento político mostra que sonhamos com uma sexualidade com as quatro características visíveis aqui. Leia abaixo e depois dedique um tempo a debater como entendemos, testemunhamos e colocamos em prática cada uma dessas características.

Nosso engajamento político expressa: “O sentido estratégico de situar a sexualidade como via de emancipação nos chama a compreendê-la em sua dimensão correta. Para este fim, diremos que entendemos a sexualidade como o conjunto de práticas, normas, sentimentos e relações sociais e políticas historicamente construídas que derivam do prazer ou opressão experimentados pelo corpo e pela mente, a capacidade erótica e criativa e a potencialidade da reprodução humana. Nossa proposta se baseia no fato de que esta primeira esfera da vida deve ser livre e desenvolvida até sua plenitude, com informação e responsabilidade.

Neste sentido, consideramos que as experiências cotidianas têm como objetivo satisfazer as necessidades, reconhecendo que há uma multiplicidade de necessidades, pois as pessoas são diferentes. Harmonia e equilíbrio são parte disso, assim como a forma de aumentar a energia vital. Existem tantas perspectivas quanto pessoas; e essas podem ser multifacetadas, dependendo dos estágios da vida das pessoas e dos relacionamentos e ambientes nos quais se expressam suas vidas pessoais e coletivas”.

INSTRUÇÕES PARA AS/ES FACILITADORAS/ES

Em 4 grupos de trabalho discutimos sobre nossa realidade atual e sobre a proposta compartilhada. Em plenária se apresenta como vivemos a sexualidade e o que pensamos da proposta.

Discutimos como vivemos nossa sexualidade nesse momento e o que pensamos na proposta emancipadora compartilhada nesta reunião.

Grupo 1. Sexualidade livre e libertadora.

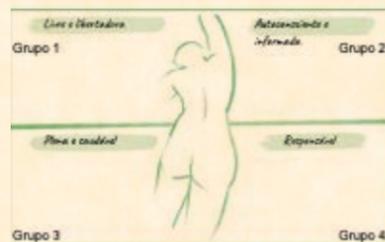
Grupo 2. Conhecimento próprio e com informação clara sobre a sexualidade.

Grupo 3. Saúde e vivência integral.

Grupo 4. Uma sexualidade responsável.

GRUPO 1 *Livre e libertadora*

Como vivemos nossa sexualidade neste momento e que pensamos desta proposta?



Grupo 2 *Com conhecimento próprio e com informação clara sobre a sexualidade*

Como vivemos nossa sexualidade neste aspecto e o que pensamos desta proposta?



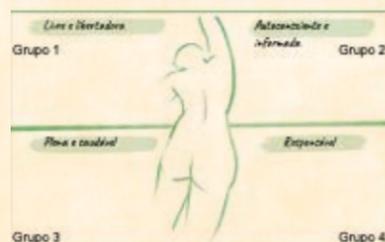
Grupo 3 *Plena e saudável*

Como vivemos nossa sexualidade neste momento e o que pensamos desta proposta?



Grupo 4
Responsável

Como vivemos nossa sexualidade neste momento e o que pensamos desta proposta?



ESTADO E DEMOCRACIA

PONTO DE PARTIDA

Utilize esta imagem para mapear os bens (cenoura), as ameaças (galho) e as fundações (raízes) do Estado.

Fundações: Com que recursos o Estado conta, tanto historicamente como agora? Quando surgiu o Estado tal como o conhecemos e por quê? (Lutas pela independência e contextos pós-coloniais, apropriação de terras e assentamentos bélicos, escravização, imigração, ascensão do capitalismo global, cercas e deslocamento, globalização neoliberal, etc.) Tem nações das quais fazemos parte que interagem com o Estado? Qual é a relação do Estado com o capital e os mercados?

Ameaças: Quais são as formas pelas quais o Estado oprime, controla, domina e toma nossas vidas? E as vidas dos demais, dentro de nossas “fronteiras” ou além? Que tecnologias (policial, de vigilância, militar, etc.) o Estado tem, e como estão relacionadas com o fornecimento de bens? (ou seja, para ter acesso a auxílios nos submetemos a uma vigilância cada vez maior, etc.)

Bens: O que o Estado proporciona que a gente precisa? (Note os paralelos entre isso e os recursos roubados nas fundações!) Como os nossos movimentos têm usado as ferramentas do Estado para ampliar e proteger os direitos ou o acesso, ou garantir os recursos para nossa gente (por exemplo, as lutas por moradias sociais ou as proteções legais para as pessoas LGBTQIA+).

Isto pode ser um ponto de partida para as conversas sobre ideologia e o Estado, mas também para os debates práticos sobre como se orientarão as campanhas ou os movimentos em torno do Estado num determinado momento.



INSTRUÇÕES PARA AS/ES FACILITADORAS/ES

Para nos situarmos no Estado em que vivemos, queremos reconstruir a história do Estado em que vivemos, conhecer o que faz e o que podemos fazer ou fazemos.

a. Quando começou o Estado e quem foram seus fundadores?

○ que aconteceu nessa fundação com as mulheres e os povos originários ou pessoas afro? Esta resposta nos permite conhecer as raízes dos Estados.

b. Quais são as ferramentas com as quais o Estado domina, oprime e afeta nossa vida?

Fazer uma lista das ferramentas e formas pelas quais o Estado controla nossa vida, recebe nossas propostas ou gera ou não espaços para atuar como cidadãs.

c. Poderíamos identificar algumas oportunidades para avançar em nossos direitos no Estado?

Fazer uma lista das oportunidades ou caminhos ou ações que vemos e fazemos frente ao Estado para o avanço de nossos direitos e propostas.

ECONOMIA FEMINISTA



INSTRUÇÕES PARA AS/ES FACILITADORAS/ES

Em plenária apresentamos o desenho e analisamos:

○ que vemos nesta imagem? Que elementos vemos no desenho sobre a vida e sua reprodução?

○ que nos faz sentir e o que pensamos sobre o que vemos?

Que outros elementos poderíamos acrescentar a esta imagem?

Consideramos que esta imagem pode ser nossa proposta?

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

Quais são as atividades que sustentam a vida que vemos nesta imagem? Enumere todas.

Qual é a relação de produção e reprodução desta imagem? Quem é uma/e trabalhadora/e?

Que papel desempenham os mercados, se é que desempenham algum, nesta imagem?

Onde vemos o “trabalho de cuidar” nesta imagem é como se relaciona com outros tipos de trabalho?

Como se relaciona a organização social e econômica desta imagem com o paradigma econômico dominante?

Falamos da sustentabilidade da vida como princípio organizativo central da economia feminista. Onde e como vemos estruturas sustentáveis de relação nesta imagem?

Trabalhar juntas/es para desenhar sua própria economia feminista. Quais são as atividades que se levam a cabo? Como se relacionam entre si? Com os mercados? Com o Estado e outros agentes econômicos? Quais são as ameaças? De que forma essas economias são sustentáveis?

CONSTRUÇÃO DE MOVIMENTO

INSTRUÇÕES PARA AS/ES FACILITADORAS/ES

Para que nos sintamos parte do nosso movimento é necessário reconstruir a história do mesmo. Cada uma/e de nós tem em seu sentipensar um pedacinho dessa história. Em grupos façamos um exercício de construção de memória do nosso movimento.

Se organizam os grupos possíveis a partir de quem estiver presente.

Como nos incorporamos ao movimento e porquê?

○ que estava acontecendo no contexto e o que encontrei no movimento?

Com o que contribui e o que aprendi no movimento?

Quem são nossas ancestrais?

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

História e memória

Quem nos precedeu? Sobre os ombros de quem estamos? A quem honramos ou desejamos trazer ao espaço? Que lembranças estamos recuperando?

Quais são nossas práticas para honrar as/es/os antepassadas/es/os, aprender a história e transmitir a memória? Que novas práticas poderíamos testar?

Se se reúnem virtualmente, considerem a possibilidade de utilizar esta imagem para criar juntas/es um altar compartilhado para abrir o espaço.

Construção da memória do nosso movimento



PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

Quais são os cinco elementos da construção do sujeito político (de Isabel Rauber)? Utilizemos esta imagem para lembrar e repassar esses elementos, e falar mais profundamente sobre o que significam e como se manifestam (ou não) no nosso trabalho.

Consciência crítica: Podemos reconhecer as situações de opressão, quem nos oprime e como funciona o sistema.

Capacidade de reinterpretar e ressignificar a realidade: Podemos desnormalizar as opressões que o sistema nos ensinou a tomar como fato.

Ação social coletiva para transformar a realidade: Temos o projeto, mas também somos capazes de nos mobilizar para que esse projeto seja compartilhado por muitas outras pessoas e seja colocado em prática.

Formulação de um projeto: Podemos identificar aquelas práticas; projetos políticos, imaginários em direção aos quais queremos caminhar.

Alianças: Trazemos nossas próprias forças que trabalham pela mudança junto com outras, nos afirmamos como parte de uma coletividade que compartilha esta vontade de mudança.



INSTRUÇÕES PARA AS/ES FACILITADORAS/ES

Na plenária explicamos os elementos de construção do sujeito político dando exemplos e perguntando às/es participantes como esse elemento está ou não presente em sua ação política.



INSTRUÇÕES PARA AS/ES FACILITADORAS/ES

Se organizam três grupos de trabalho para identificar, discutir e recordar os elementos que temos em nossa organização ou movimento sobre:

- Quais são nossas práticas organizativas que criam nossa cultura política? que precisamos desenvolver?
- Que conhecimentos, saberes e propostas são parte de nossas fontes políticas na organização ou movimento? que aprendemos sobre nossas estratégias e relações com outros movimentos. que faríamos diferente?

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO

Quanto às nossas práticas e culturas organizativas, nossas/es companheiras/es nos convidam a nos perguntarmos em que medida nossos movimentos são espaços abertos para as ideias e para as pessoas? Nossas organizações são facilmente acessíveis para qualquer uma/e? São de base, inclusivas, plurais? Nossas dinâmicas de trabalho são colaborativas e de apoio mútuo? Utilizamos todas as ferramentas disponíveis para fomentar o pertencimento? Trabalhamos de forma descentralizada, criativa e dinâmica?

que mais poderíamos acrescentar?

Em relação ao conhecimento e às propostas, podemos analisar as múltiplas relações de poder e as dinâmicas

internas opressivas dentro dos nossos movimentos? Podemos mudar o rumo na medida em que mudam as condições? Podemos teorizar e escrever a nossa própria história? Nossas agendas e estruturas são dinâmicas e receptivas? Temos um plano e uma proposta e estes são entendidos de forma ampla e profunda por nossa gente e gerados com elas?

que mais poderíamos acrescentar?

Em relação às estratégias e as relações, podemos questionar “o inquestionável”? Podemos ver além do politicamente factível num dado momento? Qual é o estado de nossas relações interorganizativas, intermovimentos, interculturais e internacionais?

que mais poderíamos acrescentar?

Bens



Necessita melhorar



Práticas organizativas e cultura política

GRUPO 1



Conhecimentos, saberes e propostas

GRUPO 2



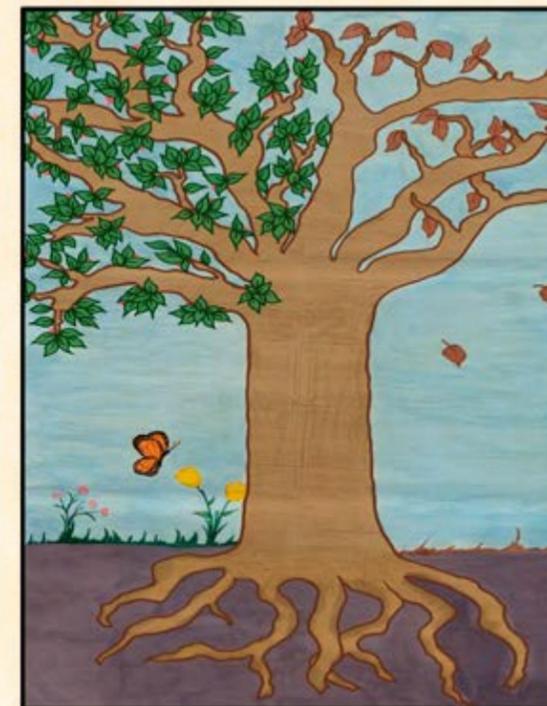
Estratégias e relações com outras organizações.

GRUPO 3

A Árvore Social

Uma ferramenta para a análise das estruturas econômicas, políticas e culturais dominantes e hegemônicas na sociedade e na busca por alternativas

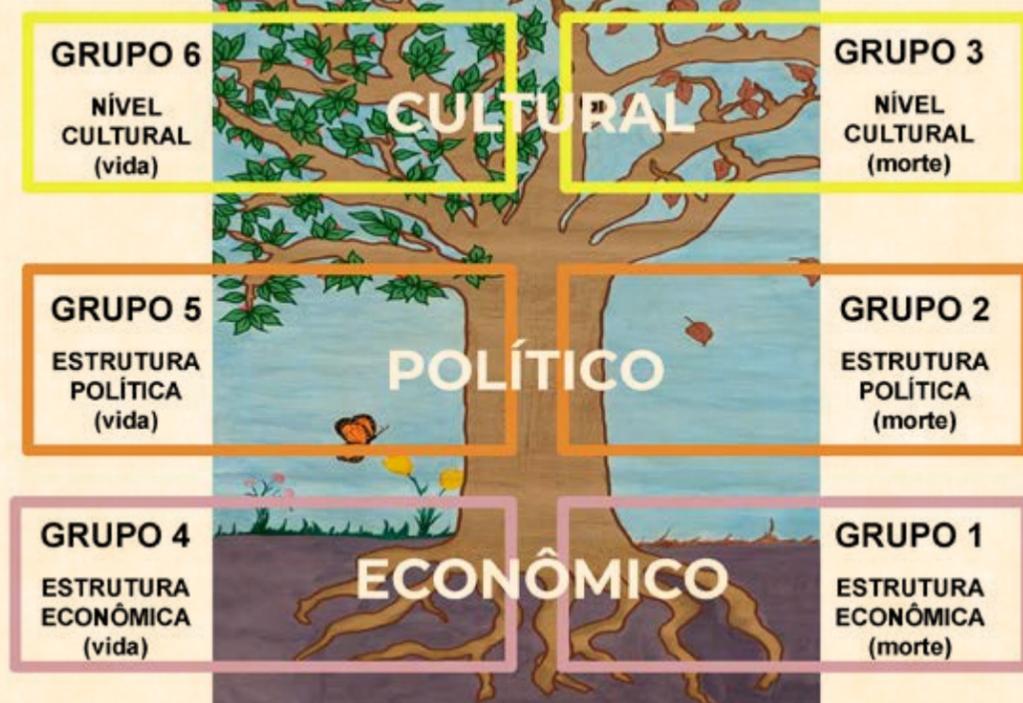
Escola Internacional de Organização Feminista
Berta Cáceres



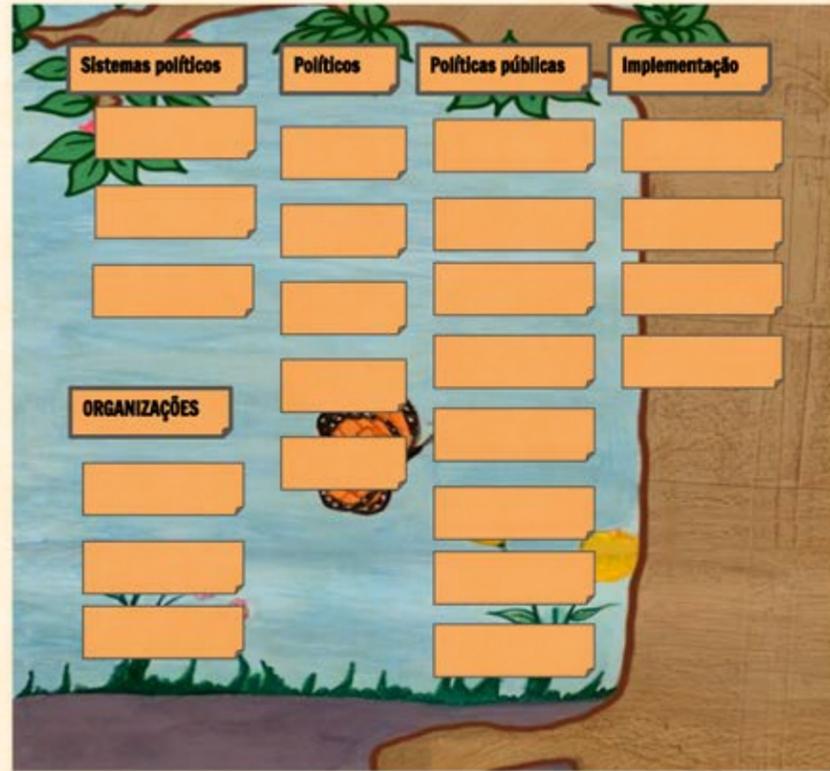
POPULAR EDUCATION CONSULTANTS

FONTE: Esta ferramenta foi adaptada por [Popular Education Consultants](#) (conhecidas como La Topica na América Central), a versão original do IMDEC do México e Red Afora, Visual Analysis Becerra como parte da Universidade Sem Fronteiras do Colectivo de migrantes do Finlândia.

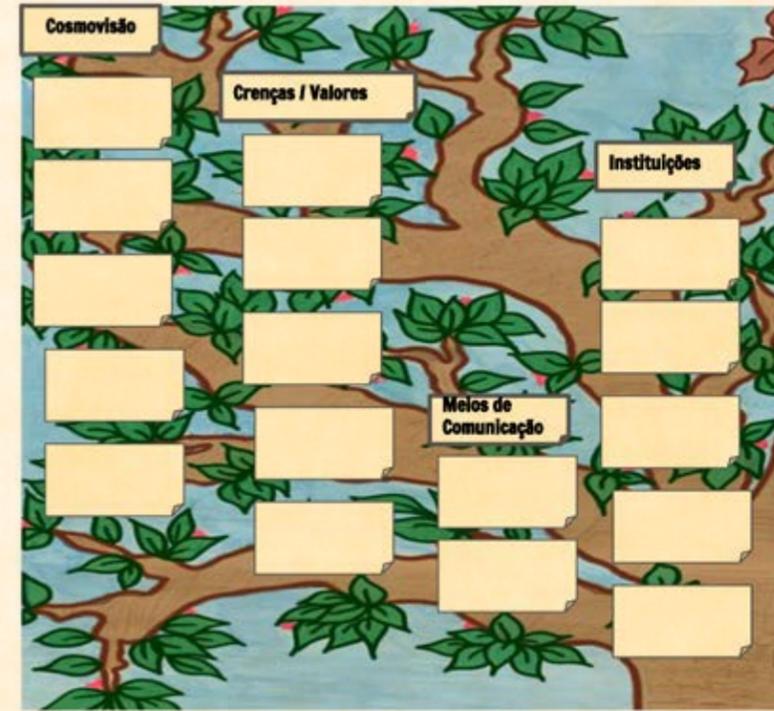
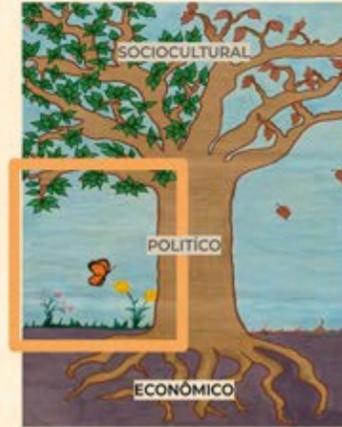
A
L
T
E
R
N
A
T
I
V
A
S



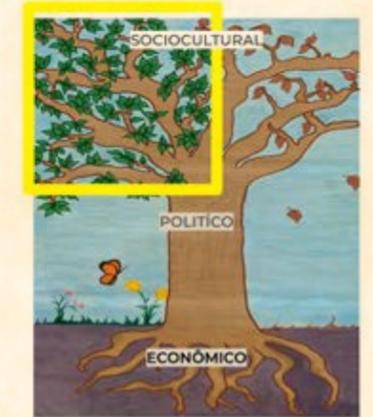
H
E
G
E
M
O
N
I
A



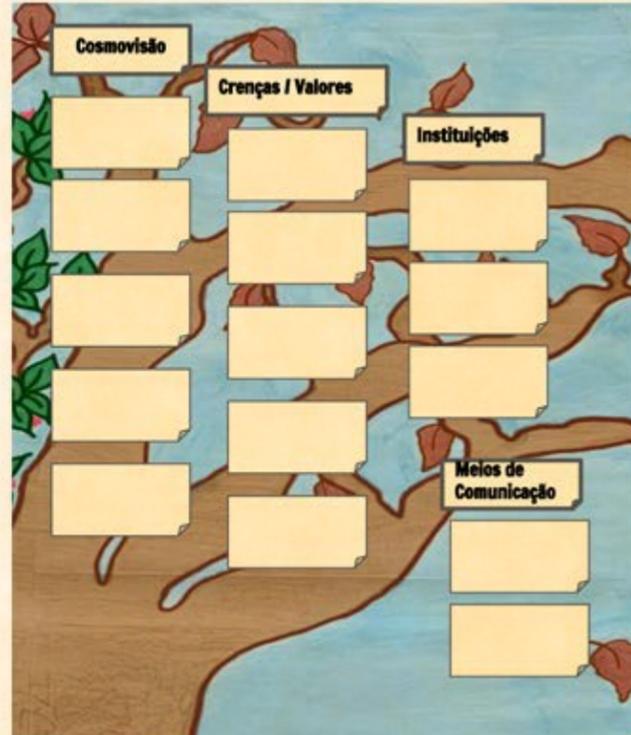
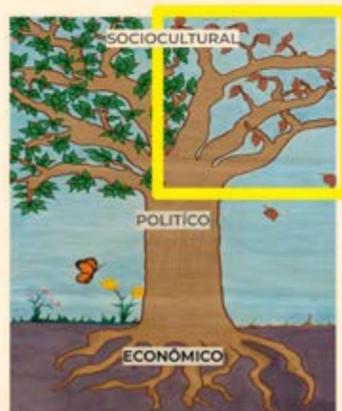
GRUPO 5
ESTRUTURA
POLÍTICA (de vida)



GRUPO 6
NÍVEL CULTURAL
(de vida)



GRUPO 3
NÍVEL CULTURAL
(de morte)



ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
IFOS "BERTA CÁCERES"
2022

CONVITE PARA EXPLORAR E RESPONDER

Use esses comandos para orientar seu tempo de trabalho ou tente algo totalmente diferente!

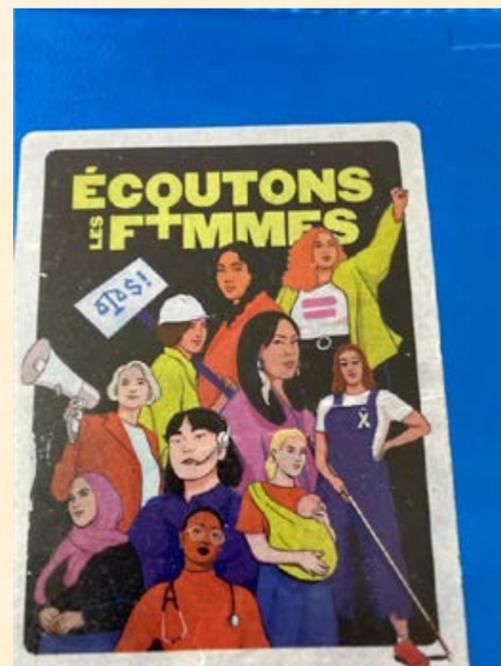
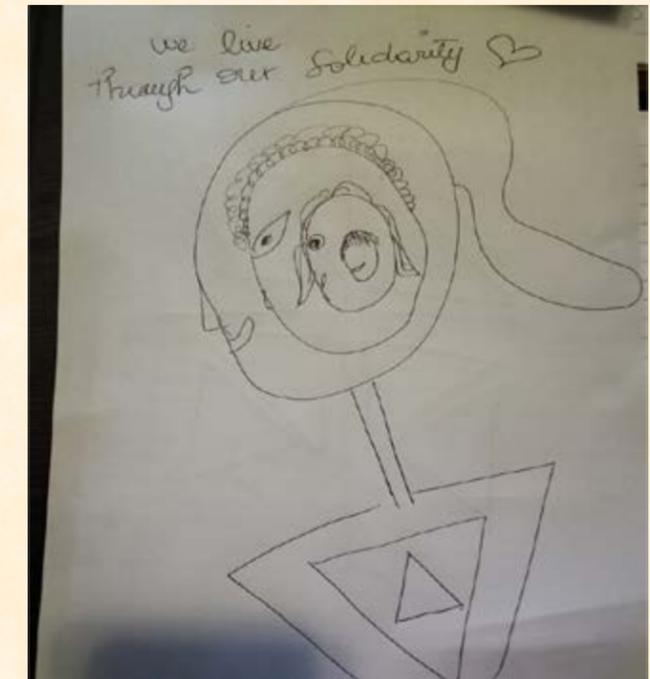
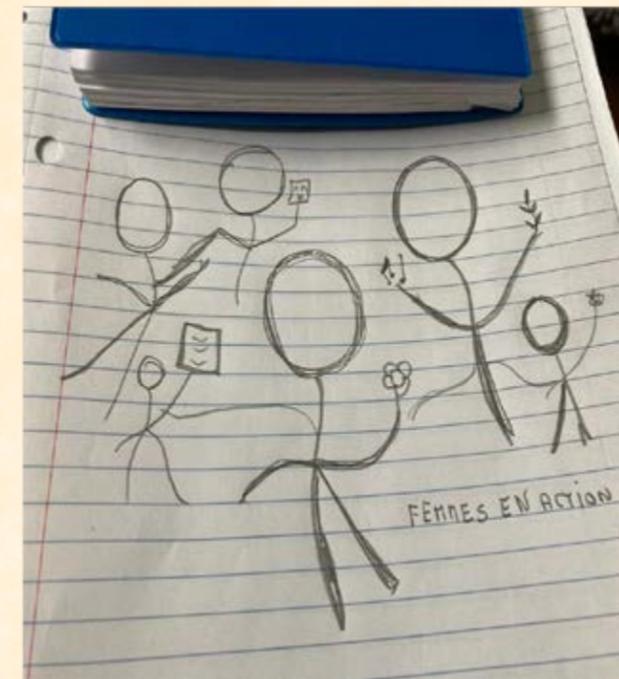
BRINCAR: Experimente desenhar linhas, formas e rabiscos. Explore diferentes cores, tipos de ferramentas de desenho e estilos de marcação. Quando terminar, observe o que você gostou, ou os resultados que te interessam ou te atraem. Veja também se você é interrompida pelo seu próprio julgamento ou crítica, e veja se você pode voltar a jogar com calma quando isso acontecer. Faça isso o quanto quiser e pelo tempo que quiser.

MINHA HISTÓRIA: Faça uma imagem que mostre seu desenvolvimento como sujeito político (como pessoa, família, organização ou comunidade). Quais são os principais eventos, dinâmicas e influências? Se a ordem dos eventos for importante, considere como você mostrará a passagem do tempo.

SOBRE NÓS: Desenhe um emblema para sua organização, grupo de trabalho ou campanha (ou outro grupo do qual você faz parte). Quais são os valores que mantêm e organizam? Quais são os principais eventos ou dinâmicas do seu trabalho? Como você pode mostrar isso? Que cores, símbolos ou metáforas você pode usar? Há mais alguém que você gostaria de consultar?

NOSSA PROPOSTA: Faça uma imagem que mostre algum aspecto da visão e/ou proposta feminista que estamos desenvolvendo na IFOS. O que estamos construindo? Pelo o que estamos lutando? Pense em como/se você incluirá o que estamos enfrentando.

QUALQUER OUTRA COISA!: Use este espaço e tempo para responder criativamente ao conteúdo desta oficina ou da IFOS em geral. Trabalhe individualmente ou em colaboração, e vamos ver o que acontece!



**ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA
"BERTA CÁCERES"
2022**

**INFORMAÇÕES DE EXPERIÊNCIAS DE FORMAÇÃO POLÍTICA
22 de agosto de 2022**

Reflexões sobre as experiências de realização de processos formativos nas comunidades e/ou regiões de algumas participantes.

1. Nome do processo ou da oficina:

Escola Ecofeminista “Mulheres defendendo o Território Corpo-Terra”.

2. Para quem está dirigido e o número de participantes:

A Escola Ecofeminista é promovida pela Água e Vida: Mulheres, Direitos e Ambiente desde 2017 em Chiapas, México. É um processo voltado para as defensoras da terra e do território, tanto mulheres de comunidades de base quanto integrantes de organizações sociais e civis que estão em processos de disputa e desapropriação dos territórios, diante das políticas extrativistas coloniais, com ênfase na defesa de direitos territoriais e ambientais.

Seu caráter é internacional, já que participaram mulheres defensoras dos estados mexicanos de Chiapas, Oaxaca, Tabasco, Veracruz, Yucatán, Cidade do México, Querétaro, Guadalajara, Hermosillo, Sonora, Chihuahua e Baixa Califórnia; bem como da Espanha, Argentina, Chile e Alemanha. No entanto, queremos que a Escola tenha uma abordagem territorial voltada para o Sudeste do México, por isso priorizamos a participação de mulheres defensoras dos estados de Chiapas, Oaxaca e Veracruz.

3. Em que local foi realizado o processo e algumas linhas sobre o contexto.

A Escola é realizada em San Cristóbal de las Casas, Chiapas, México. Chiapas é um estado na fronteira do sul do México, que faz parte da região mesoamericana, importante em termos de bens naturais comuns, fato que a colocou na mira de projetos extrativistas através de planos, programas e projetos que buscam promover “desenvolvimento” sem considerar os efeitos nocivos que esses planos trazem para as cidades, comunidades e principalmente para as mulheres. Esses projetos fazem parte de políticas de expansão colonial, como o Projeto de Integração e Desenvolvimento Mesoamericano (antigo Plano Puebla-Panamá, PPP) e o Corredor Biológico Mesoamericano (CBM).

A implantação de projetos de apoio ao extrativismo, como rodovias e ferrovias como o “Trem Maia”, estão relacionados a polos de desenvolvimento econômico e a desapropriação de territórios para o capital transnacional, com o controle dos militantes, das forças armadas paramilitares e do crime organizado, o que coloca as populações locais e migrantes que circulam por essas rotas em condições de extrema vulnerabilidade. Somente em 2020, onze mil soldados da guarda Nacional foram enviados a Chiapas, complicando a situação dos territórios e das comunidades que persistem na defesa de seus territórios.

Outro problema importante são as monoculturas de dendezeiros, já que cerca de 70% de toda a palma produzida pelo México é plantada em Chiapas. Isso compromete a soberania e a segurança alimentar das comunidades localizadas nesses territórios, além dos graves efeitos ambientais e de saúde das pessoas do uso intensivo de agroquímicos.

Em inúmeras comunidades, as mulheres tem sustentado as lutas pela defesa de suas terras e territórios diante da entrada de projetos extrativistas, mas as estruturas patriarcais e coloniais não reconhecem seu papel mobilizador, nem os efeitos particulares que experimentam pela desapropriação.

Em relação a esse breve contexto, a Escola Ecofeminista destaca que as mulheres racializadas são as mais prejudicadas pelos efeitos ambientais derivados do modelo de desenvolvimento colonial patriarcal capitalista, que hoje se expressa em uma economia extrativista que gera conflitos intercomunitários, perseguição e assassinato de defensoras de direitos humanos, expropriação de terras e conhecimentos, deslocamentos, riscos e desastres, migração forçada, entre outros problemas. A partir de seus postulados ecofeministas críticos e latinoamericanos, na Escola se destaca o papel das mulheres como agentes fundamentais de denúncia e crítica sistêmica do patriarcado capitalista racista e colonial, além de suas ações e trabalhos de transformação social e política ao organizar, liderar e dirigir lutas em defesa da terra, do território, dos direitos humanos e dos bens comuns.

4. Como foi feito ou está sendo feito.

A Escola é realizada anualmente em formato presencial com dois módulos de 4 dias de duração. A cada geração, a Escola Ecofeminista é pensada sob um tema diferente que parte das necessidades e realidades específicas do grupo, mas sempre segue a lógica dos módulos sobre a defesa do território corpo-terra. Antes de seu início, são compartilhadas com as participantes leituras atualizadas e críticas sobre o tema da Escola, além de combinar técnicas que contemplam estudo, trabalho de grupo, reflexão pessoal e coletiva, trabalho psicoemocional sobre o corpo, técnicas de autodefesa feminista, técnicas de imagem, exposições dialogadas, entre outras que contribuem para a geração coletiva de conhecimentos..

5. Duração.

Dois módulos de 4 dias presenciais.

PROGRAMA DA ESCOLA PARA
FACILITADORAS/ES DA IFOS
Maio a agosto de 2022 das 7 h às 10 h, horário da Guatemala



CAPÍTULO 4

GUIAS METODOLÓGICOS DA ESCOLA PARA FACILITADORAS/ ES DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA "BERTA CÁCERES"

Compartilhamos os guias metodológicos de oito oficinas da Escola para Facilitadoras/es como uma proposta de como desenvolver este tipo de escolas que são necessárias para fortalecer o trabalho nas organizações.

ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA "BERTA CÁCERES" OFICINA N°.1: ENCONTRO E APRENDIZAGEM DE FERRAMENTAS PARA O ESPAÇO VIRTUAL 9 DE MAIO DE 2022

Objetivo: Iniciar o processo da Escola por meio de:

- Intercâmbio entre as e es participantes para reconhecer e conhecer sua experiência nos processos de educação popular;
- compartilhar a informação sobre a Escola para Facilitadoras/es e os compromissos que ela exige;
- organizar as comissões internas de trabalho; e
- preparar as/es participantes no uso das ferramentas virtuais que usaremos durante a Escola.

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entra a equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística para garantir os detalhes de cada ponto da agenda. Passagem de som com equipamento de interpretação. Equipe de intérpretes: Renomeiam-se: INTER [idioma 1] <> [idioma 2] [nome] ADMIN INTER [idioma 1] <> [idioma 2] [nome]	Agenda da sessão Pequenos grupos	
6:30	Boas-vindas as/es participantes. Inscrições de participantes.	Se abre a sala para a entrada das/des participantes para seu registro e para garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para o registro Música	
6:45	Justiça linguística	Como escolher os canais de idiomas.	Vídeos (versão curta)	Equipe de interpretação e equipe técnica
6:55	Boas-vindas e programa		Mensagem para as boas-vindas Agenda	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
7:00 às 7:20	Início da oficina Justiça linguística	Lembrete sobre a função de interpretação Glossário Lembrete sobre como funciona Zoom	PDF com as recomendações	Equipe de interpretação e equipe técnica
7:20 às 7:25	Boas-vindas e objetivos da oficina	Boas-vindas, objetivo e pedir que coloquem seu nome e idioma		Facilitadoras/es gerais
7:25 às 7:45	Mística do reencontro	7 min - Abertura de Claire / Milvian	Apresentação da Milvian	
		7 min - A mística do reencontro é desenvolvida a partir da colagem das fotos que enviaram as companheiras/es.	Mapa onde estão as/es participantes Colagem	Comissão da mística
		7 min Mentimeter	Mentimeter cloud: Com uma palavra descreva o que significa pra você participar desta escola Música durante o exercício	Comissão de mística
7:45 às 8:30	As/es participantes se apresentam	Em grupos por idioma (3 grupos em espanhol, 3 grupos em inglês, 1 grupo em francês, 1 grupo em árabe, 1 grupo em português) de 10 a 12 pessoas no máximo. 10 min - Explicação As/es participantes se apresentam, no máximo 3 minutos cada uma e escrevem suas expectativas em relação à escola.	9 Grupos de trabalho 10 a 12 pessoas 1 grupo para resolver questões com participantes. Coloque os grupos de trabalho na tela para adicionar os nomes das facilitadoras e quem fará o relato (tomada de notas).	Facilitadoras/es gerais Grupos de trabalho

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		30 min - Grupos de trabalho Nome, organização, território, experiências formativas e expectativas que têm da escola. Expectativas da Escola.	Documentos de trabalho Documento para escrever as expectativas	Facilitadoras/es e relatoras/es de cada grupo de trabalho
8:30 às 8:50	Conhecer as expectativas Explicação da organização da Escola Comissões	15 min - Se retoma as respostas das/des companheiras/res no documento de inscrição.	Documento para escrever as expectativas	Facilitadoras/es gerais
		A escola de Facilitadoras/es é apresentada. O plano de trabalho. Os compromissos assumidos. Exercício permanente para os processos que venham a desenvolver.		
		5 min - Organização de comissões de trabalho: <ul style="list-style-type: none"> Mística Técnicas de apoio durante as oficinas Síntese de um dia para o outro Sistematizadoras das oficinas (que tomam notas) Facilitadoras/es dos grupos de trabalho Mudanças de papéis entre tomar notas e facilitadoras/es	Apresentação sobre a escola Documento de trabalho	Facilitadoras/es gerais
10 min	Intervalo	2 minutos - Sandra chama para o intervalo e convida a inscrever-se no Google Docs nas comissões de mística, técnicas energizantes durante as oficinas, as sínteses que serão feitas de um dia ao outro, festa e espaços de compartilhar, tomar notas no grupo, facilitadoras/es no grupo.	Documento de trabalho Música	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
9:00 às 9:50	Explicação das plataformas que vamos usar	15 min - O procedimento para obter a sua senha da página onde estará o material da escola e para que o vamos utilizar é explicado.		Facilitadoras/es gerais e/ou equipe técnica
		15 min - É explicado o uso do Jamboard e como vamos usá-lo. Se explica o uso dos materiais no Google Slides		Facilitadoras/es gerais e/ou equipe técnica
		5 min - Se explica o Mentimeter 5 min - Whatsapp 5 min - Google Drive Facebook?, YouTube? Zoom - grupos de trabalho Apresentação da equipe de apoio durante as oficinas caso haja necessidade de experimentar estas ferramentas.		Facilitadoras/es gerais e/ou equipe técnica
9:50 às 9:55	Instruções para a próxima sessão Avaliação	Ler os documentos sobre educação popular dos Amigos da Terra e Martin Luther King e sobre a educação popular e o trabalho de base de CEPIS do Brasil. Ler o ebook começando com Nossa proposta estratégica até antes do guia aparecer: Págs.15 a 26 . Notas: Reflexão sobre o que já conhecemos e o que precisamos refinar para seguir em frente		Facilitadoras/es gerais
		Avaliação da sessão	Documento para a avaliação	Facilitadoras/es gerais
9:55 às 10:00	Encerramento	A sessão é encerrada e temos o lembrete da próxima data Junho 6 e 7. Notas: Chamado para compartilhar e nos apoiarmos todas.	Música	Facilitadoras/es gerais

ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA "BERTA CÁCERES"
OFICINA N.º 2
NOSSA PRÁTICA COMUM, A METODOLOGIA DA IFOS "BERTA CÁCERES"
6 HORAS EM DUAS SESSÕES - 6 E 7 DE JUNHO DE 2022

Objetivo: Começa a compreensão da metodologia de Educação Popular a partir da análise do desenvolvimento da "Berta Cáceres"

- Conceção do processo da escola
- Objetivo político da Escola e suas participantes
- Iniciar uma proposta própria para desenvolver a escola, sua metodologia e ferramentas
- Lições aprendidas

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
PRIMEIRA SESSÃO: 6 DE JUNHO				
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entram as equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística para garantir detalhes de cada ponto da agenda. Teste de som com equipe de interpretação Equipe de intérpretes: Renomear-se: INTER [idio 1] <> [idio 2] [nome] ADMIN INTER [idio 1] <> [idio 2] [nome]	Agenda da sessão Grupos pequenos	
6:30	Boas-vindas às/es participante Registro de participantes.	Abre-se a sala para a entrada de participantes para fazerem seu registro e garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para o registro Música Mensagem de boas-vindas Agenda no canva	
7:00 a 7:10	Justiça linguística	Como selecionar o canal de idioma Pontos-chave para lembrar	Observações interpretação	Equipe de interpretação

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
7:10 a 7:20	Começo da Oficina	Boas-vindas Explicação do objetivo da oficina Renomear-se		Facilitadoras/ es gerais
7:20 a 7:40	Mística de reencontro	A mística tem o foco da gratidão por estarem juntas, por iniciarem este processo e por convidarem outras companheiras/es de diferentes regiões a se unirem. 15 minutos Sylvia López abre e dá os primeiros agradecimentos de sua cosmovisão Nahua e convida a Europa, o Oriente Médio, a África, as Américas, a Ásia a expressarem sua gratidão enquanto a expressam em suas culturas. Agradecemos ao norte, ao sul, ao leste, ao oeste, ao coração do céu e ao coração da terra. Sylvia vai convidando na ordem: <ul style="list-style-type: none"> • Solange da África • Ruba Oden do Oriente Médio • Bushra • Piper dos EUA • Marylis de Cuba Encerramento : Claire passa a mensagem		Comissão de mística
		Apresentação do vídeo da escola de facilitadoras	1:20 min Video da Escola	Facilitadoras/ es gerais
7:40 a 7:55	Aprender criticamente da Nossa experiência da IFOS: Introdução sobre lógica e objetivos para a metodologia	15 min - Introducción Faz-se uma introdução sobre a lógica política e os desafios encontrados para o desenvolvimento da metodologia da Escola pela comissão metodológica, levando em conta a avaliação de novembro.	Apresentação: Avaliação e contribuição das participantes em nov 21 Mapa de conceitos	Facilitadoras/ es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
7:55 a 8:45	Nossa experiência na IFOS: Grupos de trabalho	5 min - Aprender criticamente da prática São dadas instruções do trabalho em grupo Instruções Em grupos lingüísticos com base na explicação da Nalú e na experiência vivida pelas participantes da escola, o aspecto do grupo será avaliado da seguinte forma: 2 grupos em espanhol (#1 e 6) / 1 grupo em inglês (#2) / 1 grupo em português (#5) Discussão sobre a metodologia e o desenvolvimento da escola. Em cada grupo serão avaliados os seguintes temas: <ul style="list-style-type: none"> • Metodologia • Facilitação Perguntas: Qual seria sua avaliação sobre a metodologia e a facilitação do desenvolvimento das oficinas da Escola? Que desafios enfrentaram enquanto participantes? Que melhorariam e que outros elementos poderiam ser incorporados. 1 grupo em espanhol (#8) / 1 grupo em francês (#4) / 1 grupo em árabe (#3) / 1 grupo em inglês (#7) <ul style="list-style-type: none"> • Objetivos políticos e conteúdo da escola • Impacto da Escola nas participantes e organizações Perguntas: <ul style="list-style-type: none"> • Qual seria sua avaliação do êxito dos objetivos políticos e conteúdo desenvolvido na Escola? • Tem algum tema que esperavam que tivesse sido discutido e não foi? 	8 Grupos de trabalho	Grupos de trabalho

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		<ul style="list-style-type: none"> Que outros elementos poderiam ser incorporados. Como melhorariam a escola? 		
		<p>45 min - Trabalho em grupos por idioma 35 minutos para discussão e 10 minutos para síntese em cada grupo que se apresentará na plenária seguinte.</p>	Documento de trabalho O. 2. Slides para anotações e apresentações	
8:45 a 8:55	Recesso	10 min - Recesso		
8:55 a 9:40	Nossa Experiência na IFOS: Plenária sobre o que foi trabalhado nos grupos	<p>Plenária (de 45 min no total) para a exposição do que foi trabalhado. Se convoca a apresentar o que foi trabalhado usando os slides que prepararam. Cada tema tem 20 minutos. O enfoque é poder identificar os aprendizados que podemos ter da nossa experiência na IFOS como uma prática que estamos avaliando e da qual estamos fazendo uma pequena sistematização.</p>		Facilitadoras/es gerais
		<p>20 min - 1 grupo em espanhol (#1 y #6 juntos) / 1 grupo em inglês (#2) / 1 grupo em português (#5) - 5 minutos por grupo. que trabalharam:</p> <ul style="list-style-type: none"> Metodologia Facilitação <p>Perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Qual seria sua avaliação sobre a metodologia e a facilitação do desenvolvimento das oficinas da Escola? Que desafios enfrentaram como participantes, o que vocês melhorariam e que outros elementos poderiam ser incorporados? 	Slides para anotações e apresentações	Grupos de trabalho

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		<p>20 min - 1 grupo em espanhol (#8) / 1 grupo em francês (#4) / 1 grupo em árabe (#3) / 1 grupo em inglês (#7) - 5 minutos por grupo, que trabalharam:</p> <ul style="list-style-type: none"> Objetivos políticos e conteúdo Impacto da escola nas participantes e organizações <p>Perguntas:</p> <ul style="list-style-type: none"> Qual seria sua avaliação do êxito dos objetivos políticos e conteúdo desenvolvido na Escola? Tem algum tema que esperavam que tivesse sido discutido e não foi? Que outros elementos podem ser incorporados? Como melhorariam a Escola? 	<ul style="list-style-type: none"> Diapositivas para tomar notas y presentación 	Grupos de trabalho
		<p>5 min - As/es facilitadoras/es pegam alguns elementos importantes ou ideias força que foram mencionadas e abre um espaço de troca entre as/es participantes.</p>		Facilitadoras/es gerais
9:40 a 9:55	Nossa experiência na IFOS: Intercâmbio	15 min - Intercâmbio entre participantes para identificar o que aprenderam.		Participantes
9:55 a 10:00	encerramento	<p>Pede-se que leia as páginas 15 a 26 do ebook, quem tiver recebido as senhas, guardem para acessar o site.</p> <p>Que as/es participantes tragam velas para a mística do segundo dia.</p>		Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
SEGUNDA SESSÃO: 7 DE JUNHO				
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	A equipe de intérpretes, Facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadores e comissão de misticismo entram para garantir os detalhes de cada ponto da agenda. Teste de som com a equipe de interpretação Equipe de intérpretes: Renomear-se: INTER [idio 1] <> [idio 2] [nome] ADMIN INTER [idio 1] <> [idio 2] [nome]	Agenda da sessão Grupos pequenos	
6:30	<ul style="list-style-type: none"> Boas-vindas às/es participantes Registro de participantes. 	Abre-se a sala para ingresso das/es participantes para seu registro e garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera Boas-vindas e mística de abertura. Claire abre e convida todas/es as/es participantes a acenderem as velas.	Google doc para o registro Música Mensagem de boas-vindas Agenda em canva	
7:00 a 7:10	Mística	Ela invoca nossas ancestrais, incluindo Berta Cáceres, nossa ancestral da escola, e apresenta o vídeo de Bertha Zúniga no qual ela fala sobre o trabalho pedagógico de Berta Cáceres.	8:00 min Video de Bertha Zúniga sobre a pedagogia de Berta Cáceres	Comissão de mística
7:10 a 7:30	Abertura Síntese	10 min - Síntese do dia anterior A comissão de síntese apresenta a síntese dos elementos que as/es companheiras/es apresentaram	Síntese entre sessões	Comissão de síntese
		10 min - Algum outro elemento vivido importante que não tenha sido dito? Dê 10 minutos para adicionar quaisquer outros elementos não ditos. 2 ou 3 participações		Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
7:30 a 7:45	Apresentação a partir da coordenação e das equipes de trabalho da Escola	15 min - Plenária: Retomar a experiência Com base no que as/es companheiras/es colocaram, explicar as razões de por que se fez, como se fez, os desafios e as aprendizagens. Sobre a base da pág. 15 a 26 do ebook Aspectos gerais da Escola: Escola como processo e como ferramenta para fortalecer o movimento e a construção do sujeito político local e global . O que queremos ganhar, qual é o enfoque político e metodológico. Educação popular feminista e decolonial toma em conta a realidade e volta pra ela. Fazer por zoom foi um desafio mas aprendemos. A organização envolvida e apoio técnico. Papel das facilitadoras. Onde estão os materiais (página web), critérios para usá-los. Lista para preparação antes da oficina.	2:20 min - IFOS vídeo Apresentação sobre a Escola	Facilitadoras/es gerais
		40 min - Forum em técnica de entrevista com as/es participantes em três rodadas, para complementar a discussão do que fizemos na Escola desde o processo político, sua metodologia, materiais e organização interna a partir das que o desenvolveram Equipe política (Radical Hope) - LYDIA (português) 1. Qual foi o acompanhamento que se fez da Escola nas reuniões de coordenação?		Facilitadoras/es gerais
7:45 a 8:55	Forum: Entrevistas sobre experiências e aprendizagens			Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		2. Quais foram os aprendizados que ficaram da experiência? 3. A partir da sua experiência do acompanhamento político, que conselhos daria para as novas experiências que haverão.		
		Equipe de metodologia - GINA (espanhol) 1. Quais foram os objetivos que tiveram durante a fase de acompanhamento do desenvolvimento da Escola? 2. Que aprendizagens te deixou a experiência? 3. Que conselhos daria para tomar em conta a metodologia das escolas?		Facilitadoras/es gerais
		Equipe de organização logística e técnica - SAMUDRA (inglês) 1. Quais foram os desafios que enfrentaram na organização da Escola? 2. O que aprendeu? 3. Que conselhos daria para tomar em conta quando estivermos organizando um processo formativo		Facilitadoras/es gerais
		Equipe de facilitadoras/es - CINDY (inglês) 1. Que desafios você enfrentou para facilitar a oficina sobre Estado e democracia? 2. Que aprendizagens te deixou? 3. O que você faria melhor e que conselhos você daria quando estivermos preparando uma metodologia de oficina?		Facilitadoras/es gerais
		20 min - Perguntas das/es participantes às expositoras		Facilitadoras/es gerais
		10 min - Conclusões		Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
8:55 a 9:45	Fazer novas propostas a partir de nossas realidades e nossos conhecimentos	5 min - Instruções para o exercício para começar a pensar em um processo formativo que iremos desenvolver como prática, um processo contextualizado localmente. Trabalho em 15 pequenos grupos região/idioma grupos de prática Critérios Idioma, diverso na região geográfica, uma ou duas pessoas com experiência, 8 a 10 pessoas 45 min - Por grupos por idioma desenvolvemos uma proposta de processo formativo colocando em prática alguns elementos políticos discutidos na oficina. Com esse marco político, começamos a desenvolver uma proposta de oficina sobre um tema da escola Berta Cáceres e seu guia metodológico.	Documento de trabalho contínuo: Proposta para um processo de treinamento	Facilitadoras/es gerais
			15 Grupos pequenos por idioma	Grupos de trabalho
9:45 a 9:55	Avaliação	Pede-se que leiam o documento: <ul style="list-style-type: none"> Educação popular feminista. Educação popular feminista decolonial de Claudia Korol Educação popular de Ranulfo Peloso Avaliação da oficina, por idioma. O link para os slides será compartilhado para posicionamento ou você será solicitado a escrever no bate-papo do zoom.	Avaliação através do mentimeter	Facilitadoras/es gerais
9:55 a 10:00	Encerramento	Despedimos a reunião e lembramos a próxima para os dias 20 e 21 de junho.	Música	Facilitadoras/es gerais

ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA 'BERTA CÁCERES'
OFICINA N.º 3
EDUCAÇÃO POPULAR FEMINISTA DECOLONIAL: UMA CONCEPÇÃO PRÁTICA PARA
DESPERTAR CONSCIÊNCIAS
6 HORAS EM DUAS SESSÕES, 20 E 21 DE JUNHO DE 2022

Objetivo: Aprofundar nos conhecimentos teórico-práticos da Educação Popular feminista decolonial a partir dos conhecimentos acumulados nas Américas e nas organizações aliadas e integrantes da Escola Internacional para a Organização Feminista “Berta Cáceres”.

- O que é a Educação Popular feminista decolonial.
- Refletir sobre como gerar uma metodologia de acordo com as/es participantes, os tempos e a forma de trabalho.
- Os processos formativos e sua importância permanente.
- Compartilhar as experiências.

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
PRIMEIRO DIA 20 DE JUNHO				
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entram a equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística entra para garantir detalhes de cada ponto da agenda. <ul style="list-style-type: none"> • Passagem de som com a equipe de interpretação. • Equipe de intérpretes: Renomeie-se. 	Agenda da sessão Grupos pequenos	
6:30	<ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas as/es participantes. • Inscrições de participantes. 	Se abre a sala para a entrada das/es participantes para seu registro e para garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para a inscrição Música Mensagem de boas-vindas Agenda no canva Whatsapp: Lembretes sobre os canais de interpretação no chat	

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
7:00 às 7:03	Boas-vindas e objetivos e enfoques da oficina	Na plenária se dá as boas-vindas as/es participantes e se explica o que queremos conseguir nesta oficina.		Facilitadoras/es gerais
7:03 às 7:20	Mística	<p>Roteiro para a mística Altar, saudações à terra, água, ar, ao fogo e nossas plantas medicinais.</p> <p>Ponto 1: Yasmin (espanhol) - altar. Ponto 2: Piper (inglês) - saudações aos 4 elementos. Ponto 3: Sophie (inglês) - imagem de plantas medicinais.</p>	Pontos 1,2,3: slides	Comissão de mística.
		Ponto 4: Sophie (inglês) apresenta o vídeo da luta feminista contra a violência: “El violador eres tú”.	Ponto 4. 2:21 min - Vídeo As Teses	Comissão de mística.
		Ponto 5: Teeba (árabe) apresenta os vídeos sobre a história da Palestina e a luta das mulheres palestinas.	Ponto 5 b. 1:24 min Tarweedeh Schmaali: Canção de luta das mulheres palestinas Ponto 5 c. 1:35 min - Canção “História de Palestina”	Comissão de mística.
		Ponto 6: Yasmin - convida a dizer slogans nos seus próprios idiomas para Claire (inglês), Piper (inglês), Teeba (árabe), Sophie (inglês), Sylvia (espanhol).		Comissão de mística.
		Ponto 7: Sylvia (espanhol) - fecha a mística com um chamado para fortalecer a luta ao colonialismo, as violências, a discriminação, o feminicídio e desaprender o que temos.		Comissão de mística.

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
7:20 às 7:30	Síntese da oficina anterior	Se compartilha os elementos importantes da oficina anterior para conectá-los com esta oficina.	Síntese de 6 de junho (O. 2)	Comissão de síntese.
7:30 às 7:40	Reflexão metodológica da oficina passada	Em plenária: Se explica a metodologia que se usou na oficina anterior para tecer o desenvolvimento da escola com o que se está aprendendo.	Reflexão metodológica sobre a oficina 3.	Facilitadoras/es gerais.
7:40 às 8:00	Educação Popular feminista decolonial	20 minutos no total: 3 min - Neste momento começaremos a aprofundar nossos conhecimentos sobre a Educação Popular e a Educação Popular feminista e decolonial a partir de conhecimentos e reflexões que as companheiras nos apresentarão. Iniciaremos pela Educação Popular.	Mentimeter para a plenária	Facilitadoras/es gerais.
		2:26 min - Vídeo Que elementos tem a educação popular na perspectiva de Paulo Freire (Brasil). Indica-se que o conteúdo consta do documento enviado: Ranulfo Peloso sobre Educação Popular. O documento é compartilhado novamente no chat do zoom.	Comissão de comunicação Escola Mesoamericana 2020 Vídeo da Escola Mesoamericana Ranulfo Peloso sobre Educação Popular	Facilitadoras/es gerais.
		12 min Escrever no Mentimeter/ chat do zoom. Que elementos nos deixa o vídeo? Que reflexões a apresentação sobre a Educação Popular produziu em mim?	Mentimeter	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
8:00 às 9:10	Outras contribuições para a Educação Popular feminista decolonial	60 minutos no total Mesa redonda (30 min): Falaremos sobre Educação Popular feminista e decolonial É feito na forma de uma entrevista fazendo as perguntas diretamente e perguntando se alguém quer contribuir com o que a outra companheira compartilhou. María Dolores Marroquín a partir de sua experiência da escola feminista em 7 minutos você pode compartilhar conosco: O que é a Educação Popular e Educação Popular feminista? Isabel Vinent a partir da sua experiência de desenvolvimento da escola, em 7 minutos pode compartilhar conosco: A quem se destina e o que pretende alcançar? Llanisca a partir da experiência da rede de educadoras/es e processos de formação em Cuba, em 7 minutos pode compartilhar conosco: Qual é o seu objetivo? Que elementos possui em sua metodologia (contexto, prática, concepção), teorização e nova prática? Rosa Negra (MST) a partir da experiência de educação popular no movimento camponês, em 7 minutos pode compartilhar conosco: Quais são os elementos que devemos ter em mente em nossos exercícios de Educação Popular aplicando a EPF?	Lista de perguntas	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		Diálogo (20 min) - Em seguida, na forma de diálogo entre as palestrantes para complementar. A quem quiser responder entre as palestrantes: Se falamos de uma Educação Feminista e decolonial, quais seriam os elementos novos que poderia ter?		Facilitadoras/es gerais
		20 min - Perguntas e contribuições das/es participantes		Facilitadoras/es gerais
9:10 às 9:15		INTERVALO		
9:15 às 9:57	Outras experiências Espaço de perguntas, respostas e aprofundamento por outras companheiras/es	35 min - Discussão coletiva para aprofundar, ampliar, compartilhar em plenária Com base na sua experiência que outros elementos você poderia compartilhar conosco? Companheiras/es de outras regiões são convidadas (intervenções de 3 min. cada uma).		Facilitadoras/es gerais e participantes
		5 min - Conclusão deste momento		
9:57 às 10:00	Encerramento	A reunião é dispensada e lembra-se que no dia seguinte retomaremos o que foi lido nos documentos sobre Educação Popular feminista, Educação Popular e Educação popular decolonial e que ideias trazemos.		Facilitadoras/es gerais
SEGUNDO DIA 21 DE JUNHO				
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entram a equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística para garantir detalhes de cada ponto da agenda. <ul style="list-style-type: none"> Passagem de som com equipe de interpretação. Equipe de intérpretes: Renomeie-se. 	<ul style="list-style-type: none"> Agenda da sessão Grupos pequenos 	

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
6:00 6:30	Boas-vindas as/es participantes. Inscrições de participantes.	Se abre a sala para a entrada das/es participantes para seu registro e garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	<ul style="list-style-type: none"> Google doc para a inscrição Música Mensagem de boas-vindas Agenda no Canva Lembretes sobre os canais de interpretação no chat 	
7:00 às 7:05		Boas-vindas / notícias sobre a sentença do autor intelectual do assassinato de Berta Cáceres. Explicação da metodologia do trabalho do dia. Acima de tudo estaremos trabalhando nos grupos para a prática e estaremos em plenária duas vezes, uma pequena para uma explicação sobre o guia metodológico e depois a última hora da oficina para compartilhar o que trabalhamos nos grupos. Será enviado todo o material de ontem, disponível no site da escola de facilitadoras.		Facilitadoras/es gerais
7:05 às 7:15	Mística	4:00 min - Sylvia López faz um exercício de cura com medicina natural. 5:10 min - Vídeo da Marcha Mundial das Mulheres.	Vídeo MMM	Comissão de mística
7:15 às 7:20	Síntese	Elementos que nos deixou o trabalho do dia anterior	Apresentação	Comissão de síntese
7:20 às 8:10	Grupos para a prática Trabalho em grupos de trabalho para dois momentos	35 min - Trabalho em grupos 10 min se explica o trabalho de grupos que tem como objetivo fazer com que as/es participantes compartilhem no grupo os elementos importantes para seu trabalho, que retomem tanto o que	Links para os docs de cada grupo de prática	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		leram como as contribuições das companheiras/es que participaram no dia anterior.		
		<p>Primeiro Momento 15 min - Identificar os elementos que retomamos do documento lido e das apresentações.</p> <p>Que elementos retomamos do que lemos nos documentos da Educação Popular feminista, da Educação Popular e das exposições das companheiras e que são úteis para nosso trabalho?</p>		Grupos de trabalho
		<p>Segundo Momento 15 min - Outros contributos dos nossos conhecimentos e experiências Quais outros elementos queremos contribuir para os nossos processos formativos? As respostas a esta pergunta estão escritas nos slides a serem compartilhados em plenária.</p>	Slides para tomar notas	Grupos de trabalho
8:10 às 8:15		INTERVALO		
8:15 às 9.00	<p>Grupos de prática</p> <p>Novas propostas baseadas nos nossos conhecimentos</p>	<p>45 minutos no total Antes de irmos para os grupos de prática, retomar e explicar nosso exercício da oficina anterior.</p> <p>10 min - Em plenária: Explicação metodológica de um guia da escola como exemplo.</p> <p>Se retoma o documento de trabalho que começamos a trabalhar na oficina anterior para continuar com as construções coletivas e definir o que estamos retomando das contribuições desta oficina. Se começa com o guia metodológico.</p>	Guia de exemplo em espanhol	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		<p>35 min - Trabalho em grupos de prática Nos mesmos grupos para a prática da oficina anterior se retoma o documento que iniciaram para continuar com a proposta. Tendo em conta o que se ouviu nas apresentações e o que se leu nos documentos, que outros elementos podemos incorporar no exercício que estamos construindo? Esses guias serão retomados nas próximas oficinas.</p>	Links para os docs de cada grupo de prática	Grupos de trabalho
9.10 a 9:55	Plenária para compartilhar	<p>55 min no total O que contribuimos para a plenária com base nas reflexões da EPF? Como estamos nos saindo no exercício que estamos fazendo? Dúvidas? O que nos ajudaria a seguir em frente? Os grupos compartilharão as novas contribuições que deram em relação à Educação Popular feminista e apresentarão os problemas que estão encontrando ao fazer o exercício. 3 min - Exposição de cada grupo Novas contribuições e problemas encontrados. 5 min - Conclusões deste espaço. Este é um trabalho em desenvolvimento, os elementos poderão ser levados em conta nas próximas oficinas e nos espaços de trabalho que serão realizados em cada oficina.</p>	Slides para a tomada de notas	Facilitadoras/es gerais e grupos de trabalho
9:55 a 10:00	Avaliação e encerramento	<p>Solicita-se que respondam ao formulário do Google para acompanhamento. A reunião é encerrada e a próxima data é lembrada para os dias 11 e 12 de julho. Ler o documento da SOF: Notas para uma visão metodológica.</p>	Avaliação em um formulário do Google	Facilitadoras/es gerais

ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA "BERTA CÁCERES"
OFICINA N.º 4
INTRODUÇÃO À FACILITAÇÃO
6 HORAS NO TOTAL - 11 E 12 DE JULHO DE 2022

Objetivo: Desenvolver uma compreensão de como se concebe o papel da/e facilitadora/e no processo formativo.

- O que é uma facilitadora/e
- O processo político de gerar processos formativos e planeamento das oficinas
- Seu papel nos processos formativos

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
PRIMERA SESIÓN: 11 DE JULIO				
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entra a equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística para assegurar detalhes de cada ponto da agenda. <ul style="list-style-type: none"> • Teste de som com equipe de interpretação. • Equipe de intérpretes: Renomear-se. • Pequeno grupo. 	Agenda da sessão Grupos pequenos	
6:30	<ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas as/es participantes. • Registro de participantes. 	Abre-se a sala para a entrada de participantes para fazerem seu registro e garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para o registro Música Mensagem de Boas-vindas Agenda em canva	
6:50	Justiça lingüística	Se designam as/es intérpretes.		
7:05 a 7:10	Início da oficina (5 min)	<ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas • Apresentação da agenda 	Roteiro	Facilitadoras/es gerais
7:10 a 7:30	Mística (20 min)	Se convida todas/es participantes a mostrar uma bandeira, uma roupa ou símbolo de sua luta e/ou um cartaz com seus slogans (o que foi pedido antes da oficina): Música de tambores de fundo. Depois de todas terem se apresentado, se compartilha a logo	Música de fundo: Tambores Logo da Escola	Comissão de mística

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		da Escola. Encerra com o grito da Marcha Mundial das Mulheres: “Seguiremos em marcha até que todas sejamos livres”.		
7:30 a 7:40	Síntese (10 min)	Nalú passa a palavra a Yohanka da comissão de síntese (é possível que se use um vídeo no seu lugar). Apresentação da síntese da oficina anterior.	Síntese O. 3 (documento) Áudio + imagem	Comissão de síntese
7:40 a 8:25	Plenária O papel das/es facilitadoras/es (45 min)	5 min - Introdução aos objetivos das duas sessões sobre facilitação.		Facilitadoras/es gerais
		10 min - Expressão e participação das/es participantes. Se convida às participantes a escreverem no Mentimeter 3 palavras sobre as características e habilidades que uma/e facilitadora/e ou educadora/e popular deve ter.	Mentimeter	Facilitadoras/es gerais
		30 min - Debate sobre as características e habilidades das facilitadoras/es ou educadoras/es populares. Encerramento		Facilitadoras/es gerais
8:25 a 8:30	Atividade energizante (5 min)	Trabalho corporal / energizante		Comissão de atividades energizantes
8:30 a 10:00	Grupos de trabalho (90 min)	5 min - Explicação do trabalho em grupo. A tarefa dos grupos será simbolizar ou representar em Jamboard a reflexão do grupo sobre a seguinte pergunta: Quais são as dificuldades e as coisas fáceis experimentadas nas experiências de facilitação na educação popular feminista? Guia para facilitadoras/es O. 4	Jamboard para O.4 6-7 grupos	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		<p>35 min - Trabalho em grupos: Para plasmar o que for pensado, as/es participantes tem a possibilidade de fazer um desenho ou outros elementos em jamboard.</p> <p>Guia para facilitadoras/es O. 4</p>	Jamboard para T.4	Grupos de trabalho
		<p>30 min Presentación de los grupos.</p>		Facilitadoras/es gerais
		<p>20 min Discussão em plenária sobre os resultados dos grupos. cierre</p>		Facilitadoras/es gerais
SEGUNDA SESSÃO: 12 DE JULHO				
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	<p>Entra a equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística para garantir detalhes de cada ponto da agenda.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Teste de som com equipe de interpretação. • Equipe de intérpretes: Renomear-se. • Grupo pequen^o. 	Agenda da sessão Grupos pequenos	
6:30	Boas-vindas às/es participantes. Inscrições de participantes.	Abre-se a sala para a entrada de participantes para fazerem seu registro e garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para o registro Música Mensagem de boas-vindas Agenda em canva	
6:50	Justiça lingüística	Se designam as/es intérpretes.		
7:00 a 7:05	Abertura (5 min)		Apresentação	Facilitadoras/es gerais
7:05 a 7:40	Exposição: Nossos desafios como facilitadoras/es (30 min)	20 min - Exposição Desafios como Facilitadoras/es: reflexão sobre o papel das/es facilitadoras/es ligadas/es à visão		Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		educação popular feminista.		
		10 min - Plenária: comentários e perguntas.		Facilitadoras/es gerais
7:40 a 9:00	Trabalho em grupos (80 min)	<p>40 min - Em grupos, discutir as seguintes perguntas:</p> <p>Guia para facilitadoras/es O. 4</p> <p>1. A partir dos acúmulos, reflexões, aprendizagens e experiências na Escola, na sua percepção, quais são os impactos em sua prática como educadora?</p> <p>2. Qual é sua avaliação sobre os desafios de aplicação da visão metodológica no formato online?</p>	Os mesmos 6-7 grupos do primeiro dia	Facilitadoras/es gerais
		30 min - Apresentação dos grupos		Grupos de trabalho
		10 min - Comentários		Facilitadoras/es gerais
9:00 a 9:05		RECESSO		
9:05 a 9:55	Apresentação: Reflexão sobre as práticas (50 min)	<p>20 min - Apresentações de experiências de formação online, com ênfase nos desafios para a facilitação.</p> <p>2. Tica MMM Brasil (português)</p> <p>3. Telegram: Yaima Alomar, Galfisa - video (espanhol)</p> <p>1. Companheiras de Zahra Awaly, WMW Líbano - video (inglês)</p>		Facilitadoras/es gerais
			Yaima (video)	
			Zahra (video)	

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		30 min - Compartilhar outras experiências. Conclusão da oficina		Facilitadoras/ es gerais
9:55 a 10:00	Avaliação e encerramento (5 min)	5 min - Avaliação em Google Form e encerramento. Se despede a reunião com o lembrete da próxima oficina com datas de 25 e 26 de julho sobre materiais e técnicas. Pede-se que leiam o documento de Yohanka sobre como fazer uma síntese e um documento sobre os momentos do guia metodológico.	Links para a avaliação	Facilitadoras/ es gerais

ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA "BERTA CÁCERES"
OFICINA N.º 5
NOVAS PROPOSTAS PARA FACILITAR AS OFICINAS DA IFOS
6 HORAS - 25 E 26 DE JULHO DE 2022

Objetivo: Conhecer, propor e discutir várias formas de desenvolver uma oficina, ordenando no guia metodológico, e conhecer novas ferramentas para o desenvolvimento dos conteúdos da Escola Internacional para a Organização Feminista "Berta Cáceres".

- Fortalecer o conhecimento dos elementos a ter em conta para organizar um processo e oficina de formação.
- Conhecer e obter ferramentas virtuais para desenvolver os conteúdos da Escola.
- Fazer prática do uso das ferramentas.
- Refinar as metodologias trabalhadas nas oficinas anteriores para especificar as formas de desenvolver a escola e/ou suas oficinas.

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
PRIMEIRO DIA 25 DE JULHO				
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entram a equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística para garantir detalhes de cada ponto da agenda. <ul style="list-style-type: none"> • Passagem de som com a equipe de interpretação. • Equipe de intérpretes: Renomeie-se. 	Agenda da sessão Pequenos grupos	
6:30	<ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas as/es participantes. • Inscrições de participantes. 	Se abre a sala para a entrada das/des participantes para seu registro e para garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para inscrição Música Mensagem de boas-vindas Agenda no Canva	
7:00 às 7:03	Início da oficina (3 min)	Boas-vindas e explicação da agenda da oficina.		Facilitadoras/ es gerais
7:03 às 7:23	Mística (20 min)	Objetivo: Fortalecermos na luta compartilhando alegria e palavras de força e compromisso na coletividade.	Roteiro	Comissão de Mística
		3 min - Sophie convida à dança e à alegria.	Música de tambores	Comissão de Mística

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		<p>3 min - Piper convida as companheiras/es das regiões a compartilhar um slogan (30 seg. cada uma):</p> <ul style="list-style-type: none"> • Da região da Ásia: Asma Aamir (Paquistão) - (inglês) • Da região da MENA: Souad Mahmoud (Tunísia) - (francês) • Da região da Europa: Yildiz Temürtürkan (Turquia) - (inglês) • Da região da África: Kaouther Abbes (África do Sul) - (inglês/francês/árabe) • Da região das Américas: Cedar Gillette (EUA) - (inglês) 		Comissão de Mística
		<p>12 min - Sylvia convida você a compartilhar no Mentimeter uma palavra de força e compromisso para todas/es.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Yasmin lê as mensagens em espanhol. • Claire lê as mensagens em inglês. • Teeba lê as mensagens em árabe. • Emilia lê as mensagens em francês. • Nzira lê as mensagens em português. • 10 minutos - Retomar o que desenvolvemos nas oficinas anteriores e girá-lo. 	Mentimeter	Comissão de Mística
7:23 às 7:33	Síntese (10 min)	10 minutos Nosso caminho na escola:	Apresentação em áudio (2 arquivos)	Comissão de Síntese
7:33 às 8:35	Elementos para o planejamento de uma oficina (62 min)	Até agora aprendemos com nossa prática na Escola Berta Cáceres. Lemos, aprendemos e discutimos sobre Educação Popular feminista decolonial Lemos e discutimos sobre o que uma facilitadora deve levar em conta para desenvolver os processos de formação e suas oficinas.	Documento de síntese O. 4 Apresentação Nosso caminho na escola	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		<p>20 minutos Guia Metodológico 1. Apresentação dos momentos expressos em um guia metodológico e sua explicação político-pedagógica. Agora vamos retomar ao guia metodológico que complementa o que explicou Carmen na oficina 3.</p> <p>Usando um guia metodológico de uma oficina são explicados os momentos definidos na oficina e por quê.</p>	Guia metodológico de exemplo	Facilitadoras/es gerais
		2. Elementos a retomar para a explicação.		Facilitadoras/es gerais
		<p>3. Momentos essenciais da oficina: Recuperação dos saberes (30min.): conhecer o grupo, o que elas/es sabem sobre o tema (partir delas/es).</p> <ul style="list-style-type: none"> • Teoria (20 min.-30 min.): desenhos -> auxiliares de ensino por seções para explicar gradualmente o tema em vídeos curtos (5 min.). Discussão. • Prática: Exercícios de construção coletiva de propostas segundo o tema. <p>Enquadramento, técnicas participativas, síntese dos debates e avaliação.</p>	Documento complementar à explicação do guia metodológico	Facilitadoras/es gerais
		20 minutos Diálogo, esclarecimentos, perguntas e respostas		Facilitadoras/es gerais
		15 minutos Complementar os elementos de facilitação da última oficina Abrangência de todos os momentos da oficina. Mística, música, entradas e saídas. O que fazemos quando há temas		Facilitadoras/es gerais e participantes

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		difíceis de serem discutidos, quando os planejamos e quando surgem no decorrer da oficina?		
8:35 - 8:40		INTERVALO		
8:40 às 9:35	Planejando nosso retorno à prática com novas ferramentas (80 min)	Levando em conta o que discutimos e aprendemos, retomamos a experiência da Escola para a nova prática. Começaremos explicando o uso de algumas ferramentas usadas na escola.		Facilitadoras/es gerais
		40 minutos Exercícios em plenária: Como preparamos e usamos o Mentimeter e o Jamboard nas oficinas.	Links	Facilitadoras/es gerais
		15 minutos Como usamos o Canva para as apresentações.		Facilitadoras/es gerais
9.35 às 9:55		25 minutos (para os seguintes 3 temas): 1. Ferramentas práticas para o desenvolvimento das oficinas da escola. Apresentação de alguns materiais para o desenvolvimento das oficinas da IFOS: Os links das ferramentas são colocados no chat do zoom para que possam utilizá-las se acharem adequado e possível.	Proposta de novas técnicas participativas para o desenvolvimento dos temas. Ferramentas visuais interativas	Facilitadoras/es gerais
		2. Se apresenta o link dos materiais de alforjes para as organizações em espanhol.	Outros recursos de técnicas pedagógicas: a) Técnicas pedagógicas - Red Alforja (ESP) b) Recursos para a formação e comunicação - Red Alforja (ESP)	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		3. Apresentação de alguns materiais para o desenvolvimento das oficinas da IFOS: São colocados no chat do zoom os links das ferramentas para que possam utilizá-las se considerarem oportuno e possível.	c) Ferramenta do Movimento do Poder Constituinte “Roda da fortuna” d) Exercício “Roda da fortuna” para a escola: Perguntas para o exercício roda da fortuna	Facilitadoras/es gerais
9:55 às 10:00	Encerramento (5 min)	Se pede as/es companheiras/es que revisem as ferramentas durante o dia para que no dia seguinte sejam esclarecidas as dúvidas quanto a sua utilização.		Facilitadoras/es gerais
SEGUNDO DIA 26 DE JULHO				
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entram a equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística para garantir detalhes de cada ponto da agenda. • Passagem de som com a equipe de interpretação. • Equipe de intérpretes: Renomeie-se.	Agenda da sessão Pequenos grupos	
6:30	Boas-vindas as/es participantes Inscrições das participantes.	Se abre a sala para a entrada das/des participantes para seu registro e para garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para inscrição Música Mensagem de boas-vindas Agenda no Canva	
7:00 às 7:03	Abertura	Abertura da segunda sessão da oficina.		Facilitadoras/es gerais
7:03 às 7:08	Mística (5 min)	Mística de abertura: 1. Claire abre com uma canção e no final passa a palavra à Sylvia.		Comissão de Mística

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		2. Sylvia entra com a saudação aos quatro pontos cardeais e a saudação à Mãe Terra e ao coração do céu. 3. Compartilhar a mensagem das mulheres do Afeganistão.	Mensagem do Afeganistão (compartilhar mensagem no chat):	Comissão de Mística
7:08 às 7:10	Retomando o que fizemos no dia anterior	Em preparação para desenvolver oficinas, compreender o guia metodológico e ter algumas ferramentas que podemos usar em uma oficina para aprofundar a análise da realidade ou compartilhar conhecimentos e discutir como nos fortalecer.		Facilitadoras/es gerais
7:10 às 7:40	(10 min) Como fazer uma síntese	30 minutos no total 10 min - Yohanka: Como fazer uma síntese	Apresentação de Marilys Apresentação de Yohanka	Facilitadoras/es gerais
		20 min Perguntas e respostas		Facilitadoras/es gerais e participantes
7:40 às 8:40	Espaço de criatividade (60 min)	5 minutos Tendo em conta a revisão que fizeram as/es participantes das ferramentas e a última apresentação que se fez na presente sessão, convidamos as companheiras a compartilhar sobre o que pensaram e sobre como usar as ferramentas.	Documento das ferramentas: Propostas de novas técnicas participativas para o desenvolvimento dos temas.	Facilitadoras/es gerais
		55 minutos - plenária: Se abre o espaço de criatividade para que as/es companheiras/es possam pensar como usar as ferramentas e apresentar algumas propostas. Quais ferramentas você achou úteis e por quê? Quais não são apropriadas e por quê?	Outros recursos de técnicas pedagógicas: a) Técnicas pedagógicas - Rede Alforja (ESP) b) Recursos para a formação e comunicação	

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
			- Rede Alforja (ESP) c) Ferramenta do Movimento do Poder Constituinte "Roda do azar" d) Exercício "Roda do azar" para a escola: Perguntas para o exercício roda do azar	
8:40 8:45		INTERVALO		
8:45 à 9:30	Grupos de prática: Elaboração do nosso guia usando os materiais que nos foram apresentados (50 min)	50 minutos Grupos de prática: (Mostrar no chat) Se explica os grupos de trabalho. Nos grupos que temos trabalhado se discute, usando as ferramentas de trabalho, qual o tema que poderia ser desenvolvido e escrever o seu guia metodológico.	Links para os documentos de cada grupo Guias e planos Roteiro já iniciado na oficina: Links para cada grupo	
9:35 às 9:50	Reflexão metodológica (20 min)	Plenária: Na plenária temos um diálogo para falar sobre o que temos aprendido até agora e os desafios que enfrentamos.		
9:50 às 9:57	Avaliação (7 min)	Solicita-se que respondam ao formulário do Google Drive para dar acompanhamento.	Avaliação no formulário do Google	
9:57 às 10:00	Encerramento (3 min)	A reunião é dispensada e nos próximos dias 8 e 9 de agosto é lembrada para falar sobre mediação pedagógica. Documento sobre como fazer desenhos que sintetizam ideias.		

ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA "BERTA CÁCERES"
OFICINA N.º 6
MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA, UMA FERRAMENTA PARA A EDUCAÇÃO POPULAR
6 HORAS - 8 E 9 DE AGOSTO DE 2022

Objetivo: Partindo da experiência na Escola Internacional para Organização Feminista “Berta Cáceres”, contaremos com elementos práticos para a elaboração de materiais para os processos formativos comunitários.

- O que é a mediação pedagógica.
- Elementos para tomar em conta nos processos formativos.
- Desenvolvimento da criatividade com propostas próprias.

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
PRIMEIRO DIA: 8 DE AGOSTO				
6:00 a.m.	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entram as equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística para garantir detalhes de cada ponto da agenda. Renomear-se: INTER [idio 1] <> [idio 2] [nome] Teste de som.	Agenda da sessão	
	Links para as apresentações.	Enviar os links das apresentações do dia nos chats de WhatsApp.	Lista de links	
6:30 a.m.	Boas-vindas às/es participantes. Inscrição de participantes.	Abre-se a sala para a entrada de participantes para fazerem seu registro e garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para o registro Música Mensagem de boas-vindas Agenda	
7:00 a 7:05	Início da primeira sessão da oficina (5 min)	Boas-vindas Explicação do objetivo da oficina		Facilitadoras/es gerais
7:05 a 7:25	Mística (20 min)	1. Dirigida pela Vía Campesina Focalizar na Milvian e na Sylvia que acompanha com o incenso	Roteiro Slides com velas	Comissão de mística
		2. Focalizar na Milvian e em quem ela convidar. Milvian mostra o altar e diz o significado do dia e convida a	Focalizar em cada pessoa que for convidada para acender uma vela.	Comissão de mística

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		acender as velas explicando o significado de cada uma. Ela acende a vela vermelha. a. Convida a Mariami para acender a vela roxa b. a Claire para acender a vela amarela c. a Sophie para acender a vela branca d. a Teeba para acender a vela verde e. a Sheelu a acender la vela azul		
		3. Apresentar a colagem de fotografias das companheiras dando uma oficina, desenhos	Projetar a colagem de fotos	Comissão de mística
		4. Canta-se o hino da Internacional e compartilha-se o link no zoom.	A internacional: Letra em espanhol Letra em francês e inglês compartilhar no chat	Comissão de mística
		5. Grito da Vía Campesina		Comissão de mística
7:25 a 7:35	Síntese (10 min)	Apresentação da síntese da oficina anterior	Apresentação	Comissão de síntese
7:35 a 8:15	Apresentação do trabalho de propostas (40 min)	40 min: Plenária Abre-se o espaço para escutar alguma da propostas trabalhadas	Propostas das/es companheiras/es	Facilitadoras/es gerais e participantes
8:15 a 8:20		RECESSO		
8:20 a 9:25	Mediação pedagógica (65 min)	Apresentações: 10 min - Introdução ao tema e sua importância: Contexto, conhecimento situado e formas pelas quais aprendemos.	Gravação de voz de Gina	Facilitadoras/es gerais
		55 min - Aprendizagem de novos elementos para o desenvolvimento de processos formativos. Apresentação de Emily.	Slides Documento escrito	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
9:25 a 9:55	Compartilhar a experiência das participantes em elaboração de materiais (30 min)	Plenária: com base no que foi compartilhado pela comissão de metodologia e pela Emily, o espaço é aberto para a troca de experiências, esclarecimento de dúvidas e reflexões.		Facilitadoras/es gerais
9:55 a 10:00	Encerramento e tarefas para o próximo dia (5 min)	Fechar o espaço pedir que se faça uma prática com algum material para ser apresentado no dia seguinte. Documento guia da tarefa.	Documento guia: Convite para explorar e responder	Facilitadoras/es gerais
SEGUNDO DIA: 9 DE AGOSTO				
6:00	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entram as equipe de intérpretes, facilitadoras/es, equipe técnica, apresentadoras/es, comissão de mística para garantir detalhes de cada ponto da agenda. Renomear-se: INTER [idio 1] <> [idio 2] [nome] teste de som.	Agenda da sessão	
	Links para as apresentações	Enviar os links das apresentações do dia nos chats de WhatsApp	Links dos docs de cada grupo de prática	Equipe técnica
6:30	Boas-vindas as/es participantes. Registro de participantes.	Abre-se a sala para a entrada de participantes para fazerem seu registro e garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para o registro Música Mensaje de boas-vindas Agenda	
7:00 a 7:10	Início da segunda sessão da oficina: Mística (10 min)	1. Colagem com a imagem com as bandeiras dos países/territórios que estamos participando e as/es participantes mostram as bandeiras de suas organizações.	Projetar a colagem de bandeiras	Comissão de mística
		2. Canção cantada por Sophie. Minha mãe era uma menina da cozinha Meu pai era um menino jardineiro É por isso que eu sou uma feminista	Sophie canta a canção Se coloca a letra da canção no chat do zoom e	Comissão de mística

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		É por isso que eu sou uma feminista	no WhatsApp	
		3. Grito de encerramento: Com feminismo construímos socialismo		Comissão de mística
7:10 a 8:00	Apresentação da nossa prática (50 min)	Plenária: 5 min - Lembrando o que fizemos no dia anterior.		Facilitadoras/es gerais
		45 min - Apresentação do que foi trabalhado por algumas das/es participantes.		Facilitadoras/es Gerais
8:00 a 9:10	Alguns elementos da prática de como fazer materiais (70 min)	50 min Apresentação: - 15 min. de apresentação - 35 min. de criatividade	Exemplos de processos de visualização coletiva Música de fundo Documento: Convite a explorar e responder	Facilitadoras/es gerais
		20 min - Discussão em plenária		Facilitadoras/es gerais
9:10 a 9:55	Grupos: Propostas para a volta à prática (45 min)	45 min - Grupo de trabalho para a prática O tempo é para avançar nas propostas e considerar a elaboração de materiais de acordo com a apresentação da oficina.	Links para os docs de cada grupo de prática	Grupos de trabalho
9:55 a 9:58	Avaliação (3 min)	Avaliação da reunião.	Formulário de Google	Facilitadoras/es gerais
9:58 a 10:00	Encerramento (2 min)	Encerra-se a reunião lembrando da próxima data de 22 e 23 de agosto. Ler as páginas do ebook que será enviado. Explicar o que faremos nas oficinas finais para que se preparem: 1. Escrever suas reflexões sobre as aprendizagens das oficinas da Escola e nos enviar antes ou	Música	Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		depois da oficina. 2. Os grupos que não tiverem apresentado seu trabalho, o farão nas duas últimas oficinas.		

**ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA A ORGANIZAÇÃO FEMINISTA 'BERTA CÁCERES'
OFICINA N°. 7
ORGANIZAÇÃO E LOGÍSTICA DOS PROCESSOS OU AÇÕES FORMATIVAS
3 HORAS - 22 DE AGOSTO DE 2022**

Objetivo: Trocar criticamente as experiências organizacionais e logísticas a partir da prática em diferentes partes do mundo para aprender com elas.

- Diversas experiências organizacionais.
- Experiência organizacional da IFOS e da Escola para Facilitadoras/es.

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
6:00 a.m.	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entram as equipes de interpretação e técnica, es/as facilitadoras e apresentadoras e as/es de mística para garantir detalhes de cada item da agenda. <ul style="list-style-type: none"> • Renomear: INTER [idioma 1] <> [idioma 2] [nome] • Passagem do som. 	Lista de links	
6:30 a.m.	Compartilhar nos chats	Compartilhar nos chats de WhatsApp por idioma os documentos sobre as experiências em formação política que tenham sido enviados.	Links	
6:30 a.m.	Boas-vindas as/es participantes. Inscrições de participantes.	Se abre a sala para a entrada das/des participantes para seu registro e para garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmera.	Google doc para inscrição Música Mensagem de boas-vindas Agenda	
7:00 às 7:03	Início da primeira sessão da oficina (5 min)	<ul style="list-style-type: none"> • Boas-vindas • Explicação do objetivo da oficina 		Facilitadoras/es gerais
7:03 às 7:27	Mística (25 min)	10 min - a região MENA fará a mística	Roteiro Videos	Comissão de mística
		15 min - se abre o espaço para discussão sobre a mística		Facilitadoras/es gerais

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis		
7:27 às 7:37	Síntese	A síntese é apresentada	Gravação	Comissão de síntese		
7:37 às 9:35	Aprendendo com outras experiências de processos formativos (118 min)	5 min - Compartilhar de maneira crítica as diversas experiências do ponto de vista organizacional para aprender com outras práticas e como a escola as/es ajudará.	Documento: Experiências de formação política	Facilitadoras/ es gerais		
		Se convida as companheiras/es dos processos mencionados para que compartilhem a experiência e os desafios que tiveram na vertente organizacional e logística.				
		Teremos 75 min (no total) para conhecer outras experiências: Que aspectos organizacionais podem destacar? Que equipes formaram e qual foi a sua lógica organizacional? O que funcionou e o que não funcionou e quais foram os desafios? Sugestões a ter em conta?				
		Apresentação das experiências dos seguintes processos:				
		17:35 min - Cuba: Encontros emancipatórios no Telegram (Yaima)			Áudio da apresentação de Yaima (Segunda parte)	Facilitadoras/ es gerais
		15 min - Organização de processos de formação no Kenia (Sophie)				Facilitadoras/ es gerais
		15 min - Organização de uma escola na região dos Balcãs (Zeynep)				Facilitadoras/ es gerais
15 min - Formação da Escola feminista para mulheres dos Povos Indígenas no IEN, EUA (Simone)		Facilitadoras/ es gerais				
15 min - Escola Ecofeminista “Mulheres defendendo o Território	Documento com respostas	Facilitadoras/ es gerais				

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		Corpo-Terra” (Norma).		
		38 min - Espaço para dialogar com as experiências e comentar suas próprias experiências de formação.		Facilitadoras/ es gerais
9:35 às 9:55	Contribuições a partir da experiência da IFOS e da Escola para Facilitadoras/es (20 min)	10 min - Experiências da Escola para Facilitadoras/es São compartilhados elementos importantes a serem levados em conta para a organização e logísticas de processos formativos. Como fizemos isso?	Apresentação Vídeo: Reflexões da equipe de justiça linguística (ENG) (3:40 min)	Facilitadoras/ es gerais
		10 min - Perguntas		Facilitadoras/ es gerais
9:55 9:57	Avaliação (2 min)	Avaliação da reunião	Avaliação no formulário Google	Facilitadoras/ es gerais
9:57 10:00	Encerramento Mística de encerramento da sessão (3 min)	Comunicado: Será feito um espaço para um desenho e uma música se forem preparados Mística	Roteiro Vídeo de Honduras	Facilitadoras/ es gerais

ESCOLA PARA FACILITADORAS/ES
DA ESCOLA INTERNACIONAL PARA ORGANIZAÇÃO FEMINISTA 'BERTA CÁCERES'
OFICINA N.º 8
ESPAÇO ABERTO PARA ESCLARECER, REVISAR E CONSTRUIR COLETIVAMENTE
3 HORAS - 23 DE AGOSTO DE 2022

Objetivo: Criar um espaço aberto para retomar os temas que precisamos aprofundar.

- Fazer uma revisão do que vimos, aprendemos, dissemos e criamos.
- Espaço para compartilhar, conhecer propostas e compartilhar.
- Encerramento da escola

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
6:00 a.m.	Revisão da organização geral: agenda, interpretação, mística, notas, tempo.	Entram as equipes de interpretação e técnica, as/es facilitadoras/es e apresentadoras/es, e as/es companheiras/es de mística para assegurar detalhes de cada ponto da agenda. Renomear-se: INTER [idíio 1] <> [idíio 2] [nome] Teste de som.	<ul style="list-style-type: none"> • Lista de links 	
6:30 a.m.	Boas-vindas às/es participantes. Inscrição de participantes	Abre-se a sala para entrada das/es participantes, para registrar e garantir que tenham uma boa conexão, microfone e câmara.	Google doc para o registro Música Mensagem de boas-vindas Agenda	
7:00 a 7:03	Início da oficina (3 min)	Boas-vindas e explicação do objetivo da reunião.		
7:03 a 7:08	Mística (5 min)	5 min - Yasmin desenvolverá a mística de abertura do dia com um poema ou canção e consignas. (Explicar brevemente do que se trata o poema ou canção).	Roteiro poema El Bosque	Comisión de mística
7:08 a 7:35	Grupos de praxis Revisão, contribuições e partilhas. (27 min)	27 min - Se abrem os grupos para a prática para que retomem as propostas construídas e aprofundar a partilha de criatividade.	Links para os docs de cada grupo de prática	Facilitadoras/es gerais
7:35 a 8:30	Plenária: Propostas de continuidade da escola	55 min - Plenária: Se apresentam algumas das propostas elaboradas com seus	Várias participações	Facilitadoras/es gerais y participantes

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
	(55 min)	objetivos políticos e alguns elementos importantes a compartilhar.		
8:30 a 8:35	Recesso		Canção	Equipe técnica
8:35 a 9:10	Falemos sobre nossa experiência na escola (35 min)	30 min - Pede-se que se escreva uma avaliação da escola e envie por chat ou correio eletrônico. Qual é sua avaliação dos conteúdos políticos e técnicos? Qual é a sua avaliação da metodologia e facilitação? Que temas seria bom aprofundar?	Abre-se o espaço para compartilhar algumas experiências Doc para receber contribuições	Facilitadoras/es gerais
		5 min - Outros aspectos: <ul style="list-style-type: none"> • De 0 a 10, que nota daria à Escola? • De 0 a 10, que nota daria para como o conteúdo da Escola enriquece sua prática e conhecimentos? 	Mentimeter	Facilitadoras/es gerais
9:10 a 10:00	Mística de encerramento (50 min)	5 min - Espaço para a mística final e se convida para a reunião de reencontro em novembro.	Guia Música	Comissão de mística
		20 min - Abrem-se 10 grupos: 2 por idioma, inglês, francês e espanhol, português e árabe <ul style="list-style-type: none"> • Para criar um desenho coletivo que represente a Escola. • Para criar uma canção coletiva. 	Jamboard Documento para escrever a canção	Comissão de mística
		15 min - Plenária para escutar a canção e ver a criação coletiva.		Comissão de mística
		10 min - Círculo de agradecimentos e reconhecimentos a todas/es.	Participantes	Comissão de mística

Agenda	Tema	Desenvolvimento	Materiais	Responsáveis
		<p>Claire canta uma canção de encerramento Consignas de Encerramento</p> <p>Seguiremos em Marcha até que todas sejamos livres!</p> <p>¡Globalizemos a luta, globalizemos a esperança!</p>		Comissão de mística
10:00	Canção de até logo	<p>Nossa unidade é nossa fortaleza! Canção alegre</p>		Equipe técnica

